
BRUNO M. FRANCO
FÚRIA
MORTAL
NOVO LIVRO DA SAGA «MORTAL»
SUMA
de Letras

BRUNO M. FRANCO

FÚRIA MORTAL

SUMA



Edição em formato digital: setembro de 2023

FÚRIA MORTAL

© 2023 Buno M. Franco

© desta edição:

2023, Penguin Random House Grupo Editorial, Unipessoal, Lda.

Suma de Letras é uma chancela de

Penguin Random House Grupo Editorial

Rua Alexandre Herculano, 50, 3.º, 1250-011 Lisboa, Portugal

correio@penguinrandomhouse.com

Penguin Random House Grupo Editorial, Unipessoal, Lda. apoia a proteção do *copyright*. Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, eletrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

Edição: Diana Garrido

Revisão: Alda Couto

Capa: André Cardoso

Imagem da capa © iStock photos

ISBN: 978-989-787-397-3

Composição digital: acatia.es

Composição digital PRHGE: Luís Gomes

Site: penguinlivros.pt

Twitter: @PenguinLivrosPT

Facebook: sumadeletrasportugal

Instagram: topseller.suma

Índice

Fúria Mortal

Créditos

Epígrafe

Aviso

Prólogo

Fúria Mortal

Epílogo

Agradecimentos

Sobre este livro

Sobre Bruno M. Franco

Conhecer a própria escuridão é o melhor método para lidar com a escuridão dos outros.

CARL JUNG

Aviso

Todas as personagens deste livro são obra de ficção e alguns locais podem ter sido alterados simplesmente para benefício da narrativa.

Caso existam semelhanças com pessoas reais será pura coincidência.

PRÓLOGO

Uma mulher caminhava com ligeireza, os saltos altos a matraquearem no piso escorregadio e sujo. Numa mão segurava um cigarro, que agitou para eliminar as cinzas, voltando a colocá-lo entre os lábios. Na outra, levava o telemóvel, que piscava com uma notificação.

Seria um novo cliente? Ela ignorou e continuou a caminhar.

O cabelo desalinhado, as roupas amachucadas, a saia curta, os olhos encovados, o olhar ligeiramente ausente como se o espírito tivesse sido quebrado e tivesse abandonado o corpo castigado. A madrugada ia longa e já tinha atendido dez clientes. Estava de rastos.

Consultou novamente o telemóvel.

Tinha chegado ao sítio certo.

— Olá, Tita.

A mulher sentiu os pelos eriçarem-se. Algo no tom daquela voz a arrepiou.

Virou-se e viu um homem jovem, com bom aspeto, que a olhava como se fosse mercadoria. Apesar de tudo, era dos clientes mais atraentes que lhe tinham passado pelas mãos nos últimos tempos.

— És o… — olhou para o ecrã do telemóvel.

— Sim, sou — interrompeu-a. — Vamos?

Hesitante, assentiu e aguardou que ele lhe indicasse o caminho para o prédio mais próximo. No entanto, ele apontou para uns caixotes do lixo. A mulher lançou-lhe um olhar cético. Só podia estar a brincar com ela!

— Não estás a perceber. Quero-te foder atrás dos caixotes.

— Não moras aqui?

— Moro, mas…

— Mas o quê, caralho? És algum doente que quer foder com cheiro a merda?

— Não tenho privacidade em casa, não dá.

— Tens noção da quantidade de casados que me procuram? Eles arranjam tempo, devias ter pensado no mesmo. Aqui não dá para o fazermos. No Parque Eduardo VII é normal fazermos no meio dos arbustos, agora aqui… Só vim porque me disseste que seria em tua casa, foda-se. Não me lixes.

— Eu não sou casado, só para que saibas…

Olhou-o com estupefação.

— Vives com os teus paizinhos?

— Isso não é relevante. O que te devia interessar é que tenho dinheiro para te pagar. Muito.

Para exemplificar, retirou um molho de notas de vinte euros do bolso e agitou-as em jeito de provocação. Assim por alto, deveriam estar ali uns quinhentos euros. Não era brincadeira nenhuma.

Ela olhou para a zona do lixo. Os caixotes estavam colocados à beira do passeio. Atrás tinham espaço onde podiam despachar o serviço, protegidos pelos contentores e pelas copas de umas árvores.

— Pagas-me o triplo do que combinámos ou acabas a noite a bater uma punheta.

Ele mordeu os lábios, furioso pela exigência, mas depois de alguma ponderação, aceitou. Começou a desapertar a braguilha ainda antes de começar a andar.

— Eu trabalho com pré-pagamento — recordou ela, a mão a atirar a beata para o chão e a estender-se para receber o dinheiro.

O homem voltou a retirar o molho de notas e entregou-o à mulher, que o recebeu com os olhos a brilhar enquanto fazia contas de cabeça. Aquele dinheiro dava para pagar três meses de creche.

Ela alterou a sua expressão e guardou o dinheiro na bolsa com um desprezo ensaiado, como se fossem trocos. Encaminharam-se para trás dos contentores do lixo e a mulher só conseguia agradecer mentalmente à dose que tinha tomado há pouco e que ainda estava a fazer efeito. Para ele ter prazer, ela teria de se sentir suja no meio daquele chavascal de lixo e de cheiros fétidos. Não fosse a droga que vagueava no seu sistema, teria dificuldades em avançar com aquele trabalho. Ele até podia ser apresentável, mas o local era uma merda. Literalmente.

Viu-o baixar as calças e fechou os olhos, a preparar-se mentalmente.

Quando os abriu, encarando o penúltimo cliente do dia, mal sabia que se aproximava vertiginosamente do fim.

CAPÍTULO 1

LEONARDO

O corpo estava transpirado, cansado. A respiração soltava nuvens de condensação para o ar fresco do final do inverno. Caminhava em passadas calmas, controladas, com esgares de dor, regressando a casa e restabelecendo as forças e a respiração. Realizara uma marcha ambiciosa, a ultrapassar largamente os três quilómetros. Para alguém a recuperar de uma operação, não era nada mau.

À sua volta, vários turistas desfrutavam das atrações da capital portuguesa enquanto ele se encaminhava para a Praça da Figueira onde vivia num dos apartamentos mais altos daqueles prédios antigos.

O Sol que surgira naquela manhã de março era reconfortante e carregava consigo as saudades de tempos mais quentes.

Leonardo Rosa, inspetor da Brigada de Homicídios da Polícia Judiciária de Lisboa, passou a manga da camisola pelo rosto, secando-o ligeiramente. Transpirava em bica. Já não estava habituado àquele nível de esforço. Há meses que não se exercitava como gostava.

Sentiu dores abdominais durante a caminhada, que agravaram ao subir as escadas. Entrou no apartamento a gemer, com a mão no abdómen. Fora operado a um carcinoma no intestino há mais de três meses, mas sentia-se cada vez melhor. Tinha momentos em que nem sequer se lembrava da colostomia, embora descurasse na sua limpeza.

Suado, tirou a camisola, atirou-a para o cesto da roupa suja e entrou no duche. A água morna refrescou-o e relaxou-o. Depois de se limpar com uma toalha macia e vestir umas calças de fato de treino e uma T-shirt, sentou-se no sofá a fazer zapping.

Era quinta-feira, 10 de março, e estava farto de estar em casa, longe da PJ.

Ficar em casa aborrecia-o de morte e não sabia o que fazer consigo próprio. Vivia do trabalho e sentia falta da adrenalina. Precisava de se sentir útil.

Precisava de voltar, urgentemente. O médico informara-o que teria de ficar no mínimo quatro meses de baixa para evitar complicações, mas Leonardo era diferente. Em três, apenas, sentia-se quase como novo e tinha a certeza que estava apto para voltar.

Ou assim queria acreditar.

Continuou a carregar no comando, saltando de canal em canal, sem prestar atenção, até que um deles chamou a atenção. O jornalista falava do caso *Olimpíadas da Morte*, no qual o inspetor fora acusado pelas mortes que provocara durante a competição na ilha da Madeira. No início do ano fora a tribunal prestar declarações e percebeu que havia duas grandes fações: os que o apoiavam e que defendiam que ele matara apenas em legítima defesa, no âmbito de um contexto único que o levara a tal; e os que estavam contra o inspetor e que queriam que ele fosse preso. Ainda assim, e pelo que via nas redes sociais, sentia que a maioria da opinião pública era a seu favor e compreendiam aquilo por que passara, e que lhe deixara uma marca indelével no espírito; era algo impercetível, mas sabia que estava lá. Sentia-o. E não sabia se gostava disso.

Mal podia sair de casa sem atrair as atenções. Ficara famoso no país e, até, em vários países da Europa e da América, principalmente após um documentário da Netflix sobre as *Olimpíadas da Morte*, que retratara na perfeição o que acontecera em Portugal. Por isso, fechara-se em casa nas últimas semanas e raramente consultava as redes sociais e a televisão, onde acabava inevitavelmente por se deparar com comentários e notícias que o deixavam ora angustiado e nervoso, ora de coração cheio.

Ele odiava o mediatismo. Odiava ser conhecido e dar nas vistas. Felizmente, essa notoriedade não se estendeu para a sua parceira na PJ, Marta Mateus. Seria terrível para futuras investigações se ambos fossem famosos. No entanto, ele

sentia que o mediatismo diminuíra bastante na última semana, e acreditava que desapareceria por completo após a leitura do acórdão, que ocorreria em breve. Fosse ele considerado culpado ou não, aquele circo estava quase a terminar.

Houve outra mulher que figurara essencialmente nos jornais e revistas mais sensacionalistas e que dividira a ribalta com ele: Laura Capuchinho, a mulher com quem Leonardo se envolvera na altura das *Olimpíadas da Morte* e que acabara por se revelar uma criminosa, tendo cometido homicídio por negligência. Para ser mais exato, infanticídio por negligência. Leonardo descobrira o cadáver da filha de Laura em casa dela, o que resultara na sua detenção e no fim da relação. Laura foi julgada no início do ano e fora dada como inimputável através de um parecer psiquiátrico, o qual referiu com grande ênfase que ela sofrera de um caso severo de depressão pós-parto e que não soubera lidar com a existência do seu bebé. Leonardo acompanhara todas as notícias em torno do julgamento, e não ficou surpreendido quando ela saiu em liberdade do tribunal. Só a queria longe de si. Mais nada.

Mudou de canal durante uns minutos, aborrecido.

Suspirou longamente, olhando para as paredes de casa e deixando o comando da televisão cair no chão, o aparelho a transmitir um filme romântico qualquer.

Precisava mesmo de voltar ao trabalho ou não seria o cancro que o mataria, mas o tédio.

CAPÍTULO 2

LEONARDO E MARTA

A seguir ao pequeno-almoço, enquanto fazia alguns alongamentos, soou a campainha. Segundos depois, o rosto sardento de Marta surgiu na moldura da porta. De sorriso hesitante, entrou.

— Olá, M&M.

— Olá, Leo. — Olhou-o de alto a baixo. — Estás bastante… confortável. A aproveitar a baixa, estou a ver.

— Há que tirar proveito das más situações.

— Fazes bem.

— Queres alguma coisa para beber?

— Estou bem assim, obrigada.

Encaminharam-se para a sala. A televisão transmitia as notícias do dia e Leonardo apressou-se a arrumar o tapete de ioga, enrolando-o e colocando-o a um canto.

Sentaram-se em pontas opostas do sofá e Marta, com o seu cabelo ruivo a pender sobre os ombros, sorriu com ternura por se encontrarem novamente.

— Como estás? Pareces mais magro.

— E estou. Perdi uns sete quilos… Por causa das restrições alimentares.

— Então já sei o que fazer se precisar de emagrecer. Boa dica.

— Como se tu precisasses.

— Como está a tua amiga?

— A minha amiga?

— Sim, a tua amiga — lançou um olhar para a barriga de Leonardo.

— Ahah, a minha amiga, a colostomia. Cá está, firme e bem fechada.

Marta sorriu perante a descontração dele face ao que era agora obrigado a suportar.

— Tens dores?

— Hoje consegui fazer três quilómetros, acreditas?

Marta abriu a boca de espanto e abriu os braços.

— O quê? Isso é incrível! Mas o médico não recomendou quatro meses de baixa? Estás-te a esticar um bocado…

— Foi só andar depressa, não foi correr. Foi tipo marcha.

— Aquela marcha hilariante que é modalidade olímpica? — Marta deu uma gargalhada.

— Qualquer coisa do género, sim — Leonardo olhou intensamente para Marta.

Ficaram em silêncio uns momentos enquanto se olhavam e mil pensamentos passavam pelas cabeças de ambos. No Natal passado, Marta fora a casa da irmã de Leonardo fazer-lhe uma surpresa. Sabendo-o a recuperar da cirurgia e combalido, quisera dar-lhe o derradeiro presente de Natal: um beijo intenso e apaixonado. Fora o ponto alto de ambos desde que se tinham separado. Ficaram a noite toda a conversar, mas a partir do momento em que Marta saíra de casa para regressar à sua família, nunca mais se tinham visto. Leonardo ficara assustado pelo ressurgimento dos seus sentimentos por Marta e não se sentia confortável no seu estado atual. Se havia coisa que não se sentia era sensual. A colostomia dera cabo da sua autoestima e levara-o a acobardar-se. Os dias passaram, gerou-se um efeito tabu e acabaram por pouco ou nada conversar desde então. Era estranho estar tanto tempo sem comunicarem, mas Leonardo queria concentrar-se na sua saúde e na resolução do julgamento. Além de que saíra de um relacionamento relativamente sério de uma forma demasiado dramática para ter vontade de voltar novamente ao jogo.

No entanto, tudo isto não passava de desculpas esfarrapadas. No fundo, tinha medo do que sentia por ela. Medo de errar e de arruinar a melhor relação que tinha na vida.

Estaria ela ressentida pelo seu silêncio?

Leonardo chegou-se um pouco mais perto de Marta, movimento que não passou despercebido à colega. Notou um ligeiro erguer do canto dos lábios.

— Tens novidades sobre o vídeo da tua mãe?

Marta referia-se ao vídeo que eles tinham recebido após o final das *Olimpíadas da Morte*. Nesse vídeo, a grande responsável pela criação da competição falou-lhes e revelou a sua identidade como sendo a mãe de Leonardo, Margarida Rosa, que julgavam morta há mais de dez anos.

— Já vi esse vídeo milhares de vezes, mas não consigo perceber onde ela está. Enviei para o departamento informático da PJ. Ainda não tive qualquer resposta. Nem sei se vou ter. Ela é muito esperta e fez tudo para não ser apanhada. Sinceramente, não tenho grandes esperanças de a encontrar…

— Mas qual era a tua intenção? Se ela estiver no estrangeiro não vais poder sair de Portugal. Estás a aguardar julgamento pelas mortes das *Olimpíadas*.

— Eu sei, mas eu tenho um plano que envolve um favor de uma certa pessoa — assegurou Leonardo, misterioso.

— Que favor? Que pessoa?

— Para já não posso contar nada, desculpa. Quando o momento chegar saberás.

Ela olhou-o com censura, sem acreditar que ainda houvesse segredos entre eles.

— E se a encontrares… o que vais fazer com a tua mãe?

Leonardo recostou-se no sofá. Era uma questão que lhe ocupava a mente

todos os dias. Tinha uma ideia bem formada, mas tinha medo de não a conseguir concretizar.

— Depende do contexto, mas o mais provável é detê-la e exigir-lhe explicações. Mesmo sendo minha mãe, não pode escapar incólume a tantas mortes. É uma criminosa, M&M.

Marta estendeu a mão e pegou na de Leonardo, que sentiu eletricidade percorrer o corpo.

— Já sabes que podes contar comigo e estarei ao teu lado em cada passo.

Leonardo assentiu, mas tinha de redirecionar a conversa. Estava a ficar demasiado pessoal, demasiado sentimental.

— A investigação dos envolvidos nas *Olimpíadas da Morte* não deu em nada, certo?

Marta retirou a mão e abanou a cabeça. O feitiço quebrou-se.

— Não. Verificámos tudo e mais alguma coisa, interrogámo-los várias vezes, mas não obtivemos qualquer informação extra. Estão a aguardar julgamento em prisão preventiva, por causa do risco de fuga, mas não vamos conseguir mais nada deles.

— Não faz mal. Eu cá me arranjo em encontrar a minha mãe. O que me interessa é que eles paguem pelo que fizeram.

— Com as provas que reunimos, não têm qualquer hipótese. Vão ficar presos muito tempo.

Leonardo sorriu perante a ideia de se fazer justiça para as dezenas de famílias que perderam um familiar na competição absurda que ele ganhou.

Marta deu um pequeno pulo quando o seu telemóvel tocou, interrompendo o silêncio que se formara entre eles. Atendeu de imediato e Leonardo viu que era da PJ.

Levantou-se e foi para o quarto trocar de roupa. Deixou a roupa desportiva em cima da cama e vestiu a roupa de trabalho, umas calças chino pretas, uns sapatos, uma camisa branca e um sobretudo comprido, azul-escuro, que lhe caía muitíssimo bem.

Quando regressou à sala, Marta estava a desligar o telefonema e a mexer distraidamente numa madeixa do seu cabelo. Olhou para a mudança de vestuário do colega. Começou a rir-se e a agitar o indicador.

— Nem penses, Leo!

— O que foi?

— Não te faças de sonso.

— Eu quero voltar ao trabalho. Seja o que for, eu quero voltar. Eu preciso disto. Ou começo a dar em louco. Preciso de exercitar a minha mente.

— Queres que te traga livros com palavras cruzadas e sudokus para fazeres?

— M&M…

— Não! Não pode ser, Leo. Estás em recuperação. Trabalhar num caso deste tipo pode estragar tudo.

— «Deste tipo»? Que tipo de caso? — Ergueu as sobrancelhas e aproximou-se dela, sorrindo. — Agora que despertaste a minha curiosidade já não tens hipótese. Vais ter de me levar contigo.

— Leo, não podes…

Leonardo fez beicinho, mas sem grande jeito.

— Vou como consultor — sugeriu. — Vá lá… Não precisa de ser oficial. Faço tudo o que mandares. Tu é que tomas todas as decisões. Mesmo que eu não as apoie, eu acato o que decidires sem reclamar.

Ela pareceu ficar intrigada com a proposta e indecisa sobre o que fazer.

— Então se eu te disser para saíres se fizeres merda, tu sais?

— Ficas tu encarregue do caso e eu limito-me a dar a minha opinião sem exigir nada. Tu é que mandas, M&M. Prometo. Se achares que estou a comprometer a investigação ou se achares que não estou em condições, é só dizeres e eu afasto-me e acabo a minha baixa médica em casa.

Marta ficou estática a olhar para ele, a tentar decifrar se ele estava a ser sincero ou se só dizia aquilo para a convencer. Inspirou fundo e abanou a cabeça, um sorriso a querer surgir.

Leonardo respirou fundo. Tinha conseguido. Ia mesmo voltar ao trabalho.

— Por acaso até me dá jeito a tua ajuda, para ser honesta.

— Porquê? Algum problema?

Marta mordiscou o lábio, um ar pesado a cair sobre si.

— Receio que o Estripador de Lisboa esteja de volta ao ativo.

CAPÍTULO 3

LEONARDO E MARTA

O Estripador de Lisboa ficou conhecido por ter assassinado três mulheres entre 1992 e 1993. Fora um assassino em série que escapara às garras da polícia. Nunca fora apanhado pela Polícia Judiciária e constituía um dos grandes mistérios por resolver em Portugal.

Tinham passado trinta anos desde que matara pela última vez.

Estaria ele de volta?

— Se o Estripador de Lisboa estiver de volta, implica que ele agora tenha, no mínimo, uns 50 anos, embora seja mais provável estar perto dos 60 — notou Leonardo, sentado no lugar do pendura do Chevrolet conduzido por Marta. — Será possível?

— Não sei. Pode ser um imitador, mas o que eu vi não é bonito.

— Não esperava outra coisa.

Com a curiosidade mórbida em alta, foi com uma boa dose de ansiedade e expectativa que chegaram ao local do crime, em Camarate, e saíram do veículo, estacionando perto do limite criado por agentes da PSP, os primeiros a chegar ao local e que acabaram por definir um perímetro de segurança em torno da cena do crime.

O vento soprava com delicadeza e o Sol matinal espreitava por umas nuvens claras. A primavera aproximava-se a passos largos.

Passaram por um pequeno ajuntamento de pessoas que começaram a tirar fotos e a pedir selfies com Leonardo Rosa. O momento em que as pessoas o reconheceram foi captado na perfeição pelo inspetor. Rostos surpreendidos, bocas abertas e olhos gananciosos. Estava lá tudo. Avançaram com determinação pelo meio das pessoas, na procura da salvação além da fita de plástico da polícia. Mas a vontade das pessoas não se tardou a fazer ouvir.

— Leonardo Rosa, tire uma foto comigo!

— Leonardo!

— Campeão, espera só um bocadinho!

Para piorar a situação, alguns jornalistas surgiram do meio do aglomerado, de telemóvel ou gravadores em riste, como um bando de predadores focado em obter uma declaração do inspetor.

— Inspetor Leonardo Rosa, é verdade que está a voltar ao ativo?

— Já se sente melhor da sua operação ao cancro?

— Sente que tem condições físicas e mentais para investigações, com tudo o que lhe está a acontecer na vida?

— Acha que vai para a prisão?

Leonardo encarou as pessoas, a sua visão a ficar vermelha e o peito a preencher-se de escuridão. A fúria que sentia por ser o centro das atenções começava a transbordar no seu olhar. Queria mandá-los à merda.

Queria ser anónimo outra vez.

Apercebendo-se que o colega estava prestes a explodir, Marta pegou na mão dele e puxou-o para a frente, arrancando-o do cerco que se formara em torno de si. Ao sentir o toque suave, quente e familiar na sua mão, toda a escuridão desapareceu do coração, esfumando-se num ápice.

— Ignora-os, são como abutres — reclamou ela, ao transporem a fita da polícia. Mostraram as identificações com alguma brusquidão e avançaram.

— Só quero que me esqueçam, sabes? — comentou, assim que ela quebrou o contacto que o estava a deixar com o coração acelerado.

— Eu sei, mas já sabes que enquanto o julgamento estiver em aberto, as pessoas não vão seguir em frente. No final do mês, quando for lida a sentença e

tudo isto terminar, tenho a certeza de que vão começar a esquecer-te. Há de acontecer qualquer coisa nova e mais suculenta para eles se concentrarem.

— É só isso que peço.

Percorreram a Rua Olival, no Bairro da Boavista, em silêncio. Era uma zona que necessitava de cuidados, muitas remodelações e uma limpeza geral. A estrada era estreita e esburacada, com zonas alcatroadas à balda, com remendos de cores diferentes, buracos, altos e ervas resilientes que furavam entre as fissuras urbanas. Barracões de chapas de metal enferrujado compunham um dos lados da estrada.

Junto a um poste de iluminação com graffitis na base, avistaram dois agentes da PSP e um homem da Judiciária que conheciam muito bem.

— Olá, Cristóvão — cumprimentou Marta, acenando em reconhecimento. — Como estás?

— Ótimo — respondeu Cristóvão Martins, empurrando os óculos fundo de garrafa mais para cima na cana do nariz. Tinha um ar de perpétua distração. Não fosse ele um velho conhecido, com mérito para ser considerado o melhor médico-legista, e no qual mais confiavam, diriam que era um despistado de primeira. — Vejo que trazes reforços. Como estás, Leonardo? Folgo em ver-te.

Os dois homens cumprimentaram-se e o médico puxou-o para um abraço um pouco constrangedor; Cristóvão não era dado a demonstrações de afeto e era percetível na forma algo tosca com que agarrava o inspetor bem apertado no peito.

— Estou a ver que estás cheio de saudades minhas.

— Claro, mas é mais do que isso.

— Então?

— Tudo o que te tem acontecido desde que estiveste na Madeira… Ninguém

merece. Estamos todos do teu lado e a torcer por ti. É injusto que te esteja a acontecer tanta coisa ao mesmo tempo.

— Obrigado, nem sei o que dizer, pá — Leonardo não estava habituado àquele tipo de comentários por parte do médico legista.

— Vamos a isto? — Cristóvão fez sinal com a cabeça para a cena do crime, terminando aquele momento raro de sentimentalismo entre colegas.

Os inspetores vestiram os fatos de proteção e, com Marta a liderar o grupo, avançaram pelo caminho ladeado de ervas daninhas que lhes chegavam à cintura.

Passaram por uma abertura e entraram no barracão. O cheiro férreo a sangue empestava o interior, escuro, com um foco de luz a iluminar o centro, como uma triste cena de um espetáculo dramático.

Um corpo nu de mulher repousava numa poça de sangue coagulado. Estava aberto, selvaticamente estripado, o tórax, braços e pernas carregados de marcas de facadas. O abdómen era um buraco escuro cuja pele tinha sido atirada para o lado, a uns metros do corpo. A cavidade do abdómen parecia um pequeno tanque com sangue. Em cima da cabeça, tapando-a por completo, tinham sido colocados os intestinos da vítima, uma amálgama de carne pútrida a esconder o rosto da mulher. Os seios tinham sido cortados e não estavam à vista. A vagina parecia ter sido violentada e destruída por completo e o pescoço tinha escoriações profundas.

Uma urgência de vomitar apoderou-se de Leonardo, resultado da combinação do cheiro fétido do barracão com a imagem obscena que se apresentava à sua frente.

— Já identificaram a vítima?

— Ela não tem documentos e, como podes ver, o rosto está… tapado — respondeu Marta.

— Cristóvão, conseguiste definir a causa da morte?

— Preciso de levar o corpo para ser autopsiado. Assim à primeira vista vejo inúmeras hipóteses, mas algo me diz que aquelas marcas no pescoço, que foram feitas por trauma por abrasão, poderão ter sido a verdadeira causa da morte.

— Achas que ela foi estrangulada antes de ser… bem… estripada? — questionou Marta, que sentia o cheiro fétido apesar da máscara de proteção.

— Sim, a vítima teria de estar imobilizada de alguma forma para que o assassino a pudesse *trabalhar* desta maneira — aproximou-se dos membros. — E não vejo marcas nos pulsos nem nos tornozelos que possam indicar que estivesse amarrada.

— Concordo. Ela já devia estar morta quando foi… *trabalhada*, como disseste.

— Bom, morta ou inconsciente — alertou Cristóvão. — Ela pode ter sido deixada sem sentidos e o assassino fez o seu trabalho com ela a dormir.

— Posso pensar que ela já estava morta? Só de imaginar que ela podia acordar de repente e ver-se a ser estripada… Até dói só de imaginar.

— Também quero acreditar que sim, Marta.

— O pessoal do laboratório? — perguntou Leonardo, estranhando a sua ausência.

— Já foram — adiantou a colega, desviando o olhar.

Leonardo olhou com um toque de provocação para ela.

— Então este local já foi analisado pela Polícia Científica e pelo Cristóvão Martins. E por ti, claro.

Marta rodou sobre os calcanhares e esboçou um sorriso trocista muito ligeiro.

— Exatamente. Agora para de me analisar.

— Então suponho que me tenhas ido visitar a casa — continuou —, não

porque já não dava notícias há muito tempo, mas porque me querias convidar para voltar ao ativo. — Abriu a boca de espanto. — Tu ias pedir-me para fazer esta investigação contigo. Foste a minha casa para confirmar se eu estava em condições e eu, feito parvo…

— Agora é tarde demais, Leo. Já fizemos um acordo.

Leonardo estendeu a sua mão e apertou a mão de Marta.

— Bem jogado, M&M. Desta vez apanhaste-me de surpresa. Acho que estar há tantos meses fechado em casa sem trabalhar atrofiou-me o cérebro.

Cristóvão parecia interessado na conversa animada dos inspetores.

— Não estou a perceber nada desta conversa…

— O que se passa é que aqui a minha colega deparou-se com este assassinato e, vendo as semelhanças com um caso muito antigo da PJ, ainda por resolver, achou que iria precisar da minha ajuda. Ora, eu ainda tenho mais umas semanas de baixa. Supostamente só voltaria ao trabalho daqui a uns tempos, mas a M&M achou por bem fazer-me uma visita há bocado, sob pretexto de me ver e saber como eu estava. Segundo ela, estava preocupada comigo porque, bom, digamos que me fechei demasiado na minha bolha — acrescentou, com um pouco de mágoa, o beijo fogoso do Natal sem lhe sair da cabeça. — Ela sabia que eu estaria farto de estar em casa e que iria implorar para voltar ao trabalho, principalmente se ela me falasse de alguma investigação em concreto.

Cristóvão olhou de um para o outro, divertido.

— Não me digas que…

— Isso mesmo! Eu implorei-lhe para me integrar nesta investigação, sugeri que seria apenas um consultor e que ela teria a palavra final em tudo, quando, na verdade, ela foi a minha casa para me pedir para sair da baixa médica mais cedo e voltar ao trabalho! Como um igual, claro. Em vez disso, sou apenas consultor.

— Temos pena, Leo. O que está combinado, combinado está. Não há volta a

dar.

— E eu a pensar que me estavas a fazer um grande favor.

Marta sorriu e Leonardo sentiu-se em paz, contente por estar novamente na sua presença, feliz por partilhar o mesmo espaço.

— Ah, esta mulher é brilhante — elogiou o médico-legista, divertidíssimo.

Só mesmo quando se chegava a um determinado nível de experiência de homicídios é que se conseguia falar de forma tão animada junto de uma cena de crime tão brutal como aquela. No entanto, por muito divertidos que estivessem, o cenário macabro que se apresentava perante eles atraía sempre os seus olhares, a sua atenção. Não tinha como ser de outra forma.

— Agora voltando a falar a sério — avançou Leonardo —, concordo contigo, M&M. Do pouco que sei sobre o Estripador de Lisboa, este crime tem tudo a ver com ele. Resta-nos saber mais detalhes para vermos até que ponto existem essas semelhanças.

— Pelo que pude analisar da cavidade abdominopélvica, foram removidos vários órgãos da vítima: útero, fígado, os intestinos, além da vagina.

— Tenho ideia de que o Estripador de Lisboa também terá removido órgãos às suas vítimas — disse Marta. — Temos de rever esse caso antigo.

— E eu vou ver se realizo a autópsia ainda esta tarde.

— Sim, era importantíssimo, Cristóvão. Ficar-te-ia eternamente grata.

O médico desfez-se em sorrisos, o rosto a ruborizar perante o afeto da jovem inspetora.

— Quando for fazer a autópsia, ligo-vos para virem assistir.

— Obrigado!

— Bom, agora vamos tratar de remover o corpo da vítima. E os órgãos que estão aí espalhados — acrescentou Cristóvão, cansado.

Leonardo e Marta saíram do barracão, removeram os fatos protetores e cruzaram os braços enquanto viam os técnicos a remover o corpo no saco próprio para cadáveres.

— O que sugeres que façamos, chefe?

Marta sorriu, o ego bem inchado.

— Acho que o próximo passo natural é falarmos com um inspetor que tenha investigado o Estripador de Lisboa há trinta anos. É a melhor forma de nos contextualizarmos.

Ele assentiu e pegou no telemóvel.

— Tenho aqui o número de um inspetor que conheci num congresso há uns anos e que sei que fez parte dessa investigação — revelou, procurando o contacto no smartphone.

— Claro que tens.

— O problema é que o homem já está reformado e está a viver atualmente no Alentejo. Dizem que produz queijos e tudo.

— Pelo menos vê-se que é esperto.

Leonardo parou um momento para olhar para Marta e para assimilar o contexto onde se encontravam. Era estranhamente bom estar de volta àquele ambiente. Ao trabalho. Com a sua parceira. Parecia mentira, mas estava mesmo a acontecer. Estava de volta. Ainda que às custas da vida de uma mulher.

— Leo, está tudo bem?

Ele sorriu e assentiu com ânimo.

— Vamos lá conhecer a história do Estripador de Lisboa.

CAPÍTULO 4

BÁRBARA

Bárbara: Olá Pedro

Pedro: Olá Barbara cm tás?

Bárbara: Bem e tu?

Pedro: Td bem

Bárbara: Desculpa ser chata, mas gosto mais de falar por aqui. No Tinder não é mt fixe Bárbara: Gostei mt da tua foto. És mm tu, né? LOL

Pedro: Tb prefiro aqi, é melhor.

Pedro: Claro q sou eu. Não ia mentir assim, não curto dessas cenas

Bárbara: Nem eu. Acho super foleiro isso de pôr fotos pra enganar os outros

Pedro: Pois, cm se a outra pessoa não fosse reparar qdo se encontrarem pessoalmente?

Bárbara: Só se engatar uma pessoa cega

Pedro: LOOOOL

Pedro: Não és ceda, pois n?

Pedro: cega*

Bárbara: Não, se me tiveres a enganar eu vou perceber! Ihihih

Pedro: Eu também não sou cego, e ainda bem.

Pedro: Porque ver a tua foto foi o meu ponto alto de hoje.

Bárbara: Ohhhh, a sério?

Pedro: A sério, mm. És linda que até dói.

Bárbara: Tu também não tás nada mal, acredita.

Bárbara: Mas o teu dia foi assim tão mau?

Pedro: Porque perguntas isso?

Bárbara: Então, se o ponto alto do teu dia foi ver a minha foto

Bárbara: Só prova que tiveste um dia péssimo.

Pedro: Por acaso tive, mas podia ter ganho o Euromilhões e mm assim ver a tua foto seria o meu ponto alto do dia.

Bárbara: Que querido!!!

Bárbara: Assim fico sem jeito

Bárbara: Não tou habituada a essas coisas

Pedro: Então não tás com as pessoas certas

Pedro: Que te saibam apreciar verdadeiramente

…

Bárbara: Então, mas fala lá de ti

Pedro: Que queres saber?

Bárbara: O normal. Idade, onde vives, emprego, essas cenas

Pedro: 33 anos, divorciado, sem filhos, gerente de uma loja de roupa

Bárbara: Divorciado? ☹

Pedro: Ya

Bárbara: Que correu mal?

Pedro: Ela pôs-me os cornos com outro tipo. É o que dá trabalharmos juntos. Ela era empregada da minha loja e acabou por se fartar de mim e enrolar-se com um segurança do Centro Comercial.

Bárbara: Que merda… Vaca

Pedro: Ya, foi fdd mas já ultrapassei

Bárbara: Há qt tempo?

Pedro: Três anos

Bárbara: Suponho que a tenhas despedido?

Pedro: Claro, nem ela voltou a pôr lá os pés. Sabes o pior? Távamos a tentar engravidar. Já viste a merda que seria, ela trair-me já com filhos nascidos?

Bárbara: Safaste-te de boa

Pedro: Mm a sério

Bárbara: Trabalhas em que centro comercial?

Pedro: Vasco da Gama

Bárbara: Então vives em Lx?

Pedro: Ya

Bárbara: Eu também

Bárbara: Falamos mais logo, tenho de ir

Pedro: Oh já vais?

Bárbara: Gostei mto de falar ctg

Bárbara: Amanhã continuamos

Bárbara: Beijinhos grandes

Pedro: O prazer foi meu. Vou contar os segundos pra voltar a falar ctg.

Bárbara está offline.

CAPÍTULO 5

LEONARDO E MARTA

Pelo que puderam apurar, já a caminho do Alentejo, o inspetor Adelino Cabral, septuagenário, vivia em Ponte de Sôr, a quase duas horas de viagem. Com o pé pesado de Marta, uma hora e meia bastaria.

Passaram uma boa parte da viagem a delinear o plano da entrevista, quais as questões mais prementes, as dúvidas que queriam ver esclarecidas e a forma como iriam lançar charme sobre o antigo inspetor da PJ de Lisboa para que ele se mostrasse recetivo a partilhar tudo o que tivesse sobre o caso do Estripador de Lisboa.

Finalizada essa tarefa, o silêncio instalou-se no habitáculo do veículo na altura em que era Leonardo a conduzir. A verdade é que não se viam desde o Natal, o famoso Natal, onde se tinham beijado com paixão, um beijo que ficara por dar quando partilharam aquele momento tão intenso numa noite de karaoke.

— M&M…

— Ouve…

Calaram-se por momentos. Depois riram-se.

— Tu primeiro, Leo.

— Não, diz tu.

— Tu ias começar primeiro.

— Mas…

— Vá, anda lá!

Leonardo assentiu e manteve o olhar na estrada, onde podia avistar as planícies alentejanas, sempre tão uniformes.

— Sei que estou em falta contigo — retomou ele. — Depois daquele… beijo no Natal, voltei a fechar-me para o mundo exterior e nunca mais te disse nada.

Não sei, fiquei tão surpreendido, achei tudo tão surreal que houve dias em que achei que tinha imaginado que tinhas estado em casa da minha irmã. A culpa é do raio do vinho alentejano, a minha irmã e a minha cunhada estavam sempre a impingir-me vinho e às tantas achei que tinha alucinado. Por várias vezes estive quase para te perguntar se tinhas mesmo ido lá ou se tinha tido um sonho bom.

Marta corou, também ela a achar as planícies alentejanas sobejamente interessantes.

— A questão é que eu… — começou Marta, vacilando na voz — fiquei a sentir-me mal, como se me tivesse imposto sobre ti, como se tivesse agido mal.

— Porquê?

Virou o rosto para ele.

— Porque nunca mais me disseste nada. Quer dizer, fui até Évora, fiz-te aquela surpresa, e depois nunca mais me dizes nada? Fiquei a pensar… que o beijo não significou nada para ti. Senti-me uma estúpida e recriminei-me por ter cedido a esse impulso, tal como o do karaoke. Percebi que tinha agido mal e jurei que nunca mais o faria.

Leonardo sentiu uma profunda tristeza e arrependimento cair sobre si.

— Fui cobarde, é verdade — admitiu —, mas eu estava a ser demasiado escrutinado pela comunicação social, era uma altura em que recebia centenas de mensagens nas redes sociais, e a maioria eram pessoas a condenar-me, a chamar-me nomes, a dizer que devia ser preso. Sabes que eu odeio este mediatismo à minha volta… Sempre detestei ser o centro das atenções. Não sei lidar com isso. Por isso, fiquei incontactável. Fechei-me na minha bolha.

Por momentos, tirou o olhar da estrada e olhou para Marta com ternura.

— Agora vejo como fiz mal. Precisava de trabalhar, embora a minha baixa médica não o permitisse. Precisava de ti, M&M. Só voltámos a trabalhar juntos

há um par de horas e sinto que já fiz mais que nos últimos meses. Estou mesmo contente por estarmos novamente juntos.

— Eu também podia ter-te procurado, mas achei que a culpa de te isolares fosse minha. Achei mesmo que tinha passado dos limites.

— Não, nada disso, o nosso… Natal, foi a melhor coisa que me aconteceu nos últimos tempos. Só que tenho a mania de sabotar as coisas que me correm bem porque sinto que não mereço que coisas boas me aconteçam. Tu és fantástica e fico sempre a achar que não te mereço, não mereço a atenção que me dás e a pessoa maravilhosa que és.

— Uau, que bela autoanálise. Estou impressionada. Mas espero que saibas que mereces tudo o que te acontece de bom. Ou acontecerá. — Marta lançou-lhe um olhar cheio de significado.

Leonardo olhou para o lado e viu o rosto de Marta virado para si. As pequenas sardas pareciam brilhar perante o sol que se infiltrava pelos vidros do carro. No entanto, uma pequena sombra passou no rosto da colega ao verbalizar a questão seguinte.

— Tens falado com a Laura?

Ele assentiu, como se já esperasse por aquela questão e pecasse apenas por tardia.

— Ela tentou ligar-me todos os dias, mas desistiu umas semanas depois de ser libertada. Recusei sempre as chamadas, obviamente. Não quero mais nada com ela.

— Às vezes, ser boazona não é tudo. — Marta riu-se.

— Verdade.

Laura Capuchinho fora julgada no final do ano anterior, tendo sido anunciada a sentença no início do corrente ano: foi condenada a três anos de prisão com pena suspensa. A advogada de Laura fez um ótimo trabalho a mostrar como o

estado psicológico dela estava alterado após o parto, levando a uma compreensível emoção violenta. A depressão pós-parto era uma doença mental cada vez mais encarada com seriedade e respeito. A advogada de Laura jogou com a mediatização que as doenças mentais tinham cada vez mais no mundo corrente para diminuir a sua culpa pela morte da filha. Como a pena de prisão se situava abaixo dos cincos anos, ficou elegível para usufruir da pena suspensa, sentença que o juiz prontamente assinalou. Leonardo não comparecera no tribunal, mas assistira a tudo pela cobertura feita pelos canais televisivos, que não se coibiram de referir a ligação ao famoso inspetor da PJ de Lisboa, que também aguardava julgamento pelos homicídios das *Olimpíadas da Morte*.

— Leo, sê honesto comigo: estás mesmo bem e apto para voltares a trabalhar?

— Eu estou bem. Já te disse que me estou a habituar à colost…

— Não estou a falar disso. Sei que fisicamente pareces conseguir aguentar. — Apontou para a cabeça. — E mentalmente? Estás bem? Com os problemas todos…

— A minha sanidade mental está intacta. E eu preciso de trabalhar, M&M. Não vês que se não me ocupar com o trabalho só me restam os problemas e a incerteza com o cancro? Eu preciso disto… Merda, agora qualquer coisa me emociona — reclamou, limpando o rosto à manga do casaco. — Estou a ficar demasiado sentimental com tudo isto.

— É normal que fiques, todos esses problemas em separado já seriam de mais. Ter todos ao mesmo tempo é de deixar qualquer um assoberbado. Não sei como aguentas, a sério…

A mão de Marta pousou em cima da de Leonardo.

— Só te peço compreensão e desculpa por antecipação — pediu Leonardo.

— Porquê?

— Pelos ataques de mau humor que possa ter. A minha irmã quase que me

expulsou de casa dela naquela altura inicial em que dependia de todos, mas que não o queria admitir. E olha que ela tem paciência de santo! Depois quando me vim embora já não me queria deixar vir, mas pronto. Ela é mesmo assim.

O aperto de mão terminou quando ele precisou de reduzir a mudança por causa de um abrandamento à frente, acabando por parar por completo num semáforo vermelho.

— Então e tu? Tens ido a muitas festas e curtido com outros tipos?

O olhar de Marta era um misto de surpresa e revolta. O inspetor arrependeu-se imediatamente da pergunta assim que a soltou dos lábios. Estava apenas a fazer conversa, para desviar do assunto deprimente que tinham estado a discutir, mas podia ter feito bem melhor.

— Achas mesmo?! Ainda perguntas isso depois do que aconteceu no Natal?

— Qual é o problema? Que eu saiba és uma mulher livre, fazes o que quiseres sem dar satisfação a ninguém. Ainda por cima eu não te disse mais nada, podias querer seguir com a tua vida. Sabes bem que eu não fui feito para namorado ou marido. Acho que está bem claro por tudo o que me aconteceu.

— Estás maluco?

O veículo retomou a marcha e o contacto visual constante de Marta foi quebrado para prestar atenção ao trânsito.

— A minha mulher foi assassinada e o último romance que tive foi com uma louca que vivia com o esqueleto da filha como se ela estivesse viva! Não vês bandeiras vermelhas aqui? Eu vejo. E muitas.

A inspetora abanou a cabeça, sem acreditar no que ouvia.

— És tão inteligente para umas coisas e tão burro para outras. Não percebes que nada disso foi culpa tua? Tiveste azar, mas o azar não dura para sempre.

— Achas que me quero envolver romanticamente de novo? Sabendo que

posso ser preso ou, pior, que posso morrer? Era muito egoísta da minha parte se ignorasse a minha doença dessa forma para depois causar tanto sofrimento aos outros. A ti.

— Tu não vais morrer, Leo! Para de dizer isso.

— Como podes ter tanta certeza? Não sabes se o meu cancro não se espalhou.

— Porque a doença foi detetada cedo. Quando é assim, o prognóstico é sempre melhor.

— Mas imagina que se espalhou ou migrou para outra zona do meu corpo e ainda não foi detetado? Imagina que já tenho metástases…

Os olhos da colega começaram a ficar molhados com o cenário que ele pintava.

— E vais viver o resto da vida assim, a lamentares-te e a seres um otário? Vais desperdiçar a tua vida com uma hipótese que pode ser remota? Vais afastar os outros por uma mera hipótese?

Leonardo olhou para o GPS e virou para uma rua pacata, como pareciam ser todas em volta. Estavam a chegar ao destino.

— Eu só não quero causar sofrimento caso me aconteça alguma coisa, seja a nível de saúde ou da minha liberdade…

— Mas não és tu que decides isso. Sou uma mulher adulta, posso tomar decisões sozinha e não tens o direito de afastares assim alguém que te ama tanto…

Parou, de repente. Ficou imóvel, assustada a olhar para ele.

Leonardo olhou para Marta, o coração acelerado.

Ela disse que o amava.

Nunca o tinha dito. Ainda não tinham partilhado esse sentimento entre eles.

Leonardo ficou sem saber o que dizer enquanto estacionava o carro.

Marta amava-o mesmo.

CAPÍTULO 6

LEONARDO E MARTA

O ambiente entre os dois inspetores ficou bastante tenso, mas de uma forma diferente. Estavam assustados por o sentimento que pareciam partilhar ter ganho corpo com o que Marta deixara escapar. Leonardo não fora capaz de responder e foram salvos pela chegada ao destino.

Parou o carro em cima do passeio adjacente à moradia do ex-inspetor Adelino Cabral. Como todas as outras por que passaram, era uma moradia térrea, branca com telhado em bico. O muro era pequeno e via-se que toda a casa tinha sido pintada recentemente. A tinta do muro e das paredes refletiam o sol alentejano, que os aquecia perante a brisa fresca que os bafejava.

Do lado esquerdo, faltava o portão por onde entravam os carros. Um pouco antes, encontrava-se uma pequena porta de madeira, pintada de verde, que dava pelas ancas dos inspetores. Foi preciso Leonardo baixar-se para tocar à campainha.

Momentos depois, um homem com o rosto marcado por rugas, de cabelo ralo, barba feita e com o corpo seco surgiu na porta em frente, já contando com a chegada deles.

— Entrem, o portão está destrancado!

— Portão? Isto é mais uma portinha — brincou Marta, em surdina, tentando aligeirar o ambiente.

Entraram e passaram por umas árvores de fruto plantadas de forma a ocultar um pouco a fachada da casa. Uma faixa de piso de mosaico laranja guiava-os à entrada da casa. Cumprimentaram o antigo inspetor e entraram, sentindo de imediato um aroma a enchidos que lhes abriu o apetite. Foram apresentados à mulher de Adelino, Márcia Cabral, uma mulher enxuta, o rosto com rugas que desapareciam no seu ar afável e sorriso simpático.

Puderam observar que era uma casa modesta, do tamanho de um apartamento com três assoalhadas e carregadas de fotos de familiares. Sentaram-se à mesa e ficaram assoberbados com as variedades de queijos dispostos.

— Têm de provar estes queijos alentejanos, são os melhores do país — comentou Márcia.

— E também temos ali dois vinhos para experimentarem — anunciou Adelino. — Bebem, certo? É que se não bebem só ficam a perder, meus caros.

Foi com ânimo leve e uma fome enorme que experimentaram vários queijos e um par de vinhos que os animou.

— Agora já percebo porque é que veio viver para cá, Adelino — brincou Marta, depois de provar um queijo de cabra delicioso.

— Aqui é que se vive bem! Agora é que estou a aproveitar a vida, sabem? Não me interpretem mal, eu adorei trabalhar na PJ e guardo todos os anos que trabalhei lá com muito carinho, mas o não ter horas para estar em casa, não receber pelas horas extra que fazíamos constantemente, o não ver o nosso esforço reconhecido e recompensado… mói a cabeça a qualquer um. Aqui, temos uma horta que nos entretém e temos estas iguarias excelentes, além do sol e do calor. Não podíamos pedir mais, para ser honesto. Não é, Márcia?

— É verdade, querido.

Conversaram mais um pouco enquanto avançaram para um cozido à portuguesa com couves plantadas pelo casal Cabral e com enchidos também da terra alentejana, de um amigo da localidade. Quem os visse ao longe não adivinharia a conversa que se seguiria. Mais parecia uma pequena reunião entre amigos.

— Bom, agora que já vos demos a provar estas coisas todas da nossa terra, creio que podemos continuar a almoçar enquanto falamos do que realmente vos trouxe cá — lançou Adelino, chupando um pé de porco com avidez.

Marta olhou para Leonardo, mas este fez sinal para ela começar. Afinal, era ela a chefe, era ela que teria a iniciativa da investigação e da conversa. Limpou a boca a um guardanapo, bebeu um gole de vinho e aclarou a garganta.

— Viemos falar, como sabe, do Estripador de Lisboa. Espero que não lhe caia mal, Márcia, falar destas coisas enquanto comemos.

— Eu já estou habituada — garantiu, sempre com um ar um pouco tímido.

— Eu fiz questão de partilhar sempre com ela as minhas investigações — adiantou Adelino, olhando para a mulher com carinho. — Ao início ainda lhe fazia impressão, mas depois habituou-se.

— Sim, e devo confessar que essas questões sempre me interessaram. Adoro ler livros e ver séries policiais.

— Eu não. Já vivi demasiadas histórias dessas para as querer ler no meu tempo livre.

— Acredito — disse Marta, ligando a aplicação de gravação no seu smartphone e colocando-o na mesa. — Posso deixar o gravador ligado? É mais fácil para nós.

— Claro que sim. Estejam à vontade.

— O meu marido adora falar, portanto preparem-se — brincou.

— Bom, na manhã de hoje foi encontrado um corpo que, do que nos recordamos do caso do Estripador de Lisboa, tem muitas semelhanças.

— Já lá vão trinta anos, mas lembro-me perfeitamente. Foi dos primeiros casos do género que investiguei.

— Ui, então começou mal, logo com um caso por resolver.

— É verdade. Custou-me horrores não fechar o caso, mas a verdade é que é dos maiores mistérios da criminalidade em Portugal até aos dias de hoje. Nessa altura, eram outros tempos. A heroína invadia as ruas e os casos de SIDA tinham

disparado. Eram tempos muito conturbados. Atualmente, achamos que foram cinco vítimas, mas não conseguimos atribuir duas delas ao mesmo assassino devido à diferença no modus operandi. As outras duas que não se conhecem tanto foram encontradas na Margem Sul, mas também eram prostitutas seropositivas que atacavam nas zonas habituais de Lisboa. A grande diferença com as três vítimas oficiais do Estripador de Lisboa foi o facto de elas terem sido estranguladas, espancadas com violência e queimadas com cigarros. Ou seja, não houve remoção de órgãos, mas o intervalo de tempo é coincidente, tal como a paragem abrupta nos crimes. Foram dias, semanas, meses e anos muito estafantes, mas sem resultados nenhuns. Não nos poupámos a esforços na Polícia Judiciária, como devem imaginar com um caso desta magnitude. Éramos uns seis homens a trabalhar 24 horas por dia, às vezes com homens do departamento do combate ao tráfico de drogas para vigílias noturnas. Ouvimos várias pessoas ligadas às vítimas, mas sem indícios para acusar quem quer que fosse. Tratando-se de um assassino em série, sabíamos que ele iria atacar novamente e era uma corrida contra o tempo, como devem estar mais que habituados. O problema é que não tínhamos pistas para seguirmos um rumo claro.

Marta assentiu e decidiu detalhar mais o discurso do ex-inspetor.

— Os crimes ocorreram na Póvoa de Santo Adrião, certo?

— A primeira e terceira vítimas sim, mas a segunda foi em Entrecampos.

— Como é que estava a primeira vítima quando a encontraram?

— A primeira, a Maria Valentina, ou Tina, foi encontrada num barracão, no meio de uma pocilga, com vestígios de dezenas de pessoas, porque era para ali que as prostitutas levavam os clientes quando estes iam a pé. O local do crime estava completamente contaminado com seringas, lenços de papel, preservativos usados, beatas, pratas e todo o tipo de despojos que possam imaginar.

— Exatamente como o crime de hoje — comentou Leonardo num tom baixo,

para não interromper Adelino.

— O Estripador agrediu a primeira vítima com um barrote de madeira do lado esquerdo da cabeça, levando-a a desmaiar. Depois, desferiu-lhe vários golpes com pouca confiança, como se estivesse a praticar, e usou um objeto cortante, mas irregular, como uma garrafa de vido partida, e fez dois cortes na zona umbilical com cerca de quatro centímetros, retirando-lhe o intestino delgado completo. Ela tinha dinheiro consigo e assim ficou, o que mostrava que o Estripador não se movia por dinheiro. Nem por sexo, uma vez que nunca foi encontrado sémen em nenhuma das vítimas. Acreditamos que o assassino devia ir embora coberto de sangue, tendo em conta a forma como dilacerava os corpos, pelo que a hora tardia em que caçava era importante para ele não ser visto por ninguém.

— Durante o dia era impossível ninguém reparar numa pessoa coberta de sangue.

— Foi um período estranho. Nós e as prostitutas começámos a conviver quase todas as noites lado a lado, a tentar apanhar este sacana, mas sem sucesso.

Eles assentiram.

— E foram as três vítimas assim?

— Não, na última já eram cortes mais limpos, como se tivesse aperfeiçoado a técnica. Provavelmente terá usado um bisturi nessa vítima.

— Então podia só resumir-nos quais foram as vítimas do Estripador para ficar registado?

— Claro. Na manhã do dia 31 de julho de 1992 foi encontrada a primeira vítima: Maria Valentina, de 22 anos, prostituta e seropositiva. Continha vários golpes entre o tórax e a barriga. A vítima foi estrangulada, esventrada e foram-lhe removidos alguns órgãos, como o coração, o fígado, os intestinos e a vagina.

— Imagino que tenham ficado chocados — sugeriu Leonardo —, afinal de

contas, Portugal não tem uma taxa de criminalidade elevada, e muito menos para crimes destes.

— Admito que ficámos chocados com o banho de sangue e com a brutalidade daquele homicídio. Nunca tinha visto nada assim. Mesmo o médico-legista da altura, que já tinha mais de trinta anos de experiência e milhares de autópsias no currículo, nunca tinha visto nada tão cruel. Foi brutal para todos os envolvidos. Na altura apelidámos o assassino de «Estripador de Lisboa» pelas semelhanças óbvias com o Jack, o Estripador.

— Calculámos que fosse isso mesmo.

— Depois, a 27 de janeiro de 1993 surgiu a segunda vítima. Maria Fernanda, com 24 anos, também prostituta e seropositiva. O corpo foi encontrado perto da estação de Entrecampos por trabalhadores das obras da ponte ferroviária. Também esta vítima foi estrangulada, esventrada e cortada e os órgãos removidos, com a novidade da remoção dos seios. Por esta altura, foi quando percebemos que se tratava de um assassino em série. A vítima tinha dois filhos, uma miúda de seis anos e um bebé recém-nascido.

— Recém-nascido?

— É comum isso acontecer. Afinal, não há licenças de maternidade nem de amamentação nesta vida noturna. Se a mulher não for trabalhar, não ganha dinheiro. É simples. Na noite há de tudo: mulheres grávidas, a amamentar, doentes, recém-operadas… é muito duro. Esta vítima prostituía-se para os lados da Feira Popular e adorava ir ao Bingo da Avenida de Roma ou ao do Sporting. Era uma jogadora viciada e agarrada à droga. Jogava para ter sempre mais uma linha e, se perdesse tudo, voltava às ruas para fazer mais dinheiro para mais droga. Era um vício autêntico. Foi encontrada num barracão na Avenida 5 de outubro, que era também usado por outras prostitutas para trabalharem. Encontrámo-la com o rosto desfeito, irreconhecível. Havia indícios de que ela tentou resistir, mas foi agredida com murros, pontapés e até uma estaca de

madeira. Ficou com dentes desfeitos e uma omoplata partida e tudo. O Estripador de Lisboa retalhou-a à frente e atrás, com cortes compridos de mais de sete centímetros no peito e de quinze no abdómen. Os órgãos foram removidos e espalhados pelo barracão. Mas dessa vez ele foi mais longe. Foram removidos os rins, o coração, os pulmões, os intestinos, o fígado, o estômago e até os seios, que foi a grande diferença para a primeira vítima. Destes, o assassino levou consigo o coração e os seios. Para quê? Só ele saberá.

Marta e Leonardo entreolharam-se, familiarizados como estavam na questão de os assassinos em série colecionarem troféus. No caso *Segredo Mortal* lidaram com um assassino assim, motivo pelo qual o inspetor não tinha o dedo mindinho da mão esquerda.

— Claro que colocámos a hipótese de o Estripador ser conhecedor de atos médicos, uma vez que retirava os órgãos sem os rebentar ou danificar. Podia ser um médico, ou um aluno de Medicina, ou até um talhante, mas isso também não deu em nada. Por esta altura, após a segunda vítima, não era só a heroína que limpava as ruas; era também o medo. E o medo levou a que houvesse menos clientes para as prostitutas, o que por si só levou a que elas arriscassem mais a vida porque tiveram de trabalhar mais horas e de levar mais barato para atrair a clientela.

— As pessoas têm tendência para desvalorizar essa profissão, mas é das mais perigosas no mundo — assinalou Leonardo. — Estatisticamente, são as que têm mais probabilidade de serem assassinadas.

— Claro, quem mais está tão disponível para se encontrar com estranhos em sítios recônditos e cuja ausência muitas vezes nem é notada? — acrescentou Marta.

— Além de que normalmente preferem locais isolados para não serem interrompidas e não gostam de atrair a atenção da polícia, pelo que nunca fazem queixa se forem maltratadas.

— Por isso é que são um alvo tão apetecível para os assassinos.

Calaram-se por momentos, para que Adelino prosseguisse o seu raciocínio.

— Estando nós a lidar com um assassino em série, eles voltam sempre a atacar.

— A menos que os apanhemos.

— Pois, mas, desculpem lá o spoiler, este não apanhámos — brincou Adelino, surpreendentemente bem-humorado para o tema que discutiam. — Bom, nesta fase registou-se o período de acalmia ou de arrefecimento do Estripador. Afinal, só voltou a atacar bem mais tarde, a 15 de março de 1993. A vítima: Maria João, 27 anos, prostituta seropositiva. O corpo foi encontrado a cerca de cem metros do local da primeira vítima no meio do lixo. foi estrangulada, esventrada, cortada e os órgãos internos removidos. Soubemos, depois, que ela e a primeira vítima eram amigas e chegaram a partilhar casa. Tanto que ela até chegou a prestar declarações quando a Tina foi assassinada, portanto ela sabia bem o perigo que corria. A Maria João passou a aceitar apenas clientes que fossem de carro e faziam tudo lá na viatura, mas com o Estripador abriu uma exceção. Porquê? Será que o conhecia?

Os inspetores ficaram em silêncio, pensativos.

— O certo é que ela foi também brutalmente agredida até ficar inconsciente e levou vários golpes, alguns com quase meio metro de comprimento. Esvaiu-se em sangue, como as outras, e ficou sem os mesmos órgãos que a segunda vítima.

— Notaram alguma evolução nos cortes?

— Sim, houve uma clara evolução na limpeza e certeza dos cortes, o que sugeriu uma certa aprendizagem da parte dele. Nesta terceira cena de crime, ainda encontrámos alguns vestígios, como uma impressão digital parcial num pacote de leite, mas sem elementos suficientes para uma identificação correta; um cabelo e uma pegada do tamanho 40-42, mas que de nada nos valeu.

Encontrámos, também, uma espécie de assinatura. Três cigarros foram colocados de forma a que dois formassem um X e o outro um I, formando um IX. Seria para assinalar o final da obra do Estripador? Ou seria o X para assinalar as duas vítimas encontradas sensivelmente no mesmo local e a outra mais longe? Três cigarros, três vítimas.

— É possível — concordou Marta. — Senão, que outro motivo o levaria a essa diferença em relação aos crimes anteriores?

— A partir daí, foram ouvidas imensas pessoas, demos seguimento a muitas pistas, mas tudo de forma informal, sem indícios para prendermos quem quer que fosse. Foram noites sem fim no mundo da prostituição, mas que de nada nos valeram. Chegámos a investigar um professor catedrático, um escritor, um funcionário forense, um técnico de telecomunicações e outro de reparação de eletrodomésticos. Mas nada. Zero.

— E qual foi a vossa teoria para o fim desses crimes?

— A verdade, como falámos há bocado, é que os assassinos em série matam até serem presos ou morrerem. Dificilmente conseguem a satisfação total que os leve a deixar de matar. Portanto, o Estripador ou morreu, ou fugiu para outro país, ou terá sido detido por outro delito que não estas mortes. O certo é que a onda de crimes parou abruptamente, sem grande explicação. Eram outros tempos. Não havia Internet, computadores pessoais, ainda não era recorrente fazerem-se exames de ADN e toda a parafernália de exames e instrumentos que há na Polícia Científica atualmente. Quem sabe se fosse hoje, talvez o tivéssemos apanhado?

— Soube que houve o envolvimento do FBI neste caso. É verdade?

— Sim. Após a morte da segunda vítima, dois agentes do FBI estiveram em Lisboa porque achavam que podia haver relação com umas mortes que ocorreram numa cidade com uma grande comunidade portuguesa, New Bedford.

Os americanos achavam que o Estripador fosse dessa comunidade que viera para Portugal, onde continuara a assassinar prostitutas de estatura baixa, morenas e toxicodependentes.

— Não se encontrou nenhuma ligação?

— A questão é que as vítimas em Portugal foram brutalmente mutiladas e isso não aconteceu em New Bedford. A execução dos crimes era diferente.

— Então isso não deu em nada?

— Não, os do FBI voltaram logo a seguir para casa. Nem nós nem eles conseguimos identificar os nossos assassinos.

— Curioso.

— Pois é. Nos quatro anos seguintes, entre 1993 e 1997, houve quatro crimes semelhantes em quatro países europeus, que agora não me recordo exatamente quais eram, mas as autoridades europeias suspeitaram que o Estripador pudesse ser um motorista de longo curso, mas foi sempre mera especulação, nunca houve nada de concreto.

Marta olhou para o telemóvel, pensativa.

— Portanto, as vítimas eram todas jovens, entre os 22 e os 27 anos, baixas, morenas, prostitutas, toxicodependentes, seropositivas e tinham todas o nome «Maria».

— Precisamente.

— A nossa adequa-se ao perfil em termos físicos, mas temos de descobrir quem ela é, se era prostituta, toxicodependente e se tinha VIH — concluiu Marta.

— O que disse o médico-legista na vossa investigação? — lançou Leonardo, com autorização não verbal da colega.

— Lembro-me que ele referiu que as três mulheres estavam vivas quando

foram esventradas; apenas inconscientes devido às fortes pancadas na cabeça. Foram estripadas ainda vivas.

— Dá a ideia de que o Estripador se demorou junto delas.

— Sim, mas nem assim deixou vestígios. O Estripador não mexia nos rostos das vítimas e nunca limpou o sangue. Nunca limpou nada, para sermos precisos. Não se preocupava com a estética da cena do crime. Os três crimes foram cometidos de noite, o que nos valeu zero testemunhas.

— Referiu que investigaram algumas pessoas — disse Marta, consultando as notas mentais. — Sei que houve um escritor que escreveu um livro precisamente com o título «O Estripador de Lisboa» e que os crimes descritos no livro são em tudo semelhantes aos ocorridos na realidade.

— Sim, esse foi suspeito, é verdade. A maneira como esse livro nos chegou às mãos foi muito engraçada. Na altura dos crimes a comunicação social andava num alvoroço que só Deus sabe, eram notícias a toda a hora, reportagens, pedidos de entrevista, era um autêntico circo.

— Não admira, nunca se tinha vivido algo assim em Portugal.

— Sim, mas foi um abuso. Disponibilizámos uma linha telefónica para que a população nos ajudasse, mas foi com cada um que nem vos conto. Bom, então há um dia que um fulano chega lá à PJ e diz que quer falar com alguém da investigação. Ele é deixado subir até aos nossos gabinetes e eu fui ter com ele. O homem vem todo confiante, com um livro na mão, e diz-nos: «não sei se vocês sabem, mas há um livro que descreve crimes iguais aos que estão a acontecer. Este aqui.» E mostra-nos o tal livro, do autor Luís Campos.

— O livro já tinha sido publicado?

— Sim, em 1984.

— Então havia um livro que previa os crimes e o nome do Estripador de Lisboa e que tinha sido lançado quase dez anos antes?

— Precisamente. Claro que fomos investigá-lo. Mas o tipo era muito esquisito. Passava várias noites num bar, de copo na mão, a mirar as mulheres, mas constatámos que era inofensivo. Devíamos era ter investigado o tipo que nos veio entregar o livro.

— Seria possível que o Estripador se tivesse inspirado nesse livro?

— Não digo que não, mas apenas o primeiro crime do livro é que é igual aos perpetrados pelo Estripador de Lisboa. Se querem que vos diga, o livro é uma merda de se ler.

Ficaram a matutar nessa questão durantes uns segundos. Um livro que previa o surgimento de um assassino como o Estripador de Lisboa dava uma história fantástica.

— Há uma história engraçada no meio disto tudo, na altura em que pedimos a colaboração das prostitutas. Colocámos um microfone na mala de uma prostituta que levava os homens sempre para o mesmo sítio para fazer o seu trabalho. Nessa rua, colocámos carros em postos estratégicos, para que fosse impossível qualquer tipo de fuga.

— A vossa intenção era que o Estripador a tentasse atacar?

— Exatamente. Se ele tentasse, zás!, dávamos cabo dele em segundos. Estivemos com isto semanas, até que ela é abordada por um tipo e sabem o que ele fez?

— Não…

— Roubou a mala da rapariga.

Leonardo e Marta ficaram a duvidar que Adelino estivesse a falar a verdade, mas ele manteve o ar divertido.

— O cabrão do gajo rouba-lhe a mala e em segundos tem pessoal da PJ em cima dele.

— Deve-se ter borrado pelas cuecas abaixo — comentou Marta, a rir-se da cena.

— Ele nem sabe como é que aquilo aconteceu, mas não o podíamos deixar fugir porque havia lá material do Estado na mala.

— Claro. E depois?

— Essa prostituta quis desistir, estava demasiado stressada. Eu até lhe fazia o favor de lhe dar boleia do local habitual onde ela atacava para ir a Belém, mas nada, não quis mais. Arranjámos outra, mas ao fim de algum tempo acabámos por desistir. Foram noites e noites a ouvir pessoal a comer-se, e nós sentados a ouvir tudo. Enfim, foi a loucura.

Os inspetores concordaram, incrédulos com a situação.

— Lembro-me também, que lá para 2010 voltou a falar-se muito deste caso — recordou a mulher para o ex-inspetor, enquanto engolia um pedaço de farinheira.

— Sim, aquele palerma da televisão.

— O que aconteceu? — quis saber Leonardo.

— Houve um gajo, no final de 2011, que quis entrar naquele concurso da treta que há por aí, tipo *Big Brother*, mas acho que tinha outro nome.

— *Casa dos Segredos?* — sugeriu Marta.

— Isso. Esse gajo, para entrar no programa, disse que sabia a identidade do Estripador de Lisboa. Vai-se a ver e ele acusou o próprio pai.

— Ele disse que o pai dele era o Estripador de Lisboa?

— Exato. E o pai até admitiu os crimes e confessou todos e mais uns quantos fora do país. Foi um berbicacho do caraças. Ele foi detido preventivamente e foram feitos testes. Acabou por ser comparada a impressão palmar encontrada num pacote de leite com sangue junto ao cadáver da terceira vítima, mas não houve correspondência.

— Pois, era o esperado.

— Ainda assim, esse Guedes manteve-se preso em Aveiro por estar associado a outro crime de homicídio.

— Então não era boa ralé na mesma.

— Não era, não.

Ficaram uns momentos a refletir, tempo que Márcia aproveitou para intervir.

— Já houve duas séries em que falaram do Estripador de Lisboa — informou, excitada por participar numa investigação. — No final dos anos 90 deu uma série chamada *Polícias* em que uma equipa de inspetores da PJ estava a investigar mortes causadas por um estripador; depois, lá para 2010, se não me engano, houve um episódio da série *Cidade Despida*, que representava o dia a dia de uma brigada de homicídios, em que houve um caso parecido ao do Estripador de Lisboa. A diferença é que neste episódio eles apanharam-no.

— Vê-se logo que é ficção. Queria vê-los a ter as nossas poucas condições — lamuriou-se Adelino.

Márcia sorriu perante a birra do marido.

— Mas qual é a sua opinião sincera para ele deixar de matar? Não nos interessa a versão oficial, mas sim o que o seu instinto lhe diz.

Adelino assentiu, percebendo como aquela questão era importante e das mais misteriosas de todo o caso.

— Penso que o Estripador morreu. Eu e o meu parceiro acreditamos que o Estripador matava as vítimas porque era um cliente delas e teria apanhado VIH de uma delas. Como não sabia qual era, matou-as às três.

— Acha que foi a vingança que o motivou, portanto?

— Da minha perspetiva, sim. Senão, porque teria ele parado de matar? Na altura houve um perito em psiquiatria forense que chegou a assinalar que o

Estripador de Lisboa podia ser um homossexual não assumido com problemas de impotência e que matava com violência perante a sua impotência em consumar o ato com uma mulher, mas isso parecem-me balelas.

— Acha que ele poderia ter voltado a atacar, nem que fosse anos mais tarde?

— Estão com dúvidas se será o Estripador ou um imitador a cometer o crime de hoje?

— Precisamente. Ainda estamos numa fase muito embrionária da investigação, mas é algo que nos temos perguntado. É uma questão inevitável.

Adelino bebeu o vinho que lhe restava do copo.

— Na minha opinião seria muito difícil, muito pouco provável de acontecer. Atualmente ele terá 50, 60 anos ou mais, portanto já não tem as mesmas condições físicas para cometer aqueles crimes. A meu ver, ele está mesmo morto por ter apanhado VIH das prostitutas. É a única explicação plausível para a paragem súbita nos seus homicídios. E ainda bem. A forma como ele aterrorizou o país, principalmente as prostitutas e as mulheres que eram fisicamente semelhantes, foi terrível. Terrível. Espero que tenham mais sorte que eu.

Marta assentiu, aproveitando que Adelino se levantara da mesa para olhar para o colega.

Leonardo fez um breve aceno para passar despercebido, mas não lhe deixava dúvidas do seu significado.

Ele não concordava minimamente com as conclusões do ex-inspetor.

CAPÍTULO 7

LEONARDO E MARTA

A viagem de regresso a Lisboa foi mais animada. Com os dados que adquiriram ao almoço, começaram a formular teorias e possíveis explicações.

— Pelo que observei hoje de manhã em Camarate e pelo que o Adelino nos contou, creio que consigo esboçar um perfil do nosso assassino. Vamos, para já, assumir que a vítima de hoje também é prostituta, toxicodependente e seropositiva. Depois, se houver alguma diferença faremos ajustes no perfil, se for necessário.

Leonardo tinha formação em psiquiatria forense e não foram poucas as vezes que se sobrepôs a um psiquiatra nas investigações, nomeadamente nas elaborações de perfis de criminosos. Era algo que ele gostava especialmente de fazer.

— O Estripador de Lisboa tem o tipo de perfil psicológico de um assassino em série do tipo sádico, pelo que não me parece que tivesse matado por vingança, por ter sido infetado com VIH por uma dessas prostitutas, como o Adelino sugeriu com tanta convicção.

— Pois, a mim também não me soou bem.

— A estrutura de personalidade e o funcionamento mental é igual ao do Jack, o Estripador. Ambos inteligentes, controlados, eficientes, com uma crescente de confiança a cada crime e que retiram prazer sexual na mutilação da vítima.

— Sim, não me admirava nada se o Estripador se masturbasse em casa agarrado aos seios que roubou das vítimas — confessou Marta, com uma expressão de nojo.

— Concordo. O Estripador era solteiro, solitário, vivia na área de Lisboa, possivelmente até tinha um emprego estável, mas nada demasiado ambicioso, e tinha antecedentes problemáticos. Ele escolhia as suas vítimas, existia alguma

planificação, era um predador territorial e noctívago. Tanto um como o outro apresentam uma perversão sexual muito própria, a parafilia sádica, que pode ir desde atos sádicos consentidos por parceiros, à tortura e homicídio de vítimas sem o seu consentimento. — Ou seja, o prazer sexual do Estripador é originado no sofrimento físico e psicológico de outra pessoa e é potenciado pelo poder e o controlo que exerce sobre a vítima. Neste caso, a parafilia tinha três vertentes: mazoperose, a mutilação de seios, peroginia, mutilação de mulheres, e necrossadismo, a mutilação de corpos.

— E não esquecer a questão dos troféus — recordou Marta.

— É verdade, o Estripador tinha a tendência de colecionar troféus, o que está bastante associado a crimes com motivos sádicos e sexuais. São um símbolo da sua vitória, do seu poder, e uma forma de ficar com uma lembrança de cada vítima e de poder reviver o crime sempre que quiser.

— A questão é: o que terá ele feito com os órgãos que levou das vítimas? — lançou Marta, atenta na condução mas ainda mais à conversa que estava a ter com o colega. — Embalsamou-os e colocou em exposição numa prateleira em casa? Usou-os para se masturbar? Comeu-os? Nunca se saberá.

— Pois não… — confirmou Leonardo. — O Estripador de Lisboa era um assassino diabólico, doente e perverso. E é com isso que estaremos a lidar agora novamente.

— E achas que o Estripador atual tem um perfil semelhante?

— Acho que sim.

— Então não acreditas que seja o mesmo Estripador de há trinta anos? É que, honestamente, acho que não devíamos excluir essa hipótese. Eu conheço várias pessoas de sessenta anos que teriam força para fazer o que vimos hoje de manhã. Os sessenta são os novos quarenta e cinco. O Adelino é que é de outra geração.

Atualmente, pessoas de sessenta anos ainda estão com ótimas capacidades físicas. Quer dizer, aquelas que se cuidam, claro.

— Nisso, tens razão — reconheceu Leonardo. — Estou mais inclinado para que seja um novo Estripador, mas realmente não podemos excluir a hipótese de que o Estripador original voltou. A questão é: porquê voltar a atacar trinta anos depois?

Marta ficou em silêncio, o som do carro a deslocar-se acima dos cento e vinte quilómetros por hora a ronronar em torno deles.

— Se calhar, emigrou e nunca deixou de o fazer — sugeriu a inspetora —, e voltou para Portugal recentemente e essa urgência voltou com ele.

— Se fosse isso teríamos sabido de crimes semelhantes no estrangeiro. Mas nunca chegou nada aos nossos ouvidos…

— Temos de verificar com a Interpol se há casos semelhantes lá fora.

— Sim, concordo.

— No entanto, agora que penso melhor, reparaste em como os cortes também pareciam ter garras?

— Hoje de manhã? Sim, também reparei.

— E foi precisamente o que o Adelino descreveu na primeira vítima.

— Sim, e depois os cortes tornaram-se mais limpos nas vítimas seguintes.

— Como se o Estripador tivesse aperfeiçoado a técnica.

— Exatamente. Estás a querer dizer…

— Que podemos estar a lidar com um aprendiz do Estripador — sugeriu Marta, embrenhada no seu raciocínio. — Um imitador que ou está também ele a aprender a arte de estripar vítimas, ou quer reencenar o que o Estripador original fez há trinta anos. Como se quisesse assinalar o trigésimo aniversário da última vítima conhecida dele, estás a perceber?

Leonardo assentiu, subitamente preocupado com as hipóteses que a colega colocava em cima da mesa.

— Seja um novo Estripador ou o original, uma coisa é certa.

Marta assentiu, percebendo onde ele queria chegar.

— Haverá mais vítimas.

CAPÍTULO 8

LEONARDO E MARTA

Com a promessa por parte do médico-legista de que iria fazer a autópsia da vítima de Camarate no final da tarde, passando-a à frente de outros cadáveres, Marta começou a ocupar o quadro de cortiça que existia na parede por trás das suas secretárias.

Do lado esquerdo, preencheu tudo o que sabiam sobre o Estripador de Lisboa original, de há trinta anos, deixando espaço para o novo Estripador. Leonardo foi ajudando nos detalhes, mas ficou a apreciar o entusiasmo com que ela escreveu nas folhas que ia colocando no quadro. Não pôde deixar de pensar que, juntos, trabalhar ficava tão mais fácil.

— Que te parece? Falta alguma coisa?

Leonardo focou o olhar e leu tudo de uma assentada.

Dados Estripador de Lisboa Original

Nome: Desconhecido.

Data de nascimento/morte: Desconhecida.

Profissão: Desconhecida.

Número de vítimas: 3.

Identidade das vítimas: Maria Valentina, 22 anos, assassinada a 31 julho 1992; Maria Fernanda, 24 anos, 27 janeiro 1993 e Maria João, 27 anos, 15 março 1993.

M.O: Vítimas eram mulheres, prostitutas, toxicodependentes e seropositivas. Estrangulava e esventrava as vítimas. Removia órgãos dos corpos (fígado, coração, intestinos, seios, vagina).

Perfil: homem, caucasiano, 30-35 anos, solteiro, solitário, profissão estável, sádico, retira prazer sexual ao infligir dor na outra pessoa.

Possíveis motivações: vingança por ter contraído o vírus da SIDA

através de alguma das vítimas, com quem terá feito sexo; fúria em relação ao mundo da prostituição, por ter tido alguém na família que terá seguido esse caminho (mãe, irmã, tia?); pode ter sido abusado em criança pela mãe e acabou por matar pessoas semelhantes a ela como vingança; parafilia sádica, que o leva a matar para obter prazer sexual.

O Estripador nunca foi encontrado.

Nota: Estes ataques geraram o pânico por todo o país, especialmente entre as prostitutas e os respetivos chulos, mas também nas mulheres que eram parecidas fisicamente. A sucessão de crimes terminou de forma abrupta, sem explicação evidente.

— Está perfeito. Bem resumido.

— Obrigada. Agora é compararmos o que formos descobrindo deste assassino para percebermos até onde vão as semelhanças com o antigo Estripador.

Momentos depois, Cristóvão Martins ligou a Marta para avisar de que estava prestes a iniciar a autópsia. Eles queriam assistir presencialmente. Precisavam de saber as semelhanças com o antigo Estripador.

Dado que o INML se encontrava a menos de um quilómetro da sede da PJ, estavam a entrar no edifício cinco minutos depois, uma aura de expectativa a impeli-los para serem mais céleres. Acima de tudo, queriam uma identificação para avançarem com a investigação. Sentiam que o Estripador lhes podia escapar facilmente por entre os dedos, se seguisse o exemplo de há trinta anos.

Subiram ao segundo piso, onde se encontrava a sala de autópsias. Era inevitável para os inspetores recordarem-se do assassino que tinham encontrado naquele mesmo edifício no verão anterior e que lhes marcara as carreiras. E as vidas. Leonardo ainda sentia comichão no dedo mindinho da mão esquerda, embora ele já não existisse.

— Olá, Cristóvão — cumprimentou Marta, ao entrarem na sala de autópsias. Ao fundo, avistou várias macas com cadáveres cobertos por lençóis.

Provavelmente, os que ele deixou para trás para autopsiar a vítima daquela manhã. — Vamos a isto?

O médico-legista, de bata branca, cabelo eternamente despenteado e de óculos bastante graduados, assentiu e focou-se no material que tinha à frente. A sala de autópsias era de uma dimensão ligeiramente superior à de um campo de basquetebol e tinha, ao fundo, as gavetas frigoríficas onde os cadáveres ficavam guardados até serem examinados; na extremidade oposta encontrava-se um velho elevador para transportar os corpos para os pisos inferiores, nomeadamente para a cave, onde os cadáveres sem identificação eram armazenados e congelados até serem identificados ou até se proceder a um funeral anónimo. A sala era dominada por cinco mesas metálicas equipadas com torneira e candeeiro articulado para a dissecação nas melhores condições possíveis.

— Rodrigo, acaba aí de coser esse corpo e depois mete-o no elevador para o rés-do-chão; vêm buscá-lo daqui a meia-hora, portanto despacha-te — ordenou Cristóvão a um jovem com vestimenta igual à dele e que parecia nervoso. Depois, pareceu reparar neles e abriu-se num sorriso. Cristóvão apontou para a primeira das mesas, onde se via um corpo deitado sobre o tampo metálico. — O corpo desta manhã já foi lavado. Por falar nisso — ergueu a voz para o jovem, cujas mãos pareciam tremer ligeiramente enquanto cozia o peito do cadáver —, depois tens de dar aqui uma mangueirada, que este corpo verteu imenso sangue.

— Sim, doutor Martins. É só um bocadinho.

Cristóvão fixou o olhar no pupilo durante uns segundos, até que despertou para a realidade outra vez.

— É um bom rapaz. Um bocado medricas para esta profissão, mas já enrijece. Enrijecem todos. Mas, bom, estava a dizer que tive de limpar a cavidade do corpo assim que chegámos.

— Imaginámos que sim — concordou Leonardo. — Aquilo era uma piscina de sangue.

O médico-legista indicou diversas marcas espalhadas pelo corpo.

— Como poderão observar à partida, o que não falta são lesões traumáticas. Sei que estão habituados a ver corpos neste estado, mas ainda assim quero avisar-vos que não é uma visão fácil. Aproximem-se.

— Nunca é — disse Marta, enquanto se aproximavam do corpo, sentindo os odores da sala. Sentia o cheiro a lixívia, um perfume férreo e um odor de decadência e de putrefação que lixívia nenhuma conseguia disfarçar.

Viram finalmente o rosto da vítima, que de manhã estivera tapado com os seus próprios intestinos. Tinha um tom azulado e o cabelo, que parecia ser loiro, estava encrespado pela ação do sangue, que coagulara e formara manchas carmesim no couro cabeludo. A pele parecia pardacenta, pálida e cheia de cortes animalescos que iam até ao pescoço, peito, braços e pernas. Através do buraco do abdómen, limpo de sangue, conseguiam ver o interior na perfeição. O que lhes surpreendia era precisamente o facto de a cavidade estar tão vazia, sem nada. Nenhum órgão. Fora tudo removido. Excetuando os intestinos, os restantes órgãos não foram encontrados no local.

— Como já perceberam, o assassino removeu todos os órgãos da cavidade abdominal.

— Incluindo a área de pele que cobria esta zona exposta — lembrou Leonardo, a ponderar todas as variáveis. A pele que o assassino teria de ter removido para aceder ao interior do corpo não fora encontrada, pelo que, o mais certo, era que tivesse sido levada por ele.

— O que posso notar desde já é a forma algo tosca, ou atabalhoada, de como os cortes foram feitos. Há aqui restos de órgãos que indicam que estes foram

arrancados, como se o assassino não tivesse cortado até ao fim e os tivesse puxado para arrancar o resto, sabem?

— Dá a ideia de que ele não se preocupa com a apresentação.

— Precisamente. O assassino quis fazer o mal à vítima, quis mutilá-la, esventrá-la, estripá-la, mas não lhe interessou a apresentação.

— Tal e qual como a primeira vítima do Estripador de Lisboa de há trinta anos — relembrou Leonardo, a mão no queixo, pensativo. — Os cortes também eram assim na Maria Valentina, do estilo garra, como se tivessem sido feitos com uma garrafa partida.

O ajudante de Cristóvão, terminada a sua tarefa, ficou intrigado com a conversa dos inspetores.

— Como se ele nem tivesse pensado bem no que ia fazer e fosse resultado de uma decisão repentina — considerou Marta. — Mas se fosse o Estripador de Lisboa original a atacar novamente, não saberia ele fazer estes cortes como deve ser? Teria voltado a executar tudo de forma tão… inexperiente?

— A menos que se trate de um imitador — concluiu Leonardo. — Um fã do Estripador original que quis homenageá-lo desta forma.

— Para assinalar os trinta anos desde a última vítima?

— É uma hipótese. Ou então quis cometer este crime e inspirou-se nele. Pode ser que não mate mais ninguém.

— Quem me dera que tivesses razão, Leo. Mas para matar desta forma… a coisa está malparada.

— Vai haver mais mortes — disse ele, recordando-se da sensação que tivera no local do crime. Aquela malignidade não podia ser um ato isolado e eles sabiam-no.

— Voltando aqui ao corpo — sugeriu Cristóvão —, sem estômago fica mais

difícil calcular a hora da morte, mas creio que seja seguro afirmar que terá sido durante a noite.

— Sim, também será o mais certo. Duvido que alguém fizesse isto durante o dia.

Cristóvão procedeu à análise dos orifícios produzidos pelo assassino no corpo da vítima, medindo as suas dimensões e aferindo o que já tinham deduzido que seria o objeto cortante utilizado no crime. O médico-legista cortou, então, as unhas da vítima para análise laboratorial e, munido de um bisturi e de uma serra elétrica, procedeu à remoção da calote craniana, deixando uma leve névoa ao cortar o osso do crânio. Removeu o cérebro, analisou-o e pesou-o, apontando tudo.

— Sem hemorragias cerebrais — disse, num tom profissional e desapaixonado.

Seguiu-se o exame ao tórax, efetuando um corte desde o extremo superior do esterno até ao início da cavidade abdominal aberta pelo assassino. Retirou a parte óssea do tórax seccionando as costelas de um lado e do outro do esterno, permitindo a Cristóvão abrir e observar a caixa torácica da vítima. A intenção era examinar os pulmões, coração, fígado e demais órgãos como fizera com o cérebro, para os pesar e apontar tudo no relatório.

— Os pulmões estão cheios de alcatrão, veem? Era uma fumadora inveterada. — referiu o médico enquanto extraía os órgãos e os pesava.

— Houve uma forte hemorragia interna — continuou Cristóvão, apontando para alguns pontos dos pulmões recheados com um tom mais escuro. — A vítima morreu por asfixia e por perda de sangue.

— Todas aquelas perfurações acabaram por a sufocar com o seu próprio sangue?

— Sim, o sangue entrou no aparelho respiratório e impediu a passagem de ar e

consequente oxigenação celular.

— Então, tendo em conta as marcas no pescoço, o assassino terá apertado o pescoço para ela desmaiar, e depois terá feito todos os golpes que resultaram na sua morte. Só depois terá aberto o abdómen da vítima e retirado os órgãos internos — resumiu Marta, tendo como resposta breves e pesarosos assentimentos de concordância.

Antes do passo final da autópsia, o de recolher sangue para as análises que indicariam o grau de alcoolemia da vítima e a existência de algum tóxico ou estupefaciente, bem como a recolha das impressões digitais da vítima, o médico avançou para recolher o coração. Marta e Leonardo sustiveram a respiração. Na primeira vítima do Estripador original, o coração tinha sido removido.

Cristóvão debruçou-se sobre o cadáver, mas manteve-se imóvel, sem reação.

— O coração da vítima não está aqui.

CAPÍTULO 9

LEONARDO E MARTA

A confirmação de que aquele assassinato era igual ao primeiro do Estripador de Lisboa original não foi uma surpresa. Já contavam com isso. Estavam a enfrentar, de forma oficial, o Estripador de Lisboa.

Restava saber se era o original ou um imitador.

O colega de Cristóvão estava a coser o corpo da vítima com algum nervosismo, apercebendo-se da importância daquele corpo, daquela vítima. Por muito que ele tivesse estado focado na sua tarefa anterior, era inevitável ouvir o que os inspetores e o médico-legista comentavam entre si.

— Nada de contares lá fora aos amigos ou à família o que ouviste aqui, OK? — pediu Leonardo, com um toque de ameaça. — Precisamos de todo o sigilo que conseguirmos.

— Sim, isto vai virar um circo assim que se souber da possível identidade do assassino — concordou Marta, lançando um olhar admoestador que deixou o jovem ainda mais nervoso.

— O Rodrigo não diz nada, não se preocupem — garantiu Cristóvão, ajeitando os óculos. — Vamos proceder à análise do sangue, das unhas e dos órgãos que nos restaram a ver se encontramos alguma coisa. Espero ter novidades amanhã para vocês, mas não prometo nada.

— Sim, isso era extraordinário.

O jovem assistente de Cristóvão pigarreou de forma muito subtil, quando tentava coser uma das feridas mais profundas do corpo, localizadas a nível lateral.

— Uh… doutor?

Mas nenhum deles ouviu. A voz sumiu-se no meio dos comentários e perdeu-se como fumo numa ventania. Gotas começaram a surgir na testa e escorreram

pelo rosto, indeciso. Devia chamar a atenção ou averiguar o que estava a impedi-lo de prosseguir o seu trabalho?

Com a agulha, espetou num pedaço de pele de um dos lados da ferida, e tentou puxá-la na direção da sua outra metade, mas não conseguiu. Algo com algum volume bloqueava a sua ação. Tentou esticar a pele ao máximo e estava quase a conseguir, quando desistiu de a coser. Era demasiada força para uma simples ferida. Um corte de dois centímetros entre a quinta e sexta costelas não devia ser assim tão difícil de coser. Ele podia ser novato, mas já tinha alguma experiência.

Passou a mão enluvada pelo golpe e reparou que este tinha uma ligeira protuberância que Cristóvão teria deixado passar.

Parecia que existia algo naquele orifício que não era suposto lá estar.

Teria o assassino colocado algo no interior daquele corte, fora da vista desarmada?

— Uh… — tentou chamar a atenção de Cristóvão, mas este não tirava os olhos dos inspetores da PJ. Ainda fixou o olhar nele, mas aqueles óculos fundo de garrafa pareciam bloquear a sua linha de visão para com o seu assistente.

Com uma inesperada coragem, com um toque de vontade de descobrir algo fora do comum, enfiou dois dedos no golpe e tateou o interior com cuidado.

Sentiu algo duro. Limado. Com ângulos retos e redondos. Pequeno.

Fletiu as falanges e puxou o objeto para o exterior do cadáver.

Avistou uma base redonda preta, brilhante do sangue da vítima, mas depois deixou o objeto escorregar por entre os dedos quando este perdeu a resistência ao sair na sua totalidade do golpe da vítima e por estar lubrificado pelo sangue.

O som seco de algo leve, mas sólido, a embater no chão algumas vezes até estacar a sua posição silenciou os inspetores, que olharam com atenção para o

assistente. Corado de vergonha por ter sido apanhado em falso, aclarou a garganta.

— Uh… encontrei algo.

— O quê? — perguntou Marta, contornando a mesa de autópsias para se aproximar do assistente do médico-legista. Seguiu o olhar dele até dois metros no sentido da parede oposta, onde descobriu um objeto ensanguentado no pavimento.

Agachou-se na proximidade e pegou nele com a sua mão enluvada. Ergueu-o alto para que todos vissem e para que a luz o cobrisse e permitisse observar com clareza.

— Isto é…

Marta aproximou-se da mesa de autópsia, abriu a torneira e limpou o objeto. Ao terminar, fechou a torneira e voltou a erguer o objeto, sob o olhar atento dos colegas.

— Isto estava no interior da vítima? — questionou Leonardo, com um tom severo.

— Si… sim. No golpe lateral direito, entre a quinta e a sexta vértebra. Subcutâneo. Deu a ideia de que o assassino criou aquele golpe e aproveitou-se da elasticidade natural da pele para esconder isso debaixo da mesma.

— Mas que raio quer o assassino dizer com isto? O Estripador original também tinha feito isto?

Leonardo coçou o queixo, intrigado.

— Não… isto é novo.

Por mais que observassem, não conseguiam descortinar o motivo que levara o assassino a esconder aquele objeto debaixo da pele da vítima.

Era uma peça de xadrez.

Um peão preto.

CAPÍTULO 10

LEONARDO E MARTA

Passaram a hora seguinte no gabinete da Polícia Judiciária a preencher o relatório da investigação, ligeiramente assoberbados com o que viram na autópsia. A vítima fora uma mulher atraente, ainda jovem, com uma vida inteira pela frente.

— Portanto, o modus operandi é igual. Embora ainda falte confirmar a identidade da vítima, tudo aponta para uma espécie de reencenação do assassinato da Maria Valentina, de 1992 — concluiu Marta, cansada.

— Exato. Temos é de perceber se se trata de uma encenação de um fã do trabalho do Estripador original ou se é mesmo o Estripador de há trinta anos que regressou.

— E por que razão estaria a matar da mesma forma com aqueles cortes sem grande precisão?

— Vejo duas opções — garantiu Leonardo. — Ou o Estripador de Lisboa perdeu a prática depois de três décadas sem cometer estes crimes, ou quer simplesmente marcar da forma mais óbvia o seu regresso à atividade.

— Ou então, uma terceira hipótese: é outra pessoa qualquer a querer matar da mesma forma. Só não percebo é por que motivo alguém iria querer fazer tudo igual ao Estripador, mesmo que fosse um fã. Porquê dar-se a esse trabalho? E acima de tudo, porquê uma peça de xadrez? Um peão… Que quererá isso dizer, Leo?

— Estive a pensar muito nisso. Pode ser ele a dizer que é um peão nisto tudo, o que indica que não é o Estripador original… ou então que ele está a querer jogar connosco.

— A provocar-nos?

— Acho que o assassino acabou de comunicar connosco. À sua maneira,

claro, mas trata-se definitivamente de uma tentativa de comunicação. Só temos é de descodificar essa mensagem.

Marta colocou uma fotografia do peão preto no quadro de cortiça e ficou de braços cruzados a admirá-lo, sem chegar a uma conclusão melhor que as discutidas entre eles.

Leonardo coçou o queixo, a barba a começar a espreitar pelos poros. Encostou-se às costas da cadeira, de braços cruzados e com um olhar analítico para o quadro.

— Temos de identificar a vítima. É essencial para desbloquearmos mais respostas. Se este for um caso isolado, ainda mais importante é. Se houver mais vítimas a caminho…

— É importante na mesma para estabelecermos possíveis ligações ao assassino. Como sugeres fazer para identificar a vítima?

— Tu é que mandas, M&M. Foi o combinado. Embora me tenhas enganado, acordo é acordo.

Marta sorriu e ficaram um momento assim, num limiar de paz interior, até ela o ter quebrado.

— Acho que devíamos levar uma fotografia do rosto da vítima e passar pelos sítios mais comuns onde as prostitutas costumam «atacar». Alguém a há de reconhecer.

Leonardo concordou e bateu na secretária ao de leve, como que dando o trabalho deles ali na PJ de Lisboa por terminado e estando na hora de se mexerem.

Levantou-se e aproximou-se de Marta, ambos a quererem contornar as suas secretárias e acabando por o fazer ao mesmo tempo; mas o espaço entre elas era exíguo. Demasiado perto para as convenções de distância social entre colegas. Marta abriu ligeiramente a boca, os lábios suspensos, surpreendidos pela

aproximação inesperada. Leonardo ergueu a cabeça e pareceu aproximar-se ainda mais dela. Com o corpo em tensão e o coração a disparar, a inspetora imaginou-se a beijar Leonardo de novo. Mas estavam a trabalhar. E era ela que mandava. Pôs-lhe uma mão no peito e fez uma ligeira pressão, como que a afastá-lo disfarçadamente. Ele percebeu e piscou-lhe o olho.

Riram-se um pouco, desanuviando a tensão do ambiente, e retomaram o trabalho partindo para alguns dos locais mais frequentados por prostitutas quando a noite se impunha sobre o dia.

Munidos de uma foto impressa e de mais algumas no telemóvel, com outros ângulos que pudessem ajudar, passaram pela zona do Monsanto, onde falaram com uma dúzia de prostitutas, sem sucesso. As poucas que aceitaram falar não a reconheceram. O mesmo resultado em Belém. As mulheres ficavam muito incomodadas ao serem abordadas por inspetores da Polícia Judiciária.

Foi só quando chegaram ao Bairro Alto do Parque, Avenidas Novas, é que conseguiram um resultado satisfatório. Uma correspondência.

— Sim, conheço-a — disse uma mulher com indiferença, o olhar a disparar para todos os lados, receosa de ser vista a falar com a Polícia.

— Sabe quem é?

— Já a vi por aqui. É uma das habituais. Mas nunca lhe soube o nome verdadeiro. Sei que é a Tita. Costumo ficar por aqui pouco tempo, ok?

A mulher era jovem e muito bonita. Usava uma roupa que lhe destacava as formas esculturais com que a natureza a tinha abençoado. O cabelo crespo chegava-lhe a meio das costas e os lábios grossos estavam pintados de vermelho vivo.

— Mas aquela ali sabe melhor. Já as vi juntas. Bazem daqui e perguntem a ela.

— Obrigado — agradeceu Marta, dirigindo-se para a prostituta de cabelo

encaracolado, calções curtos e um top com um decote generoso. Leonardo seguiu de perto, sem tenções de intervir. Já era difícil elas falarem com a Polícia, pior ainda se fosse um homem.

— Olá, chamo-me…

— Não quero saber como se chamam. Que querem?

Marta assentiu, surpreendida.

— Conhece esta mulher?

A prostituta, sempre de olhar na estrada que passava à sua frente, na esperança de ver algum carro aparecer e abrandar para a levar, desviou-o o suficiente para assimilar os contornos da imagem impressa. No entanto, quando ia desviar o olhar com desprezo, sem qualquer intenção de ajudar os inspetores, voltou a olhar com mais interesse.

— Sim, é a Inês. Conhecida como Tita por estas bandas.

— Inês?

— Sim, Maria Inês. Ela… trabalha comigo aqui e vive comigo.

— Vive consigo?

— Sim.

— Onde?

— P’ra que querem saber, porra? Não quero cá problemas, ‘tão a ouvir? ‘Tou aqui em paz, sem chatear ninguém e…

— Calma. Esta sua colega foi encontrada morta esta manhã. Precisamos de saber onde vive para procurarmos o culpado.

A mulher ia continuar a resmungar, mas susteve a respiração ao ouvir que Inês morrera.

— Foda-se, a sério? Mataram-na? Cabrões do caralho… esses gajos de merda…

— Quem? Sabe quem a matou?

— Um cliente mais cabrão, de certeza. Ela nunca os soube enfrentar… não tem a minha fibra, ‘tão a ver? Já anda nisto há uns anos, mas sempre se deixou maltratar por aqueles cabrões que gostam de descarregar nas putas as frustrações da merda da vida deles. C’um caralho, a Inês morreu…

— Era essencial que nos ajudasse para fazermos justiça.

A mulher sacou de um cigarro, acendeu-o e levou-o à boca com calma, ponderação, como se se tratasse de um ritual de acalmia para ela. Possivelmente era o que fazia após cada sessão com os clientes.

— Vocês não fazem nada, foda-se! Quem é que quer saber de uma puta morta? Quem se interessa por essas merdas?

— Nós interessamo-nos — garantiu Marta, receosa de perder uma pessoa importante para a investigação. — Ela foi deixada em condições muito más, desumanas… Não podemos deixar isto passar. Queremos apanhar o cabrão que fez isto.

Leonardo ergueu uma sobrancelha, surpreendido. A mulher parecia partilhar da mesma surpresa, pois olhou para a colega com outro olhar.

— A ruiva tem garras, estou a ver… Nós vivemos as duas na mesma casa.

— Onde?

— Se prepare, querida — disse, num sotaque brasileiro enquanto uma nuvem de fumo era expelida através dos seus lábios. — Parece-me que vão visitar o meu bairro lindo e maravilhoso, onde a Polícia raramente aparece, sabe-se lá porquê.

— Onde?

— Chelas, baby.

CAPÍTULO 11

LEONARDO E MARTA

No caminho para casa, estavam ambos esgotados. Fora um dia muito comprido, com muitas emoções e algumas descobertas surpreendentes. Já passava da uma da manhã e estavam ambos sedentos de descanso.

Deslizavam pelas ruas de Lisboa no veículo de Marta, alheios ao que se passava nas ruas por onde avançavam. Só queriam descansar. Depois de a prostituta lhes ter dado a morada e dito que só lhes permitia que aparecessem em sua casa no dia seguinte de manhã, de preferência após as dez horas, os inspetores recolheram e dirigiram-se para casa.

No caminho, discutiram alguns pontos interessantes sobre o caso, mas rapidamente caíram no silêncio, agastados como estavam. Só conseguiam visualizar as suas camas e o conforto que lhes iria proporcionar.

— Chegámos.

Leonardo despertou da sua letargia, reparando então que já estava em frente ao seu prédio.

Olhou para Marta e sorriu, agradecendo-lhe por o ter recebido naquele caso. Ficou com o peito quente ao vê-la sorrir também. Olhou para o seu prédio e novamente para Marta, indeciso. Sentiu-se nervoso de repente. O cansaço tinha desaparecido.

— Não sei se… queres entrar?

O sorriso tremeu um pouco, o olhar nervoso.

— Em tua casa?

— Hãã, sim. Para… beberes água? Não tens sede? Eu tenho.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Água? É o melhor que consegues arranjar para me levares para casa? —

Marta fez um sorriso lascivo que perdeu de repente ao avistar uma figura à porta do prédio de Leo.

— Que foi, M&M?

— Olha quem está ali, à tua espera. E disseste tu que não voltaste a falar com ela.

Franziu a testa, confuso. Seguiu o olhar dela e encarou a porta do seu prédio. Uma pessoa tocava insistentemente na campainha do seu apartamento. Era uma mulher. O rosto cor de café com leite e o cabelo encaracolado e lustroso não enganavam ninguém. O inspetor não queria acreditar na pouca sorte que tinha. Não era possível.

— Laura?!

CAPÍTULO 12

LEONARDO E MARTA

Laura Capuchinho, a última amante de Leonardo e com quem ele terminara a relação de forma brusca, estava à porta do prédio onde o inspetor morava. E parecia ter bastante urgência em falar com ele, pela forma como tocava na campainha.

— Que raio está ela a fazer ali a esta hora? Que merda, será que ela não percebeu a dica? Desligar e evitar todas as chamadas durante meses devia ser bastante claro…

— Não me mintas. Continuaste a falar com ela, não foi? — acusou Marta, com fúria no olhar por se sentir enganada e traída. — E eu aqui, feita idiota…

— Não — negou com veemência, sentindo que um novo mal-entendido iria fraturar a relação de ambos outra vez. — Eu não sei o que está ela a fazer aqui. Eu juro que nunca mais a vi nem nunca mais falei com ela desde que terminámos tudo no último dia de novembro.

Nesse dia, Marta fizera anos e Leonardo recordara-se do aniversário apenas no final do dia. Ao descobrir nessa noite que Laura mantivera o esqueleto da filha que deixara morrer após ter nascido, terminara tudo com ela e prendera-a. Terminadas as diligências para deter Laura pelo crime de abandono, voou até Marta a tempo de lhe dar os parabéns antes de terminar o dia. Nunca mais viu Laura. Até esta noite.

— Ela que não pense que vai voltar a fazer isto — disse Leonardo, furioso por ela estar a arruinar a sua relação com Marta, que estava novamente a entrar nos eixos. — Vou mandá-la embora daqui tão depressa que nem vai ter tempo de dizer «olá».

— Sim, mas também tem calma, Leo… — pediu ela, reparando no ar furioso do colega, que parecia mais alarmante do que o sentimento de traição que sentia.

O inspetor saiu do carro e fechou a porta atrás de si com violência. O barulho despertou a atenção de Laura, que tentou ver quem se aproximava. Leonardo caminhou com rapidez, furibundo. Sentiu que estava a ver vermelho e o peito começou a ficar preenchido por uma pequena escuridão.

Marta achou por bem sair do carro e ficar por perto, não fosse ele fazer alguma estupidez, como parecia querer fazer.

— Olá, queri…

— Que estás aqui a fazer, Laura? — vociferou, os olhos a faiscarem. — Eu já te disse que nunca mais te quero ver. Desaparece da minha vida! Não percebeste isso com todo o desprezo que te dei? Eu estive quase para mudar de número por tua causa. Deixa-me em paz! Lá por teres tido a sorte de não seres presa, isso não te dá o direito de me vires chatear. Quero-te bem longe!

Laura ficou chocada com a rispidez com que ele lhe falou. Não contava com aquela raiva, mas não podia vacilar. Tentou esboçar um sorriso, mas saiu fraco, nervoso, perdido.

— Leonardo, é tão bom ver-te, querido. Tinha tantas saudades tuas… Aquela casa nunca mais foi a mesma sem ti.

— Então arranja mais um bebé para deixares morrer no teu quarto. Pode ser que assim fique mais composto.

Laura não se deixou afetar pelo comentário envenenado e continuou a sorrir, como se nada se tivesse passado entre eles. Como se ainda estivessem juntos. Leonardo não compreendia aquele alheamento. Era mesmo doida varrida.

— Precisamos de falar.

— Não, não precisamos — negou, ficando a dois metros de Laura de punhos cerrados.

— Não podemos beber um café e conversar? Tenho algo importante para falar contigo sobre o meu futuro e…

— Basta! — Leonardo estava num ponto de rutura.

— Mas, querido…

— Não me chames querido.

— … tenta ser razoável e ouve-me. Aqui, então. Pode ser?

— Vai. Te. Embora. Já.

Laura, sentindo-se frustrada perante a intransigência do inspetor, começou a chorar.

— Eu mudei… Quero mostrar-te que mudei…

— Mas eu não quero saber de ti, Laura. Tenho demasiadas coisas com que me preocupar…

— Eu sei. A tua mãe, o julgamento, a operação… — Olhou para o abdómen dele. — Como correu? Estás bem?

— Não é da tua conta. Adeus, Laura. — Virou-se para Marta. — Vens beber um copo, M&M?

Marta abriu muito os olhos, surpreendida por ter sido atirada para o meio da discussão. Ela, que apenas estava à escuta para ajudar o colega caso ele necessitasse, não queria que ele a usasse para ferir Laura. No entanto, perante a tensão do momento, assentiu ligeiramente e andou com hesitação.

Eles passaram por uma muito surpreendida Laura, que ficou de boca aberta a vê-los caminhar, sem acreditar no que estava a acontecer. Quando o inspetor colocou a chave na fechadura da porta do prédio, um grito ferido chocou-o profundamente.

— Eu estou grávida de ti, Leonardo!

CAPÍTULO 13

LEONARDO E MARTA

A chave ficou na fechadura, sem se mexer, durante largos segundos. Leonardo não conseguia dizer nada. Ao ouvir que Laura estava grávida de um filho seu, o mundo parou. O tempo deixou de contar. A cabeça entrou num turbilhão de pensamentos. Era uma bomba atómica. Quando ele achava que tinha problemas suficientes, eis que o destino o presenteava com mais um.

Leonardo, se fosse verdade o que Laura afirmava, ia ser pai.

Retirou a chave da fechadura e aproximou-se de Laura, numa passada lenta, incrédula.

— O que é que tu disseste?

Laura chorava agora de emoção por ter revelado o seu grande segredo.

— Estou grávida.

— Estás a falar a sério?

— Vais ser pai, Leonardo.

— Mas usámos sempre proteção. Eu fiz questão disso.

— Exceto daquelas vezes mais… quentes, em que não havia tempo a perder e saltámos esse passo.

Cerrou os dentes, irritado consigo próprio pelo descuido. Sentiu Marta retrair-se.

— Mas disseste-me que tomavas a pílula.

— Sabes bem que não é cem por cento certo… — Laura sorriu, delirante.

Leonardo abanou a cabeça. Sentia-se apático, a viver um pesadelo. Era impossível aquilo estar a acontecer-lhe.

— Fizeste de propósito — murmurou. — Fizeste de propósito, não foi? Não foi? — Os murmúrios transformaram-se em gritos de pura raiva.

Olhou instintivamente para Marta. A colega tinha os lábios cerrados num fio trémulo, os olhos a brilhar.

— M&M, eu juro que não sabia de nada…

— Vou deixar-vos a sós para resolverem este assunto. Até amanhã.

Sem reação, viu-a afastar-se deles, entrar no carro e partir rumo a Odivelas.

Focou a sua atenção em Laura e viu-a acabar de limpar o rosto das lágrimas com um lenço de papel.

— Tens a certeza de que estás grávida?

— Já fiz vários testes e sim, tenho a certeza. Tenho há quase dois meses, mas quis dar tempo para não me precipitar. Hoje fui a uma consulta com uma obstetra que confirmou. Tenho aqui a ecografia para veres. É o teu filho, Leo. O *nosso* filho.

— Mas… quando?

— Deve ter sido a meio de novembro. Estou com quatro meses de gravidez. Não se nota?

Leonardo ignorou a barriga ligeiramente volumosa de Laura.

— Tens a certeza que é meu?

Laura ficou muito séria e parecia debater se lhe dava um estalo na cara.

— Não faria isto se não tivesse a certeza. Até porque desde que te conheci que não estive com mais ninguém. Eu… apaixonei-me por ti. Não queria, tendo em conta a forma como acabámos, mas não me sais da cabeça. Ter descoberto a gravidez foi como uma bênção. Há nova esperança para nós.

— Estás com a ideia de que vamos reatar a nossa relação?

— Não queres?

Leonardo ficou em silêncio. Pelas suas contas, ia ser pai no final de agosto. Era surreal.

Ia mesmo ser pai. Admitindo que era verdade, ele não podia deixar um filho seu ser criado por uma assassina de bebés. Não podia deixá-lo à sorte, podendo haver o risco de Laura sofrer de depressão pós-parto novamente e de o deixar a morrer à fome e ao frio.

Não.

Avistou o carro verde de Marta ao fundo da praça a desaparecer de vista.

Só esperava que para isso não tivesse de abdicar da sua felicidade.

CAPÍTULO 14

LEONARDO

— Não vais dizer nada, querido?

Leonardo desviou o olhar do local por onde Marta desapareceu, ainda em choque. Continuavam à porta do prédio e ele não fazia tenção de a convidar para subir.

— Não me chames querido. Não me esqueço de que te safaste da prisão por pouco. Por acharem que estavas louca. Portanto, para já vou confiar na tua palavra e acreditar que estás mesmo grávida. De mim. — Um brilho alegre surgiu no olhar e no rosto de Laura. — Mas vou exigir duas coisas.

— É o que quiseres. O que me interessa é que acredites em mim e que queiras este filho…

— Quero que vás a uma consulta com um obstetra à minha escolha para confirmar a gravidez.

— Combinado.

— Mas eu vou contigo. Quero ter a certeza de que estás grávida.

— Eu acho que já se nota — voltou a passar as mãos de forma protetora na sua barriga, claramente aumentada —, mas tudo bem. Compreendo. Qual é a outra condição?

— Quando nascer, a criança terá de fazer um teste de paternidade para ter a certeza de que sou eu o pai. — Vendo como ela estava a ficar enervada, acrescentou: — Defeito de inspetor. Preciso sempre de provas ou viverei com essa incerteza e isso nunca poderá ser bom para mim nem para a criança.

— Nem para mim. Isto não é uma novela e eu não estou a fingir nada para te agarrar. — Sorriu. — Só quero que sejamos felizes, como uma família.

— Isso são duas coisas distintas. Não as ponhas no mesmo saco.

— Querido…

— Não me chames querido.

— … depois do que me aconteceu, do que nos aconteceu, eu prometi a mim mesma que ia melhorar se ficasse em liberdade. E nem sabia da gravidez. Fiz muita terapia, e quando soube que estava grávida fiz ainda mais. Foram semanas e semanas em terapia com um único objetivo: conseguir cuidar desta criança e mostrar-te que mudei. Tens outra Laura à tua frente. Sou outra mulher. Quero que esta criança nasça e cresça saudável. Rodeada de amor. É só isso que quero. Mas para isso preciso da tua ajuda, do teu apoio. Preciso de ti, Leonardo. Sem ti, tenho receio que toda aquela terapia possa não ser suficiente.

Leonardo engoliu em seco.

Apesar da forma como se separaram, aquele filho poderia ser sangue do seu sangue. Laura parecia rejuvenescida. Diferente. Notava nela uma leveza que nunca lhe vira.

Mas seria suficiente? O receio dela era o seu receio. Apesar da notável mudança em Laura, sentia que se deixasse a criança à sua mercê, iria viver na insegurança de que ela o pudesse deixar morrer.

Imagens do cadáver da filha de Laura não lhe saíam da cabeça. Ela deixara a filha morrer. Apodrecer. Faria o mesmo com aquele bebé? Tinha de intervir. Se recusasse aceitar o bebé como seu, Laura podia entrar numa espiral de negativismo e loucura que a levariam a provocar o aborto ou lançá-la-ia para uma nova depressão pós-parto que poria em risco a vida do bebé.

Não queria viver com Laura. Não iria viver com ela.

— Preciso que assumas o bebé. Fiz de tudo para ser melhor, e vou continuar a ir à terapia, mas tenho medo que aconteça o mesmo que com a minha filha… Não quero cometer erros. Não outra vez. Preciso de ti.

— *Se* o bebé for meu, irei assumi-lo e criá-lo juntamente contigo. Mas não na

mesma casa, não na mesma vida em comum. Eu e tu não… existe. Estamos entendidos?

Laura assentiu, chocada com a ferocidade das palavras dele. Não pensou que ele seria capaz de resistir daquela forma.

— Adeus, Laura.

— Adeus.

Leonardo mal dormiu nessa noite.

Não queria seguir o rumo que a vida lhe estava a impor. Queria perceber o que sentia por Marta. Queria explorar a relação deles e perceber o que estava do outro lado.

Sentiu um aperto enorme no coração que o manteve acordado até altas horas da madrugada. Conseguiu dormitar um par de horas, antes de se levantar cedo e pegar no telemóvel. Abriu a aplicação do hospital onde fora operado, e procurou um obstetra para marcar uma consulta. Encontrou uma Dra. Maria Albuquerque e marcou para a hora de almoço do dia seguinte. Devia ter sido uma desistência de última hora, mas o inspetor aproveitou-a sem hesitar. Queria confirmar a gravidez de forma definitiva.

Que ele ia assumir a criança, era uma ideia já bem assente na sua mente e na sua consciência. Ele queria muito ser pai e não iria deixar aquela oportunidade escapar. Mas também não queria deixar Marta escapar….

Haverá uma opção onde fico com o melhor dos dois mundos?

Uma ideia invadiu-lhe a mente. Não era uma ideia, era um pequeno ponto escuro, uma névoa que ainda não era nada, mas que o deixou assombrado.

CAPÍTULO 15

MARTA

Chegou a casa, descalçou os sapatos e deixou-se cair na cama, o olhar preso no teto.

Sentia-se frustrada, irritada.

Furiosa.

A gravidez de Laura. Grávida de Leonardo.

Apesar de um dia de trabalho proveitoso, era nisso que pensava. Mulheres a serem assassinadas brutalmente e ela preocupada com a sua relação. Ou não relação. O que era aquilo que tinha com Leonardo?

Nunca tivera um desgosto de amor; afinal, nunca se interessara a sério por ninguém. Fazia sexo por diversão e por prazer, mais nada. Queria apenas viver a vida e o que esta tinha de melhor para oferecer. Nunca se arrependeria de o ter feito, mas agora mudara a sua perspetiva por causa de um único homem.

Homem, esse, que acabava de saber que ia ser pai com outra mulher. Uma mulher com quem vivera um romance fogoso meses antes e que acabara mal; uma mulher que tudo fizera para mudar e ser melhor pessoa para ele a aceitar mais ao bebé.

Como podia ela competir com isso?

Deu um pequeno berro de frustração, abafado com uma almofada para não incomodar os vizinhos, e acabou por adormecer por cima dos lençóis. No rosto, viam-se marcas das lágrimas que secaram durante a noite.

Eram lágrimas de quem julgava aquela guerra perdida.

CAPÍTULO 16

LEONARDO E MARTA

Chelas era o nome oficioso de uma vasta área da freguesia de Marvila, na zona oriental de Lisboa. Acarretava consigo toda uma fama duvidosa, de tal forma que os taxistas e os entregadores de pizzas se recusavam a passar por lá. As notícias nunca ajudaram a popularizar aquela zona, cavando ainda mais esse fosso entre a região e a opinião pública.

A vítima encontrada no dia anterior em Camarate vivia numa das zonas mais antigas, no Bairro da Flamenga. Marta estacionou o carro, encarou os prédios decadentes e dirigiu-se à porta da amiga da mais recente vítima.

Estava destrancada, pelo que simplesmente entraram e começaram a subir as escadas até ao quarto piso.

— Estás bem, Leo? — perguntou, ao chegarem ao patamar e ao virarem para o lado direito, onde vivia a prostituta.

Leonardo sentiu algumas gotas escorrerem pelas costas, o estoma a picar de dor, mas a um nível tolerável.

— Sim, tudo tranquilo. Vamos lá falar com a mulher. Ela disse-nos o nome?

— Por acaso, não, mas a vítima é a Inês.

— Bate à porta e logo vemos se é ela que nos recebe — sugeriu. — Tenho cá um feeling de que ela nos passou a perna e nos deu a morada errada…

Assim o fez e, menos de um minuto depois, uma figura delgada, desmaquilhada e de pijama surgiu no enquadramento da entrada do apartamento. Apesar da descoloração e da simplicidade da roupa relativamente ao que presenciaram na noite anterior, não tinham dúvidas de que era a mesma pessoa.

— Acham mesmo que vos ia enganar? Porquê? Por ser uma puta? Sou a Tatiana. Pinto. Estas paredes são fininhas — comentou, olhando com interesse

para Leonardo, reparando que ele parecia estar a disfarçar algum tipo de dor. — Tenho um remédio ótimo para as dores, se precisar.

Leonardo mostrou-se desconfortável por estar a ser analisado por uma pessoa de interesse para investigação.

— Podemos conversar? — interveio Marta, ignorando o que Tatiana tinha sugerido ao colega.

— É melhor falarmos aqui — indicou, barrando-lhes a passagem, os braços cruzados. — As minha filhas ‘tão na escola, mas a filha da Inês ‘tá aqui e ‘tou à espera do melhor momento para lhe contar que… vocês sabem.

— A Tatiana tem duas filhas e a Inês tem uma?

— Exatamente. A minha Débora tem nove anos e a Mariana tem onze. A miúda da Maria Inês, a Rita, tem apenas sete. Entrou este ano para a primária, ‘tadinha.

Eles assentiram e Marta abriu a aplicação de notas do telemóvel, a fim de anotar as declarações de Tatiana. Começou pelos nomes e idades das filhas.

— Vamos tentar ser breves.

— É bom que sim, tenho mais que fazer. Chutem.

— A mulher desta foto é a Maria Inês, correto? — começou Marta, voltando a mostrar a fotografia do rosto da vítima, já sem vida, mas percetível.

— Não estava bêbada, não se preocupem. É ela, sim, com muita pena minha, ficam já a saber. É a Inês, p’ra mal dos meus pecados.

— Portanto, nesta casa vivem vocês as cinco?

— Exatamente. Eu, a Inês, as minhas duas filhas e a filha dela.

— Se vocês trabalham de noite, quem fica com as crianças?

— A minha irmã.

— Irmã?

— Sim, ela mora aqui neste prédio também. Vive sozinha. Chama-se Neuza. O marido morreu de overdose e deixou-a sozinha com uma dívida do caralho, coitada.

— Então ela vem aqui todas as noites cuidar das vossas crianças enquanto vão trabalhar?

Tatiana assentiu, sacando de um cigarro, acendendo-o e metendo-o nos lábios com naturalidade.

— A minha irmã trabalha durante o dia e vive sozinha. Ela até agradece passar as noites com as nossas filhas.

— O que nos pode dizer da Maria Inês?

— Sei que ela fugiu de casa aos dezoito anos e que precisava de um emprego para ter uma casa e para educar a filha.

— Sabe porque é que ela fugiu?

— Acho que o pai abusava dela.

— O pai dela violou-a?

Tatiana deu uma passa longa no cigarro, expelindo uma nuvem prateada que os envolveu durante segundos.

— Parecem chocados. Sabem que isso é mais comum do que pensam, ‘né? O meu pai quis abusar de mim quando me desenvolvi, ‘tão a ver? Quando fiquei com mamas e um rabo de mulher. Tinha uns catorze anos. Aquele cabrão não resistiu e tentou enfiar-me aquela pila entre as minhas pernas. Dei-lhe com um jarro na cabeça. Nunca mais tentou fazer o mesmo. Mas nem todas são como eu, nem todas conseguem fazer frente aos pais. A Maria Inês não de certeza, coitada. Era demasiado gentil para o que a vida impunha. Foi violada pelo pai várias vezes, até que decidiu fugir de casa. Acabou por se envolver com pessoas más e arranjou refúgio na droga. Enfim, a história do costume.

Os inspetores sabiam dessa realidade, a de que centenas, se não milhares, de mulheres recorriam à prostituição para sobreviverem numa sociedade cada vez mais desigual e injusta. À prostituição estava fortemente associado o abuso sexual e o consumo de drogas.

Ainda assim, o que mais os chocava era a indiferença com que Tatiana falava da história de Maria Inês. O que teria ela passado para contar a história da colega de casa como os amigos dos inspetores contavam as suas, quando referiam que o normal era fazer a escolaridade obrigatória, tirar um curso na faculdade e arranjar emprego, casar e ter filhos?

— Então ela era toxicodependente?

— Claro. Uma rapariga como ela não aguenta esta vida sem anestesia. Eu própria… uh… também era. Agora já não preciso tanto. As pichas gordas e flácidas já não me assustam tanto.

— Os pais dela estão vivos?

— Infelizmente, ya.

— Sabe onde vivem?

— Na Damaia. Não sei onde. Isso é convosco.

— Suponho que tenha aí alguma identificação da Maria Inês?

Tatiana revirou os olhos e assentiu. Terminou o cigarro e lançou a beata na direção dos inspetores, que se afastaram da linha de tiro. Segundos depois, ela apareceu com uma pasta amarela, semitransparente, que parecia conter vários documentos.

— A carteira estava com ela, mas ela tinha a mania de ter toda a documentação em ordem. Por causa dos serviços sociais, ‘tão a ver? Até a mim me obrigou a fazer o mesmo, quando ‘tive quase a perder as minhas filhas para o sistema. Ela era uma boa rapariga, não merecia esta merda…

Os inspetores anuíram, mantendo um silêncio respeitoso perante a demonstração de sentimentos de Tatiana, que tentou a todo o custo conter as lágrimas, mas não os enganava. Queria passar uma imagem forte, de um muro sólido e inquebrável, que devia ser a melhor armadura que ela podia usar, mas eles perceberam como ela se sentia.

Foi como Leonardo se sentiu quando perdeu Helena nas Olimpíadas da Morte; era demasiado boa pessoa para o que a vida lhe impusera.

E foi como Marta se sentiu quando achava que o colega estava morto na ilha da Madeira.

CAPÍTULO 17

LEONARDO E MARTA

Não foi preciso muita investigação para descobrirem que os pais de Maria Inês Soares, Adérito e Marcelina, viviam numa rua estreita na Damaia. As fachadas das casas eram ainda mais decrépitas do que em Chelas, com paredes semidestruídas e uma má manutenção de tudo no geral.

Uma mulher de robe sujo abriu-lhes a porta com um rancor que parecia ser costume nela.

— Senhora Marcelina Soares?

Ela olhou-os com notada desconfiança, a avaliar quem estaria à sua procura.

— São chuis?

— Viemos para falar da sua filha, Maria Inês.

— O que lhe aconteceu?

— Talvez seja melhor falarmos dentro de casa…

— Aqui não entram. Sem uma ordem do juiz não vos deixo entrar. Que querem?

— Quem é, caralho? — perguntou uma voz masculina vinda do interior da casa.

— Cala-te! Não é ninguém — gritou ela em resposta, sem tirar os olhos dos inspetores. — Que querem? — voltou a perguntar, novamente num tom normal.

— A vossa filha foi encontrada morta, esta manhã, e queríamos fazer-vos umas perguntas — anunciou Marta, constrangida por estar a dar uma notícia daquelas na rua.

— Merda… Agora querem que sejamos nós a cuidar da pirralha dela? Já me basta ter de alimentar aqueles dois animais…

— Não estamos cá por isso, mas sim…

— Acham que fomos nós? Já não vemos a Maria Inês há vários anos e estávamos todos bem assim. Não temos culpa de nada, ouviram bem? Era o que faltava, vêm a minha casa fazer essas acusações.

— Só queríamos saber…

— Sem mandado, nada feito. Bom dia.

Desapareceu da vista e fechou a porta de metal com força. Os inspetores ficaram a entreolhar-se, sem saberem o que dizer perante o que lhes acabara de acontecer. Restava-lhes, apenas, enviarem uma notificação para comparecerem na PJ para prestarem declarações. Se eles se recusassem, podiam pedir aos seus superiores um mandado que os obrigasse a tal. No entanto, a ser verdade que eles não viam a filha há anos, não seriam de grande ajuda e não valeriam o esforço. Viraram-se e caminharam de regresso ao carro, frustrados.

— Ei, esperem!

Um jovem com cerca de vinte anos correu no encalce dos inspetores e parou quando eles se viraram e aguardaram por ele, expectantes. Trazia um boné com a pala para trás, calções rotos, ténis novos em folha, de marca, e uma camisola do Sporting Clube de Portugal.

— Sim?

— Sou o irmão da Maria Inês. Às 13h30 no restaurante Delícias Maravilhosas. Conto-vos tudo. Pagam vocês. Até já!

E voltou a correr para casa sem dar tempo aos inspetores de responderem.

— Começo a fartar-me de não ter o controlo da situação — confessou Marta, as mãos fechadas com força.

— Eu sei, M&M. Também me estou a sentir um bocado frustrado com tudo isto. Mas pode ser que ao almoço fechemos esta parte da investigação.

— Sim, veremos.

Leonardo consultou o relógio e sentiu o coração saltar uma batida ao ver que estava quase na hora de algo que também lhe estava a fugir ao controlo.

Estava a chegar a hora da consulta de obstetrícia.

CAPÍTULO 18

LEONARDO

«Portas a abrir».

Leonardo inspirou fundo enquanto as portas do elevador se abriam. Aguardou que um casal saísse, não deixando de reparar na barriga proeminente da jovem e no seu sorriso radiante. Ia ser mãe e parecia felicíssima.

Por que razão ele não se sentia assim, estando prestes a saber não só que ia ser pai, como iria saber o sexo da criança?

Virou para a sala de espera, à procura de Laura.

— Leonardo, aqui!

Uma mão levantada anunciava a presença de Laura Capuchinho, no meio da azáfama do piso de obstetrícia e ginecologia do Hospital CUF Tejo.

— Chegaste mesmo a tempo, acabaram de chamar a nossa senha. Vamos. Ah, e antes de sabermos o sexo da criança, que tal se for eu a escolher o nome se for uma menina e tu se for um menino?

Ele assentiu, pensando involuntariamente em nomes masculinos. O entusiasmo que irradiava de Laura era contagiante, e Leonardo conseguiu esquecer-se do seu debate interior.

Entraram no gabinete e uma médica jovem, sorridente e encantadora recebeu-os com o mesmo entusiasmo com que Laura lhe falou sobre o seu historial nos minutos que se seguiram. Leonardo foi assentindo, continuando a achar aquele cenário surreal. Como é que de repente estava numa consulta de obstetrícia com Laura, prestes a conhecer o seu bebé?

— Muito bem — disse a médica, no final da exposição de Laura. — Pelo que vejo, estão ansiosos por saber o sexo do bebé. Não vos demoro mais. Venham!

Laura despiu a parte de baixo da roupa com uma prontidão que até o deixou um pouco constrangido. Não que já não a tivesse visto nua, mas não pensava que

a voltaria a ver. Sentou-se na cadeira, as pernas nos apoios que as mantinham afastadas para a médica.

— Creio que, tendo em conta o tamanho da sua barriga, poderei usar o ecógrafo normal. Não era necessário despir-se da cintura para baixo.

— Ah, ok... — Laura sorriu, envergonhada.

Laura subiu a camisola, expondo o seu ventre redondo, cheio de vida, onde a médica colocou o gel ecográfico. De forma profissional, pousou o ecógrafo no ventre e movimentou-o enquanto observava o monitor, com fundo preto e com manchas em tons de cinzento e branco, que tanta confusão fazia aos leigos, mas que era sempre tão clara para os médicos.

— Ora muito bem, aqui têm a cabeça…

Uma esfera surgiu no ecrã, mas só quando a imagem mostrou a cabeça de perfil, com o nariz e a boca bem visíveis, é que Leonardo conseguiu confirmar de que era mesmo a cabeça.

— Aqui está o coração a bater…

Clicou em alguns botões e, depois de pedir a Laura para não respirar, um gráfico pungente surgiu no ecrã, acompanhado de um batimento acelerado.

— É o coração do nosso bebé, Leonardo!

Emocionada, com os olhos vermelhos e lágrimas a espreitarem, estendeu a mão a Leonardo. Instintivamente, vidrado no que o monitor lhes mostrava, aceitou a mão na sua.

— Muito bem, vamos então ver a zona das pernas…

Imagens mutavam com rapidez enquanto a médica procurava por algo que eles não entendiam. Era impossível interpretar aquelas imagens. Conseguiu ver um pé e uma mão, por causa dos dedos, talvez uma perna, ou seria um braço?

A médica clicou noutro botão e a imagem estacou.

— Posso dizer o sexo da criança?

— Sim, doutora.

Ela apontou com ânimo para uma mancha branca no meio daquele negrume.

— É um rapaz! Está a crescer supersaudável na barriga da mãe. Agora em relação aos cuidados a ter…

Mas Leonardo não prestou mais atenção ao que a médica disse.

Agora era mais real que nunca.

Não só ela estava grávida de quatro meses e dois dias, como já sabiam por quem iam esperar dali a cinco meses.

O pequeno Raul estava a caminho.

CAPÍTULO 19

LEONARDO E MARTA

— Então, não petiscas nada? O gajo ainda não apareceu, aproveita — indicou Marta, apontando para umas azeitonas num pires.

Leonardo continuava no mesmo torpor que surgira na consulta de obstetrícia com Laura. Eram quase duas da tarde e estava sentado de frente para Marta no restaurante Delícias Maravilhosas, como indicado pelo jovem que os abordara depois do falhanço da tentativa de falar com os pais da vítima. No entanto, vendo como ele estava um pouco apático, a inspetora inspirou fundo e resignou-se a abordar o tema que tanto receava, mas que a matava de curiosidade.

— Como correu a consulta?

Olhando-a com atenção, viu no seu olhar como ela estava triste por falar naquele assunto. Vira-se forçada a lançar o tópico perante o ar ausente dele próprio.

— Ela está mesmo grávida.

— Merda! — praguejou, entredentes, sem qualquer tentativa de esconder o que sentia. — Está de quanto tempo?

— Quatro meses e dois dias.

Marta pareceu fazer contas de cabeça.

— Bate certo. Confia em mim. Fiz as contas várias vezes para ter a certeza. Ninguém fez mais vezes as contas.

— É suposto nascer quando?

— A dez de agosto.

— E o sexo?

Leonardo não deixou de esboçar um pequeno sorriso ao pensar no nome do seu futuro filho.

— É um menino. Raul.

— Raul é um nome lindo, Leo. Foste tu que escolheste?

Ele assentiu. Como estava a falar com Marta sobre um filho que ia ter com outra mulher? Como chegaram eles àquela posição? Quanto mais pensava nisso, mais sentia que era com aquela mulher ruiva e inteligente que devia ficar. Era com ela que era suposto ficar, mas a vida nem sempre nos corria de feição.

— Vais assumir a criança?

— Sim, isso vou de certeza. Não vou permitir que o Raul fique a cargo exclusivo da Laura. Era impensável. Por muita terapia que ela tenha, é um risco muito grande para suportar.

— Aquela lunática conseguiu agarrar-te mesmo bem — comentou, com um toque de maldade.

— Que queres dizer com isso?

— Vá lá, Leo, achas mesmo que essa gravidez não foi uma artimanha?

— Eu vou pedir o teste de paternidade quando o Raul nascer, obviamente. Não iria avançar sem ter provas concretas.

— Não é isso — disse, pegando numa azeitona e metendo-a na boca —, estou a dizer que ela deve ter feito de propósito para engravidar de ti. Caraças, ela tinha o esqueleto da filha em casa! Mesmo que não fosses um inspetor, terias descoberto aquele corpo mais tarde ou mais cedo. Ela quis certificar-se de que não a abandonarias quando descobrisses esse podre dela. Só pode, é a única explicação.

— Não seria totalmente descabido, mas isso não invalida que ela tem um filho meu a crescer dentro dela. E ela é uma mulher suscetível de depressão pós-parto. Como é que vou viver sabendo que o Raul está sozinho com ela? E se ele berra sem parar nos primeiros dias e ela frita os miolos por não o conseguir calar e o

mata ou deixa a morrer sem comer? Como é que irei viver nos dias em que não estiver a cuidar dele?

— O que queres dizer com isso, Leo? Estás a considerar viver com ela quando o Raul nascer? Como se fossem um casal?

Leonardo passou as mãos pelo rosto, emitindo um «aaah» agastado.

— Sabes bem que não o quero fazer, M&M.

— Sei?

— Sabes, sim — levantou o olhar e, sem receios, estendeu a mão esquerda sobre a mesa, os quatro dedos esticados na sua direção.

Marta parecia em conflito interior, mas acabou por envolver a sua mão na de Leonardo, massajando com ternura o pequeno coto do dedo que lhe fora cortado no passado.

Sentiu que ela lhe ia fazer a pergunta fatal, quando o jovem entrou pela porta do restaurante e os procurou. Leonardo ergueu a mão para assinalar a sua posição e viram-no percorrer as mesas ocupadas por clientes. Era um restaurante familiar, acolhedor, com comida tipicamente portuguesa e barata. O jovem, ainda vestido com a camisola do Sporting e o boné para trás, avançou com um gingar estranho, como se estivesse a ouvir alguma música que lhes era inalcançável. Sentou-se no lugar de Marta, que ao saber da sua chegada tinha-se mudado para o lado do colega.

— Obrigada por ter vindo.

— O prazer é meu — disse, pegando imediatamente num pão e na manteiga. Rasgou o pão e barrou manteiga nesse pedaço, enfiando-o logo na boca, sem preâmbulos.

— Muito bem, eu sou a inspetora Marta Mateus e este é o meu colega…

— Leonardo Rosa. Vencedor das Olimpíadas. Eu sei bem quem é. Nós

estamos a torcer por si, sabe? Para que fique livre.

— Obrigado. E tu, quem és?

— Sou o filho daquela mulher rezingona que vos despachou esta manhã.

— És irmão da Maria Inês, portanto?

— Claro.

— Uma vez mais, obrigado por nos quereres ajudar. Não sei se…

— Esperem aí, ainda não pedi. Vocês já pediram?

Ele chamou o empregado com um assobio e fizeram os três os seus pedidos. Foram todos corridos a bitoque, os inspetores pouco interessados no que iam comer e sim no que o irmão da vítima ia dizer.

Com a aplicação de notas do telemóvel aberta, Marta lançou-se ao jovem.

— Como te chamas?

— Miguel.

— Miguel Soares?

— Yes.

— Idade?

— Vinte anos.

— E a tua irmã?

— Vinte e dois.

A mesma idade que a primeira vítima do Estripador original, pensou Leonardo.

— Há quanto tempo a tua irmã saiu de casa?

— Quando fez 18 anos. A Rita, a minha sobrinha, já devia ter uns 3 anos, acho eu. Um dia, saiu com ela nos braços e nunca mais voltou.

— O que a fez fugir?

— Tanta coisa. O cabrão do meu pai, a cabra da minha mãe, as perspetivas de merda de vida, é só escolherem. Os meus pais recusavam-se a cuidar da miúda, e claro que a minha irmã não podia pagar a uma ama e muito menos a uma creche, estão a ver?

— Eles não queriam cuidar da neta?

— Acha mesmo? Ainda por cima ela era uma chorona, eles tinham lá paciência para isso. Eu apanhei-os a dar bagaço no biberão para ela adormecer mais facilmente. Quando a Inês soube disso, foi a gota de água.

— E nunca mais voltou a casa? Nunca mais falou convosco?

— Comigo, sim. Com os meus pais é que não.

— Vocês falavam com que frequência e onde?

— Às vezes ela ia buscar-me à escola e lanchávamos juntos. Nos últimos dois anos, como comecei a trabalhar numa oficina, ela aparecia lá de vez em quando.

— Como estava ela?

— Bem.

— Bem?

— Bem, para a nossa realidade. Pelo menos conseguia pagar um quarto, roupa para a miúda e comida. É uma vitória, acreditem. Quem me dera sair daquela casa.

— Sabes o que ela fazia para ganhar a vida?

— Não sou burro. Sei que ela se prostituía, e que se drogava.

— E o que achavas disso?

— Achava bem. Ela arranjava sempre uma dose ou outra para mim.

— O que é que ela consumia?

— Haxixe, heroína, dependia do que lhe apetecia na altura. E do dinheiro que

tinha.

— Alguma vez te falou do emprego dela?

— Não.

— Do que falavam?

— Da vida no geral. Mais de mim do que dela.

— A tua irmã tinha problemas com alguém em específico? Sabes se devia dinheiro da droga, ou assim?

— Ela parecia estar a endireitar a vida. Pelo menos era o que ela dava a entender.

— Havia algum conflito, digamos, especial, entre a tua irmã e os teus pais?

— A minha mãe era uma besta com ela, sempre a gritar e a exigir que trouxesse dinheiro para casa. Foi ela que a apresentou ao tipo que a levou para as drogas e para começar a vender o corpo. Os meus pais consomem bastante e precisavam de mais uma pessoa a contribuir para manter o vício. E ela foi quando estava grávida.

— Ela começou a prostituir-se quando estava grávida?

— Ya, o pessoal que tem esse fetiche paga bem, e como ela ficou viciada em drogas leves e a mãe azucrinava-lhe o juízo para trazer dinheiro para casa, não teve outra opção.

— E com o pai?

— Eu sei que ele abusou dela quando era mais nova. Ele tentou o mesmo comigo.

— E… conseguiu?

— Quando era miúdo, sim. Não me recordo muito bem, mas lembro-me de ele me pedir para lhe mexer na picha até ficar tesa e… — pela primeira vez, viram um pingo de emoção no rosto duro de Miguel — não interessa. Já passou. Ele há

muito que não tem força nem coragem para tentar. Ai dele, matava-o logo. Ele sabe disso. Está tudo controlado agora.

— Como te sentes em relação à situação da tua irmã?

A comida chegou nessa altura e seguiram-se alguns minutos de silêncio enquanto começavam a comer, com Miguel a devorar o seu prato.

— Imagino que…

— Não imagina nada! — Vários bagos de arroz voaram da boca para a mesa perante esta ligeira exaltação. — Eu…

Continuou a comer, fechando-se para eles.

— Sentes que falhaste com ela — sugeriu Leonardo, empático —, sentes que a podias ter protegido se fosses mais forte, mais crescido na altura. Se fosses tu o irmão mais velho tinhas conseguido que a tua irmã não fosse para a má vida e talvez tivesse um futuro. Podias ter evitado que ela fosse assassinada.

Ele parou de comer, os lábios cerrados e o olhar fixo num ponto do seu prato. As mãos envolviam os talheres com tal força que os nós dos dedos estavam brancos.

— Vocês não sabem o que é os meus amigos e vizinhos comentarem que tinham comido a minha irmã, vezes sem conta, que a fizeram gemer, que era uma puta cara, que fazia um broche excecional, que isto e aquilo.

— Não deve ser fácil ouvir isso.

— Às tantas esses cabrões já iam fodê-la só para se exibirem lá no bairro. A minha irmã sempre foi cobiçada. De repente, qualquer um teria acesso a ela, ao corpo dela, a fazer o que quisesse com ela. Bastava pagarem. É muito mau, uma merda. Uma humilhação constante.

Teriam eles notado um certo alívio por Miguel saber que a irmã estava morta e que aquelas humilhações iriam finalmente terminar?

— Sabes onde ela costumava trabalhar?

— Sei. O pessoal fazia questão de dizer, alto e bom som, onde a podiam encontrar para a foderem.

— Onde?

— Ao pé do Técnico e às vezes no Marquês de Pombal, ao pé do Parque Eduardo VII. Aquilo à noite é um antro de putas. Ela variava, sei que também ia lá para os lados do Martim Moniz.

— Sabes quem é o pai da criança? Da Rita.

— Não. A Inês tinha 15 anos quando engravidou, eu tinha 13. Sabia lá com quem ela andava ou deixava de andar. Esse era o problema. Se fosse eu o mais velho…

Não terminou a frase, preferindo atacar o bife com voracidade.

Entregaram-lhe um cartão com os contactos, para ter para onde ligar caso se recordasse de algo importante que os pudesse ajudar na investigação.

Com a refeição a meio, agradeceram a ajuda e abandonaram a mesa, pagando a conta no balcão antes de saírem do restaurante. Um último olhar revelou que o irmão da vítima estava a devorar a comida que eles tinham deixado para trás.

No entanto, o que ficara na retina de Leonardo foi aquele descontrair de ombros, o relaxar da respiração e o alívio quando o jovem falou em como, com Inês morta, a humilhação que ele sofrera nos últimos anos tinha acabado.

CAPÍTULO 20

LEONARDO E MARTA

Nessa tarde, passaram pelo laboratório da Polícia Científica no edifício da Polícia Judiciária. Precisavam de saber se os exames laboratoriais estavam completos ou em estado avançado. Sabiam que havia muitos mais vestígios à frente do caso deles, mas a urgência que tinham implicava uma maior atenção dos técnicos.

Eram sobejamente conhecidos, como um pouco por todo o país de forma transversal a todas as áreas, os atrasos a que os relatórios estavam sujeitos, o que muitas vezes não servia a urgência da investigação. Se não fossem eles a pressionar, mais ninguém o faria.

No quarto piso, dirigiram-se ao gabinete da técnica responsável, Carolina Pinotes, que já havia colaborado com eles anteriormente.

— Olá, Carolina! Desculpa lá estarmos a pressionar, mas têm alguma novidade nas análises ao sangue da vítima de Camarate, de ontem?

Carolina, surpreendida pela inesperada aparição dos inspetores, olhou-os com estranheza através dos seus óculos sem armação. O rosto abriu-se num sorriso quando os reconheceu.

— Eu vi logo que tinham de ser vocês encarregues deste caso. Tinha a vossa cara. — Olhou com mais atenção para Leonardo. — Como estás, Leonardo?

— Referes-te ao quê, exatamente? Há tanto por onde escolher — brincou, sorrindo.

— Infelizmente é verdade. Mas encarar a situação com humor é um ótimo sinal. — Virou-se para um armário, abriu uma gaveta e consultou vários papéis. — Ora bem, o caso de Camarate, uma jovem de 22 anos, caucasiana, estripada e sem alguns órgãos, removidos no crime.

— Isso mesmo.

Carolina sacou a pasta da gaveta e continuou a ler.

— O sangue recolhido pertence apenas à vítima.

— Não houve luta — deduziu Marta, focada.

— Havia lá algumas pontas de cigarro, preservativos, papéis rasgados, seringas, elásticos, mas tudo de múltiplas pessoas, muitas delas com impressões impossíveis de recolher. Não creio que consigam algo por aí.

— Aquele barracão devia ser usado para coisas muito recreativas, certamente.

— Parece que sim — concordou de forma distraída, continuando a ler. — As impressões digitais que conseguirmos isolar ficarão no processo, para o caso de arranjarem algum suspeito.

— Boa.

— Os raspados subungueais não deram em nada. Tinham apenas terra e sangue da vítima.

— Tinha alguma esperança na análise às unhas da vítima — confessou Leonardo, a ficar impaciente.

— Não houve vestígios de tecidos nem nada. A análise ao sangue da vítima foi claro: continha níveis elevados de diacetilmorfina…

— Heroína.

— … e o teste de VIH deu positivo.

— Portanto a vítima era seropositiva e estava drogada com heroína na altura da morte.

— Os resultados não enganam.

— Obrigado, Carolina. Qualquer coisa que descubram, apitem.

— Sempre.

Sorriram e despediram-se.

— É oficial — vaticinou Marta, ignorando por completo os sorrisinhos entre Carolina e Leonardo no gabinete desta. A jovem técnica laboratorial tinha um efeito nos homens que ela nunca iria compreender e já aprendera a viver com isso; sabia que era tudo inofensivo e a situação em que estavam não permitia esses devaneios. — Tudo nesta vítima é igual à primeira vítima do Estripador original.

Leonardo assentiu, enquanto percorriam os corredores do edifício, de volta ao gabinete.

— Acho que está na altura de batizar o caso de *Estripador de Lisboa*.

Marta assentiu, parecendo nervosa ao chegarem perto das suas secretárias.

— Passa-se alguma coisa? — perguntou ele, imaginando que ela iria voltar a trazer o tema do filho à baila.

Marta mordiscou o lábio e aproximou-se da sua secretária, abrindo a primeira gaveta e retirando um sobrescrito já aberto.

— Não fui totalmente sincera contigo, Leo.

Sentou-se à beira da sua secretária, intrigado.

— Este envelope foi-nos entregue na manhã em que a Maria Inês morreu. Foi o que me levou a ir ter contigo imediatamente para nos ajudares.

— E o que é isso?

— Uma carta.

— Uma carta?

— Sim.

— De quem?

Ela inspirou fundo.

— Do assassino. Do Estripador de Lisboa.

CAPÍTULO 21

BÁRBARA

Bárbara: Olá, Pedro. Tás por aí?

…

…

…

Pedro: Olá, Bárbara! Como tás?

Bárbara: Nada bem

Pedro: Então? Passou-se alguma coisa?

Bárbara: Os meus pais, são uns merdas às vezes

Pedro: Pq?

Bárbara: Uns amigos queriam ir dar uma volta esta noite, mas eles n m deixam

Bárbara: Dizem que tenho de estudar

Pedro: Viver com os pais é muito bom até certo ponto

Pedro: Felizmente eu já não tenho esses problemas

Bárbara: Quem me dera!

Pedro: Mas já tás na faculdade, és maior e vacinada

Pedro: Devias poder fazer o q quiseres

Bárbara: Exato! É o q lhes digo

Bárbara: Mas eles n me ouvem. Lá por estar a viver c eles acham que só faço o que eles mandam

Pedro: Já passei por isso

Bárbara: Tens que idade, mesmo?

Pedro: 33

Bárbara: Pois é, já m tinhas dito. Qdo tiver essa idade vai ser só

ramboia eheh

Pedro: Espero estar nesses planos

Bárbara: Quem sabe

Pedro: Não há problema a diferença de idade?

Bárbara: Eu tenho 20. Não é assim tanto

Pedro: São 13 anos…

Bárbara: A idade é só um número! Pra te ser honesta, sempre me senti atraída por homens mais velhos

Bárbara: O meu pai é q nunca gostou lá mto disso

Bárbara: x'D

Pedro: Vives num apartamento ou numa vivenda?

Bárbara: Vivenda

Pedro: Então deve dar para te escapares sem os teus cotas te apanharem

Bárbara: Mas não quero envolver nenhuma das minhas amigas… n me ia sentir bem

Pedro: Eu passo por aí e levo-te

Pedro: O meu carro é elétrico, eles nem dao por nada ihih

…

…

Pedro: Bárbara?

…

Pedro: Não fiques chateada, foi só uma sugestão inocente

Pedro: Sei o quanto as festas são importantes na faculdade

Pedro: Não quero que percas essas experiências que ficam para a vda

Pedro: vida*

…

…

Pedro: ☹ Já não gostas de mim?

…

…

Pedro: Eu vi logo que era bom demais para ser verdade Pedro: Uma mulher como tu nunca se iria interessar por um gajo como eu

…

…

Pedro: Espero que esteja tudo bem

Pedro: Depois diz alguma coisa

Pedro: Se quiseres

Pedro: Tu é que sabes

Pedro: Beijinhos grandes

…

…

~~Pedro: Puta~~

Mensagem apagada

CAPÍTULO 22

LEONARDO E MARTA

Leonardo estava sentado na sua cadeira, virado para a parede atrás das secretárias, o olhar preso no quadro de cortiça com os apontamentos do caso *Estripador de Lisboa*.

— Deixa-me ver se percebi — retomou, depois de se acalmar —, recebeste uma carta anónima de um tipo que se compara ao Estripador de Lisboa, logo a seguir és chamada para o assassinato de Camarate e percebes que era a isso que a carta se referia. Depois de analisares a cena do crime, decides chamar-me, mas ocultas o conteúdo da carta. Porquê, M&M?

— A carta chegou aqui ainda antes das nove da manhã. Quando cheguei, estava em cima da minha mesa. Mas eu não a abri nessa altura. Fui chamada para Camarate, mas levei a carta comigo. Só quando os peritos estavam a analisar a cena do crime e quando começava a ponderar pedir que voltasses mais cedo da tua baixa médica é que abri o envelope… e li a carta. Aí tive a certeza de que tinha de te chamar.

— Mas porque é que não me mostraste a carta ontem?

— Vê pelos teus próprios olhos, Leo. Não queria que ficasses condicionado antes de fazermos a investigação daquele crime.

Estendeu o sobrescrito já rasgado numa das pontas, o papel no interior visível, a espreitar pelo orifício como que na procura de escapar. Como o autor do crime do dia anterior.

Pegou com delicadeza, como se fosse um objeto antigo, quebradiço ao mínimo toque. Retirou a folha e pousou o sobrescrito, que continha a morada da PJ e o nome da colega.

Sem remetente.

Desdobrou a folha A4 e encontrou um pequeno texto escrito a computador,

desta feita dirigido a si.

Caro Leonardo Rosa,

Campeão das Olimpíadas da Morte,

Vou começar por dizer que sou um fã. Um grande fã, aliás. Apostei em ti e torci por ti em cada etapa, em cada morte, em cada dia que passava e continuavas vivo.

Chegaste ao final e venceste aquela merda toda.

Admito que fiquei dias sem pensar noutra coisa. Semanas.

Caraças, andei excitado nesses dias como há muito não me acontecia.

Até que isso despertou algo em mim. Algo que estava adormecido há demasiado tempo. Há trinta anos.

Está na altura de desafiar o campeão.

Se eu te vencer, é como se eu fosse o campeão das Olimpíadas da Morte, certo?

Para mim tem lógica.

Portanto, considera-te desafiado, inspetor Leonardo Rosa.

Tenho um presente para ti em Camarate. Espero que seja do teu agrado.

Vamos ver do que és feito.

Baixou a folha, incrédulo.

— Mas que merda?!

— Foi a minha reação inicial — confidenciou Marta, ainda embaraçada por ter sido apanhada em falso — e, sinceramente, apesar de estar bem articulado e de ser coerente, estava a custar-me levá-lo a sério. Foi então que descobrimos tudo sobre o Estripador de Lisboa e que, por esta altura, faz trinta anos desde a última morte.

— E ficaste com a sensação de que o Estripador de Lisboa tinha entrado em contacto connosco.

— Sim. No passado, ele nunca o fez. Isto é novo, Leo.

— Ele fala como se fosse o Estripador de Lisboa original, diz que as *Olimpíadas da Morte* despertaram algo nele. Como se falasse da vontade de matar, como fez há trinta anos.

— Sim, mas se é a mesma pessoa, por que razão contactou a polícia?

— Talvez ele queira mais protagonismo. Se calhar ficou desiludido por não ter sido apanhado há trinta anos, ou de nem sequer a PJ ter chegado perto, e pode ter sido uma enorme frustração.

— E agora, ao contactar-nos, está a ver se consegue ter uma competição mais justa?

Leonardo abriu os braços, frustrado.

— Para que a sua vitória seja ainda mais gloriosa e merecida. Se o estivermos quase a apanhar, mas ele nos escapar por entre os dedos, o triunfo será muito maior, da sua perspetiva.

— Já reparaste que só nos calham lunáticos?

Esboçou um sorriso cansado.

— Não podemos estar juntos, está visto. Atraímos demasiadas coisas más.

— Daqui a bocado estás a dizer que a culpa daquela e de outras mortes é nossa.

— Dos outros casos não sei, mas a morte da Maria Inês é, de certa forma. A minha vitória nas *Olimpíadas* fê-lo dar o primeiro passo nas engrenagens que o levaram a matar uma mulher inocente em jeito de homenagem a um assassino antigo.

— Mas como é que o podemos apanhar em flagrante?

— Podemos seguir as pisadas da equipa do inspetor Adelino.

— Colocar escutas nas prostitutas?

— Sim, é um método interessante.

— Mas se fizermos o mesmo que se fez há trinta anos, vamos ter os mesmos resultados. Temos de tentar algo de diferente.

— Nisso tens razão. Já dizia o Einstein: loucura é querer resultados diferentes fazendo exatamente a mesma coisa.

Marta mordiscou o lábio, olhando para os dados apontados sobre a primeira vítima. Parecia indecisa, uma nuvem de pensamentos contraditórios a revolutear em torno de si.

Leonardo ficou intrigado e tentou compreender o que se passava com a colega, decifrando o seu olhar, a sua expressão corporal, aliando tudo isso ao que sabia dela. De certo modo, ela tinha razão. Se repetissem tudo o que a equipa da PJ de há trinta anos tinha feito, não podiam esperar resultados diferentes. Para isso, tinham de pensar fora da caixa. Fazer algo que nem o Estripador de Lisboa estivesse à espera. Algo imprevisível.

Foi então que entendeu o que a estava a deixar inquieta. Levantou-se e aproximou-se de Marta, o olhar marcado com uma certa mágoa.

— Nem penses, M&M. É muito arriscado.

— É a melhor opção e sabes bem disso.

— Talvez, mas não quero que o faças.

Ela olhou-o com profundidade, a decisão tomada.

— Tu és apenas o consultor da investigação, ou já te esqueceste? Quem manda sou eu e eu digo que quero fazer isto.

Leonardo encolheu os ombros e abanou a cabeça.

Depois, sorriu perante a obstinação da colega.

— Tudo bem, mas acho que é precipitado fazer já isso.

— Então achas melhor quando?

— Quando houver nova vítima, mas tu é que decides. Eu sou apenas um consultor.

Foi a vez de Marta sorrir.

CAPÍTULO 23

Estacionou o carro de uma forma desajeitada. Odiava conduzir com aqueles sapatos de salto alto. Desligou o motor e abriu o porta-luvas, de onde retirou um pequeno pacote de celofane com um conteúdo branco, um isqueiro e uma folha de alumínio, já cortada na medida certa. Ela sabia que havia sempre a probabilidade de lhe venderem crack misturado com farinha ou até cal das paredes, o que terminava o efeito mais cedo, mas ela precisava daquilo para aguentar. Pegou num bloco de notas e desfez a dose sobre a folha lisa, antes de a enrolar na folha de alumínio. Acendeu uma ponta e fumou, revirando os olhos de prazer, o carro a encher-se daquele cheiro adocicado.

Quando acabou de fumar, sentiu uma vaga de coragem instigá-la a seguir em frente com o seu quinto trabalho da noite. Fora uma ideia incrível colocar um anúncio nos classificados do jornal. Sabia que era uma entre muitas, mas ela tinha escolhido uma foto dos seus tempos áureos, quando ainda tinha carne para agarrar e a pele bem lisa, bonita, jovem. Agora, meia década depois, sabia que o seu aspeto não era o mesmo. Tinha o rosto chupado, os seios caídos, um olhar sem vivacidade, as pernas marcadas, os dentes amarelos. Mas ainda era bastante solicitada. Não eram poucos os clientes que se tinham tornado habituais. Afinal de contas, para ela era um emprego, mas para os clientes podia ser o único momento em que se libertavam e satisfaziam as suas necessidades mais primitivas. Não era fácil confiar a uma pessoa algo tão íntimo como o sexo.

Ela já apanhara clientes mais tímidos, outros mais desinibidos, outros que só se queriam aliviar e seguir caminho, e outros com quem até criou alguma espécie de ligação. Alguns tinham manias tão estranhas que se tornava mais fácil confiar numa desconhecida para as colocar em prática. Houve um homem que a tinha comido enquanto fazia uma videochamada com a mulher; outro que gostava que ela enfiasse o dedo no ânus enquanto o chupava, e tantas outras manias. Quando eram clientes desconhecidos, ela estava à espera de tudo.

Também havia outros clientes, os que ela gostava mais e com quem criava maior ligação, que lhe contavam tudo sobre a sua vida. Havia clientes sobre os quais ela sabia tudo sobre o trabalho, a família, o passado e as ambições para o futuro. Alguns até lhe ligavam para contarem novidades excitantes das suas vidas. Ela não se importava de perder algum tempo nesses telefonemas. No fundo, até chegava a ter algum carinho por esses clientes, e também sabia que se lhes desse corda eles voltariam outra e outra vez. Além da segurança de ela saber com o que contar com esses clientes, estes acabavam por lhe dar generosas gorjetas e prendas.

O cliente daquela hora, no início da noite, era um desconhecido para si, mas percebeu que seria a primeira vez nestas andanças. Com o desenrolar dos anos, uma prostituta fica quase especialista em decifrar e ler as pessoas. A forma como se expressou mostrou-lhe que ele não tinha nenhuma experiência com prostitutas, sentia-se muito só e era certo e sabido que iria estar nervoso e acanhado quando se encontrassem. Este cliente disse que já andava de olho no anúncio dela há semanas, mas que estava com receio de lhe telefonar e avançar com o assunto.

«Não sou nada de ir às putas, mas tu pareces bem jeitosa na foto», disse ele no telefonema, e ela rira-se. Quem é de ir às putas? Ninguém o admitia, mas o certo era que se a prostituição movia tanto dinheiro, parecia-lhe óbvio que os putanheiros podiam ser os nossos irmãos, primos, tios, avós, amigos, colegas de trabalho, qualquer um que gostasse de sexo.

De olhos fechados, a gozar do efeito do crack no sistema, recebeu uma mensagem. O cliente já se encontrava à porta do prédio. Ela sentia-se relaxada e animada, apesar de ter tido já quatro clientes nesse dia, todos eles sem grande ligação. Os da noite seriam em sua própria casa. Tinha este e mais outro dali a duas horas e outro uma hora depois. No final, iria tomar um banho definitivo e comer.

Saiu do carro e sentiu uma brisa suave, primaveril. O tempo quente estava a chegar. Isso animava-a sempre. Odiava os sustos de quando os clientes a tocavam com as mãos geladas, quebrava o desejo de uma forma que a aborrecia.

— Olá, borracho — cumprimentou-o, ao chegar perto de um homem que tinha quase o dobro da idade dela, mas que estava visivelmente nervoso.

Ele olhou para ela e ela percebeu logo o seu ar surpreendido por a ver ao vivo e pensar inevitavelmente nas diferenças com a fotografia do anúncio.

— Vamos?

Ele assentiu, demasiado nervoso para comentar o seu aspeto físico. Estava à espera de que ela tomasse a iniciativa. Apesar de a julgar pela aparência, a mulher simpatizou com ele. Na verdade, tinha um fraquinho por estranhos que ficavam nervosos na sua presença e se mostravam tão vulneráveis.

Subiram calmamente e em silêncio até chegarem ao quarto dela, onde despiram os casacos e o homem colocou o valor acordado na mesinha de cabeceira. Cem euros para ele ter direito a tudo. Nas ruas, ela levava vinte euros por sexo oral no carro do cliente, o dobro se houvesse penetração vaginal e o triplo se fosse anal. Mas sempre com preservativo. Essa era a regra de ouro, até porque já tivera um percalço que a angustiara demasiado na vida.

Contou o dinheiro com desenvoltura e começou a fazer-lhe perguntas variadas, para o deixar à vontade. Os clientes adoravam falar de si próprios e de desabafar. Alguns ficavam excitados quando ela se punha com uma voz sensual a criticar todos os que falavam mal do seu cliente, que ele é que tinha toda a razão do mundo, mesmo que fosse mentira. Já conseguira ereções sem se despir ou tocar no cliente. As palavras tinham mesmo um grande poder.

Com o dinheiro guardado, ela continuou com as perguntas e aproveitou para o começar a acariciar, com calma. O homem estava inseguro, apesar da idade, e não conseguiu olhá-la nos olhos. Provavelmente ainda não acreditava que estava

a fazer aquilo. No início, era sempre assim. Depois, os clientes habituavam-se e não queriam outra coisa, quando percebiam que podiam ter uma mulher que lhes satisfazia todos os seus desejos da forma que eles quisessem.

Bastava pagarem a quantia certa para terem acesso a isso.

Ao tocar-lhe nas mãos, sentiu-as transpiradas e a respiração dele mais acelerada. Despiu-se e foi-o despindo. Apesar das mudanças no seu corpo, conseguiu facilmente uma ereção no cliente. Como ela adorava novatos! Era tão fácil.

Passaram dez minutos naquelas carícias, com alguns beijos à mistura, e o homem ficou visivelmente mais solto e seguro. Passaram grande parte do tempo a tocarem-se, de uma forma cada vez mais íntima e excitante. Ela deixou-o percorrer o seu corpo com as mãos. Quando chegavam à meia-idade, os homens tendiam a gostar mais do jogo de carícias do que a penetração em si. A mulher começou a gemer, mas quando a sentiu húmida entre as pernas, foi quando ele perdeu o controlo.

Perdiam todos.

Por algum motivo, as mulheres tinham o costume de fingir gemidos bem altos e de dizer coisas que abonassem a favor do homem: isso excitava-os ainda mais.

— Tu é que mandas, chefão. Faz comigo o que quiseres.

O homem virou-a de gatas e penetrou-a por trás, com urgência e sofreguidão.

Durou trinta segundos. Ofegante, o homem saiu de dentro dela, retirou o preservativo, deu-lhe um nó e atirou-o para um caixote do lixo, deixando-se cair na cama, ao lado da prostituta.

— Uau. Desculpa ter sido tão rápido, nunca me aconteceu.

— Eu sei que sim, garanhão. Acontece a todos na primeira vez comigo.

— Daqui a bocado…

— Podes comer-me outra vez, claro. Ainda temos tempo.

Naquela altura, o homem estava completamente confiante. Iria ter outra oportunidade para mostrar a sua virilidade, para mostrar que demorava mais tempo a vir-se e que sabia satisfazer uma mulher. A verdade é que teria sempre gemidos fortes da parte dela, que o levariam à loucura e a querer sempre mais. Sabia que o tinha conquistado.

Da segunda vez, ele pediu-lhe que ficasse por cima, e para que ela o fizesse devagarinho. Ela sabia que era para demorar mais tempo. Para os homens, o tempo até à ejaculação era uma questão de honra e de virilidade. Ela sabia disso e movimentou-se com calma, vendo no rosto dele como parecia desfrutar do corpo dela, como parecia esquecer-se de tudo o resto na vida.

Ela sabia que ele voltaria. Ah, de certeza.

Após o ato sexual, ficaram ao lado um do outro apenas a conversar sobre banalidades para aproveitar o tempo que faltava. Depois do alarme no telemóvel tocar, ela deu por terminada a hora com o cliente, vestiram-se, deram um abraço de despedida e ele ficou a olhar para ela uns momentos antes de seguir cada um a sua vida.

— Obrigado. Tenho a certeza de que voltarei.

A mulher sorriu, já a pensar no cigarro que iria fumar a seguir. O efeito do crack estava a passar e começava a sentir-se um pouco suja.

— Estarei sempre aqui disponível para ti. É só ligares-me, garanhão.

Ao vê-lo ir-se embora, ficou a imaginar quanto tempo passaria até ele lhe ligar de novo. Certamente que dentro de poucos dias. Os novatos queriam sempre repetir muito cedo.

Ele ligaria, várias vezes, mas ela não atenderia.

O homem iria ficar frustrado por achar que ela o rejeitava por o sexo ter sido

mau e que ela o tinha enganado por dinheiro. Ia ter uma crise de confiança gigante.

Mas a verdade nunca era tão simples.

CAPÍTULO 24

LEONARDO E MARTA

O dia começara com uma chamada do inspetor-chefe da Polícia Judiciária, que caíra que nem uma bomba. Um novo cadáver tinha sido descoberto. Um cadáver que fora deturpado de uma forma que não dava azo para enganos.

Tratava-se de um trabalho do Estripador de Lisboa.

— Porra, dois dias depois e já matou novamente? — estranhou Marta, enquanto conduzia pela Avenida Almirante Reis, o Sol ainda a erguer-se lentamente. — O original espaçou meses entre as vítimas. Porque é que este está a ser tão precipitado?

— Daqui a três dias faz trinta anos da última vítima conhecida do Estripador.

— Pois é, a 15 de março. Caraças, achas que vai matar a última nesse dia?

— Se for recriar tudo o que foi feito há trinta anos, é possível. No entanto…

O semblante inseguro do colega deixou Marta desconfortável.

— No entanto o quê?

— Apesar de ser em tudo igual há trinta anos, há a questão da peça de xadrez. Isso está a fazer-me confusão. É uma pequena diferença, mas que pode ser tudo nesta investigação. Lança sobre este caso uma suspeita de que possa ser diferente. Para pior.

A Rua do Benformoso, na Mouraria, tinha quatrocentos metros de comprimento entre o Martim Moniz e o Largo do Intendente. Era uma rua antiga, com uma estrada apertada, ladeada por prédios estreitos com altura de três ou quatro andares. Os pisos térreos eram todos comerciais e do mais variado que Lisboa podia oferecer: restaurantes asiáticos, barbeiros, agências de viagens, lojas de câmbios e transferências, minimercados étnicos, armazéns de revenda, bazares de bugigangas e talhos halal, propriedades de nepaleses, paquistaneses, indianos e bengalis, e de uns poucos portugueses que ali resistiam. Passaram por

pessoas de várias etnias, sentadas nos passeios e nas soleiras das portas, a conversar na estrada ou a assomar às janelas escancaradas das casas.

Por isso, não foi de admirar que, a umas dezenas de metros do checkpoint criado pela PSP para impedir a passagem a estranhos ao serviço, se tivesse acumulado uma pequena multidão, curiosa com o aparecimento das forças policiais.

— Saiam da frente! Polícia Judiciária! Out of the way! Police! — gritou Marta através da janela aberta, sem paciência para demoras em chegar ao local do cadáver.

Algumas pessoas afastaram-se perante o surgimento do veículo verde da inspetora, mas a maioria nem percebia.

— Tenho de usar medidas mais drásticas.

Pegou num pirilampo e colocou-o sobre o tejadilho, a luz azul a chamar imediatamente a atenção de vários rostos, que se afastaram rapidamente. A pouco e pouco, conseguiram chegar ao posto de controlo, onde se encontrava um veículo da PSP atravessado na estrada para impedir a passagem das pessoas. Um agente já tinha colocado uma fita de plástico.

Parou o carro a alguns metros do da PSP e os inspetores saíram do veículo. A conversa atrás deles era incessante, e em línguas distintas.

O agente da PSP endireitou a sua postura ao ver Marta e Leonardo aproximarem-se, de distintivos em riste e com caras de poucos amigos.

— Bom dia, inspetores — cumprimentou-os o agente, um homem de trinta e poucos anos, barba farta e um olhar determinado. — Vejo que conseguiram chegar aqui. Esta rua é tramada, está a abarrotar de gente. Não é fácil contê-los a todos.

— Bom dia, agente. O que nos podes dizer desta vítima?

O agente, compreendendo que eles apenas queriam falar de trabalho, assentiu

e afastou-se para o lado, indicando que o seguissem.

— Há cerca de uma hora, às sete e trinta e três, recebemos uma chamada de um comerciante local. Ele tem um minimercado halal — consultou um pequeno bloco de notas, onde apontou o depoimento do homem. — Afirma que veio para a loja às seis da manhã para arrumar tudo para mais um dia de trabalho e que ouviu algum barulho no edifício em frente, que está abandonado. Eles aqui parece que não gostam de dormir, não é? E logo a um sábado.

— E o que fez depois esse homem? — perguntou Marta, ignorando o comentário.

— Não deu importância e começou a trabalhar como se nada fosse. Mas diz que ficou intrigado e que ia dando uma olhadela, não fosse estar ali algum drogado. Não seria a primeira vez, pelos vistos. E isso pode afastar a clientela se for daqueles chatos que fica aí a pedir e a chatear toda a gente.

Chegaram a um edifício abandonado, com obras por acabar e fechado por degradação. As paredes vomitavam reboco e mosaicos para os passeios. As janelas eram tábuas de madeira e a porta, de alumínio verde, estava aberta.

— Entretanto, ele foi despejar o lixo aqui ao lado e foi espreitar só por descargo de consciência. Foi quando viu o cadáver lá dentro…

— Apontaste a identificação desse homem?

— Sim, claro — respondeu, fechando o bloco de notas com orgulho.

— Depois faculta-nos esses dados, por favor, para falarmos com ele.

— Podem contar com isso.

— Obrigado.

Feitas as despedidas, vestiram o fato de proteção, um macacão branco que cobria o corpo todo, e aproximaram-se da entrada. Um agente estava ao lado e fez sinal com a cabeça em reconhecimento.

Passaram pela porta e entraram num antro de sujidade, humidade e cheiros nauseabundos. Pela área daquele espaço, supunha-se que tinha sido pensado como todos os restantes prédios: para comércio. Era um espaço vasto, vazio de mobília, mas cheio de caixas de cartão espalmadas, mantas rasgadas, roupas desfeitas, uma camada espessa de pó a cobrir tudo e um cadáver no centro.

Quatro holofotes, colocados em tripés, apontavam para o corpo a uma distância de segurança de forma a não comprometer possíveis evidências.

No centro, como se fosse um momento a solo de uma atriz no palco, o corpo atraía para si toda a luz e todos os olhares. Uma mulher, jovem, estava deitada de costas, com braços e pernas afastados. Completamente nua, a pele pálida, sem vida, rodeada por uma poça de sangue, dando a ideia de que boiava num lago sanguíneo, negro como a noite. Dois técnicos da Polícia Científica, vestidos com o fato de proteção, trabalhavam com calma e ponderação. Um fotografava o corpo de todos os ângulos possíveis, enquanto o outro procurava vestígios em torno do corpo.

— Inspetores — Cristóvão Martins cumprimentou-os com um ligeiro aceno de cabeça.

— Já conseguiste analisar alguma coisa, Cristóvão? — perguntou Marta, sensível por ver uma mulher naquele estado.

— Mesmo modus operandi. A vítima é jovem, morena, do sexo feminino e foi esventrada, estrangulada, estripada, cortada e órgãos removidos.

— Coração, fígado, intestinos e a vagina?

— Sim, mas desta vez o assassino levou tudo consigo. O rosto está a descoberto. Além disso, como já devem ter reparado, foram removidos os seios.

Duas manchas redondas carmesim dominavam a zona peitoral da vítima, onde os seios tinham sido cortados, bem rente ao tórax. E o rosto estava a descoberto, de facto. Intrigado por essa alteração, Leonardo aproximou-se, contornando a

poça de sangue com cautela para não pisar nada. A boca da vítima estava escancarada e a língua parecia fincada bem na base da boca.

Como se algo estivesse a pressioná-la.

Pegou no telemóvel, ligou a lanterna e apontou-a para o interior. Na passagem da boca para o esófago, pareceu avistar algo negro, mas que podia ser simplesmente da pouca luz que chegava tão fundo na garganta.

— Cristóvão, achas que posso… — perguntou, apontando para a boca e fazendo um gesto de que queria enfiar a mão na boca da vítima.

— Sim, já tirámos fotografias. Eu tenho aqui um saco de provas à mão. Encontraste alguma coisa?

— Não sei, mas queria confirmar.

— Força.

Cristóvão e Marta acercaram-se dele, curiosos. A inspetora já suspeitava do que seria, quando Leonardo, com a mão enluvada, enfiou o indicador e o polegar na boca da vítima. Com a outra mão, tentou afastar a mandíbula para ter mais espaço de manobra, mas a rigidez corporal impediu-o de o conseguir.

— Merda, já está com rigor mortis.

— Ela deve ter morrido há mais de quatro horas. Pelo que pude observar diria que no início da madrugada — precisou Cristóvão, assentindo.

O rigor mortis, ou rigidez cadavérica, era um fenómeno que costumava ocorrer entre duas a quatro horas após a morte, impedindo o movimento de qualquer articulação, atingindo a rigidez máxima por volta das doze horas após a morte, acabando por cessar vinte e quatro horas depois da morte.

Com os dentes a pressionarem os seus dedos e a impedirem-no de chegar mais longe, Leonardo foi forçando a passagem com calma e ponderação. Não queria causar danos ao cadáver, mas precisava de ver o que estava ali.

— Leonardo, se quiseres tenho ali um pinç…

— Não é necessário.

Finalmente, conseguiu chegar à garganta da mulher e os seus dedos sentiram um objeto rugoso, trabalhado, enfiado à força até bem fundo.

Com cautela, foi fazendo força para o puxar, até que, no que lhe pareceram horas depois, sentiu o objeto ceder, ficar com folga e mais solto. Puxou-o com delicadeza, fê-lo passar pelos dentes e retirou-o para o exterior.

Levantou-se, com o objeto na mão, e aproximou-o de um holofote.

— Não há dúvidas.

— É a segunda vítima do Estripador de Lisboa — sentenciou Marta.

Na mão do inspetor, luzidia de sangue, encontrava-se uma nova peça de xadrez.

Desta vez, não era um peão preto.

Era um cavalo preto.

CAPÍTULO 25

LEONARDO E MARTA

Na primeira vítima, a peça de xadrez tinha sido colocada sob a pele, aproveitando tratar-se de uma peça mais pequena que passaria mais despercebida no meio do caos em que o cadáver fora encontrado. Agora, era uma peça mais vistosa e fora colocada na garganta.

Leonardo olhou para a peça enquanto Cristóvão Martins a acondicionava no saco de evidências e o selava. Como podiam eles resolver este caso se nem sabiam se se tratava de um novo assassino ou do Estripador original?

— Leo, é tudo igual à segunda vítima de há trinta anos, a Maria Fernanda. Ela também tinha ficado sem os seios e os cortes eram mais limpos, como se o assassino os tivesse aperfeiçoado.

— Confirmo que os cortes, desta vez, são perfeitos, como se ele agora tivesse trazido a ferramenta adequada para os executar — confirmou Cristóvão.

— Que ferramenta pode ser?

— Diria um bisturi.

— Mas isso não nos leva a nada. Qualquer um pode comprar bisturis online.

— Verdade.

— Não encontraram nenhum vestígio ou identificação?

— Não. Acho que só nos resta levar o corpo para o Instituto e aguardar pela autópsia. Creio que aqui não vamos descobrir nada.

Leonardo assentiu e afastou-se um pouco, para não perturbar o trabalho dos colegas. Baixou o capuz do fato de proteção.

— Será que os locais têm significado? — perguntou Marta, em surdina, chegando-se perto do colega e fazendo o mesmo com o capuz do macacão. — Primeiro em Camarate, agora aqui no Intendente…

— À primeira vista não me parece, M&M. No Intendente e ali mais em baixo no Martim Moniz costumam andar prostitutas, mas em Camarate acho que não. Devem ser locais que o assassino conhece e que escolheu por estarem abandonados. Afinal de contas, esteja a vítima morta ou não, o certo é que ele as estripa nos locais onde as encontrámos. Precisa de espaço, tempo e privacidade.

— E são locais demasiado vagos para fazermos qualquer correspondência.

Ele assentiu, a mão no queixo, pensativo.

— Se houver alguma semelhança com o Estripador original, temos sempre a teoria de que o assassino era um cliente das vítimas. Portanto…

Marta sorriu, com um toque de nervosismo.

— Está na hora.

— Mas…

— Leo, foi o que combinámos. Quando houvesse uma próxima vítima, íamos pôr em prática o nosso plano. Começo logo à noite.

— Não quero que te exponhas dessa forma. E se algo corre mal? E se…

Ela sorriu e encarou o seu rosto, meio escondido nas sombras do edifício abandonado.

— Sou a responsável por esta investigação e o que eu decido, vai. Agradeço-te a preocupação, mas sei o que estou a fazer. A melhor forma de me protegeres é estares alerta e ficares a coordenar tudo de maneira a que nada corra mal. — Passou a mão pelo rosto de Leonardo, depois de se certificar de que ninguém os estava a observar. Ele fechou os olhos, saboreando o toque quente da mão dela. — Não podes ser sempre tu o herói. — Marta piscou-lhe o olho e riu-se.

Leonardo manteve os olhos fechados durante momentos; aquele toque era uma promessa por cumprir, um desejo cada vez mais longe de se concretizar. Ao abri-los, concordou com ela num gesto não muito convincente. Sabia que ela

tinha razão, mas não queria ficar com o coração nas mãos como ela ficara durante as Olimpíadas da Morte. Preferia estar do lado do perigo do que cá fora. Preferia estar no controlo.

— Tu és a chefe, M&M.

Uma mancha de luz varreu o chão ao pé deles quando a porta se abriu e o mesmo agente da PSP que os levara ao local surgiu na entrada, à procura deles.

— Desculpem interromper, inspetores, mas houve um desenvolvimento.

— Que desenvolvimento?

Do exterior, chegou até eles o som de um rebuliço intenso e característico, ao qual eles começavam a estar habituados e, ao mesmo tempo, fartos.

Era o som dos jornalistas à caça de material e de respostas quando obtinham um furo imperdível.

Teria havido alguma fuga de informação?

CAPÍTULO 26

LEONARDO E MARTA

Antes de saírem do local onde a segunda vítima do Estripador de Lisboa tinha sido retalhada, o telemóvel de Marta começou a tocar. Estacaram o passo momentos antes de transporem a porta.

— É o Teodoro — disse, referindo-se a Paulo Teodoro, o inspetor-chefe da Brigada de Homicídios de Lisboa. — Caraças, deve ser sério.

— Que merda, se tivermos a comunicação social em peso atrás de nós… Logo agora que tu te vais arriscar…

— Ninguém está à espera do que eu vou fazer, Leo, não te preocupes.

Com o telefone a insistir em incomodá-los, Marta atendeu, contrafeita. Não morria de amores pelo inspetor-chefe e ele sabia-o perfeitamente, não depois da maneira como ele a havia tratando no passado por ter sido influenciado por superiores hierárquicos em vez de confiar nela.

— Estou, inspetor-chefe?

— Quero que saibam primeiro por mim o que acabou de acontecer — disse de rajada, sem preâmbulos. — Foi o Estripador.

— O que tem o Estripador?

— Enviou uma carta a todos os jornais e estações televisivas que, como deves imaginar, partilharam prontamente nas suas redes sociais. Não se fala de mais nada neste momento. Preparem-se para os enfrentar.

— Já os estamos a ouvir lá fora. Envia aí o link para lermos essa carta. Não quero enfrentar a comunicação social desprevenida.

— Vou enviar pelo WhatsApp. Até já.

Marta desligou sem se despedir. Ligou os dados móveis e abriu a aplicação de mensagens instantâneas, com o seu fundo verde e preenchido com as mais

variadas conversas pessoais que mantinha nos últimos tempos. A mais recente era da sua mãe.

«Filha! Que se passa? Estás a lidar bem com isto? Que horror!»

Mas não abriu, senão ela ficava ofendida por saber que a filha tinha visto a mensagem, através dos dois certinhos azuis, mas que não lhe respondera. Já aprendera a não cometer esse erro e só abria mensagens da mãe quando soubesse que lhe podia responder. Se calhar devia acionar a opção do WhatsApp de ocultar essa informação para evitar esses problemas.

Enquanto aguardava, pôs Leonardo a par da situação.

— Começo a achar que este é um Estripador de Lisboa novo. Para nos provocar desta forma. O original preferia ficar no anonimato. Este parece retirar prazer de ser protagonista e de chamar para si toda a atenção.

— Pois, também começo a achar que, apesar de todas as semelhanças, há diferenças significativas entre os dois casos. Mas o que ganha ele com isto?

— Possivelmente, sabe que com os avanços tecnológicos fica mais difícil escapar à Polícia. Assim, se lançar a confusão, ganha mais vantagem do que se ficar no anonimato e nos deixar fazer o nosso trabalho em paz.

— Ele quer desviar a nossa atenção e os nossos esforços dele mesmo.

— Precisamente.

— Cabrão.

Surgiram algumas notificações que não lhe interessavam, até que surgiu o tópico de conversa com Paulo Teodoro no topo da lista. Abriu a conversa e clicou no link, que abriu uma página de notícias fidedigna a nível nacional. Com a atual corrente de desinformação, só acreditava nos canais noticiosos que estavam acima de qualquer suspeita.

O título do artigo era do mais sugestivo que podia haver, para levar os

utilizadores a clicarem para verem mais.

O REGRESSO DO ESTRIPADOR DE LISBOA?

Leram por alto as linhas iniciais da notícia, onde era feita a contextualização do que fizera o Estripador de Lisboa nos anos 90 e como estava prestes a ocorrer o trigésimo aniversário desde a sua última vítima conhecida. Depois, o artigo referia que tinham sido assassinadas já duas mulheres da mesma maneira naquela semana, uma delas precisamente naquela madrugada, mas que a Polícia Judiciária estava a abafar o caso. Depois, mostravam a carta que o próprio Estripador de Lisboa lhes tinha endereçado e chegara naquela manhã.

Decidi comemorar o 30.o aniversário da morte da minha última vítima. Ninguém está a salvo. É melhor esconderem-se. Não há príncipes encantados e as mulheres são TODAS putas.

A caça começou.

Estripador de Lisboa.

Os inspetores ficaram em silêncio, atordoados com o que tinham acabado de ler.

— Ele afirma ser o mesmo Estripador de Lisboa de há trinta anos. Não é nenhum imitador, é o original — disse Marta, quebrando o silêncio.

— Mas se fosse teria de ter matado com 18, 20 anos? Para agora ter cerca de 50… um homem mais velho não teria força para este tipo de… *trabalho*. — Apontou para o cadáver iluminado pelos holofotes atrás deles.

— O problema é que não fazemos ideia que idade ele tinha há trinta anos. Claro que o perfil apontava para que ele tivesse mais de 30, o que lhe dava agora acima de 60, mas como podemos ter a certeza? Como podemos excluir que é o Estripador original se ele próprio afirma ser o mesmo?

— Não podemos.

— Pois não.

— Acho que podemos manter as duas teorias em aberto, mas dar primazia à de que estamos a lidar com um homem com mais de 50 anos.

— Sim, concordo.

— Portanto, a dúvida principal está desfeita — referiu Leonardo, inspirando fundo para ganhar forças.

— Qual?

— O Estripador de Lisboa está bem vivo.

— E não vai parar tão cedo.

CAPÍTULO 27

LEONARDO E MARTA

As perguntas dos jornalistas jorraram, mal os inspetores saíram do edifício abandonado onde a segunda vítima tinha sido encontrada. Experientes como eram, ignoraram as questões, mesmo as mais provocantes, lançadas com o intuito de obterem uma reação da parte dos inspetores.

Marta pediu um reforço policial com dois objetivos: afastar as pessoas, aumentando a distância de segurança do local, e recolher depoimentos dos habitantes e comerciantes daquela rua. Com tanta gente a viver ali, tinha esperança que alguém tivesse visto ou ouvido alguma coisa, algo que os pudesse ajudar e apontar na direção do Estripador.

A ajuda veio com relativa rapidez. A intromissão e mediatismo causado pela comunicação social tinha bastantes desvantagens, mas não deixava de ter vantagens, ainda que poucas. A rapidez de atuação e de ajuda por parte dos colegas era uma delas. Estavam todos muito mais disponíveis para ajudar agora que o mediatismo estava nos píncaros e o caso *Estripador de Lisboa* era o foco de toda a atenção.

Portanto, passaram a manhã inteira de porta em porta, a falarem, ou a tentarem falar, com os residentes, na procura incessante de uma mísera pista, algo a que se pudessem agarrar.

Mas aquela rua, percebera a inspetora depois, não fora escolhida por acaso pelo assassino. A esmagadora maioria dos entrevistados era estrangeira, que pouco ou nada falava português, e menos eram os que estavam dispostos a falar com a Polícia.

Foram horas de trabalho que não deram resultado nenhum.

Os inspetores estavam cansados, esfomeados e com um sentimento ligeiro de derrotismo. Ao chegarem à PJ, Leonardo foi a correr à casa de banho trocar o

saco coletor da colostomia e ficou preocupado ao ver a pele do estoma avermelhada. Tinha mesmo de perder um bocado de tempo a limpar aquela zona, mas naquele momento não dava. Marta aguardava por ele na cantina para almoçarem e ele não a queria deixar à espera. Já era tarde e estava quase a fechar a cozinha, além de que se sentiam esgotados, sem energia nenhuma.

Comeram sem falar, a fome a levá-los a devorar o almoço com avidez, o estômago vazio há várias horas. A identificação da vítima do Intendente revelou-se ser mais fácil de obter do que supunham. Pelos vistos, os pais já a tinham dado como desaparecida quatro dias antes.

— Mais uma Maria — comentou Marta ao consultar o documento, exasperada pelas semelhanças tão fortes com o caso de há trinta anos.

Leonardo espreitou por cima da cabeça dela para o monitor do computador, os braços apoiados nas costas da cadeira, o peito encostado à colega, que se deixou reclinar um pouco.

— Maria Teresa Costa — leu —, 24 anos, natural de Sobral de Monte Agraço, onde ainda vivem os pais atualmente. A última residência conhecida da vítima era precisamente no Intendente.

— Não muito longe de onde ela foi encontrada — assinalou Marta. — Ela devia ter sido reconhecida…

— Não, se o assassino a levou para lá a meio da madrugada e a rua estava vazia. Já sabemos que ele é muito cuidadoso, não se ia deixar apanhar assim.

Marta levantou-se de forma repentina, batendo com as costas da cadeira em Leonardo, que gemeu perante o contacto com a colostomia mal tratada.

— Merda.

— Desculpa, Leo — pediu, apontando para o quadro —, foi sem querer. É só porque, a confirmar-se que a história se está a repetir, significa que há por aí uma

Maria, prostituta, toxicodependente, infetada com VIH, de 27 anos, em perigo. Tenho de começar o meu plano já hoje. Não há outra hipótese.

Leonardo, refeito da pancada sofrida, tentou arranjar argumentos para adiar a execução do plano da colega que, sendo uma via de investigação muito interessante, podia custar-lhes caro. A última coisa que ele queria era ter Marta a arriscar-se novamente por uma investigação.

— Acho que devíamos falar com os pais dela primeiro e depois dar uma olhadela pela casa. Temos de perceber se há ligações entre as vítimas ou se ela apenas foi escolhida porque correspondia aos parâmetros identificativos da segunda vítima de há trinta anos.

Ela olhou-o com uma sobrancelha erguida.

— Eu sei o que estás a tentar fazer, Leo, e não vai resultar. Seja hoje, ou noutro dia, isto tem de acontecer.

— Eu sei. — Aproximou-se dela, a respiração de ambos mais acelerada, os olhares mais sérios. — Mas tenho a certeza de que a próxima vítima, se realmente houver, será assassinada terça-feira. Hoje é sábado, temos tempo.

— Terça-feira?

— Dia 15 de março.

Marta encarou o quadro, um frémito a dominar o seu corpo.

— O dia em que se celebram os trinta anos da terceira e última vítima do Estripador de Lisboa.

CAPÍTULO 28

BÁRBARA

Bárbara: Olá, Pedro. Desculpa ter desaparecido ontem. Pedro: Não precisas de pedir desculpa.

Bárbara: Parecias ter ficado aborrecido.

Pedro: Tontice :P

Pedro: Sabes q por escrito às vezes é difícil percebemros as emoções

Pedro: percebermos*

Bárbara: Isso é verdade!

Pedro: Mas tá td bem ctg? Não me digas que foi o teu namorado…

Bárbara: Sim, td.

Bárbara: Sabes bem q n tenho namorado, tolo!

Pedro: Eu sei, tava a brincar ahah

Bárbara: Mas, pra falar a verdade, tive um date

Pedro: Um date? Com quem?

Bárbara: Com um tipo lá do trabalho

Pedro: Ah, OK

Pedro: Como correu?

Bárbara: Uma bosta

Bárbara: O gajo é um otário, só queria comer-me

Pedro: Há tipos assim, que enganam as mulheres pras levarem pra cama e depois cagam nelas

Bárbara: Tu és um desses?

Pedro: Claro q não

Pedro: As mulheres têm de ser tratadas com respeito

Pedro: Com a consideração que merecem

Pedro: Caraças, vocês é q dão vida a tds nós

Pedro: Como podemos desprezar um ser com tanto poder?

Pedro: Eu admiro a mulher de uma forma q não tens noção.

Pedro: Mas podias ter

Pedro: Basta tu quereres

…

Bárbara: Pq é q ninguém q conheço é como tu?

Pedro: Como eu?

Bárbara: Um gentleman

Bárbara: Quem me dera

Pedro: Sabes q isso tem remédio, né?

Bárbara: Eu sei, mas estas coisas do *online dating* causa-me algum desconforto

Pedro: Pq?

Bárbara: Oh, pelo q se lê por aí

Bárbara: Há cada caso…

Pedro: Sabes q esses casos são um num milhão né? E a maioria é lá nos Estados Unidos

Pedro: Eles lá tripam da cabeça q é uma cena!

Bárbara: Sim, mas ainda assim…

Pedro: Então pq é q continuas a falar comigo?

Bárbara: Pq gosto de falar ctg

Bárbara: És um querido

Pedro: Eu sei q são poucas as histórias de amor q começam com:

Pedro: “Conhecemo-nos no Tinder e começámos a teclar no WhatsApp. Foi amor nas primeiras conversas”

Bárbara: x’D

Pedro: Mas ainda há pouco tempo fui a um casamento em q eles se conheceram no Tinder e apaixonaram-se

Pedro: Foi por isso q comecei a usar essa app

Pedro: Não quero sexo sem significado

Pedro: Quero conhecer uma mulher interessante e ver no q dá

Pedro: Quero conhcer-te, Bárbara

Bárbara: Awww

Bárbara: A sério, nunca conheci ninguém como tu

Pedro: Digitalmente já me conheces

Pedro: Podemos passar para o plano físico

Bárbara: Não sei…

Pedro: Também, temos de ver, se tavas a usar o Tinder por algum motivo era

Pedro: Ou querias só sexo?

Bárbara: Não!

Pedro: Então?

Bárbara: Foi uma amiga minha. Ela adora engatar gajos no Tinder, e como tem pena da minha vida solitária, instalou a app no meu telemóvel e usou-a por mim.

Bárbara: Nunca faria isso de livre vontade

Pedro: Tens de me dizer quem é essa amiga, depois

Pedro: Pra lhe agradecer

Bárbara: Tolo

Pedro: Q tal se nos conhecermos num sítio q tu gostes, pra estares segura?

Bárbara: Sim, se for perto de minha casa… Um almoço, talvez?

Pedro: O q te fizer sentir mais à vontade

Pedro: Só te quero conhecer

Pedro: És fantástica e é um crime conhecer-te apenas por aqui

Bárbara: 😳

Pedro: Se quiseres até pode ser um brunch, ainda é mais cedo eheh

Bárbara: Tens razão

Bárbara: Tnho de deixar de ser tão cocozinha

Bárbara: Tu pareces um homem fantástico

Bárbara: Q perco em conhecer-te pessoalmente?

Pedro: Exato! O pior q pode acontecer é termos um mau encontro, mas teremos smp a comida boa pra compensar

Pedro: E se correr mal, cada um segue o seu caminho e pronto

Pedro: Como não nos conhecemos, não há aquela parte mais awkward de termos de nos ver sabendo q tivemos um mau date

Bárbara: Essa é uma ótima vantagem!

Pedro: Então, aceitas encontrar-te comigo?

Bárbara: …

Bárbara: …

Pedro: Ah, não aumentes o suspense assim! Tás a matar-me

Bárbara: Brincadeirinha

Bárbara: Sim, vamos a isso.

Pedro: 🎉🎉🎉

Bárbara: :D

Pedro: Pensa no assunto e depois diz-me onde e qdo te queres encontrar

Pedro: Lá estarei

Bárbara: Amanhã ao almoço tá bom pra ti?

Pedro: Tá ótimo

Bárbara: OK. Já te envio o *link* de um restaurante q gosto mto

Pedro: Mal posso esperar!

Bárbara: <3

CAPÍTULO 29

LEONARDO E MARTA

Uma fragrância suave e doce pairava no ar, envolvendo-os no seu abraço quente, alimentada pelas várias chávenas de chá dispersas pela pequena sala de estar. A televisão estava ligada num canal de notícias, mas sem som, as imagens a seguirem-se sem que ninguém prestasse atenção. Naturalmente, surgiu uma reportagem sobre o caso *Estripador de Lisboa*, onde era assinalado com letras de fundo de que estavam a três dias da celebração dos trinta anos da última vítima conhecida daquele assassino.

Leonardo bebeu um pouco do chá de cidreira e pousou a chávena com delicadeza numa mesinha posicionada à frente do sofá que ele e Marta ocupavam. Do outro lado, sem tocarem nas suas chávenas, encontravam-se os pais de Maria Teresa Costa, a segunda vítima do Estripador de Lisboa. Estavam ansiosos, os olhos raiados de vermelho, inchados e com os rostos marcados pela profunda tristeza de quem perdia uma filha tão cedo.

A viagem para Sobral de Monte Agraço correra com tranquilidade e dera tempo para que lhes fosse confirmado que a vítima encontrada no Intendente tinha vestígios de cocaína no sangue e que era seropositiva.

— Por favor, digam alguma coisa, inspetores — pediu a mãe, Isabel Costa, uma senhora de meia-idade, com voz tremida e amargurada. Estava de mãos dadas com o marido, Filipe Costa, um homem mais baixo e atarracado.

Vendo o sofrimento do casal, Leonardo não pôde deixar de se imaginar a si mesmo, dali a vinte anos, a chorar a perda do seu filho Raul. Nesse instante, o coração bateu com tanta força que ameaçou descompô-lo em pleno exercício da sua profissão.

Então é isto que os pais sentem quando colocam uma vida cá fora para o mundo? É isto que significa sentir que ter um filho é ter o nosso coração cá fora? Porra, se isto é ser pai, como podem dizer que é a melhor coisa do

mundo? Toda esta preocupação, o medo de que algo aconteça ao Raul… E ele ainda nem nasceu. Quando nascer, como será?

Olhou para Marta, que abria a aplicação de notas no telemóvel e se preparava para iniciar a entrevista.

— Primeiro, falem-nos da vossa filha, do que a levou a sair de casa e a prostituir-se. Estejam à vontade.

O casal entreolhou-se e foi a mulher que se chegou à frente. Pareciam duas figuras tão frágeis, que Leonardo temia atirá-los ao chão com o simples sopro para arrefecer o chá.

— Por onde começar… A Teresa sempre foi uma menina encantadora. Adorava viver, era muito alegre e queria aproveitar a vida ao máximo. Era impressionante. Nunca nos dava um segundo de descanso em casa.

— Até parece que, no fundo, sabia que não iria estar cá muito tempo para aproveitar a vida e quis aproveitar cada segundo enquanto pôde — lamentou o pai, uma lágrima a correr.

— É verdade. O problema foi quando ela começou a ver que aqui ia estancar. Não há muito para ver por aqui. E ela percebeu isso muito cedo, principalmente quando as redes sociais começaram aí em força há uns anos. Começou a querer ir a concertos e era tudo na capital. Claro que, para quem vive numa vila pacata como a nossa, Lisboa parece um mundo.

— Ela deixou-se deslumbrar.

— Sim, até que conheceu um tipo qualquer no Instagram.

— No Instagram?

— Sim, e a Maria Teresa começou a falar com esse tipo, e aquilo era noite e dia, noite e dia.

— Nunca gostei dessas coisas, de conhecer pessoas na Internet — resmungou

o marido. — Agora é tudo tão fácil, está tudo tão acessível aos miúdos que eles nem dão valor a nada.

— Quando foi que ela começou a falar com esse rapaz?

— Na altura em que estava no décimo ou no décimo primeiro ano — olhou para o marido, em busca de auxílio.

— Foi no décimo primeiro, que me lembro de pensar que mais um ano e ela iria embora.

— Sim, isso mesmo.

— E depois, o que aconteceu?

— Um dia ela diz que vai a Lisboa ter com esse tipo. Sem o conhecer pessoalmente, vejam bem! Eles só falaram por mensagens, e ela ia a Lisboa sozinha por causa de um tipo que podia estar a mentir-lhe?

— Nós não a deixámos ir. Proibimo-la — assegurou o pai com ar severo.

— Se ao menos tivéssemos sido mais fortes, impedindo-a de ir, Filipe…

Abraçaram-se com ternura, o arrependimento a matá-los aos poucos.

— Ela foi, claro. Já tinha terminado o secundário na altura e disse que ia aproveitar para ver a Universidade onde achava que ia ficar em setembro desse ano. Nem acredito que já lá vão oito anos desta confusão…

— Então ela foi para Lisboa ter com esse tipo no verão, depois de terminar o secundário?

— Sim. Ela tinha uma boa média, acabou por entrar em enfermagem na ESEL.

— Mas nunca chegou a acabar a licenciatura… — lamentou o pai da vítima.

— O que aconteceu?

— Nesse verão, ela… foi a muitas festas com esse tipo. Muitas mesmo. Nunca a apanhávamos acordada. Estava sempre enfiada em discotecas e bares…

— Na má vida!

— Depois percebemos que esse tipo ganhava a vida a vender droga.

— Cocaína.

— E que a função dele era atrair clientela.

— E a vossa filha começou a consumir cocaína nesse verão?

— Cocaína, ecstasy, crack, pelo que ficámos a saber depois. Ficou agarrada e esse homem passou a tê-la na mão. A nossa filha ainda tentou tirar o curso, mas não conseguia sustentar as despesas dos estudos e a do vício da droga.

— E vocês não tentaram intervir para ajudar a pagar o curso?

— Claro que sim, mas ela recusou-se a aceitar a nossa ajuda. Ficou muito orgulhosa. Como saiu de casa por ela própria, quis mostrar que se safava sem nós.

— Nunca pensámos perdê-la para a droga…

O casal chorou, utilizando lenços de papel para mitigar as lágrimas de dores que começaram há muito tempo, mas que ainda sentiam como frescas.

— O que aconteceu depois?

— Fomos atrás dela, tentámos chamá-la à razão, ver o mal que lhe estava a fazer — garantiu a mãe.

— Ela estava a arruinar o seu futuro à nossa frente!

— Que Maria Teresa encontraram?

— Nem gostamos de nos recordar…

— Já não era a Maria Teresa…Sabem, a droga desfaz uma pessoa. Muda completamente. Ela era uma rapariga com a pele lindíssima, cheia de vida e saúde. Mas depois de meses a consumir aquela porcaria… estava irreconhecível. Magra que nem um cão faminto, os olhos encovados, marcas na pele…

— Um cheiro a tabaco que não se podia, aquilo já estava infiltrado nela e na roupa — complementou o pai, enojado. — Soubemos que ela arranjou dois empregos para manter um T1 na zona das Olaias e tentar fazer o curso, mas o dinheiro começou a faltar e acabou por desistir do curso ainda no primeiro ano. Chegou a um ponto em que estava prestes a perder a casa, e nós tentámos ajudar, mas ela recusou-se. Não quis mais nada connosco.

— Dizia que tínhamos uma mentalidade pequena e que nunca iríamos perceber o que era viver numa grande cidade. Mesmo na desgraça achava-se grande. Uma vizinha dela, que já não sei por onde anda, isto já foi há uns sete anos, contou-nos que via esse homem a entrar e a sair de casa da nossa Maria Teresa. Certa noite, quando ela estava em vias de ser despejada, esse tipo foi lá com outro homem.

— A nossa filha sujeitou-se para manter um teto na sua grande Lisboa, em vez de vir ter connosco para a ajudarmos. Essa vizinha percebeu que ela se sujeitara à prostituição e foi aí que a Teresa começou a beber para aliviar o nojo que sentia por si própria.

— Fomos lá, já um ano depois de ela ter ido embora, e vimos garrafas e mais garrafas espalhadas pelo chão. Whisky, daquele barato, claro, drogas… Ela quase que nos bateu quando a quisemos obrigar a voltar connosco para casa.

— Foi a última vez que a vimos pessoalmente — lamentou o pai, tapando o rosto com a mão para que não o vissem a chorar. Desta vez, até os ombros soluçaram.

— Com os vícios da bebida e da droga, ficou desesperada por dinheiro e começou a frequentar o Intendente. Dizem que esse sítio foi revitalizado pela Câmara de Lisboa há uns dez anos, houve muitas obras e mais polícia, mais casas para turismo e alojamento local, que está tanto na moda. Aquilo agora é bares todos finórios e turistas cheios de dinheiro. Mas, se olharem com olhos de

ver, percebem que a desgraça continua lá, só que as pessoas olham para o lado e fingem que está tudo bem e bebem o seu cocktail todo colorido e pronto.

— A nossa Maria Teresa era presença habitual nessa zona.

— Como sabem?

— Ela nunca chegou a mudar de número de telemóvel. Por incrível que pareça, conseguíamos que ela nos atendesse o telefone todos os dias.

— Do que falavam?

— Nada.

— Nada?

— Só ligávamos porque queríamos ter a certeza de que ela estava viva.

— Então como eram esses telefonemas?

— Ela atendia e mandava-nos bugiar e coisas piores. Mas nunca deixou de atender.

— Mas chegámos a um ponto em que só o facto de a sabermos viva já era suficiente. Até que há uma semana ela deixou de atender. Três dias sem atender, achámos estranho e demo-la como desaparecida.

— Ela podia não querer saber de nós, mas conseguíamos sempre saber se estava viva ou não. Quando deixou de nos atender, chegando ao ponto de o telemóvel estar desligado, é que percebemos que algo estava muito estranho. Foram vários anos assim, não iria mudar de um dia para o outro, certo?

Os inspetores assentiram, sem nada para dizer.

— Mas, no fundo, sempre soubemos que seria assim que iríamos ter notícias dela. Ela estava um caco, a beber, a drogar-se e a prostituir-se… meu Deus, a nossa filha era uma prostituta, Filipe!

Abraçou o marido com força, enquanto chorava de desgosto contra o seu peito.

Era mais uma família destruída pela droga.

CAPÍTULO 30

MARTA

A última coisa que lhe apetecia naquele dia era jantar com os pais. Tinha a cabeça a doer perante as descrições dos pais da segunda vítima do Estripador e não conseguia deixar de pensar no mundo da prostituição, como elas precisavam de álcool ou drogas para se manterem no ativo e continuarem a trabalhar para ganharem o seu dinheiro.

Enquanto cortava legumes para saltear na frigideira, o pai abria uma garrafa de vinho.

— Devias convidar o teu colega para jantar connosco, um dia, filha.

Marta deu um pulo, lançando um pedaço de curgete pelo ar até cair em cima do micro-ondas. Não contava que a mãe aparecesse de repente atrás de si.

— Quem?

— Deves ter muitos colegas que queiramos conhecer, Martita — disse o pai, a sua voz mais grossa a preencher a cozinha. Deu um gole no seu copo de vinho tinto e ergueu as sobrancelhas repetidamente para dar ênfase ao que dissera.

— Devem estar a falar do Leo.

O pai fez uma expressão na cara que mostrava como era óbvia a resposta. Encheu um copo com vinho e entregou-o à filha, que o bebeu de um trago, deixando-o impressionado. Voltou a encher e a devolver o copo, que Marta foi bebendo com alguma urgência.

— Como é que ele está? Da operação?

— Parece-me bastante bem a nível físico e mental. Está a encarar isto tudo muito bem.

— Achas que ele vai ser preso? Sei que está quase a ser lida a sentença.

— Sinceramente, não sei o que vai acontecer. Tenho medo de que o

prendam…

Fernanda cobriu a mão da filha com a sua, empática como era com os sentimentos da sua cria.

— Sempre pensei que, por esta altura, já tivessem assumido algum tipo de relação, vocês os dois.

Marta assentiu, sentiu os olhos picarem e não era da cebola cortada minutos antes. Aprendera ao longo da vida que os pais intuíam muita coisa da sua vida sem ela lhes contar. Bebeu o resto do copo e estendeu-o para o pai, para que este o voltasse a encher.

— Também eu, para ser honesta, mas as coisas complicaram-se.

Não sabia se era do vinho que tinha ingerido, mas desbobinou toda a história de Laura e da sua recente gravidez e de como isso os afetava. Acabou por descrever os momentos que tiveram com mais intimidade: o karaoke, o aparecimento dele a minutos do final do seu aniversário ali mesmo em Odivelas e o Natal anterior.

— Tu amas esse Leonardo, não amas? — perguntou a mãe, com uma lágrima no canto do olho perante o carinho com que ouviu a filha falar daqueles momentos.

— Pessoas apaixonadas reconhecem pessoas apaixonadas com uma facilidade que te surpreenderia, filha — acrescentou o pai, brindando com ela com um sorriso largo.

Marta desviou o olhar para a comida, sem perceber que andava a lançar um pedaço de beringela de um lado para outro, à espera de ser cortada.

— Filha, sabes que podes confiar em nós.

Ela acabou por erguer o olhar. Sempre confiara a sua vida aos pais e nunca lhes guardara segredos. Não era agora que ia começar. Não quando sentia que precisava de desabafar.

— Sim, amo-o. Só recentemente é que me apercebi verdadeiramente do que sinto. Mas já é tarde demais.

— Tarde demais porquê?

— Porque o Leo nunca irá pôr em risco a vida do filho para ficar comigo. Aquela Laura pode fazer toda a terapia do mundo, mas o risco está lá sempre. Vocês sabem melhor que eu a importância dos filhos, e o Leo já me disse várias vezes que queria tanto ser pai… mas foi outra mulher que realizou esse sonho. Não fui eu.

— Oh, querida…

A mãe abraçou a filha com ternura, bem apertada contra o seu peito.

— Se calhar a vossa história é como naquelas séries ou novelas, em que todos sabem que o casal merece ficar junto, mas que continuam a acontecer coisas para os testar e afastar até ao ponto de acharem impossível ficarem juntos — considerou o pai. — Mas sabes como é que costumam acabar as histórias para os protagonistas?

Marta olhou para o pai, à espera da resposta.

— Acabam sempre juntos.

CAPÍTULO 31

LEONARDO

O ventre de Laura parecia cada vez maior. Em poucos dias, parecia ter crescido para o dobro. Pousou o casaco no cabide da entrada da casa da mãe do seu filho, em Almada. Era estranho voltar àquele local da Margem Sul, onde tanta coisa acontecera. No entanto, era o quarto ao fundo do corredor que atraía os piores e mais prementes pensamentos.

Um cadáver de bebé.

O terrível segredo de Laura que levara ao término da relação.

Relação, essa, que gerara Raul.

— Que achas assim? Fez parte da minha terapia.

O quarto do cadáver estava, agora, transformado. As paredes foram pintadas de azul-claro, num tom suave, com a tinta fresca. O quarto estava completamente despido, sem memórias da mobília anterior. Renovado. Como Laura afirmava estar a sentir-se.

No centro, ainda afastado das paredes para não se tingir de azul, encontrava-se um berço de madeira, pintado a branco com umas grades macias; no interior, avistou um ninho no centro e reparou que o colchão estava ligeiramente inclinado. No fundo, repousavam vários peluches de desenhos animados conhecidos. Por cima, um arco com vários bonecos pendentes e o que ele imaginava serem umas pequenas lâmpadas. Na parte da frente, na trave de cima do berço, estava escrito o nome do bebé.

Raul.

— Eu sei que ainda não é muito, mas foi o que consegui fazer até agora — confessou Laura, com um sorriso enorme, feliz, radiante. O cabelo estava bem arranjado numa juba lindíssima, a pele sedosa como lhe conhecia e o olhar perfurante que o encantara desde que a vira pela primeira vez.

— Está… ótimo.

— Achas?

Ele assentiu, ainda incrédulo pela mudança de cores e de luz no quarto outrora sombrio, frio e fétido. Agora estava luminoso, quente e harmonioso. Pronto para receber um bebé. Pronto para fazer um bebé feliz.

— Acho mesmo. Parabéns.

— Obrigado. A minha psiquiatra achou que me ia ajudar a esquecer os fantasmas do passado. Só falta uma coisa para tudo ser perfeito.

Distraído a pensar em ideias para o quarto ficar ainda melhor, não parou para pensar no que estaria ela a insinuar. Por isso, mordeu o isco sem resistência.

— O que é que falta?

Laura colocou-se à sua frente e puxou a camisola para cima, mostrando o ventre volumoso. Leonardo não soube o que esperar, e pior ficou quando se apercebeu que estava uma frase escrita na pele achocolatada.

Papá, aceitas a mamã de volta?

Após alguns segundos, o primeiro pensamento que teve não foi o melhor, mas mostrava em que posição ainda se encontrava relativamente a ela.

Jogo sujo.

Depois, sentiu-se desconfortável por ela o colocar naquela posição. Leonardo, como inspetor, era uma pessoa decidida e sabia que decisões tomar sem duvidar de si mesmo. Era assertivo e sabia ponderar os prós e os contras com relativa rapidez. Mas, neste caso, estava a falhar redondamente. O coração queria duas coisas que eram incompatíveis.

Mas a sua cabeça sabia a decisão a tomar.

— Ouve, Laura, sabes bem que quero assumir a criança. Embora tenhamos de fazer à mesma o teste de paternidade, vou acreditar na tua palavra e assumir que

o Raul é meu filho. Jamais fugirei às minhas responsabilidades, mas o que aconteceu entre nós ainda é demasiado recente. Como posso pensar sequer em viver contigo quando aquela imagem não me sai da cabeça sempre que estamos juntos?

Ela perdeu o sorriso e deixou os ombros descair. Leonardo percebeu que ela já contava com aquela reação da sua parte; a desilusão de ver a teoria confirmada era notória. Ela baixou a camisola, subitamente triste.

— Eu entendo, e nesse aspeto estou descansada e feliz por saber que não terei de educar o Raul sozinha, mas… — os lábios tremeram, enquanto ela se apoiava no berço e olhava para o ninho onde Raul se iria deitar nos primeiros meses de vida — tenho medo, sabes? Tenho medo de falhar quando estiver sozinha. É como te disse, eu quero tanto que corra tudo bem, e tenho feito de tudo para estar bem psicologicamente para que o nosso filho nasça e cresça saudável e cheio de amor. Mas há sempre aquela pontinha de receio, compreendes?

— Compreendo, claro que sim. Tens medo de ter um episódio de retrocesso e que prejudiques o Raul.

— Sim. Imagina que ele começa a chorar daquela forma horrível que às vezes os bebés choram, parece que estão a morrer, e eu não o consigo calar? Se entrar em parafuso e o deixar sozinho em casa para parar de ouvir a choradeira? Ou, pior, se o calar à força? Não vou conseguir viver comigo própria se cometer esse erro novamente…

— Eu compreendo perfeitamente os teus receios, mas há uma grande diferença desta vez.

Aproximou-se dela ao vê-la chorar em silêncio, numa atitude reprimida, para que ele não tivesse pena de si. Levantou-lhe o queixo para que o olhasse nos olhos.

— Qual?

— Não estás sozinha. Poderei não estar aqui sempre contigo, mas se tiveres uma crise, basta ligares-me. Prometo que vou passar a atender os teus telefonemas, como já fiz desta vez para me mostrares o quarto. Afinal, és a mãe do meu filho, para todos os efeitos.

Leonardo tentou sorrir, e Laura fez o mesmo, embora sem grande sucesso.

— O que pretendes fazer, então?

— Como assim?

— Quando o Raul nascer. Vamos avançar para guarda partilhada?

Naquele mesmo dia, Leonardo considerou a hipótese de lutar pela custódia total de Raul. Com o histórico de Laura era bastante provável que conseguisse ficar com o filho legalmente, apenas para si. Mas não era capaz de o fazer. Isso iria destruir de vez todo o esforço que Laura investira em melhorar como pessoa e como mulher. Não lhe podia fazer isso.

— Sim, creio que será o ideal. Sei que pretendias que o criássemos juntos, mas não posso mentir a mim mesmo e arriscar vivermos contrariados e infelizes.

Ela assentiu, com um sorriso sabedor.

— É a Marta, não é?

— Que tem a Marta?

— É por causa dela que não queres viver comigo. O teu coração sempre lhe pertenceu.

Leonardo assentiu, com um sorriso tímido.

— Começo a aperceber-me cada vez mais disso.

— De que a amas?

— Sim. Amo-a.

Ela sorriu e deu umas pancadas suaves no ombro do inspetor.

— Não digo que isso não me doa, porque dói, e custa-me muito admiti-lo, mas vocês fazem um casal perfeito. Aqui a estúpida é que vos arruinou um bocado a cena, não foi?

— Aconteceu o que tinha de acontecer. Se não tivéssemos namorado, nunca teria descoberto o cadáver da tua filha, nunca terias ficado grávida de mim e se calhar nunca terias arranjado coragem e forças para lutar para seres uma pessoa melhor. As coisas acontecem-nos sempre por um motivo.

— Sim, e se calhar foi a terapia de choque que precisavas para te libertares de vez do teu luto e de veres que tinhas uma mulher perfeita para ti mesmo ao lado todo este tempo.

— Verdade.

Ficaram uns momentos a olhar um para o outro, ligeiramente embaraçados pelo facto de a questão estar resolvida entre eles e de terem descido uns patamares para «apenas amigos com um filho em comum».

— Ainda bem que esclarecemos isto, Laura. Obrigado. Tenho a cabeça cheia com a minha doença, com o caso *Estripador de Lisboa*, com a questão da minha mãe…

— A questão da tua mãe? — perguntou subitamente, o rosto assustado.

— Não vês notícias, estou a ver — respondeu, estranhando a reação dela. — A minha mãe revelou-se a Embaixadora das *Olimpíadas da Morte* depois de eu ter vencido a competição. Ela regressou dos mortos para me mostrar que a culpa das centenas de mortes que houve foi dela.

Laura deu a volta ao berço, o olhar perdido no tempo.

— Então ela está viva. E é uma criminosa.

— Exato. Tenho uma sorte na vida, não tenho?

— Que pensas fazer em relação a ela?

— Para já, só a queria encontrar. Mas ela ocultou bem a sua localização no vídeo. Não há forma de descobrir onde ela se encontra. Mas quando a encontrar…

— O que vais fazer?

— Sabes o mais engraçado? Nem eu sei. A minha cabeça diz-me que tenho de a deter para ela ir a julgamento, obviamente. Nem se levanta essa questão.

— E o teu coração?

Cruzou os braços e reprimiu umas lágrimas ao imaginar o cenário em que a veria tantos anos depois de ter sido dado como morta. O quanto ele sofrera pela morte da mãe…

— O meu coração recorda-me constantemente que o Leonardo adolescente daria tudo para ter mais um minuto com ela, mais um abraço, um carinho. Mas ela é uma assassina!

Laura parecia preocupada, quase assustada, mas o inspetor não entendia porquê. Provavelmente por ver o conflito que existia dentro dele. Começou a andar pelo quarto, cabeça baixa, o olhar concentrado, como se ponderasse algo que fosse de decisão difícil.

Então, virou-se para ele com uma certa determinação no olhar.

— Pelo que me disseste aqui hoje, e no seguimento da minha luta para ser uma mulher melhor, tenho algo para te dizer.

Leonardo franziu a testa. Não compreendia ao que se estava ela a referir.

— O que é, Laura?

Ela aproximou-se dele, muito séria, muito nervosa.

— Há algo sobre mim, sobre o meu passado recente, que não te contei. Acho que chegou a altu…

A dois metros do inspetor, o rosto abriu-se de espanto e curvou-se para a

frente, agarrada à barriga.

— Ah!

— Que se passa? — perguntou, acorrendo com consternação.

— O Raul deu um pontapé com força. Anda cá sentir!

Ela levantou a camisola e puxou-lhe a mão para a barriga.

A primeira coisa que pensou ao tocar na pele quente foi como a barriga estava rija. Nunca tivera pessoas grávidas na família, já que a sua irmã Mafalda adotara os seus filhos com a sua mulher. Depois, sentiu uma enorme expectativa enquanto aguardava por movimento.

— Os bebés não estão sempre aos pontapés, mas ele já começa a fazer com regularidade. Espero que dê outro!

Minutos volvidos, quando começava a ponderar se devia tirar a mão da barriga, sentiu algo do outro lado embater com força contra a sua mão.

Um pontapé.

O primeiro pontapé do seu filho. Era o primeiro verdadeiro sinal de vida de Raul.

Outro pontapé. E mais outro.

— Ele está com força!

O que quer que fosse que Laura lhe quisesse dizer há instantes, independentemente da sua importância, evaporara-se das cabeças de ambos.

Apesar dos alarmes que a postura anterior de Laura despertaram nele, nada era agora mais importante que sentir, pela primeira vez, o seu filho.

CAPÍTULO 32

LEONARDO E MARTA

A semana começou com a autópsia a Maria Teresa Costa, onde os inspetores reencontraram Cristóvão e o seu assistente. O exame decorreu sem grandes percalços nem novidades. Foram encontrados alguns pelos púbicos que não eram da vítima e algum material nas unhas, mas nada que parecesse promissor. Ainda assim, seria tudo analisado e todo o ADN possível seria extraído para quando tivessem algum suspeito com que o comparar, ainda que pudesse ser tudo circunstancial. Afinal, tratava-se de uma mulher que costumava estar com vários homens diferentes todos os dias.

— Sabes o que mais me incomoda no meio disto tudo, Leo? — perguntou Marta, em jeito de desabafo, quando regressavam ao edifício moderno e vistoso da Polícia Judiciária. Na hora de almoço ia ser realizada uma conferência de imprensa pelo diretor da PJ e tinham de se reunir primeiro com o inspetor-chefe para o pôr ao corrente do caso.

— As peças de xadrez.

— São a grande diferença dos assassinatos de 90 para as de agora. Porquê peças de xadrez?

— Também já me debrucei sobre isso. Pode ser uma pista que estamos a deixar passar.

— Mas que pista? Que conclusões podemos tirar das peças de xadrez? Que o assassino adora jogar xadrez? Que será um dos melhores do país e é suposto investigarmos os melhores jogadores?

— Nem era mau pensado, mas de que forma limitávamos a nossa busca? No Top 10? Top 20? Não temos onde pegar… — lamentou Leonardo, frustrado por haver uma peça do puzzle à qual não conseguia atribuir significado.

— Lá isso é verdade.

— Ou então pode ser uma forma de ele dizer que está a jogar connosco, que cada ação dele é uma jogada rumo à sua liberdade e rumo ao nosso falhanço. Que ele é capaz de nos ganhar.

— Pois, a interpretação metafórica parece-me mais interessante e plausível para já.

— Ainda assim, podíamos verificar os álibis dos melhores jogadores do ranking nacional, se ficarmos sem ter por onde pegar — sugeriu Leonardo, que não gostava de deixar nenhuma ponta solta.

— Sim, concordo. Vou falar com o Teodoro para fazermos isso sem levantar suspeitas.

Chegaram à Rua Gomes Freire, uma rua de sentido único, onde observavam sem grande admiração, por o fazerem todos os dias, a fachada distinta da Sede da PJ de Lisboa à esquerda. Marta teve de abrandar o veículo pois várias carrinhas televisivas começavam a entupir a rua. Leonardo abriu a janela e espreitou, tentando entender por que motivo estavam parados. A entrada para os veículos na PJ era uma centena de metros à frente. Estavam atrasados para a reunião com Paulo Teodoro e precisavam de o atualizar antes da conferência de imprensa.

À frente de duas carrinhas identificadas com os logótipos de estações televisivas, encontrava-se uma carrinha velha, de caixa aberta, batida pelo tempo e pelo uso pouco cuidado. A barreira lateral estava aberta e um homem retirava um contentor verde do lixo, daqueles estreitos com 140 litros de capacidade, pousando-o em cima do passeio adjacente à Polícia Judiciária. Depois, inclinou-o de forma a utilizar as rodas para avançar. Leonardo voltou a colocar a cabeça dentro do carro e, juntamente com Marta, observaram-no a conduzir o contentor pela frente da entrada do edifício.

Marta bufou de impaciência. Odiava esperar. Para piorar, o homem do lixo

parecia ter todo o tempo do mundo; não se preocupava em ser célere, nem com as duas buzinadelas da inspetora para o apressar. O homem, à terceira buzinadela, parou e endireitou o contentor no meio do passeio que servia a entrada para as pessoas acederem aos serviços da PJ.

— Que está ele a fazer, porra?

O homem, agora a assobiar, abriu a tampa do contentor e empurrou-o com força suficiente para o fazer tombar para o chão, espalhando o seu conteúdo pelo passeio.

— Cabrão de merda, a espalhar lixo mesmo à frente da PJ! — reclamou a inspetora, a ferver.

Leonardo abriu a porta, mais confuso do que indignado pelo que estava a ver.

— Então?! Que pensas que estás a fazer?

O homem do lixo virou-se para trás, e a expressão no rosto não era o que ele estava à espera de encontrar.

Surpresa. Confusão. Depois sim, o medo.

E o medo levava a tomarmos medidas estúpidas.

O homem começou a correr por onde veio, mas a carrinha já estava a acelerar, deixando-o para trás.

— PJ! Para imediatamente! — gritou Leonardo, atravessando a estrada e correndo no encalce do homem que despejara o lixo.

Ao passar pelo conteúdo, percebeu que o cheiro era putrefacto e que não era o lixo que estava à espera de encontrar. Não havia pacotes de plástico, sacos de papel ou outras embalagens a esvoaçar rua abaixo. O conteúdo manteve-se bem colado ao chão, inabalável.

Fez um pequeno desvio para ver mais de perto o lixo. Teve um baque ao constatar o que era, um baque que quase o fez parar a perseguição ao homem

que causara aquele rebuliço, prontamente aproveitado pelas duas estações televisivas que nem acreditavam no furo que lhes caíra do céu, mesmo à frente deles; pensavam que vinham para uma conferência de imprensa aborrecida, mas saíam com um furo jornalístico em primeira mão que lhes ia dar uma grande audiência. Ainda por cima tendo em conta as imagens chocantes que iriam transmitir sem qualquer censura.

O caixote tombado. Um monte de entranhas pútridas envolvidas em sangue.

Apesar de observar por meros segundos, Leonardo discerniu um estômago, um fígado e muitos, muitos metros de intestino delgado e grosso.

Ao correr atrás do homem do lixo, compreendeu do que se tratava.

Eram os órgãos que o Estripador de Lisboa retirara das suas vítimas.

Contando que Marta tomaria conta da ocorrência, correu com a maior velocidade que lhe era possível. Tivesse aquela perseguição ocorrido no ano anterior, e já o teria apanhado nos primeiros quinhentos metros. No entanto, a sua debilidade física não lhe permitia atingir a mesma velocidade e nível de resistência.

Muito pelo contrário.

Ao chegarem ao cruzamento com a Rua Joaquim Bonifácio, seguiu pela esquerda atrás dele, mas a colostomia começou a irradiar o corpo com dores que o fizeram arquejar e praguejar em igual medida.

Sem tirar a vista do fugitivo, que empurrava umas cadeiras da esplanada de um café para abrir caminho, continuou estoicamente. Sentia que se aproximava, mas as dores começavam a ser insuportáveis. Nunca na sua vida desistira do que quer que fosse, mas à medida que forçava a sua zona abdominal, maior era o grau de dor.

Estava a tornar-se insuportável.

A falta de treino fê-lo respirar mais pesadamente, as pernas pesavam mais que

o normal após aquela distância percorrida, os músculos começavam a reclamar com ameaças de cãibras.

Ao chegar a um novo cruzamento, sentiu um relâmpago percorrer o seu corpo a partir da colostomia, que o lançou ao chão, a gemer de dores, agarrado à barriga.

As pessoas à sua volta mostraram-se preocupadas e acercaram-se dele, querendo ajudá-lo. Percebeu, para seu enorme desgosto, que tinha caído à beira de uma esplanada de outro café.

— Senhor, está tudo bem?

— Precisa de ajuda?

Lágrimas corriam pela face, asneiras pela boca. A culpa era só sua, por se ter desleixado no cuidado da pele. Devia ter infetado e agora ardia perante o esforço a que se propusera.

No entanto, nem tudo estava perdido.

Passando por ele como uma bala, viu Marta correr e, uns metros mais à frente, a atirar-se sobre o homem e a mandá-lo ao chão, algemando-o logo de seguida, depois de o dominar em pleno cruzamento. Vários carros travaram a fundo, fazendo os pneus chiarem no pavimento; alguns buzinaram por não compreenderem a súbita paragem, mas quando viram um homem a ser algemado e levado pelo braço, tinham compreendido tudo e tinham, acima de tudo, ganho uma história para contar em casa. Não era todos os dias que se via uma inspetora da PJ deter um fugitivo daquela forma.

Leonardo levantou-se com o auxílio de dois civis, um dos quais lhe estendeu um copo de água que o inspetor sorveu com gosto. Com a respiração normalizada e com os músculos a recuperar a força após o tremendo esforço a que foram sujeitos, o inspetor começou a sentir-se melhor e conseguiu sorrir

debilmente quando Marta se aproximou dele, o homem do lixo algemado ao seu lado, bem agarrado por ela.

— Que se passou, Leo? Foi a…

Ele assentiu, sentindo-se miserável e colocando-se ao lado dela para caminharem juntos de regresso.

Abriu o casaco e espreitou a camisa. Uma pequena mancha de sangue tingira o tecido e fez o inspetor sentir-se ainda pior consigo mesmo.

— Assim que chegarmos, vais tratar disso.

— Não, primeiro temos de perceber quem é este homem e o que fez ele ali.

Pode ser o Estripador de Lisboa, tentou dizer a Marta com o olhar. Ela percebeu, mas ignorou-o.

— Temos tempo para o entrevistar. Não podes contestar, não te esqueças do que combinámos no início do caso. Para já, vamos colocá-lo na prisão.

Ao ouvir a palavra que os criminosos tanto temiam, o homem, de pele clara, vestido com um macacão verde, barba rala e cabelo comprido castanho, ficou assustado e começou a tentar defender-se.

— Eu… eu não sei de nada, juro, não sabia o que estava no caixote, só fiz o que me mandaram… juro!

— Que queres dizer com isso? Alguém te mandou fazer isto? — questionou Leonardo, querendo aproveitar o caminho que tinham de regresso para esclarecer tudo.

— Si… sim. — O homem estava nervoso. — Eu costumo fazer transporte de bilhas de gás com um colega, e hoje alguém deixou aquele contentor à porta de minha casa, com uma nota colada na tampa.

— Que nota?

— Dizia que se eu levasse aquele contentor até à frente da PJ e despejasse

tudo no chão, que ganharia quinhentos euros. Metade do valor estava já ali com a nota, a outra metade depois quando fizesse o trabalho. Não sei de mais nada, juro!

Ao chegarem à frente da PJ, já o circo estava montado: as duas estações televisivas estavam a transmitir em direto o que acontecera e já se interrogavam se seria obra do Estripador de Lisboa, enquanto alguns curiosos paravam nas imediações.

— Temos de conter isto, já!

Com assertividade, um pingo de intransigência e um toque de irritação, Marta deixou o homem com Leonardo e afastou os jornalistas e os transeuntes do local, ao mesmo tempo que Leonardo pedia auxílio aos seus colegas que se encontravam no interior.

Minutos volvidos, dois seguranças saíram do edifício e começaram a criar uma distância de segurança, ao mesmo tempo que dois técnicos da Polícia Científica se equipavam para analisar e limpar o cenário.

— Como te chamas? — perguntou Leonardo, aproveitando o tempo que estava a sós com o homem do lixo.

— Jorge Silva.

— Idade?

— Vinte e sete.

— Profissão?

— Distribuidor. Neste caso, de bilhas de gás.

— Não viste nada nem ninguém ao pé do contentor do lixo?

— Nada. Foi como disse, saí de casa e estava isto à minha porta, com a tal mensagem e o dinheiro.

— Tens a mensagem contigo?

— Não, tinha instruções para a deitar fora.

— Deitaste fora como?

— Pus num caixote do lixo qualquer da minha rua.

— Estava escrito à mão ou a computador?

— A computador.

Sendo assim, não valeria a pena mandar pessoas vasculhar os lixos.

— Se descobrimos que nos estás a esconder alguma coisa… vais ter de lidar com consequências severas. Já percebeste bem a dimensão do caso onde estamos, certo?

— Sim, claro. Se soubesse não tinha feito nada.

— E não te passou pela cabeça que seria errado despejar lixo à frente da PJ? Mesmo que fosse apenas lixo normal?

— Eu sei, mas quinhentos euros são quinhentos euros, chefe…

Leonardo abanou a cabeça.

— O teu colega?

— Que tem?

— Ele sabe de alguma coisa?

— Não, ele apareceu com a carrinha para me dar boleia depois de eu ter lido a carta. Decidimos dividir o dinheiro pelos dois e não falar disto a ninguém.

— Porque é que ele fugiu?

— Entrou em pânico, como eu.

— Preciso que me identifiques esse colega para lhe fazermos umas perguntas.

— Ó chefe, mas não lhe vai lixar a vida, pois não? Ele já foi preso, está a recompor a sua vida, coitado…

— Ainda mais juízo deviam ter do que despejar lixo aqui.

Ele estava arrependidíssimo e o inspetor não insistiu mais.

Levou-o para dentro e pediu a um segurança para o ter debaixo de olho. Através das vidraças da fachada, viu um carro da PSP parar no início da rua e começar a dispersar o trânsito. Iam cortar aquela estrada.

Alguns minutos depois, Marta foi chamada por um dos técnicos que analisava a amálgama de órgãos no meio daquela pasta sangrenta dispersa pelo chão. Ela passou a mão pela cabeça, olhou em volta e Leonardo saiu porta fora, sabendo que tinham descoberto algo de chocante.

— Que se passa, M&M?

Ela estava muito séria, o tom de pele mais pálido que anteriormente, ainda pior para quem tivera de fazer uma grande corrida em sprint.

— Ainda há muita coisa para analisar, mas já encontraram algo de muito estranho.

— Então?

— Temos duas vítimas conhecidas, certo?

— Certíssimo, e há a forte possibilidade de amanhã haver uma terceira para celebrar os tais trinta anos.

— Pois, mas já há três vítimas, Leo.

— O qu…

Olhou para a massa disforme e entendeu tudo. Sentiu a adrenalina cair a pique, a vergonha do seu falhanço momentaneamente esquecida.

— Encontraram três corações.

CAPÍTULO 33

BÁRBARA

Bárbara: Olá, Pedro! Como tás hoje? Dormiste bem?

Pedro: Olá :D

Pedro: Há mto q não dormia tão bem, acreditas?

Bárbara: E isso é por algum motivo em particular?

Pedro: Tu sabes bem pq…

Bárbara: N sei n, tens q m recordar

Pedro: Epa, conheci uma pessoa espetacular este fds

Bárbara: A sério? Cm era ela?

Pedro: Nã tens noção, ela é linda, engraçada, sabe falar…

Pedro: É o pacte todo!

Pedro: pacote*

Bárbara: Tem piada, pq eu tb conheci um homem extraordinário

Bárbara: Daqueles mesmo fofos e queridos

Pedro: Q sorte a tua

Bárbara: Eheheh

Bárbara: Somos tão TOLOS!

Pedro: Pois somos, mas felizes

Bárbara: Pois é

Pedro: Eu sabia q ia adorar conhecer te

Bárbara: Eu tinha mais dúvidas, mas também adorei, confesso

Bárbara: E não pareces nada ser assim tão mais velho q eu!

Bárbara: Disseste que tinhas 33, não foi?

Pedro: Isso é um grande elogio :D

Pedro: Pareço ter quanto?

Bárbara: Se tivesse de adivinhar, diria que tinhas a minha idade ahah

Pedro: Ahah

Pedro: Mas agr falando de outras coisas…

Bárbara: Sim?

Pedro: Fui só eu q notei, ou havia ali entre nós uma certa…

Bárbara: ?

Pedro: Vá lá, tenho de o dizer?

Bárbara: N sei do q falas

Pedro: Tensão sexual

Pedro: Desculpa, sei q n devia falar destas coisas, mas senti uma ligação tão forte ctg q queria unir-me a ti, ser só teu pra smp

Pedro: Desculpa

Bárbara: N peças dcp, parvo

Bárbara: Eu senti igual

Bárbara: N foi fácil ir pra casa

Pedro: E a mim custou me imenso deixar te ir

Bárbara: mas foi melhor assim, sabes que tenho receio de me precipitar

Pedro: Claro, compreendo ☺

Pedro: Mas agr já nos conhecemos

Pedro: Já podes confiar em mim

Pedro: Não confias em mim?

Bárbara: N quero q penses que sou uma oferecida

Bárbara: Por fazermos sexo lg ao início

Pedro: Nunca pensaria isso d ti

Pedro: Por ti espero o tempo q quiseres

Bárbara: Fofinho 😳

Pedro: Foi tranquilo com os teus pais?

Bárbara: Eles n suspeitaram de nd

Bárbara: Confiam em mim

Pedro: E fazem mt bem

Bárbara: Será q fazem?

Pedro: Até parece q fizeste algo de mt errado

Bárbara: Não, mas sinto-me smp um bocado mal por lhes mentir

Pedro: N é mentir, é ocultar

Pedro: É diferente

Bárbara: És mt espertinho

Pedro: Gosto de ver o lado positivo das coisas

Bárbara: Adoro isso em ti

Pedro: :D

Bárbara: Tenho de ir, querido

Bárbara: Aulas, sabes cm é

Bárbara: Adorei conhecer-te! Até logo

Pedro: Até logo

Pedro: És AZAMING!

Pedro: Amazing*

Pedro: Mal posso esperar por te ver novamente

Bárbara: <3

CAPÍTULO 34

LEONARDO E MARTA

O mundo lá fora podia estar a acabar, mas depois da humilhação por que passara, a sua prioridade número um era limpar o estoma. O orifício estava inflamado, com um tom vermelho e nitidamente inchado. A colostomia era, segundo o médico que o operara, uma solução temporária se os resultados dos exames que ia fazer dentro de dias mostrassem ausência do cancro. Mas se a doença tivesse progredido apesar do tratamento, a colostomia podia ser permanente. Era outra preocupação que o apoquentava diariamente, mas assim que limpou tudo como deve ser, essa preocupação desapareceu da sua mente quando se reuniu com a colega no seu gabinete. Ela aproveitara a pausa de Leonardo para ser ela a colocar o inspetor-chefe ao corrente da investigação do caso.

No fundo, ele até agradecia que a liderança estivesse totalmente do lado de Marta. Aquelas situações mais burocráticas e hierárquicas aborreciam-no de morte. Poder trabalhar sem passar por isso era um mimo.

— A terceira vítima do Estripador de Lisboa já foi assassinada, Leo.

Foram estas as primeiras palavras de Marta assim que entrou no gabinete deles, que era separado do gabinete da outra equipa dos Homicídios pelo gabinete de Paulo Teodoro, ao qual chamavam «aquário» por ter janelas para ambos os lados. Felizmente, ele gostava de ter as persianas corridas, dando privacidade a todas as partes da equipa.

— Ele está a gozar connosco. A provocar-nos.

— E está a mostrar que está sempre uma jogada à nossa frente. Ou mais.

— Como é suposto acontecer no xadrez — notou Leonardo, sentindo-se bem melhor em termos físicos. — Os maiores campeões são capazes de prever dezenas de jogadas por antecipação.

— Será que com o Estripador de Lisboa está a acontecer o mesmo? Será que é esse o motivo das peças de xadrez nas vítimas?

Marta começou a apontar os novos desenvolvimentos no quadro de cortiça dedicado ao caso, quando o seu telemóvel tocou.

— Estou?

Leonardo tentou decifrar o que a colega ouvia através das suas expressões, e percebeu que tinham descoberto mais alguma coisa na amálgama despejada do contentor.

E não augurava ser nada de bom.

— Tudo bem, metam tudo no relatório depois, por favor.

Desligou a chamada, encarou o quadro por uns instantes e inspirou fundo, antes de pegar num post-it e escrever lá duas palavras. Colocou-o num espaço livre e prendeu-o com um pionés azul. Leonardo leu e sentiu uma onda de desalento cair sobre os ombros.

Peão Preto

— Há mesmo uma terceira vítima.

— E isto não é tudo.

— Então?

— Encontraram mais uma coisa.

— O quê?

— Uma nova mensagem do Estripador.

CAPÍTULO 35

LEONARDO E MARTA

A conferência de imprensa estava prestes a começar. O Gabinete de Imprensa, um espaço pequeno, pensado para declarações simples para meia dúzia de interessados, não estava preparado para a magnitude do que se passava naquela altura.

Uma mesa dominava uma das extremidades do Gabinete, com três cadeiras e um monte de microfones e gravadores apontados para o lugar central, onde o Diretor Nacional da Polícia Judiciária se iria sentar dentro de momentos; de frente para a mesa, não havia espaço para mais ninguém. Entre jornalistas televisivos, jornalísticos, repórteres de imagem, estagiários, não cabia vivalma naquele espaço.

Às treze horas em ponto, o Diretor Nacional, um homem sério, de fato com bom gosto, aprumado e alinhado, magro e com cabelo perfeitamente penteado, entrou pela porta lateral e dirigiu-se com cerimónia ao seu lugar. Romeu Gonçalves tinha aquela imagem imperturbável, de que nunca perdia a compostura, pelo que o levavam muito a sério e, quando falava, normalmente as pessoas calavam-se para o escutarem.

A mais recente mensagem do Estripador de Lisboa já tinha sido difundida por todos os meios da comunicação e redes sociais e já fora debatida acesamente nas secções de comentários de inúmeras páginas jornalísticas e em espaços de opinião na televisão.

Amanhã celebra-se o trigésimo aniversário do meu grande feito.

Agora, a história repete-se. Mas, pensando bem, não se repete sempre?

De que serve a polícia evoluir tanto a nível tecnológico, de técnicas e de conhecimentos, se continua sem me conseguir capturar?

Como é que vocês se sentem seguros sabendo que a PJ é tão incompetente?

Como é que um assassino como o inspetor Leonardo Rosa continua a zelar pela vossa segurança?

A terceira vítima já foi assassinada, mas onde está a polícia?

Pelo que os inspetores puderam verificar pelos comentários das publicações sobre a carta do Estripador, havia dois temas com discussão mais acesa. Um era a culpabilidade de Leonardo Rosa no julgamento cuja leitura do acórdão estava para breve; o outro era a questão que também mais lhes interessava pensar naquele momento: onde estava a terceira vítima?

Com a conferência a aproximar-se com rapidez, e com o mediatismo a subir a píncaros, não tiveram o tempo que desejavam para pensarem e refletirem. Estavam, agora, junto da porta de entrada, afastados dos holofotes das câmaras.

— Bom dia, a todos. Aliás, boa tarde — começou o Diretor da PJ, sem qualquer vestígio de humor. — Estamos aqui todos para que saibam o ponto de situação da nossa investigação. O criminoso conhecido como Estripador de Lisboa tem tentado lançar o caos com as suas comunicações; ainda há pouco lançou mais uma carta, que servirá apenas para confundir as pessoas, lançar o medo e espalhar o pânico pela população portuguesa. Não queremos isso. Nós temos uma equipa de excelência a trabalhar, não só os inspetores de Homicídios, como todos os outros que fazem parte desta investigação. A Polícia Judiciária sempre se vangloriou por eleger para seus funcionários os melhores dos melhores. Somos uma força reconhecida internacionalmente e não será um mero criminoso que irá pôr isso em causa. Ele quererá lançar a dúvida e a discórdia entre nós, mas é em momentos como este que temos de nos manter unidos e não duvidarmos de nós próprios. — Olhou para Marta e Leonardo, levando a que todos os jornalistas o fizessem também. — Eu não duvido nem por um segundo.

Um nó surgiu na garganta dos inspetores e foi preciso toda a sua concentração para manterem a pose séria e profissional, aguentando os segundos de atenção

antes de se virarem novamente para Romeu e para as questões que queriam ver respondidas.

O Diretor aguentou estoicamente meia hora de questões, umas mais provocadoras que outras, com uma elegância e honestidade que surpreendeu Leonardo.

— Não fazem mesmo ideia de quem é o Estripador de Lisboa?

— Não, de momento não sabemos a identidade do criminoso, mas temos, a partir de hoje, uma linha gratuita para que todos vocês possam partilhar connosco se virem algo suspeito, algo que nos ajude a capturar este homem.

Romeu Gonçalves verbalizou o número duas vezes para que os jornalistas apontassem corretamente, de forma a divulgarem-no em conformidade. Na maioria dos casos, e tal como ocorrera há três décadas, esta medida não trazia frutos práticos. Eram raríssimas as vezes em que se encontrava uma pista interessante através daquela linha de apoio. A tendência era as pessoas acharem que viram algo e, de forma genuína, quererem ajudar a PJ, mas o que acabava por acontecer mais vezes era as pessoas ligarem com desinformação propositada.

Mas era uma medida que tinha de ser tomada.

— Há trinta anos houve a suspeita de que o Estripador de Lisboa tinha cessado funções, digamos assim, de forma tão misteriosa porque teria morrido, quiçá de uma doença apanhada por uma das prostituas que matou — lançou uma jornalista de fato verde e cabelo apanhado —, mas agora temos mortes iguais às dessa altura e a sugestão de que o Estripador de Lisboa voltou. A minha questão, e a de muitos portugueses, é: estão confiantes de que é o mesmo assassino de há três décadas, ou será um imitador que estará a homenagear o Estripador original?

Esta era a questão que mais mexia com os inspetores. Eles não sabiam a resposta certa, embora desconfiassem que se tratasse realmente do original, quanto mais o Diretor nacional.

— As circunstâncias do desaparecimento do Estripador de Lisboa em 1993 são um mistério, é verdade, mas não há indícios de que tenha morrido, e muito menos da forma que refere — começou Romeu —, pelo que, quanto sabemos, ele continua vivo e de saúde. É um dos grandes mistérios da nossa casa e esperamos que deixe de o ser em breve.

— Então está a dizer que estamos a lidar com o Estripador original, o mesmo que atacou em Lisboa nos anos 90?

— Não disse isso.

— Então, mas com que teoria está a PJ a trabalhar de momento?

Leonardo sentiu as orelhas vermelhas e a queimar perante o escrutínio que o diretor estava a ser alvo, quando deviam ser eles a passar por isso.

— Apesar de não ser cem por cento certo, acreditamos que se trate do mesmo criminoso que atuou há três décadas.

Seguiu-se um burburinho de vozes em surdina e de dedos a teclar perante a «confirmação» de que se tratava do mesmo homem a repetir a façanha de três décadas antes. Leonardo já conseguia imaginar os títulos dos jornais, mas o pensamento foi interrompido quando alguém da audiência levantou a voz.

— Pois eu discordo do que acabou de dizer — proferiu uma voz do fundo da sala, sem que o seu emissário se tivesse revelado ainda.

Foi a primeira vez que Romeu Gonçalves perdeu um pouco da sua compostura.

— Desculpe?

O olhar dele e dos inspetores vaguearam pelos inúmeros profissionais da comunicação social presentes no Gabinete de Imprensa, à procura de quem se assumisse como o autor de tal discórdia. Mesmo os jornalistas pareciam confusos. Olhavam entre si, sem saberem quem falara. Muitos deles já se

conheciam minimamente, mas estavam tão surpreendidos quanto os da Polícia Judiciária.

— O que acabou de dizer é uma grande mentira.

Um homem robusto, de olhar furioso preso em Romeu Gonçalves, avançou pelo meio da sala, aproveitando o momento de estupefação dos jornalistas para que eles se afastassem dele sem que ele tivesse de se esforçar.

— E por que razão me acusa disso?

O homem parou a centímetros da mesa, de olhar preso no diretor da PJ.

Depois, virou o rosto para a direita, e o olhar encontrou os de Marta e Leonardo.

Ambos os inspetores sentiram um calafrio antes de o homem voltar a falar.

— Porque eu sou o verdadeiro Estripador de Lisboa.

CAPÍTULO 36

LEONARDO E MARTA

Durante segundos, ninguém falou no Gabinete de Imprensa. Nem mesmo os jornalistas conseguiram reagir com rapidez. Afinal de contas, quem é que se assumia daquela forma, perante o país, como um dos assassinos em série mais famosos da história?

As engrenagens dos cérebros dos inspetores começaram a trabalhar, a fazer ligações, a tentar encontrar sentido no que acabara de acontecer.

Um homem surgira na PJ a assumir-se como o Estripador de Lisboa.

O original.

O que assassinara, pelo menos, três mulheres de uma forma grotesca, desumana, horrível. O seu rosto estava a ser filmado e fotografado por dezenas de jornalistas. Estava a ser visto por milhões de pessoas em direto e ele não parecia importar-se.

— Não o vão deter? — questionou uma jornalista baixinha, de cabelo arranjado e ar chocado. — Ele acabou de se assumir como o Estripador!

Os inspetores saíram da sombra e aproximaram-se, mas nenhum deles levava consigo algemas nem arma visível. O homem, com as faces bexigosas e com barba farta e prateada, esboçou um sorriso escarninho.

— Eles não me podem fazer nada. Não me podem deter. Eu matei aquelas prostitutas, é verdade, mas os meus crimes já prescreveram. Não posso ir preso por isso. Lamento a desilusão, decerto que daria uma ótima reportagem.

Os jornalistas olharam para eles os dois, que mantinham o olhar sério, os lábios cerrados, o interior em chamas por verem à sua frente um homem capaz de atos tão obscenos como os que eles testemunharam nos últimos dias. Não estiveram presentes nas investigações nos anos 90, mas agora tinham uma encenação perfeita. Era como se lá tivessem estado.

— Sim, é verdade — disse Marta, sem nunca tirar o olhar daquele homem que tanto a intrigava. — Os crimes deste tipo prescrevem ao fim de quinze anos.

— A conferência terminou — anunciou Romeu Gonçalves, levantando-se, sabendo de antemão a balbúrdia que estava prestes a estalar. — Obrigado pela vossa presença e peço-vos que abandonem o edifício com celeridade e de forma ordeira. Até breve.

Apesar da tentativa do diretor da PJ, os jornalistas precipitaram-se sobre o homem que afirmara ser o Estripador, gerando um momento de extrema confusão. Marta e Leonardo, querendo conversar com ele longe dali, avançaram sobre o aglomerado que se formara na sala com vista a não o perderem de vista.

Ouviram-se alguns gritos histéricos, pessoas a cair e a reclamar. Dois agentes foram obrigados a intervir e no meio da confusão de câmaras, máquinas fotográficas, microfones e pessoas, o suspeito desapareceu. Não havia sinal dele.

— Onde é que ele foi? — Marta estava irritada.

— Onde é que ele está? — Leonardo afastava jornalistas da frente em busca do homem, mas nada. Tinha-se esfumado, como um fantasma. Não se via em lado nenhum. Como tinha ele conseguido sair sem que eles o vissem?

Eles queriam saber mais sobre ele, sobre o que ele fizera há trinta anos. Talvez isso os ajudasse a capturar o novo Estripador de Lisboa. Mas ele aproveitara a confusão com os jornalistas para escapulir sem deixar rasto. Como um fantasma.

Os inspetores sentiam-se desiludidos, enganados e traídos em própria casa.

— O que é aquilo? — o diretor da PJ apontou para um envelope em cima de uma cadeira.

Marta aproximou-se de imediato, calçou um par de luvas que trazia sempre consigo e abriu-o, receosa pelo que ia encontrar. Escondeu o conteúdo de olhares alheios e leu a mensagem deixada pelo antigo Estripador de Lisboa.

Inspetora, quero tocar na tua pele e quero uma madeixa do teu cabelo ao final

da tarde. Em troca, conto-te tudo.

Marta ficou lívida. Virou a folha e viu uma morada escrita com a mesma caligrafia irregular.

CAPÍTULO 37

MARTA

Marta estava sentada na sua secretária, imóvel, a ler o bilhete. Romeu Gonçalves estava fechado no gabinete do inspetor-chefe, juntamente com Leonardo, a falar dela e de toda a situação.

Os três estavam de acordo de que seria uma loucura que a inspetora acedesse ao pedido do Estripador e tentavam encontrar uma solução para obter as respostas que precisavam. Mas Marta tinha uma opinião diferente. Não gostava que tomassem decisões por ela, muito menos nas suas costas. Três homens armados em cavaleiros prontos para defender a honra da sua dama. Não o permitiria. Levantou-se em direção ao gabinete do inspetor-chefe para os informar do que tinha decidido.

— Quero encontrar-me com o Estripador original — anunciou, com ar sério para não deixar margem para dúvidas.

Os três homens olharam para ela espantados, a conversa cessada abruptamente com a intervenção da inspetora.

— Não podes achar que é uma boa ideia ires ter com aquele monstro — comentou Leonardo, o olhar a transbordar de preocupação.

— Estive a pensar a sério, enquanto vocês se engalfinhavam aqui. Precisamos de todas as informações possíveis. Se o novo Estripador está a imitar o original, ele pode dar-nos informações que nos ajudem a capturar este novo assassino. Sou só eu que vejo isso?

Romeu e Teodoro ficaram em silêncio, pensativos.

— Tu viste bem o que ele queria de ti? Um madeixa do teu cabelo e… *tocar-te*?! Não podes ir ter com ele. É demasiado perigoso.

— Se fosses tu no meu lugar ias sem hesitar. Para o bem da investigação. Deixa-me fazer o mesmo que tu farias por nós.

Leonardo abanou a cabeça, não querendo aceitar.

— Eu até acho boa ideia. — concordou o inspetor-chefe, procurando a aprovação do diretor da PJ. — A verdade é que se a Marta conseguir informações do Estripador original, pode ser decisivo para a atual investigação. No fundo, já sabia isso, só não queria admitir. Mas agora que ela demonstrou tamanha força de vontade, não há como dizer que não.

Romeu olhou para Marta com seriedade, a refletir nas implicações que aquela decisão poderia ter na investigação.

— Vocês não podem estar a considerar isto, certo? — perguntou Leonardo, embora fosse mais um grito que uma pergunta. Não estava a conseguir saber lidar com aquela possibilidade. Estava a enfurecer-se perante a passividade dos seus superiores. Pelo que podia analisar da linguagem corporal, estavam inclinados em aceitar a ideia de Marta.

— A inspetora Marta tem um bom ponto de vista — justificou Romeu, encarando Leonardo. — Precisamos de todas as informações…

— E vão deixá-lo tocar-lhe? E se ele se entusiasma e a ataca a sério? — A escuridão começou a toldar-lhe os pensamentos. — E se ela a estripa? Se ela morre?

— Inspetor Leonardo… — O diretor tentava amenizar os ânimos do seu subordinado, tocando-lhe no braço com delicadeza.

— Vocês são loucos se pensam em aceitar esta proposta! — gritou, rejeitando o toque do diretor.

— Vamos lá a ter calma — aconselhou Paulo Teodoro, preocupado com o que via na expressão facial de Leonardo.

— É a melhor opção que temos neste momento. Finalmente podemos conversar com o Estripador de Lisboa, trinta anos depois. Não podemos perder a oportunidade.

Num acesso de fúria, Leonardo virou-se para um móvel com estantes preenchidas com livros e algumas fotografias, e atirou-o ao chão com violência, causando um enorme e desnecessário espalhafato no gabinete do inspetor-chefe.

— Mas que merda… — surpreendeu-se Romeu Gonçalves, ultrajado pelo comportamento do inspetor.

— Leonardo, sai já daqui. IMEDIATAMENTE! — a ordem do inspetor-chefe era firme.

O inspetor virou-se para os seus superiores, a visão toldada, o coração a bater violentamente e com sede de sangue.

Nesse momento, Marta pegou-lhe no braço com força e arrastou-o para fora do gabinete. Ao sentir o apertão o seu instinto dizia-lhe para ripostar e atacar quem o estava a puxar, mas ao ver o rosto dela, a sua força esfumou-se e a visão ficou nítida novamente. O cabelo ruivo, as sardas, a sua voz, trouxeram-no de volta.

Tinha reassumido o controlo sobre si mesmo.

— M&M… tu não podes…

— Está descansado, Leo, eu não vou ter com ele — garantiu, num tom calmo e tranquilizador, que o ajudou a serenar os ânimos.

Mas estaria ela a dizer a verdade?

CAPÍTULO 38

LEONARDO

O que se estava a passar com ele?

Desde que fora resgatado da ilha da Madeira, desde que se recompusera e retomara a sua vida, sentia que algo mudara. Algo dentro de si, no seu núcleo, fraturara-se de uma forma irreversível e mudara-o de alguma forma.

Só agora começava a compreender a dimensão do grande problema que tinha em mãos. Não era o cancro, não era a procura pela sua mãe assassina, não era o julgamento. Era o efeito que a luta pela sobrevivência tivera em si. Estaria a sofrer de stress pós-traumático grave?

Chegou à casa de banho e, vendo-a vazia, sentou-se no chão, as pernas dobradas e a cabeça entre os joelhos.

Se não fosse Marta a pará-lo… se ela não o tivesse puxado… se a voz e a imagem dela não tivessem acalmado a escuridão que lhe enchera o peito…

Ele teria destruído o gabinete e esmurrado os chefes até à inconsciência.

Mas como era isso possível?

Como é que a sua parte mais instintiva, mais primitiva, se sobrepusera à sua parte racional? Ele sempre se orgulhara de ser uma pessoa lógica, de não se deixar levar por sentimentos. Era essa característica em particular que o tornara num inspetor tão bem-sucedido. O seu domínio do lado emocional era uma enorme vantagem. Era Marta quem costumava ceder às emoções, e funcionavam bem assim. Complementavam-se. Por isso é que eram uma dupla tão perfeita.

Marta.

Analisando a fundo o que o levara a perder as estribeiras, reparou que fora pela provocação que o Estripador praticara sobre ela. Só de o imaginar a tocar-lhe, a mão assassina na pele pura de Marta, fê-lo perder a cabeça.

Era isso uma prova do que ele sentia por ela? Era a prova definitiva que ele…

a amava?

Amava-a ao ponto de poder perder tudo para a defender e proteger?

Abriu a torneira e lavou o rosto com água fria.

Ao voltar ao gabinete, viu Marta, Teodoro e Romeu a conversarem de forma amena no gabinete do inspetor-chefe. Decidido a não fazer mais nenhuma cena, afastou-se e espreitou pela janela. Avistou uma pequena multidão no passeio onde horas antes estavam espalhados os órgãos e as entranhas das três primeiras vítimas do novo Estripador de Lisboa.

Mas a terceira vítima ainda não tinha sido encontrada.

A terceira vítima.

Aproximou-se do quadro de cortiça e analisou a carta do Estripador, que Marta já colocara presa bem no meio, após as informações que tinham recolhido sobre as duas primeiras vítimas.

Se eles conseguissem recuperar o corpo naquela segunda-feira, teriam uma pequena vitória, pois o Estripador iria querer que esta fosse encontrada no dia seguinte, o dia oficial dos trinta anos da última vítima do Estripador original.

Podiam forçá-lo a errar. E se o levassem a cometer um erro pela frustração de o seu plano ter saído furado, podiam conseguir algo que os aproximasse da identidade do assassino.

Ignorando o pulsar que sentia nas mãos, focou-se no que sabia fazer melhor: pensar, fazer ligações e chegar a sítios onde poucos chegavam. Era esse o seu forte.

Tinha de se redimir por ter prejudicado Marta.

Pelo seu futuro imediato naquela investigação, tinha de descobrir onde se encontrava a próxima vítima. Algo o fez reler a última carta do assassino com

redobrado interesse. Sentia que havia algo ali. Leu a carta repetidamente. Uma e outra vez.

Amanhã celebra-se o trigésimo…

A história repete-se…

Sentia que havia ali uma pista. Tinha de estar.

… não se repete sempre?

Foi então que percebeu. A pista estava mesmo à frente dos olhos de todos.

E Leonardo tinha-a descoberto.

Ou assim o esperava.

CAPÍTULO 39

LEONARDO E MARTA

Dias após a descoberta da primeira vítima do Estripador de Lisboa, Camarate voltava a ser alvo de trabalho policial. Desta feita, mais intenso e em maior número de agentes envolvidos no Bairro da Boavista.

— Tenho de admitir que foste brilhante, Leo — concedeu Marta, vestida com calças de ganga justas, botas e um top fresco com um casaco por cima. A tarde de final de inverno revelara-se mais quente do que o esperado. A primavera estava a chegar com toda a força.

— Até parece que é assim tão estranho — brincou, vestido com calças azuis-escuras e uma camisa clara, dispensando o seu sobretudo que tanto o caracterizava.

A pista encontrada pelo inspetor prendia-se precisamente com a insistência do Estripador na questão da história se repetir como há trinta anos. Se a história se repetir como ele afirmava com tanto fervor, isso significava que, tal como há três décadas, a terceira vítima seria encontrada a cerca de cem metros da primeira. Neste caso, em Camarate.

— Mas esse teu brilhantismo não te salva de uma reprimenda.

Ele engoliu em seco e manteve o olhar no barracão onde tinha sido encontrada Maria Inês Soares. Colocaram-se num cruzamento para terem acesso visual direto a todos os profissionais que vasculhavam a área por eles. Dada a urgência da situação, foram enviados imediatamente vários agentes para procurar na área indicada. Quando os inspetores lá chegaram já os trabalhos estavam em curso. Decidiram caminhar por uma das vias do cruzamento, talvez a menos provável por ter edifícios em melhores condições e, por isso, mais habitados e vigiados. As janelas estavam todas abertas, inúmeras pessoas debruçadas para tentarem apanhar alguma informação sumarenta que pudessem partilhar com familiares e amigos.

— Foste longe demais, Leo. O diretor estava passado. O Paulo até sugeriu recambiar-te de volta para casa e terminares a tua baixa médica longe desta investigação. Acham que estás a quebrar por causa de tudo o que te está a acontecer e que o melhor é ficares em casa até resolveres os teus problemas.

— Isso é que não… Daria em louco.

— Mas eu intercedi por ti, obviamente, e responsabilizei-me oficialmente pelas tuas ações. Portanto, vê se atinas, senão quem sai prejudicada sou eu.

— Não volta a acontecer.

— É bom que não. A tua sorte é que descobriste a localização da terceira vítima. Isso ajudou bastante a convencê-los a continuares na investigação.

— Vamos lá ver se tenho razão.

— Tens sempre. Não venhas com falsas modéstias.

Ficaram um momento em silêncio.

— Ainda não me contaste como vamos fazer sobre o bilhete do Estripador.

— Já te disse que não vou lá. Se isso te deixa tão… *alterado*, é porque se calhar está errado.

Leonardo observou a colega com o seu olhar profissional, na procura de algum trejeito na sua expressão ou algum movimento involuntário do corpo que a denunciasse, que mostrasse que ela estava a mentir.

Do bolso da inspetora veio o som que mais ansiavam desde que tinham chegado ao local. Marta pegou no telemóvel e atendeu a chamada com renovada esperança e alívio, colocando-a em alta voz.

— Encontrámos um corpo.

— Estripado?

— Sim, inspetora.

Leonardo e Marta entreolharam-se.

Por muito pequena que fosse, tinham tido uma vitória sobre o Estripador de Lisboa. A primeira que, com sorte, poderia dar mais frutos em breve.

CAPÍTULO 40

LEONARDO E MARTA

A história tinha tendência para se repetir.

Neste caso, era totalmente verdade.

A terceira vítima do Estripador de Lisboa tinha sido encontrada numa garagem de um pequeno edifício de dois andares abandonado, a cerca de cento e vinte metros de distância do barracão onde a primeira fora encontrada.

Leonardo tivera razão.

Como nos dois crimes anteriores, encontraram uma mulher jovem, estendida no chão com braços e pernas afastados. O cenário era dantesco.

— A vítima aparenta ter sido estrangulada, cortada e esventrada — anunciou Cristóvão Martins, que estava de sobreaviso para atuar com rapidez e já se encontrava ao lado dos inspetores a avaliar a cena, os três com fatos de proteção.

— A zona abdominal parece mais… remexida.

— Acho que o assassino retirou ainda mais órgãos do que às vítimas anteriores.

— Se a história se repetir, como ele disse na carta, terão sido quase todos os órgãos, incluindo um pulmão — notou Leonardo. — Os seios foram removidos e todos os órgãos da cavidade abdominal também parece que sim.

— Precisamente. Já sabem que na autópsia tiraremos as teimas.

Podia-se pensar que, à terceira vítima estripada os inspetores criassem alguma indiferença, natural quando se viam desgraças semelhantes, mas era impossível ficar indiferente, mesmo que fosse a centésima vítima naquele estado.

— Quando consegues fazer a autópsia? — pressionou Marta, pensando como uma chefe.

— Ainda não vos sei dizer. Estou com imenso trabalho. Numa situação

normal, só conseguiria no final da semana.

— Cristóvão, parece-me que é bastante óbvio que não estamos perante uma situação normal…

O médico-legista ergueu os braços na defensiva e sorriu.

— Eu sei, estava só a demonstrar como me será difícil fazer a vossa autópsia, mas conto fazê-la na quarta-feira, no máximo. Já quebrei as regras com as vossas vítimas anteriores.

— Daqui a dois dias…

— De manhã. Um dia e meio.

— Tudo bem.

— Depois eu ligo-vos para irem lá.

Feitas as combinações, deixaram os peritos fazer o seu trabalho em torno do corpo para a aquisição de vestígios que os pudessem conduzir ao Estripador de Lisboa atual.

Vendo que não adiantariam mais nada ali, Marta consultou o relógio de pulso.

— Está na hora.

— Na hora? — estranhou Leonardo, ausente nos seus pensamentos perante o cenário que observavam.

— Sim. Tenho de me preparar para a minha missão noturna.

Saíram do local e despiram os fatos de proteção.

— Não te esqueças do que combinámos. Eu vou estar lá perto, num carro, à escuta. Qualquer coisa e apareço em poucos segundos. Não vais estar sozinha. Vou lá estar para ti.

Marta assentiu, sorrindo com um toque de nervosismo. Quando se voluntariara para aquela missão, fizera-o com a certeza de que era o melhor plano que podiam executar para contra-atacar o novo Estripador. No entanto,

agora que estava a poucas horas de o iniciar, sentia um nervoso miudinho no estômago.

— Vai correr tudo bem — assegurou Leonardo.

— De certeza. Vá, vemo-nos logo, Leo. Importas-te de voltar à PJ com outra pessoa? Tenho mesmo de despachar isto para ter tempo para logo à noite.

— Sim, sem problema. Cuidado. Liga-me assim que puderes.

— Está tudo controlado.

Ao vê-la afastar-se, continuou a avaliar as expressões corporais da colega, bem impressas na sua memória. Estaria a falar a verdade?

Do bolso traseiro das calças, reparou numa ponta de papel que espreitava para fora. Podia ser alguma fatura ou recibo ali esquecido há dias, mas ele sabia bem que papel era esse que ela guardara naquele bolso.

Era o bilhete do Estripador original.

Leonardo inspirou fundo e cerrou os dentes, a incerteza a moer-lhe o cérebro.

CAPÍTULO 41

MARTA

O local escolhido pelo Estripador de Lisboa original não podia ser mais recôndito. Próximo da Siderurgia Nacional, no Seixal, encontrava-se um enorme terreno maioritariamente descampado. Marta cruzou os braços em frente ao portão que impedia a passagem a pessoas estranhas ao serviço na fábrica de aço. Estava trancado. Tendo em conta que era final da tarde, prestes a anoitecer, acreditava que estivesse vazio de funcionários. Recentemente, aquela metalúrgica fora alvo de um processo em tribunal pelos alegados incumprimentos da legislação ambiental, mas foram absolvidos por não se comprovarem as alegadas violações das regras de proteção do ambiente e da saúde pública.

— Eu sabia que não ias resistir. Só não achei que viesses sozinha.

A voz do Estripador de Lisboa original assustou-a, fazendo-a rodar nos calcanhares para o encarar. Próximo de uma árvore que separava a estrada alcatroada do terreno, um homem fitava-a com um olhar clínico, avaliador.

Marta aproximou-se, caminhando lentamente.

— Como te chamas? Quem és tu?

— Quero o pagamento adiantado.

— Nem pensar.

— Então vieste aqui desnecessariamente.

— Metade agora e metade no fim, quanto estiver satisfeita.

Ele assentiu, perscrutando-a com um olhar enigmático.

Marta pegou numa tesoura, que trouxera do gabinete, envolveu uma madeixa do cabelo ruivo com os seus dedos e cortou um bocado de uma mecha da parte de dentro, de forma a não se notar. Depois, enfiou a madeixa num saco e passou-o ao homem.

O Estripador, com o seu rosto inescrutável, abandonou a sombra comprida fornecida pela árvore e desceu para a estrada, estendendo a mão para receber a madeixa de cabelo. A contragosto, Marta entregou-lhe a metade inicial do pagamento, guardando a tesoura no bolso traseiro das calças, junto do bilhete.

— Como te chamas?

— Não creio que seja isso que te interesse saber, querida.

Marta cerrou os punhos. Odiava aquele tipo de condescendência dos homens.

— Eu é que sei o que me interessa saber. Como te chamas?

— Muito bem. Chamo-me António Salgueiro.

— Idade?

— Sessenta e sete. Podia ser teu pai…

— Onde nasceste?

— Em Lisboa. É isso que queres saber? Que desilusão.

— Por que razão apareceste na PJ?

O seu ar suavizou-se. Estava claramente mais entusiasmado por falar nesse assunto do que em debitar dados pessoais.

— Sou dos maiores mistérios da justiça portuguesa. Um assassino em série sobre quem não conseguiram descobrir nada.

— Tudo bem, mas isso não explica porque revelaste a tua identidade hoje.

— Não gosto de ser afrontado. E este «novo» assassino é uma clara provocação.

— O novo Estripador de Lisboa?

— Sim, a imitar-me em tudo. A copiar todos os meus passos, os meus esforços para ser único.

— Ele está a fazer-se passar por ti — notou Marta.

— Precisamente.

— Quiseste assegurar-te de que todos sabiam que o Estripador de Lisboa original conseguiu nunca ser apanhado.

— Vim tratar do meu legado. Apenas e só.

— Como é que selecionaste as tuas vítimas? Há várias teorias em voga, mas eu quero saber a verdade.

António Salgueiro ficou intrigado com aquela questão.

— Quero tocar-te primeiro.

Um arrepio agitou a coluna da inspetora.

— O combinado foi que isso ficaria para o fim, quando eu ficasse satisfeita com as tuas respostas. Só agora é que estou a começar a parte que realmente me interessa.

— Então que não desperdiçasses tempo com perguntas da treta. Ou deixas-me tocar-te, ou nada feito. Vou-me embora, como homem livre que sou, e não me verás mais.

Marta engoliu em seco.

— Como é que escolhias as vítimas? Tinhas algum método em específico para as escolher e atrair para o local onde as querias estripar?

— Deixa-me tocar-te primeiro e respondo-te a isso tudo.

António mantinha-se sério, camuflando os seus pensamentos. A verdade é que ela precisava daquelas informações. Se estava ali, era porque era importante que ele lhe respondesse. Nunca pensara que ele fosse alterar as regras.

— Tudo bem — consentiu, descaindo os ombros. — Podes tocar-me na cara.

Um brilho surgiu no olhar dele enquanto se aproximava, com o cuidado de uma pessoa que se aproxima de um gato na rua e não o quer afugentar. Marta sentiu-se pequena e desprotegida perante um homem da envergadura de António.

Não sabia se era da reputação que o precedia, mas sentia-se intimidada a centímetros dele.

António ergueu a sua mão peluda, as unhas perfeitamente cortadas, e aproximou os dedos do seu rosto. A inspetora sentiu um choque quando os dedos entraram em contacto com a sua pele da face e a acariciaram com uma delicadeza incrível.

António abriu ligeiramente a sua boca, o olhar sedento.

— Esta tua pele sardenta é tão macia, tão jovem… — António aproximou a boca da sua orelha, mas não teve tempo de dizer mais nada.

Um vulto surgiu do nada e atirou-se a António, lançando-o ao chão alcatroado com violência. A parca luz que o anoitecer impusera tornara a cena confusa, mas os sons eram inequívocos: estavam a ser desferidos socos.

De joelhos sobre o peito de António, Leonardo Rosa socava o rosto do homem com violência, o olhar possesso, dominado pela escuridão.

— LEO! Para!

Aflita que o colega fizesse algo de que se fosse arrepender mais tarde, agarrou-o pelos ombros e puxou-o, mas ele escorraçou-a, continuando a esmurrar o rosto de António com uma fúria que nunca lhe vira e que a deixou assustada.

— Leo, já chega!

Leonardo não ouvia nada.

Era matar ou ser morto.

Estava na floresta; tinha de se despachar ou alguém poderia aparecer de surpresa e matá-lo a ele. Tinha de se despachar, tinha de vencer a competição, tinha de sobreviver.

Por Marta.

Ao pensar nela, abriu-se uma brecha na sua mente. Começou a ouvi-la gritar o seu nome.

— Para com isso! PARA!

Ao ouvir a sua voz, a escuridão começou a ser sugada pelo peito, a visão deixou de ficar turva. Ele não estava na floresta, não estava a lutar pela sua sobrevivência. Estava no Seixal, a lutar com o Estripador de Lisboa.

Marta fez nova investida e envolveu-lhe o pescoço com os braços. Puxou-o com força. A privação momentânea de oxigénio despertou algo nele que desviou a sua atenção do assassino para a colega.

Ao vê-la, o seu olhar furioso acalmou, retomando aos poucos a normalidade.

Deixou que ela o puxasse e sentiu-se a cair para trás e a ser arrastado uns metros, até que o rosto lindo com a sua moldura de fogo surgiu à frente, dominando todos os seus pensamentos e emoções, acalmando-o.

Trazendo-o de volta.

— Leo, sai já daqui! Arruinaste tudo.

Ele olhava para as mãos doridas, confuso.

— Mas…

— Espera por mim lá ao fundo — apontou para o portão da fábrica. — Aclara as ideias enquanto esperas. É uma ordem!

Confuso, levantou-se e percebeu, então, que alguém estava a gemer perto de si. No chão, o Estripador de Lisboa original gemia baixinho, o corpo a mexer-se muito lentamente, perto da inconsciência. O rosto do homem estava ligeiramente ferido.

Leonardo, apesar do seu próprio estado, não sentiu um pingo de ressentimento.

E isso foi o que o assustou mais.

— Vai, Leo!

— Mas é melhor…

— Eu não preciso de um príncipe encantado para me proteger. Mete isso na tua cabeça de uma vez por todas. Estragaste tudo!

— Mas eu…

— Sai! Já falamos sobre isto a seguir.

Resignado, afastou-se, enquanto ela ajudava António a levantar-se.

Sentiu-se assustado pelo que acabara de acontecer.

O que se estava a passar consigo?

António sacudiu a roupa e, de orgulho e face feridos, deu meia-volta e desapareceu.

Depois de ver o Estripador ir-se embora, Marta avançou furiosa sobre o colega, que parecia meio perdido.

— Desculpa, M&M. Não sei o que me deu…

— Estragaste tudo, Leo! Quase que o tinha na mão!

— Como assim?

— Eu tinha um plano. Queria que ele, ao tocar-me, se passasse da cabeça e me atacasse.

— Porquê?!

— Para ter algo com que o acusar e prender, porra. E tu arruinaste tudo.

Leonardo compreendeu a intenção dela e ficou a sentir-se como lixo. Marta abanou a cabeça e andou uns segundos de um lado para o outro, acalmando-se aos poucos.

— O que se passa aí dentro? — continuou, apontando para o coração do inspetor.

— Não sei… Desde as *Olimpíadas da Morte* que sinto que algo mudou em mim. Às vezes não respondo por mim.

— Será stress pós-traumático? Como aqueles soldados que regressam da guerra e há coisas banais do dia a dia que servem de gatilhos e os transportam para o campo de batalha e os fazem agir como se ainda lá estivessem?

— Talvez… Quando estava em cima do António, só pensava em como tinha que me despachar a matá-lo antes que desse hipótese de alguém me matar a mim… É a Madeira de novo… Só consegui voltar a mim mesmo quando…

Ela olhou com interesse.

— Quando?

— Quando ouvi a tua voz e quando senti as tuas mãos. Só aí é que consegui vencer a minha escuridão e sair daquele transe.

— Tens de ir a um psiquiatra. Não podes continuar a lidar de perto com criminosos, como nós fazemos. Já falaste disto a alguém, à tua irmã por exemplo?

— Não, és a única a quem consegui falar disto.

— Como tua chefe, a minha nova ordem é procurares um psiquiatra, senão terei de te afastar da investigação. Entendido?

E com isto virou costas e deixou-o sozinho.

Tinha uma missão para preparar.

CAPÍTULO 42

BÁRBARA

Pedro: Hey! Td bem? Sei q é 2f, mas gostava de te ver esta noite

Pedro: Não consigo parar de pensar em ti…

…

Bárbara: Awww q fofo!

Bárbara: Eu confesso q tb n m apetecia mt tar nas aulas Bárbara: Preferia tar ctg

Pedro: Tão alinhas, esta noite?

Bárbara: Acho q sim, lá tenho de enganar os meus pais Pedro: Faz parte

Pedro: Há que fazer sacrifícios pela nossa felicidade

Pedro: :D

Bárbara: Verdade!

Bárbara: Qd sais do trabalho?

Pedro: 18h

Pedro: E tu sais das aulas qd?

Bárbara: 19h

Pedro: Jantamos juntos?

Pedro: Dizes que tens um trab de grupo ou assim até tarde

Pedro: Eu inventava imensas desculpas qd andava na faculdade eheh

Bárbara: Sim, é tranquilo

Pedro: Q te apetece fazer?

Bárbara: Sinceramente, n m apetecia mto ir para um sítio com muito barulho

Bárbara: Hj o dia foi puxado, preciso de espairecer a cabeça Pedro:

Eu conheço o sítio ideal para isso!

Bárbara: A sério?

Pedro: Sim, é calmo, tranquilo, podes fazer o que quiseres, desde ver filmes, beber o q te apetecer, é mesmo à vontade

Bárbara: Parece-me bem. Isso é onde? N convém q seja mto longe

Pedro: *Chez moi*

Bárbara: Isso é o quê, um restaurante francês?

Pedro: Tola!

Bárbara: Pq?

Pedro: É a minha casa, tava a meter-me ctg!|

Bárbara: Ahhhh

Bárbara: Tens razão. Hj tou mm queimada dos neurónios ahah xD

Pedro: A minha casa é o ideal para recuperares e relaxar a mente

Bárbara: E o corpo?

Pedro: Queres relaxar o corpo?

Bárbara: Por acaso não… preciso de descarregar energias, sabes?

Pedro: Sei sim

Bárbara: Só não sei é de que forma

Bárbara: Tens alguma ideia?

Pedro: Assim de repente, não. Tenho a consola Wii, dá pra fazer uns exercícios e tal

Bárbara: Pode ser, então, não tinha pensado nisso

Pedro: :P

Pedro: Sei fazer umas massagens espetaculares, para o caso de quereres relaxar depois

Bárbara: Depois do quê?

Pedro: De jogarmos a Wii

Pedro: Óbvio. Estavas a pensar no quê?

Bárbara: Em nada, nada

Pedro: Cm saio antes de ti, vou preparando a Wii Bárbara: Ótimo, n gosto de esperar, e vou tar tão necessitada nessa altura…

Bárbara: De jogar Wii

Pedro: Eu trato de td, n te preocupes

Bárbara: manda-me só a tua morada

Pedro: É para já

Pedro partilhou uma ligação do Google Maps

Bárbara: Apareço lá assim que possa

Bárbara: Ansiosa

Pedro: N mais do que eu

Pedro: Até já!

Bárbara: Até já

Bárbara: Beijinhos molhados

Pedro: 😍

CAPÍTULO 43

MARTA

Desconforto total.

Eram as palavras ideais para descrever como a inspetora se sentia naquela noite, enquanto caminhava com alguma insegurança pela calçada escorregadia, como se estivesse nervosa e insegura. No fundo, isso até ajudava no seu disfarce.

Quem a conhecesse, mesmo que muito bem, não a iria reconhecer facilmente.

Rosto maquilhado, lábios pintados de vermelho, cabelo com uns caracóis perfeitos, brincos dourados grandes e vistosos. Vestia uma saia preta plissada que terminava acima dos joelhos, uma T-shirt azul justa, que realçava o volume dos seios e sobre a qual repousava um grande colar em corrente prateada com quatro medalhões ligados entre si. Calçava uns sapatos de salto agulha que com toda a pontaria encaixaram-se no espaço exíguo entre duas pedras do passeio, desequilibrando-a.

— Para a próxima não posso ter saltos tão finos — murmurou, embora estivesse sozinha. No entanto, não estava. Através de uma escuta colocada na sua pochete preta com uma alça comprida e fina em corrente pousada no ombro direito, Leonardo Rosa escutava tudo do outro lado do terminal. Ela podia ouvi-lo através de um pequeno e discreto auricular, indetetável.

Tinham combinado que ele ficaria num carro descaracterizado, disponibilizado pela PJ para que ninguém pudesse sequer adivinhar a operação que estava a decorrer ali.

Aquela primeira noite disfarçada de prostituta seria ao largo do Parque Eduardo VII. Eles tinham sondado outras zonas e Marta podia ser reconhecida. Difícil, tendo em conta o seu disfarce, mas possível. Ali não tinham aparecido no exercício da sua profissão real.

E era dos sítios mais batidos por prostitutas, todos o sabiam. Ao crepúsculo,

algo mutava naquele parque, tão conhecido por ser ótimo para as famílias. Até lá, o Parque Eduardo VII era um lugar insuspeito. Ao pôr-do-sol, começava a haver movimentações a noroeste, algumas marcações de posição a sudeste. Era nessa altura que se apresentavam as prostitutas, onde Marta se incluía naquela noite. A maioria, pelo que podia observar, era de meia-idade, tinha o cabelo oxigenado e saltos altos e começavam por ocupar os bancos da metade norte da Alameda Edgar Cardoso, onde ela se encontrava a caminhar. Leonardo tinha-a deixado no topo da rua e ela foi descendo com a maior calma e naturalidade possível.

Atrás de uma árvore, um homem masturbava-se, sem problemas em mostrar o seu pénis rijo e ereto para os poucos carros que começavam a passar numa passada lenta, observadora da mercadoria. Marta viu os profissionais do sexo a fazer olhinhos a quem passava, ansiosos por faturarem.

Aquele jovem seria prostituto ou estava apenas excitado por ver mulheres em trajes menores a exibirem os seus produtos?

Esperou que ele terminasse o serviço. Com o cair da noite, criava-se um estranho silêncio no Parque. Estava na hora de outro espetáculo, o da prostituição, longe da ingenuidade e festividade da Feira de Natal e da Feira do Livro de Lisboa que ali ocorriam anualmente.

O jovem, que não devia ter mais do que 25 anos, saiu de ao pé da árvore, passou o relvado e retomou o seu lugar junto a um dos bancos no passeio mais próximo da estrada. Havia bancos mais próximos e outros a seguir a um pequeno relvado, mais resguardados, mas que eram visíveis da estrada na mesma; sem nenhum carro estacionado, a visibilidade era perfeita.

Amedrontada pelo que estava a fazer, decidiu falar com o jovem que se masturbara ainda agora. Sentado no banco de jardim, sozinho, estava recostado com as pernas bem abertas. Ao aproximar-se, reparou em como ele tinha o rosto bronzeado, a pele bem untada e brilhante, calças de ganga com rasgos que

mostravam a pele e uma camisola muito justa, onde se adivinhava um corpo delgado e definido.

— Olá — cumprimentou Marta, acenando.

Ele olhou-a de cima a baixo e fez um ligeiro aceno, como se a aprovasse.

— És cliente ou puta?

— Comecei hoje…

— Eu logo vi. Não costumas estar por estas bandas.

— Não.

— Então, que te aconteceu? Fugiste de casa? Os teus papás deram-te com o pé para te fazeres à vida? Droga?

— Tenho uma casa para pagar e não arranjo emprego.

— Isso é fodido.

— E tu, vieste cá parar porquê? Posso sentar-me?

Ele olhou para a estrada, para os dois lados, e não vendo nenhum potencial cliente, assentiu.

— Eu adoro vir para aqui. É aqui que tudo acontece, sabes? É um mundo autêntico. Mas não faço por dinheiro.

— Não?!

— Não, é por prazer. Sou casado e tudo.

Por esta é que Marta não esperava. Ao fundo, avistou mais mulheres descascadas descerem o relvado à direita para se juntarem perto da estrada, distribuindo-se pelos vários bancos e, à falta de melhor, pelas árvores, numa coreografia silenciosa.

— Então, mas como é que…

— Ela não faz ideia de que venho para aqui. Eu tenho um emprego durante o

dia e venho para aqui mal possa. A meio da noite, vou buscar a minha patroa ao trabalho, ela trabalha numa loja, vamos para casa, jantamos, dou-lhe «assistência» para a deixar satisfeita e volto para aqui assim que ela adormece.

— E consegues manter essa dupla vida?

— Não faço todos os dias, né? Um tipo tem de estar em forma para satisfazer os clientes, senão deixam de vir cá. Se a patroa estiver assim mais faminta, não vai dar para vir, mas quando ela está mais calma, é na boa. Ela dorme muito. O importante é estar em forma para estar aqui. Não é fácil, mas consigo. — Apontou para a cabeça. — É tudo psicológico.

— OK…

— É verdade. As pessoas não sabem, mas o sexo é tudo psicológico. Os melhores atores porno são aqueles que conseguem decidir quando se vêm. Há audições e tudo. Têm de conseguir vir-se num minuto e têm de conseguir ficar dez minutos na pinocada sem se virem. É lixado, mas é tudo psicológico. Quando se faz vida disto, aprende-se muita coisa.

— Estou a ver que sim.

— Para já parece tudo estranho porque estás a começar, mas daqui a umas semanas a tua perspetiva já vai ser diferente, acredita. Acontece com todos.

— Então e tu… que clientela tens?

Ele falava com ela, mas o olhar vagueava sempre pela rua, de um lado e do outro, à procura, a eterna procura de clientes interessados.

— Só faço casais. Encontramo-nos aqui, mas depois eles levam-me para um hotel.

— Ai, é?

— Normalmente dou assistência à mulher enquanto o marido fica a ver e se

masturba. Não gosto de paneleiros. Esses têm mercado do outro lado do parque, ao pé do Pavilhão Carlos Lopes.

— Lá também há prostituição?

— É uma badalhoquice para lá. Fazem nos arbustos, quando há espaço. Muitos fazem no meio da relva, à falta de melhor. É chegar, pagar, foder e bazar. Não há cá merdas.

— Não fazia ideia, pensei que fosse só nesta alameda.

— Do outro lado, a nordeste do Parque, é uma loucura mesmo. E quanto mais tarde, pior, porque aí passamos dos profissionais para os amadores que querem foder e não sabem como. Aquilo é homens de todos os lados e por vezes é perigoso — avisa. — A confusão chega a ser tanta, que acabam por andar lá ladrões e gajos armados. Ir ali a altas horas é mesmo para arriscar. Não te aconselho.

— Obrigada — agradeceu, embasbacada pela vida que aquele Parque tinha quando a noite chegava. A prostituição não era ilegal em Portugal, apenas o lucro de terceiros com o sexo, como bordéis ou quartos que se alugam para sexo, mas ainda assim não deixava de a surpreender.

— Na boa. Eu tive um veterano que me explicou como as coisas funcionam. Parece que não, mas isto está tudo montado como um verdadeiro espetáculo e há regras implícitas a cumprir. Aprendi muito com ele. Se um casal diz que está hospedado numa pensão, epá, é melhor não ir, porque quer dizer que não têm dinheiro para te pagar. Só vou se for em hotéis.

— *Ainda bem que ele só faz isto por prazer* — ouviu Leonardo comentar no seu ouvido. — *Imagina se fosse por dinheiro?*

— Também é uma questão de segurança, ‘né? Numa pensão não sabemos o que vamos encontrar dentro de um quarto. Num hotel é tudo controlado. As

pessoas têm de estar registadas na receção, e isso. Há hotéis em que chego lá e já nem me dizem nada, sabem quem sou e ao que vou.

— Não tens receio que partilhem esse teu segredo?

— Não sei se sabes, mas alugar quartos de hotel para prostituição é ilegal, portanto eles não vão falar, não só para não sofrerem multas ou serem despedidos, mas porque assim mantêm aquele dinheiro por fora. Ficam todos a ganhar com o silêncio.

— Tem lógica! OK, isso é fixe de saber.

Impaciente, Sérgio consultou o relógio e voltou a levantar-se. Começou a exibir-se para homens sozinhos, que vagueavam aparentemente sem interesse nenhum nele.

— É assim, em dias como este, aceito um homem ou outro. Mas é raro. E só aceito dinheiro porque eles insistem, sou bem-educado.

— *És um grande tretas, é o que és.*

— Pois, quem me dera estar aqui pelo prazer, mas não, preciso mesmo do dinheiro — admitiu Marta, encarnando a sua personagem.

— Se fores boa a satisfazer os homens, terás sempre clientes. É como eu, quando as mulheres experimentam aqui comigo, ficam a saber o que é bom e não querem outra coisa. Hás de reparar que nestas primeiras horas costuma haver mais clientes a pé. Eles sentam-se connosco para discutir preços e tal. É o que eu chamo de a hora da infantaria. Com o avançar da noite, chegam os que têm mais vergonha e tal, e querem mais anonimato, então vêm de carro.

— A cavalariça — deduziu Marta.

— Gosto de ti! Para puta, não és nada burra, digo-te já. E isso é ótimo, só as mais espertas é que chegam longe.

Marta não sabia se havia de se sentir agradecida ou não por aquela espécie de

elogio.

O olhar dele abriu-se de repente, e Marta compreendeu que chegara o casal habitual.

— Tenho de ir, mas se quiseres mais dicas tens ali o Tiaguinho, ele fala muito.

Como se fosse encontrar velhos amigos, o jovem, de quem não sabia o nome, encaminhou-se para o casal que, ao ver que ele se dirigia para eles, se desviou para a Rua Castilho, provavelmente para irem os três a um dos hotéis.

Sozinha, avistou o ainda mais jovem Tiaguinho. Teria ele 18 anos, sequer?

Desceu uma centena de metros da Alameda, passando por duas prostitutas que conversavam nos bancos com possíveis clientes, as pernas à mostra e bem evidentes, os seios quase a saltarem da camisola.

— Olá, és o Tiaguinho? — perguntou Marta, ao sentar-se no banco onde um jovem musculado, com um corte de cabelo atual e pele impecável, aguardava, também ele de pernas abertas, com calças esburacadas e camisola justa.

— Vi-te a falar com o João. É o primeiro dia?

— Sim.

Ele mantinha-se atento ao desfile dos carros que começavam a aparecer na rua.

— Desculpa se é indiscrição, mas tens idade para estas andanças?

Como se ainda não houvesse surpresas suficientes para descobrir, Tiaguinho olhou-a nos olhos e sorriu.

— Tenho 15 anos.

CAPÍTULO 44

BÁRBARA

Pedro: Bárbara, tá td bem?

Chamada não atendida de Pedro para Bárbara.

…

Pedro: Passa das 20h, ainda n saíste?

Chamada não atendida de Pedro para Bárbara.

Pedro: Mudaste de ideias, foi? Arrependeste te?

…

Pedro: Foi alguma coisa q disse?

Pedro: Bárbara, aconteceu alguma coisa?

…

Chamada não atendida de Pedro para Bárbara.

…

Pedro: Já passa das 22h, n vens né?

Pedro: Achei mesmo que nos tínhamos ligado bem no nosso date

Pedro: Fiquei a achar q te conhecia

Pedro: Mas n

…

Chamada não atendida de Pedro para Bárbara.

…

Pedro: Tá mesmo a acontecer? A dares me com os pés assim?

Pedro: Sem expliocação?

Pedro: Explicação*

…

Chamada não atendida de Pedro para Bárbara.

…

Pedro: Espero que estejas bem

Pedro: Apesar de me dares com os pés

Pedro: Lá vou ter de jogar Wii sozinho

Pedro: Story of my life!

Pedro: Estou a brincar

…

Chamada não atendida de Pedro para Bárbara.

Pedro: Vou me deitar, fico a aguardar por uma mensagem tua

Pedro: Beijinhos

CAPÍTULO 45

MARTA

Desta vez, o desconforto era ainda maior.

Já vários carros tinham parado na berma da estrada e levado com eles praticamente todas as mulheres da Alameda. Umas já tinham voltado e ido novamente.

Era realmente um show que nunca parava de rolar. Era um espetáculo sem fim.

— Olá, campeão — ouviu uma dizer, aproximando-se de um carro ligeiro, que tinha baixado o vidro e abrandado perto da posição dela.

— Quanto levas? — foi a pergunta, sem qualquer tipo de cumprimento.

— Depende do que queres, querido. Faço tudo. Oral, vaginal, anal. Tenho bom corpo, podes ver — e deu uma volta, evidenciando as suas curvas traseiras e os seios fartos.

— Quanto é oral e vaginal?

— Quarenta euros. Tenho ali um quartinho para nós. Lá mais em baixo, é perto.

— E com anal?

— Cinquenta. Sempre com preservativo.

— E se for aqui no meu carro?

— Trinta.

— OK, entra.

E estava feita a negociação. Quinze minutos depois, a mesma mulher surgia no mesmo posto, à espera do próximo cliente, com quem teria a mesma conversa.

— Tu és menor, que andas a fazer aqui? — perguntou Marta a Tiaguinho.

— Ouve lá, também não te julgo. Já ando aqui há mais tempo que tu, foda-se.

Marta assentiu.

— *Calma, deixa-o à vontade*. — sugeriu Leonardo.

— Como é que vieste cá parar? — perguntou, depois de lhe explicar a mesma história que explicara a João anteriormente.

— Sou de Chelas. Fui criado pela minha avó, porque a minha mãe tinha de ter dois empregos para manter a casa e nunca tinha tempo para mim. Nunca gostei de depender dos outros. Quero ser independente. Acabei o nono ano e pirei-me. Foi a melhor decisão que tomei.

— A sério?

— Claro. A minha família nunca me deu nada. Agora, posso fazer o que quiser da minha vida. Tenho a independência financeira que eles nunca sonharam. A minha mãe pensa que estou com a minha avó e ela o contrário. Funciona sempre porque elas mal se falam.

— Elas não sabem?

— Nem sonham. — Apontou para dois carros pretos, de sete lugares, a andarem devagarinho. — Estás a ver estes carros? São carros familiares, mas só trazem homens sozinhos. Isso quer dizer que eles têm família, mas precisam de vir para aqui. Precisam de tipos como eu.

Marta reparou que, agora que se aproximava a meia-noite, os carros passavam para cima e para baixo em maior número. A maioria eram carros grandes, de gama alta, de pessoas com posses financeiras para se darem a estes luxos.

— Ando por aqui há quase dois anos.

— Como é que decidiste vir para aqui?

— Uns amigos meus lá da rua faziam o mesmo e trouxeram-me. Eu via-os com dinheiro, brutos telemóveis e carros. Eu queria o mesmo.

Marta observou vários carros pararem, baixarem os vidros e homens a falar com os jovens, que ainda eram cerca de sete ao longo da rua, dos dois lados da estrada.

— Quanto levas, por curiosidade?

— Mais que vocês — sorriu, mostrando uma fileira de dentes impecáveis. — Vocês há muita oferta. Nós não. Eu levo oitenta euros. Oral ou anal, vinte minutos, no carro. Às vezes, dão-me presentes. Há que os manter sempre satisfeitos. Se estás surpreendida com a minha idade, acredita que há aí alguns com 13 anos. Lá do meu bairro. Mas ninguém julga ninguém. É trabalho que dá dinheiro.

— Quantos clientes fazes?

— Por dia, uns cinco. Aos fins de semana mais de dez, por vezes quinze. Faço mais de três, quatro mil euros por mês. Que empregos dão esse dinheiro, atualmente? Quase nenhuns!

Marta ficou sem saber o que responder perante a força daqueles números, pelo que Tiaguinho continuou, motivado pela surpresa incutida nela.

— Já nem falo das festas.

— Festas?

— Sim, acontece muito, em casas particulares, tudo muito secreto. Aí faço trezentos euros por cliente. É uma loucura o que as pessoas com posses estão dispostas a pagar para satisfazerem aqueles desejos sexuais que têm vergonha de admitir que têm. As festas é só beber, dançar, depois cada senhor leva um rapaz para o quarto e fodem como querem. Mas é tudo muito VIP, somos quase bajulados. Não penses que é triste. Só não curto muito dos chulos.

— Porquê?

— É verdade que eles é que nos arranjam as festas e alguns clientes, mas por algum motivo os chamamos de chulos. Ficam com uma grande parte do

dinheiro. Não é justo. Prefiro trabalhar por conta própria, não gosto que me controlem.

— Mas não fica mais perigoso andares neste mundo sozinho?

— Não, eu sei o que faço. Quanto menos confiança houver com o cliente, melhor. Foi como viste ainda agora com a outra prostituta. Não quero saber nomes, nem vidas pessoais, nada. Acontece tudo no momento, combinamos valores, fazemos o que é para fazer e depois cada um segue a sua vida. Adios.

Passou mais um carro familiar e Tiaguinho olhou com escárnio.

— Esses são uns tristes. Não quero acabar como eles. Quero sair daqui, ir para outro país, ganhar a vida e ser um lorde. Vou conseguir. O meu sonho é ter um bruta carro, relógio e casa. É o sonho.

Marta reparou, entretanto, como os rostos que avistava de dentro desses veículos eram rostos alheados, que fingiam não olhar para o lado, onde eles se encontravam, como se estivessem ali por acaso e não para o negócio do sexo. Alguns olhavam com avidez, outros com receio, dependia tudo do grau de experiência de cada um na noite.

— A maioria são tudo uns tristes, até tenho pena deles. É que eles têm tudo, têm dinheiro, família, mas não estão satisfeitos com o que têm. Vou com eles sempre a pensar no carro, um Porsche ou um Tesla, um Rolex e uma moradia enorme, mas nunca irei acabar como eles. É apenas temporário.

— Como este é o meu primeiro dia, ainda estou um bocado reticente…

— Se precisares de algo que te dê uma moca para aguentares os clientes, é só dizeres. Eu não preciso, mas sei o que te pode ajudar. Devias começar pelo álcool, dizem que bate bem também para essas cenas.

— Não é isso, é por causa daquele… Estripador de Lisboa que toda a gente fala. Parece-me que é a pior altura para começar, com ele aí à solta.

— Eu estou safo, sou gajo e ele só mata gajas.

— Olha, obrigado. Não sabes mesmo nada?

— Tens que perguntar por aí. Há aí uma, a Madame, é das mais antigas e costuma saber tudo sobre todas. Ou quase tudo, vá.

— Madame?

— É o nome dela nas ruas. Também tens de arranjar um. Tiaguinho não é o meu nome, como podes imaginar. Ninguém quer saber do teu nome, mas é fixe termos algo com que te identificar. Claro que há aí pessoal que sabe coisas pessoais uns dos outros, mas eu só quero fazer o meu trabalho e seguir com a minha vida.

Impressionada com a clarividência de Tiaguinho em tão tenra idade, não disse mais nada. Limitou-se a observá-lo enquanto se levantava e se dirigia para um carro familiar, falou com o homem no interior e acabou por entrar, desaparecendo em segundos.

— Isto está a ser uma caixinha de surpresas.

— *A quem o dizes* — concordou Leonardo.

Momentos depois, enquanto ainda refletia sobre tudo o que tinha ouvido dos dois jovens prostitutos, um carro de gama alta parou à sua frente. A janela do pendura abriu-se e um rosto espreitou, olhando-a de alto a baixo com agrado.

— Olá, boa noite.

Tinha aparecido o primeiro homem interessado nos serviços dela enquanto prostituta.

CAPÍTULO 46

MARTA

Quando tinham acordado na realização daquela missão como prostituta infiltrada, tinham colocado o cenário mais provável: aparecer um cliente interessado nela. Discutiram formas de responder aos clientes, preços, maneiras de falar, de agir, mas na teoria era sempre tudo muito bonito.

O objetivo principal era perceber se alguém da noite saberia algo sobre o Estripador de Lisboa ou sobre alguma das vítimas que os levasse ao assassino. Até agora, ainda só falara com dois jovens que não a ajudaram muito.

Engoliu em seco e encarou aquele rosto que parecia sedento de sexo, mas que transparecia estar tão nervoso quanto ela. Tinha chegado o momento mais temido, mas tinha de o enfrentar. Precisava de sondar as suas «colegas» mais um pouco.

— Olá, tudo bem?

— Quanto levas? Quero oral e vaginal aqui no carro.

Marta sentiu-se subitamente suja. O homem até nem era mau de todo, era jovem, parecia estar em forma, apesar de ter uma barba muito cerrada, algo que ela não gostava, e cheirava bem. Nos seus tempos áureos de solteira em que tinha encontros de uma noite, já apanhara tipos piores e não se importara. Mas nesses casos era ela quem os escolhia e os caçava. Agora a forma como este falava, a forma como ele olhava para si, como se ela fosse um naco de carne suculento, ou mercadoria para avaliar a qualidade dos produtos antes de os comprar, é que a deixavam doente.

— Continua a procurar. Ainda não é hoje que vais comer uma boazona como eu.

Bateu na chapa do veículo e regressou ao passeio, sorrindo perante o ar de espanto que deixara no homem.

— Sabes que não é assim que as coisas funcionam — disse uma mulher, sentada num banco uns metros acima na Alameda. — Se estás aqui para fazer dinheiro, se calhar convém não recusares clientes. E este, a avaliar pelo carro que conduz, parece ter dinheiro de sobra.

— Ainda não me sinto preparada. Hoje é o meu primeiro dia.

— Só podia.

— Sou a Michele — apresentou-se Marta. — Sabes onde posso encontrar a Madame?

— Olá, Michele, eu sou a Katya, com «K» e «Y». A Madame deve estar com um cliente, mas ela despacha-os rápido.

— Ai, é?

— Sim, ela sabe como os fazer vir rápido para rentabilizar o tempo. Fazes bem em falar com ela, a Madame pode ensinar-te muita coisa fixe sobre as noites. Truques porreiros. Se bateres uma punheta da maneira certa, ele nem vai conseguir enfiar a piça porque já vai estar mole e recebes o mesmo, mas poupas a patareca e a mente mais um bocado.

— *Esse pessoal não tem mesmo papas na língua* — notou Leonardo.

— Posso fazer-te uma pergunta, Katya?

A mulher, de pernas compridas e com a saia o mais curta possível para as mostrar, sentava-se de lado, pernas cruzadas, a pele untada de creme. O top era muito reduzido, mas faltava-lhe tamanho do peito para lhe assentar na perfeição. Ela ajeitou a saia mais para cima, permitindo que quem passasse na estrada tivesse um vislumbre das suas nádegas.

— Só uma e pisgas-te. Não gosto de estar na conversa senão ainda me vais custar clientela.

O seu ar soturno não deixava margem para desentendimentos.

— Sabes alguma coisa daquele tipo… o Estripador de Lisboa? Sinto que não foi nada a melhor altura para começar isto… — disse, tentando transmitir insegurança e muito medo para a convencer a falar e a sentir empatia por si.

— Já ouvi falar dele, sim, mas ele deve andar mais pelo Intendente e Martim Moniz. Lá há mais droga, é pior.

— Então achas que posso estar descansada?

— Descansada, descansada não, ‘né? Mas tens de os saber escolher. Tipos com carros de merda esquece, é que nem vale mesmo a pena. Essa é logo a primeira. Depois, ou fazes nos carros aqui perto, ou mesmo aqui atrás de algum arbusto, ou então convém que tenhas algum contacto num hotel ou pensão aqui perto que te deixe alugar o quarto à vontade, por poucos períodos de tempo. É preferível ires para um quarto da tua confiança do que ser o cliente a escolher. Aí pode correr mal. A menos que o cliente te leve para um hotel; aí está tudo bem.

— OK…

Katya ficou alguns segundos a avaliar a situação na estrada.

— Eu conhecia a primeira vítima.

— A Maria Inês?

— Sim. Andas bem informada — notou, com ar desconfiado.

— Já ando a pensar prostituir-me há algum tempo e este caso chamou-me a atenção… li tudo sobre ele. Era bom que apanhassem o Estripador. A minha dívida não se paga sozinha, ‘né?

Ela assentiu, aparentemente convencida. Desviou o olhar e continuou a perscrutar a estrada, onde vários veículos passavam.

Marta sentia-se como um animal do zoo, onde estava para exibição e as pessoas iam passando e admirando-a, avaliando cada característica física e avaliando-a. Sentia-se um objeto e odiava essa sensação. Era horrível.

— Dizem que o Estripador é um tipo jovem.

— Jovem?

— Sim, essa Maria andava mais pela zona do Técnico e só costumava aceitar clientes jovens, com menos de 30 anos. O que faz sentido, porque para fazer o que fez às pobres das prostitutas que ele matou, tinha de ser jovem, ‘né? Para ter força. A Maria Inês chegou a praticar Karaté quando era nova, por causa do pai que era um abusador, e sabia defender-se muito bem.

— Não sabia.

— Quando surgiu a dúvida se o Estripador era um imitador ou o original, eu vi logo que não podia ser o original, porque esse já devia ser mais velho e não teria pujança para dominar as miúdas que matou, ‘né?

— Pois... Então é um homem jovem?

— Sim, de certeza. Agora quem é que não sei… Como disse, nunca falei muito com ela, mas essas coisas falam-se. Não és a única cagada de medo.

— Imagino. Então achas que não devia aceitar clientes jovens?

— Só se eles quiserem levar-te para sítios deles, que eles controlam totalmente. Se te levarem para um hotel, é tranquilo.

— E sabes quanto tempo foi desde que a viram pela última vez até… enfim…

— Foi p’raí uma semana. Já há vários dias que ninguém a via quando ela apareceu morta.

Perante o ar pensativo de Marta, que Katya associou a medo de fazer a escolha errada e acabar morta e estripada, ela levantou-se e aproximou-se dela, afastando um cacho de caracóis da sua face.

— Não tens que te preocupar. A probabilidade de te calhar o Estripador de Lisboa é pequenina. Bolas, que és linda! — exclamou, passando a mão pelo rosto, pelo pescoço, descendo até sentir-lhe os seios. — Vê-se mesmo que ainda

não foste rodada o suficiente por aqui. Quem me dera ter assim a pele linda e firme como tu.

— Tu não estás nada mal, Katya.

— Devo ter mais uns dez anos que tu e já tive mais de mil clientes. Nem queiras saber…

— As meninas trabalham em conjunto? Estariam interessadas num menáge?

Viraram-se ao mesmo tempo para um homem com falta de cabelo e um sorriso amarelado, claramente fumador, que lhes sorria com lascívia, imaginando-se no meio daquelas duas mulheres a fazer tudo o que bem lhe apetecesse.

— Nem pensar. Eu trabalho sozinha — afirmou Katya, retirando a mão do peito da inspetora e começando a encaminhar-se para o carro. — A menos que queiras, para começares — murmurou, virando-se para ela.

— Não, vai tu. Vou esperar pela Madame.

— Menos mal. Acho que deve ser ela lá em cima a chegar agora.

Marta olhou para norte e viu uma mulher, claramente mais madura e batida pelo tempo, a caminhar de forma confiante, como se fosse tudo dela, rua abaixo, até parar a dois bancos de jardim de distância, onde se sentou e começou a fumar algo que não era um cigarro normal.

Inspirou fundo.

— Vamos conhecer a Madame, Leo?

— Bora.

CAPÍTULO 47

MARTA

A conversa com Katya fora bastante produtiva. O que ela dissera tinha lógica. Se Maria Inês apenas aceitava clientes jovens, e se ela era versada em luta corpo a corpo, o Estripador tinha de ser um homem jovem, claramente abaixo dos 35 anos.

— A missão já está a valer a pena, e ainda estamos só a começar — comentou Marta, para Leonardo, que se mantinha a ouvir no seu veículo, estacionado na Rua Castilho, acima da Alameda por onde Marta subia com nervosismo fingido, mantendo a personagem de prostituta de primeira viagem que está com receio de tudo e de todos.

Ao chegar-se mais de perto, viu como Madame era uma mulher com muita experiência e que não parecia lidar muito bem com o avançar da idade. O cabelo era platinado, cortado bastante curto, os lábios estavam cheios, parecendo inchados, pintados de um rosa muito forte. Os seios estavam bem firmes e pareciam rijos, bem apertados por uma camisola com um decote generoso, como parecia ser a regra da profissão. As pernas estavam bem trabalhadas, bronzeadas como o resto do corpo, embora se notasse uma pequena flacidez própria da idade. Apesar dos apetrechos artificiais que Madame colocara para se manter jovem, Marta calculava que ela tivesse mais de 50 anos. Ainda assim, era uma cinquentona poderosa, daquelas que chamava a si todas as atenções por onde quer que passasse.

— És nova aqui — constatou, ainda antes de Marta pensar em começar a falar com ela.

— Sim, é o meu primeiro dia.

— Não te vou mentir, tenho inveja.

— Inveja?

Madame expeliu uma nuvem de fumo pela boca, que foi levada contra a inspetora pelo vento. O cheiro acre mostrava-lhe que estava a fumar erva.

— O que eu não dava para ter o meu corpinho de volta. Aquele corpinho que não tinha sido possuído por milhares de pichas.

— OK…

— Vieste ter comigo por algum motivo? Estou na minha pausa.

— S… sim. Foste-me indicada para me ajudares a ambientar, para perceber o que fazer.

— Não há nada que saber. Ficas no teu canto, podes escolher bancos de jardim deste lado, ou do outro lado da estrada, nunca ficas em cima de nenhuma colega, para que os clientes nos possam avaliar com calma. Quando algum te quiser foder, para o carro na berma e tu vais lá falar com ele. Combinam o preço e o local e vão. Fodem e depois voltas para aqui, à espera do próximo cliente, e assim por adiante até ficares seca como eu. Que precisas mais de saber? Ah, não fiques até demasiado tarde, que as coisas complicam para o final da noite, nunca aceites clientes que parecem pobres, aceita apenas os que têm massa.

— Obrigado, mas…

— Sim?

Enfiou a cigarrilha nos lábios e inspirou fundo, desfrutando de um momento de prazer.

— Sabes alguma coisa do Estripador de Lisboa?

— Foda-se para esse gajo.

— O quê?

— Estou farta que me falem desse tipo.

— Então não sou a única?

— Claro que não, há aí muitas cheias de medo. Eu sei que quem tem cu tem

medo, mas enfiem uma piça que isso passa logo. Se souberem escolher, nada de mal vos acontece.

— Mas não fazes ideia de quem possa ser?

— Se eu soubesse, já tinha dito aos cabrões da Judiciária.

— É que começar precisamente na altura em que ele anda a matar prostitutas…

— Vieste aqui parar porquê?

— Tenho uma casa para pagar e uma bruta dívida. É só pagar essa dívida e parte da casa e fujo logo disto.

Madame expeliu um riso de escárnio.

— O que tem?

— Como te chamas?

— Michele.

— Michele, sabes quantas vêm cá parar a achar que é uma coisa temporária? Que ficam por aqui umas semaninhas, coisa pouca, e depois vão-se embora e esquecem-se que isto lhes aconteceu e voltam à vida normal?

Marta não respondeu.

— Todas nós! Achas que há aqui alguém que vem porque quer?

— Por acaso ainda há pouco…

— Eu sei, claro que há pessoas maradas da cabeça que adoram esta vida. Tudo bem, mas são muito poucos.

Madame olhou em volta e apontou para uma mulher negra do outro lado da estrada.

— Aquela queria estar aqui no máximo dois meses. Sabes há quanto tempo anda nesta vida?

— Há quanto?

— Há quinze anos — disse, olhando para sul, os olhos à procura de outra prostituta. — Aquela morena lá mais em baixo, a das botas de cano alto, dizia que ia ficar uns seis meses, pelas suas contas. Está cá há dezoito anos sem perspetiva de sair daqui. Aquela loira também tinha a mesma conversa que a tua, era só uma dívida e tal, pumbas, está cá há vinte anos.

Marta manteve o ar de surpresa, sem acreditar que pudesse ser possível.

— Então, mas não fazem bom dinheiro aqui?

— Fazemos.

— Então porque é que não conseguem cumprir esses objetivos e sair?

— Há quem consiga — concedeu Madame, terminando o cigarro. — Claro que há muita gente que fica um par de anos e depois regressa à vida normal. Mas muitas não. E é isso que quero que tenhas em conta ao começares aqui hoje. Tens uma perspetiva ótima, admito isso, mas é mais frequente do que pensas os nossos planos saírem furados. Eu estou cá há quase trinta e só tinha uma dívida de dez mil euros para pagar e ficava safa.

— Então, mas…

— É a merda da droga, do álcool, do tabaco… os vícios que apanhamos nesta vida são o que nos fode a sério. Se tiveres entre sete a dez clientes por dia e trabalhares apenas cinco dias por semana, o que é pouco, isso dá um total de trinta e cinco a cinquenta gajos que te fodem semanalmente. Se multiplicares isso pelas cinquenta e duas semanas do ano…

Madame desbloqueou o smartphone, abriu a calculadora e fez a conta.

— Dá entre mil e oitocentos e dois mil e seiscentos, portanto uma média de dois mil e duzentos gajos por ano. Dois mil e duzentos homens, miúda! Tens noção do que é isso? A pressão que é saberes que vais ser comida por mais de dois mil homens por ano? E atenção, houve alturas da minha vida, quando

cheguei a estar mesmo desesperada, em que fazia no mínimo dez clientes por dia e trabalhava todos os dias. Todos! Nesses anos, tive de foder com mais de três mil e quinhentos homens, e muitas vezes não é só uma queca, como vais descobrir em breve. Achas que aguentas isto como se estivesses num emprego daqueles de secretária, em que chegas e vais embora com a tua sanidade mental intacta, com o sentimento de dever cumprido? Não, sais daqui suja, cansada, a sentir-te uma merda. Vais ter a cona assada e ainda assim vais ter de continuar a vir cá para manteres o estilo de vida. Depois, chegas a uma altura em que não aguentas mais e começas a beber álcool, até que o álcool não chega e fumas merdas, depois chegas à droga num instante. E é aí que te perdes. Começas a vir cá para manteres o vício, para conseguires mais doses, e fodeste a tua vida toda.

Marta sentiu um murro no estômago perante o cenário criado por Madame para a sua vida futura. Pelo menos, para a vida futura de Michele.

— Não fiques assim com essa cara tão assustada, miúda! — disse, rindo-se da expressão desesperada de Marta. — Isto é o pior dos cenários e já vi que daqui a bocado vais-te embora e desistes ainda antes de começares. Por isso, vou dar-te a parte boa da nossa vida e que eu também experienciei. O dinheiro que ganhamos é um absurdo. Nessa altura em que fodi mais de três mil e quinhentas vezes, eu cobrava quarenta euros, o normal. Isso dá uma quantia de… — fez as contas no telemóvel com rapidez — cento e quarenta mil euros num ano. Já viste o dinheirão que isso não é?

— *Porra, é dez vezes o que nós ganhamos* — notou Leonardo com a mesma surpresa que Marta sentia.

— É… bué!

— É um exagero! Mas lá está, ninguém nasce puta. Nenhuma de nós cresceu a pensar que ia fazer disto vida. Quando muito, atriz porno, OK, mas ser puta mesmo, ninguém sonha. Ninguém quer isto. Mas se um tipo qualquer disser a

outra mulher, mesmo que seja das mais puritanas do mundo: dou-te um milhão de euros se me deixares comer-te. Achas que ela ia recusar?

— Não…

— Ninguém nasce para ser puta até alguém lhe pagar para isso. É tão simples quanto isso. Se não houvesse clientes dispostos a pagar vinte, trinta ou quarenta euros para irmos para a cama com eles, não existiriam putas. Nós só existimos porque há clientes.

— Mas a tua questão não é justa.

— Qual?

— A do milhão.

— Então?

— Porque tu para fazeres um milhão não é de uma vez. Terias de ir para a cama com vários clientes todos os dias durante uns dez anos. Se calhar se perguntasses: se te desse um milhão de euros para ires para a cama com vários homens por dia, durante vinte anos, tu ias? Se calhar aí já não convencias tanta gente…

Madame sorriu e mordiscou o lábio carnudo.

— OK, admito. Fiquei a gostar de ti, miúda.

Marta sorriu e rodou os ombros, como que envergonhada por receber um elogio do chefe ou de uma celebridade.

— Em relação ao Estripador de Lisboa, também já ouvi esse boato de ser um tipo jovem.

Marta ficou séria, o coração a bater forte por falarem no seu tema de eleição.

— Pois, mas quem será?

— Eu tenho cá as minhas desconfianças.

— A sério?

— Não tenho provas e provavelmente estou a dizer uma bácora, mas há uns tipos que não me dão grande feeling.

— Uns tipos?

— Sim, há por aí um grupo de miúdos, provavelmente mais novos que tu, que aparecem aí em grupo e levam sempre várias putas de uma vez, para fazerem orgias e cenas maradas. Eles pagam muito bem, atenção, vê-se que têm famílias muito ricas, mas acho que as duas que foram assassinadas pelo Estripador foram levadas por esse grupo nas últimas vezes em que trabalharam. Não conseguimos provar se foram eles os últimos, porque isto é sempre uma roda viva e tu vais ver que, mesmo se estivermos cá todas as noites durante uma semana, há de haver dias em que nem nos vamos ver.

— Pois, podemo-nos desencontrar.

— Pois. Por isso é que não há meio de provar, mas esses tipos não me cheiram bem. Chegaram-me a convidar para uma orgia deles, e pagavam mesmo bem, acredita, mas recusei sempre. Prefiro os meus quarenta euros sem grande esforço do que receber duzentos ou quinhentos e sair toda partida.

— Acho que fazes bem.

— Se eles aparecerem aí hoje vais ser chamada, quase de certeza. Um rosto novo e com um corpinho desses, és convidada de certeza.

— Então achas que deva recusar?

— Cada uma sabe o que faz com o seu corpo. Sei de umas que ficaram três dias sem vir depois de terem estado com eles. Mas eles nesses casos até pagaram mil euros ou lá o que foi, mas é o que te digo, para mim não compensa.

— E que grupo é esse? Sabes de onde vêm?

— Eu já os vi passar aqui várias vezes no último ano. São recentes nestas andanças, mas esses às vezes são os piores porque estão cheios de genica.

— Eles vêm cá todos os dias?

— Não, deve ser uma ou duas vezes por semana.

— Então pode ser que não os apanhe.

— É o melhor.

— Mas eles são de algum clube, alguma coletividade ou assim?

— É assim, eu tenho ideia de que eles são de um clube, sim. Provavelmente até são de um colégio privado, estás a ver, daqueles chiques. Daqueles que alguns até têm nomes estrangeiros, ou uma merda assim. Eles costumam vir em carrinhas de nove lugares todos ao molho e a fazer uma grande festa, já bêbados de certeza, e juro ter visto um deles com um casaco típico das fardas dessas escolas privadas.

— Vou estar atenta — comentou, num tom mais sério e profissional, à inspetora Marta Mateus, pelo que acrescentou rapidamente a fim de não levantar suspeitas —, para não me cruzar com esses palhaços.

— Fazes bem. Já sabes, se começares a sentir a necessidade de te anestesiares para aguentares isto, vem falar comigo. Espero conseguir evitar que te desgraces. Agora vá, vai lá mais para baixo e mostra esse corpinho lindo aos clientes — e deu-lhe uma palmada no traseiro.

Marta sorriu e agradeceu, começando a descer a rua. Avistou um banco de jardim vazio a trinta metros.

— Muito bem, Leo, está na hora.

— *Vamos a isto* — disse-lhe ele ao ouvido, no auricular.

— Anda rápido, que se tiver de recusar outro cliente ela pode ficar com suspeitas.

Menos de um minuto depois, um carro de meia gama rolou lentamente rua abaixo, até parar em frente ao banco de jardim onde uma mulher ruiva bastante

nova e atraente aguardava por contacto. O vidro do pendura abriu-se e revelou um homem loiro, alto, com aspeto sueco, a sorrir para ela, a cabeça baixa para que estabelecessem contacto visual.

— Olá, querida.

Marta levantou-se, mantendo a compostura, e caminhou provocatoriamente até parar ao pé do carro. Baixou-se e apoiou-se na janela aberta, os seios bem visíveis para ele, que não conseguiu não olhar para eles e ter pensamentos mais obscenos.

— Quanto levas?

— Ah, estamos a fazer o teatro todo?

— Sim, foi o que eu ouvi o outro dizer. É para a Madame não desconfiar.

— Quarenta.

— Oral e vaginal?

— Sim, com preservativo.

Leonardo assentiu, convencido, mas desta vez não sorria. Engoliu em seco e falou num tom hesitante, como se estivesse a falar com uma prostituta a sério.

— Ótimo preço. Entra.

— Queres fazer aqui no carro ou vamos para um hotel?

— Aqui no carro, lá mais em baixo.

— Acho que este corpo merece um hotel, não achas?

Sem saber bem o que estava a fazer, Marta baixou as alças da camisola e expôs os seios, cobertos parcamente por um soutien minúsculo, que apenas tapavam os mamilos.

— Tu… tudo bem. Um hotel. Pode ser já aqui este ao lado?

— O Four Seasons?

— Não, o outro. A minha carteira não dá para isso. Embora merecesses.

Excitada, sentindo-se a ficar húmida, e sem saber bem o que estavam os dois a fazer, abriu a porta do carro e entrou. Colocou a mão na perna de Leonardo, que se retesou com o toque. Sentiu a respiração de ambos acelerar e algo mexer no interior das calças. Subiu a mão um bocadinho e sentiu-o duro.

Em cinco minutos, tinham dado entrada no hotel de três estrelas localizado na rua acima e subiram no elevador. Sozinhos, avançaram um sobre o outro, como se fossem dois desconhecidos que tinham acabado de se encontrar apenas para fazerem sexo.

Saíram do elevador e entraram no quarto. Assim que Leonardo fechou a porta e a trancou, virou-se para o interior do quarto e deparou-se com uma Marta completamente nua. Beijaram-se sofregamente enquanto ele se despia e atirava a roupa para o chão. Aproximou-se da cama com passos curtos e atirou-a para cima da cama para acabar de se despir, depois baixou-se e enfiou a cabeça entre as pernas dela. Marta arquejou o corpo em êxtase.

— Meu Deus, estou tão excitada, vem para dentro de mim, Leo.

Ele levantou-se, deitou-se em cima dela e deslizou para dentro da inspetora num misto de prazer, excitação e loucura. Na única vez que tinham feito sexo, fizeram-no por estarem de rastos, por se sentirem uns cacos e estarem na mesma situação, a precisar de consolo.

Agora, era completamente diferente.

Enquanto a penetrava, as mãos tateavam o seu corpo e deliciavam-se em tudo o que tocavam. Ela era linda, era perfeita, era única. Imaginá-la à mercê de outros homens doía-lhe fisicamente, porque ela era sua.

E ele era dela. Trocaram de posição e ela sentou-se em cima dele, montando-o com tal violência que parecia querer roubar-lhe a essência à força. Os gritos de prazer aumentaram, os gemidos tornaram-se guturais. Leonardo sentou-se e

abraçou-a, enquanto ela o cavalgava, as ancas a baterem uma na outra, num ritmo apaixonado, excitado. As bocas não se largaram um segundo e, quando o inspetor ejaculou para dentro de Marta, ela ainda prolongou as investidas para também ela atingir o orgasmo e abraçarem-se com força, ele dentro dela, ela em cima dele, num abraço que nunca queriam que terminasse.

Até que, no meio das respirações ofegantes, Leonardo disse as palavras que ela ansiava ouvir dele.

— Amo-te, M&M.

CAPÍTULO 48

LEONARDO

Ao acordar, Leonardo sentiu ter complicado as coisas na sua vida. Não se arrependia do sexo: tinha sido apaixonado, bruto, sedento, do melhor sexo que tivera na vida. Não tinha dúvidas disso. Vê-la assim tão provocadora despertou sentimentos escondidos há muito, uma fome que ele andava a enganar há demasiado tempo.

Sentou-se na cama do hotel e olhou para o lado. Marta dormia pacificamente, de barriga para cima, o rosto virado para si, a maquilhagem esborratada e o cabelo espalhado pela almofada.

A manhã estava a terminar, mas a vantagem da profissão deles era não terem horários rígidos, nem terem um ponto para picar quando entravam ou saíam.

Tinham é de ter o trabalho feito.

E isso Marta conseguira na perfeição.

Conseguiram ter uma imagem mais nítida de quem seria o Estripador de Lisboa. Aparentemente, seria um homem jovem, menos de 20 anos, que pertencia a uma espécie de colégio privado.

Ao olhar para o rosto pacífico da amante, soube que ela teria de voltar a fingir-se de prostituta naquela noite. Se o suspeito era um jovem que andava numa dessas escolas, tinham de saber exatamente qual era. Só esperava que ela não tivesse de cometer nenhuma loucura para conseguir essa informação, por mais preciosa que fosse.

Só de imaginar outro homem, ou outros homens com ela… Era um cenário que o enchia de fúria, que lhe preenchia o peito da escuridão que o ameaçava dominar. Por isso, inspirou fundo, tocou-lhe na cara com amor e acalmou-se, a escuridão a desaparecer tão rapidamente como surgira.

Estavam a fazer um jogo perigoso, mas era essencial para descobrirem quem

era o assassino. Tinham de correr riscos se queriam ter mais sucesso do que os colegas, três décadas antes.

Observou o rasto de luz solar que se infiltrava através dos cortinados e ficou a admirar as partículas de pó a flutuarem pacificamente, enquanto continuava a matutar no caso.

Se havia uma forte hipótese de o Estripador ser um aluno de uma escola desse género, o mais provável era ter à volta dos 18 anos. Nesse caso, teriam de arranjar alguém para se infiltrar na escola para conseguirem reunir provas contra ele.

Mas quem?

Marta não se podia infiltrar, nem como professora nem como alguém do staff, porque já seria reconhecida por esses alunos como a prostituta Michele. Ele próprio não poderia porque, para mal dos seus pecados, não estava oficialmente na investigação e, além disso, era demasiado conhecido para o seu próprio bem.

Portanto, teria de ser outra pessoa a infiltrar-se na escola. De preferência, com idade suficiente para se fazer passar por um aluno. Sim, um aluno infiltrado era o ideal para sacar segredos aos colegas. Um professor ou outro elemento do staff nunca teria tanto sucesso.

Mas a quem poderiam confiar uma missão tão importante?

Teria de ser alguém de confiança, que estivesse acima de qualquer suspeita. Alguém que mostrara ter aptidões físicas e mentais para uma missão deste género. Alguém com carisma.

Após alguns minutos, Leonardo tinha encontrado o pretendente ideal.

Só podia ser ele.

Tinha de pedir ajuda a um antigo aliado.

O problema era que ele estava detido no Estabelecimento Prisional desde o

ano anterior por um crime que não havia cometido na sua totalidade. Numa situação normal, ele nem seria preso. Mas a situação em que ele fora detido estava longe de ser normal. Portanto, como o poderia tirar da prisão para ele os ajudar naquela missão?

Sentiu um nervoso miudinho de antecipação. Na altura em que esse aliado fora preso, Leonardo ocultara um segredo que colocaria uma pessoa importante na prisão no seguimento do mesmo caso. Fora uma decisão complicada, eticamente reprovável e que podia arruinar a sua carreira. Mas, quando decidira guardar esse segredo, sabia que o fazia para ter a mulher em questão na sua mão. Ela dever-lhe-ia um favor e ele sabia que o iria cobrar.

Tinha chegado a hora. Estava na altura de ligar a Teresa Lencastre, a procuradora-geral da República e que muita questão fizera de se manter a par da uma das investigações mais mediáticas de Leonardo e Marta, o caso *Segredo Mortal*. Essa preocupação tivera um motivo muito privado e que a colocaria atrás das grades, mas ele garantira que iria guardá-lo para si, que ficaria apenas entre os dois.

Até hoje.

CAPÍTULO 49

LEONARDO E MARTA

Quando Marta despertou, o relógio marcava as onze horas e quinze minutos. Deu um salto e sentou-se, momentaneamente atrapalhada por se ver a acordar numa cama que desconhecia, completamente nua.

Ao lado de Leonardo.

Que lhe dissera que a amava antes de caírem na cama abraçados.

— Então não foi um sonho? — perguntou, mordiscando o lábio e beijando os lábios suaves do inspetor, que a recebeu de bom grado com um sorriso.

— Não foi, não. Nunca a realidade soube tão bem.

Leonardo recordou-se, então, do que lhe dissera em pleno ato sexual e, pela mudança no olhar de Marta, na sua pele mais ruborizada, ela estava a pensar no mesmo.

— Aquilo que me disseste… foi verdadeiro?

— Aquilo o quê?

Ela lançou-lhe um olhar reprovador.

— Sabes bem ao que me refiro.

— Não, não estou a ver.

— Amas-me mesmo?

Não podia ter sido mais direta e clara. Desta vez, Leonardo não tinha como fugir. Ele não era pessoa de falar de sentimentos, de se expor daquela forma, de mostrar o que lhe passava pela alma.

Passou a mão pelo rosto, afastando uma madeixa rebelde do cabelo.

— Sim. Amo-te, M&M. É a mais pura das verdades.

Marta emocionou-se quase instantaneamente, os olhos a brilharem, os lábios a tremerem muito ao de leve.

— Eu também te amo, Leo.

Debruçou-se sobre ele, que a recebeu nos seus braços com carinho. Beijaram-se, as línguas entrelaçadas, os corpos colados, as mãos a passear livremente. A excitação aumentou explosivamente e, quando deram por isso, Leonardo deslizava para dentro de Marta e descarregavam ambos toda a tensão que se acumulara em tão pouco tempo.

— Não sei se ainda estás a encarnar a personagem Michele ou não… — disse, hesitante, depois do sexo.

— Porquê?

— Porque não tenho dinheiro comigo. Aceitas MB Way?

Marta, apercebendo-se da provocação, abriu a boca com fingido espanto e bateu-lhe nos ombros e nas costas, enquanto Leonardo fugia da cama e se metia no chuveiro. Ao passar pelo espelho, recordou-se da sua deformação abdominal. Se havia prova de amor que podia oferecer à colega era o facto de ter feito amor com ela sem se ter lembrado dessa sua limitação física. Com Marta, sentia-se bem, sentia que podia ser genuíno e não se preocupar com as suas imperfeições, porque ela amava-o como ele era.

Nenhuma outra mulher o faria sentir-se assim.

Ao ver Marta entrar no duche, reparou em como as coisas estavam a mudar para si. E isso parecia um ótimo pronúncio para o futuro, em breve.

A vida parecia estar finalmente a sorrir-lhe.

CAPÍTULO 50

LEONARDO

Leonardo deixou Marta na PJ e conduzia, agora, o veículo utilizado na madrugada anterior com algum nervosismo à mistura. Desde que aquele seu aliado fora detido no ano anterior, que ele sabia que o iria conseguir ajudar a sair mais cedo da prisão, mas à medida que as semanas e os meses foram passando, sabia que a probabilidade de ele estar diferente era maior. A prisão podia mudar uma pessoa, e ficar na ala dos assassinos era uma certeza disso mesmo.

Quem iria ele encontrar?

O telefonema com a procuradora-geral da república, ainda no quarto de hotel com Marta, correra às mil maravilhas. Teresa Lencastre amaldiçoara-o por fazer chantagem com ela, mas a verdade é que o segredo que Leonardo guardara tinha o poder de a enviar para a prisão num instante. Naquele período tão conturbado de rescaldo do caso *Segredo Mortal*, ele soubera pensar muito à frente, conceber possíveis cenários que muitos nem sonhavam. Era uma característica da qual ele se orgulhava e que era muito importante para o diferenciar dos demais. Como no xadrez.

Marta, ao ouvir a conversa enquanto se vestia, ficara aborrecida por ele não ter partilhado com ela a existência desse segredo, visto que ambos lideraram a investigação em causa, mas ele justificou que não queria um peso daqueles nos seus ombros. Afinal, não sabia quanto tempo iria aguardar até usar esse trunfo.

Ela acabou por aceitar aquela desculpa, mas exigiu, como única líder da investigação, que ele não escondesse mais segredos dela.

Leonardo anuiu. Ela é que era a chefe.

* * *

O caminho demoraria habitualmente dez minutos, mas naquela terça-feira o trânsito estava caótico. Tinha havido um acidente na rotunda do Marquês de

Pombal que estava a entupir tudo. E o destino do inspetor encontrava-se a norte do Parque Eduardo VII.

A muito custo, foi avançando. E teve de reunir toda a sua paciência para não colocar o pirilampo azul e a sirene a tocar para conseguir passar à frente de todos. Era já uma da tarde quando ultrapassou a zona do Parque Eduardo VII e chegou ao topo da estrada que embocava num edifício monumental e cuja fachada central parecia a entrada de um castelo, com a porta de entrada ladeada por duas torres brancas e bem altas. Um muro em tons rosáceos delimitava o espaço à volta.

Seguiu pela esquerda, ficando com a muralha do lado direito. Abrandou ao avistar dois portões metálicos abertos. Virou nessa direção e, poucos metros a seguir, encontrou uma cancela. Abriu a janela e tocou numa campainha colocada ao pé da cancela.

— Estabelecimento Prisional de Lisboa, boa tarde — cumprimentou-o uma voz metálica pelo intercomunicador. — Identifique-se, por favor.

— Sou o Leonardo Rosa, inspetor da Brigada de Homicídios da Polícia Judiciária. Creio ter autorização para uma visita a um recluso.

Durante momentos, que pareceram eternos ao inspetor, ficaram em silêncio. Ouvia-se apenas o trânsito a fluir atrás de si.

— Muito bem — disse a voz metálica. — Pode entrar. Ali à frente terá de deixar as suas armas. Pode avançar.

Leonardo cumpriu os procedimentos todos com ansiedade crescente.

De seguida, foi encaminhado até uma sala de visitas por um guarda prisional. À sua espera encontrava-se um jovem que ele bem conhecia. Porém, já não era o rapaz inocente que acreditava que podia mudar o mundo e resolver todos os problemas.

Entrou na sala e fitou-o com curiosidade.

Mas era *ele*. Sim, era mesmo ele.

Inspetor e recluso olharam-se com dureza, tentando distinguir se o sentimento um pelo outro ainda era o mesmo de quando uniram forças a fim de capturarem um criminoso terrível no passado.

Leonardo esboçou um sorriso. Tinha saudades daquele miúdo.

Falou assim que a porta se fechou atrás de si e ficaram a sós.

— Olá, Carlos.

CAPÍTULO 51

LEONARDO E CARLOS

Carlos Caetano era um jovem de 23 anos, licenciado em Fisioterapia. Ainda não pudera exercer a sua profissão porque fora apanhado numa conspiração tremenda no final do curso, no ano anterior. Essa conspiração levara-o a matar involuntariamente um agente da PSP e a ser enfiado naquela prisão sem piedade.

Leonardo não o via há mais de sete meses. Carlos envergava uma sweatshirt azul-escura que parecia ser demasiado quente. O cabelo escuro estava agora comprido, a dar pelos ombros. Não devia ter cortado o cabelo desde que fora detido. O rosto estava manchado por uma barba rala, que parecia crescer desordenadamente. O seu corpo continuava atlético, mas mais musculado, mais definido.

No entanto, o que o chocou foi o olhar.

Carlos tinha um olhar duro, desprovido da inocência e jovialidade de antes e carregava uma fúria que parecia poder matar alguém. Essa fúria era assustadora, mas podia jogar a seu favor. Leonardo não se sentia ameaçado. Conhecia Carlos. Sabia quem ele realmente era.

— Como estás, Carlos?

O jovem recluso baixou o olhar. Estaria drogado? Estaria a ser medicado de tal forma que toldava o seu raciocínio?

Leonardo avançou mais e sentou-se na cadeira em frente a ele. Pousou os cotovelos na mesa e fixou o olhar nele, à espera de alguma reação.

O cabelo, visto de perto, estava com um aspeto seboso e sujo. A roupa dele até estava limpa, mas cheirava um pouco mal, a suor e a tabaco.

— Não vais falar comigo?

Carlos ergueu o olhar e voltou a encarar o inspetor. Ali de perto, conseguia distinguir várias nódoas negras e uma ferida ainda recente no rosto.

— Os outros reclusos andam a bater-te?

— Aleijei-me a jogar à bola.

A voz de Carlos parecia diferente do que ele se lembrava. Mais profunda. Mais dorida.

— Isso são merdas. Se eles andam a bater-te, porque é que não dizes nada aos guardas?

— Um chibo na prisão está fodido. Devia saber isso.

— Carlos, lamento imenso que te tenham colocado na prisão. Sabes disso, certo?

— O que é que isso me vale aqui? É esse lamento que impede os outros de me maltratarem? É isso que me vai tirar daqui?

— Percebo que estejas frustrado e irritado, mas…

— Não percebe nada! O Leonardo não percebe patavina do que se passa aqui!

O grito surpreendeu-o. Não esperava uma reação tão intempestiva de Carlos. Atrás de si, ouviu a porta abrir. O guarda prisional espreitou e Leonardo garantiu que estava tudo bem.

Quando ficaram novamente sozinhos, o inspetor continuou a apalpar terreno.

— Imagino que para um jovem como tu, que achava que tinha um futuro risonho pela frente, seja ainda mais frustrante tudo o que acabou por acontecer. O agente da PSP que mataste involuntariamente, a conspiração em torno dos teus pais biológicos. A tua namorada…

Ao referir Vanessa Castanheira, assassinada no decorrer do caso Puzzle, rebatizado de caso *Segredo Mortal* mais tarde, os lábios de Carlos tremeram. Isso era bom. Demonstrava alguma emoção que não fosse fúria. Não tinha mudado assim tanto como queria fazer parecer.

— Eu tenho algo muito importante para ti, Carlos. Algo que te pode ajudar a

sair daqui mais cedo. A voltares a ser livre.

Finalmente, captou o interesse do jovem traceur, nome dado aos praticantes de parkour. Carlos fora um exímio praticante. Dos melhores do país.

— Não há nada que me vá tirar daqui. O que é que pode ter que me ajude?

Leonardo sorriu, tentando puxar pelo Carlos que conhecia, para que passasse aquela barreira psicológica que a prisão lhe impusera.

— Uma oportunidade. Tenho uma ótima oportunidade para ti, Carlos.

A resposta do inspetor tivera o condão de fazer com que ele mostrasse interesse genuíno pela primeira vez e o interpelasse com curiosidade.

— Que oportunidade é essa?

— Tenho uma missão para ti.

— Uma missão?

— Na prática são duas, mas para já é só uma, sobre o caso que estou a investigar. Se cumprires com os requisitos, levará a que o meu chefe fale com o juiz para que considere que cumpras o resto da pena em liberdade condicional. Que te parece?

— Que eu saiba os juízes só concedem liberdade condicional quando cumprir metade da pena. Mas não me parece que o vão fazer, tendo em conta que matei sem querer um agente da PSP.

— Só te posso dizer que consegui o apoio da própria procuradora-geral da república, que falou com a diretora deste Estabelecimento Prisional e com o juiz que te sentenciou. Tendo em conta o quanto precisamos de ti e o que está em jogo, o juiz está disposto a conceder-te liberdade condicional com efeitos imediatos se aceitares cumprir a missão a que te propus. Claro que se pisares o risco outra vez voltas aqui para dentro, mas ao menos tens uma ótima oportunidade de retomar a tua vida lá fora. Só depende de ti, amigo.

Uma luz muito ténue pareceu acender-se no seu olhar.

Esperança. Ele estava a alimentar-se da esperança e Leonardo dera-lhe um prato cheio. Carlos colocou uma madeixa de cabelo atrás da orelha e encarou os dedos em cima da mesa, pensativo. Parecia ter um conflito interno por sentir que queria aproveitar a oportunidade, mas ao mesmo tempo receoso por falhar e perder toda a esperança novamente.

— Eu percebo que seja difícil aceitares, mas é para o bem de todos. O teu lugar não é aqui. Todos sabemos disso.

— Os meus pais ainda não superaram isto. Que será de mim quando sair daqui?

O antigo Carlos começava a aparecer, preocupado com o futuro e com a sua vida.

— Se aceitares, podemos tirar-te daqui agora mesmo.

Carlos perdeu um pouco daquele ar duro que devia ser importante na sua ala da prisão.

— O que tenho de fazer?

— Tens de te infiltrar numa escola privada em regime de internato para descobrir se alguém de lá anda a matar prostitutas ou se sabem quem o esteja a fazer.

Carlos arqueou as sobrancelhas, completamente intrigado com o rumo da conversa.

— Está a falar do Estripador de Lisboa?

— Nem mais. Ele mesmo.

— Acham que ele anda numa escola privada?

— Sim, mas só te contamos os pormenores todos se aceitares esta missão. Porque, caso contrário, não vale a pena perder aqui o meu latim e estar a

partilhar dados sobre uma investigação em curso que não posso partilhar com quem não faz parte da investigação.

— Claro que não — acabou por dizer Carlos. — Falou em duas missões. Qual é a outra?

— A outra parte da missão tem que ver com as *Olimpíadas da Morte*.

Ele assentiu em sinal de reconhecimento.

— Aquele vídeo em que a sua mãe se revela a Embaixadora das Olimpíadas, não é?

— Sim. Estou a tentar localizá-la. E trata-me por tu, pelo amor de Deus.

Carlos sorriu pela primeira vez, embora mais parecesse um espasmo no canto da boca.

— E queres que eu a encontre quando descobrires o país onde ela está?

— Sim. Quero que a encontres.

— Porque não podes ir tu?

— Eu não posso sair de Portugal. Estou a aguardar julgamento.

— E eu posso? Vou estar em liberdade condicional…

— Eu sei. Por isso é que vais assinar um contrato em que se fugires da linha voltas para a prisão com uma agravante a definir pelo juiz. Provavelmente vários anos a mais na prisão.

Ele engoliu em seco e assentiu, resignado.

— Então e se eu a encontrar, imagina, na Alemanha? Encontro-a e o que acontece depois?

— Na altura logo decido, mas vou querer detê-la e trazê-la para cá.

— Vais prender a tua própria mãe?

— A minha mãe morreu quando eu tinha 13 anos. Aquela pessoa é uma

assassina.

— A tua mãe não morreu. Apenas fingiu ter morrido.

Leonardo ergueu as mãos para terminar aquela discussão.

— Já deu para perceberes o que tens de fazer. Agora o que eu…

— Aceito.

— …preciso de saber… O quê?

Carlos sorriu com ainda mais vontade e mostrou o quão jovem ele ainda era.

— Aceito fazer essa dupla missão.

— Tens a certeza?

Carlos esticou a mão, convidando-o a selarem o acordo.

— Conta comigo.

Deram o aperto de mão e, confiante de que angariara um trunfo tremendo para a investigação, Leonardo ligou imediatamente para a procuradora-geral da república a fim de tratarem da libertação temporária de Carlos Caetano. Se corresse tudo bem, seria uma libertação definitiva. Tudo dependia do que fosse acontecer nos dias seguintes.

CAPÍTULO 52

MARTA

Segunda noite como prostituta.

Segunda noite como Michele. Sem apelido. Apenas Michele. Michele, a prostituta ruiva que estava apenas a começar a sua profissão para pagar a casa e uma dívida cujo valor nunca fora revelado.

Com uma saia de cabedal preta até meio da coxa, um top branco bem justo e um pequeno casaco preto também de cabedal a cobrir apenas os ombros, Marta Mateus estava novamente na Alameda Edgar Cardoso.

— *Se o Estripador de Lisboa fizer realmente parte desse grupo de alunos, então hoje eles vão aparecer de certeza* — assinalou Leonardo no pequeno dispositivo no ouvido da colega. — *Faz hoje os trinta anos da última vítima do Estripador; que melhor homenagem do que estripar outra vítima?*

— Concordo. Vou continuar a investigar.

Dois bancos de jardim mais abaixo, uma prostituta de cabelos esticados e roupa minúscula estava sentada a admirar a estrada, imperturbável na sua beleza e na sua pose a evidenciar as pernas e os seios empertigados. Aos poucos, Marta percebia como era fácil compreender como tudo isto funcionava.

— Olá, sou a Michele.

Ela ignorou-a, mas Marta não se deu por vencida.

— Comecei há pouco tempo e ainda estou um bocado nervosa…

A prostituta continuou a olhar para a estrada, imperturbável.

— Uau, pensei que houvesse mais camaradagem por estas bandas.

— Camaradagem? — perguntou ela, chocada e a olhá-la de alto a baixo. — A menina branquelas está nervosa, e então? Coitadinha, tenho tanta pena de ti… Que queres que te diga? É só foder, não há muito a saber. Queres o quê? Festas

de pijama quando a noite acabar e estivermos todas de rastos? É melhor mudares essa mentalidade ou não é a cona que te vão foder, é essa cabeça de miúda mimada. Se fosses preta, havias de ver.

Marta mostrou-se impressionada, embora aquele tipo de discurso não a surpreendesse. Admirava-a era como não havia mais prostitutas assim, mal-humoradas e revoltadas com a vida.

— Tudo bem, desculpa lá incomodar. É só porque com isto do Estripador de Lisboa, e logo hoje que não falam de outra coisa na comunicação social por ser o exato dia que faz trinta anos da última vítima dele… Se calhar devia ficar em casa.

— Porque é que estás aqui?

Em poucas frases, Marta repetiu a sua versão ensaiada da história da Michele.

— Quantos mais dias ficares em casa, mais demoras a pagar essas merdas — parecia um tom mais calma, como se a referência ao Estripador a tivesse amainado.

— Achas que cobrar cinquenta é ganancioso?

— Para quem está a começar, ya. Ainda não provaste nada a ninguém. Tudo bem, tens um ar jovem, quase virgem comparada connosco, e isso é muito apetecível para esses brancos de merda, mas acho que devias baixar o preço no início. Até teres aqueles clientes que começam a ser habituais. Se deixares alguns viciados em ti, vais-te safar muita bem. Tens é de te esforçar se eles forem ricos. Esses é que valem a pena.

— Pois, eu quero ficar aqui o mínimo de tempo possível.

Ela sorriu de gozo e Marta antecipou-se.

— Eu sei o que vais dizer, que todas pensam o mesmo, bla bla bla.

— Não é bla bla bla, é a realidade. É muito raro alguém estar aqui anos a fio e

que continue por prazer. Ao início ainda acredito, conheci algumas que vinham por prazer, mas isso acaba rápido. O que eu te sugiro também é foderes gajos jeitosos. Esses, mesmo que não sejam ricos, dá para limpar o palato, se é que me entendes… — sorriu matreiramente, e Marta também se riu, contagiada pelo ar subitamente brincalhão. — Adele — apresentou-se.

Marta assentiu e sentou-se no banco, as pernas juntas; depois, percebendo onde estava, cruzou uma perna sobre a outra de forma provocadora.

— Há fodas que até as dava de borla — continuou Adele. — Vais ver se não tenho razão. Mas nunca faças nada de borla, ouviste? Nem que fosse o raio do Brad Pitt ou aquele duque do Bridgeton. Se querem, têm de pagar. OK?

— Sim, nunca me passou pela cabeça dar borlas a ninguém.

— Ótimo. Nem que seja da família, nada de borlas.

— Família?

Ela revirou os olhos e fez um gesto como se enxotasse uma mosca.

— Não queiras saber.

— Tu vieste cá parar porquê?

— Infelizmente, a minha história é a mais comum. Vim da Cova da Moura, vida de miséria, sem dinheiro para me sustentar, casei-me com um gajo teso como a merda e tenho dois filhos. Ao menos não estou agarrada à droga. Também tens de ter muito cuidado com isso.

— Não sabes nada sobre esse Estripador, então?

Adele nem pestanejou perante a nova referência ao assassino.

— Não tens medo que ele apareça aqui e mate uma de nós?

— Quais são as probabilidades de isso acontecer?

Marta ia responder; ia dizer que eram baixas, mas que, ainda assim, estavam

sempre em risco, mas Adele cortou-lhe a palavra. O olhar esbugalhado apontado para o cimo da alameda.

— Ai, o caralho… aí vêm eles.

— Quem?

Antes de obter resposta, Marta seguiu o olhar de Adele e percebeu.

Uma carrinha de nove lugares, com música alta e com audíveis gritos de excitação de jovens masculinos, rolava lentamente estrada abaixo.

CAPÍTULO 53

BÁRBARA

Pedro: Bárbara?

Pedro: Disse alguma coisa que te ofendeu?

…

…

Pedro: Nunca mais ficaste online

Pedro: n m digas q me bloqueaste?

…

…

Pedro: BÁRBARA!

…

Pedro: Tdo bem. Qd quiseres falar diz alguma coisa.

…

Pedro: Já percebi q n queres saber

Pedro: Percebi a dica

…

…

…

Pedro: O problema é termos dito q íamos até ao fim?

Pedro: Se quiseres vamos devagar

Pedro: Por mim é igual

Pedro: Só te queria conhecer melhor

…

…

Pedro: É preciso suplicar?

Pedro: Se quiseres eu suplico

…

…

Pedro: Vá lá Bárbara

Pedro: O q qer q seja podemos resolver juntos

Pedro: N desistas de nós!

…

…

…

Bárbara. Última vez online: ontem às 22h43.

CAPÍTULO 54

MARTA

Eles tinham chegado.

Um Mercedes Vito Furgão prateado e, ao que parecia, novinho em folha, parecia ter chamado a si a atenção de toda aquela rua. Era uma carrinha de nove lugares, mas onde caberiam muitos mais se eles assim quisessem.

— Quem são estes tipos? — perguntou Marta, fingindo ingenuidade.

— Não sabes? Pois, és nova nisto e eles aparecem de vez em quando. — Aproximou-se, a animosidade com que a recebeu era já uma coisa do passado distante. — Estes são uns putos de uma escola privada que vêm para aqui à procura de putas para descarregar a adrenalina.

— Descarregar adrenalina?

— Eles estão o ano todo internados, rapazes com rapazes, nesta idade em que ficam com a testosterona aos saltos, portanto estás a imaginar.

— E pagam bem?

— Ai não! Estes são os clientes ideais para fazermos bom dinheiro. Têm pais ricos, portanto o dinheiro não é problema, e dá para os burlar um bocado. Fazendo a coisa como deve ser, podes ganhar o triplo apenas com uma chupadela do que ganharias com uma queca completa aqui com um qualquer.

— Então se é assim tão bom porque é que parecias aborrecida quando os viste aparecer lá em cima?

A carrinha parou numa das primeiras prostitutas e vários rostos surgiram das janelas do veículo comprido, a lançarem piropos e valores para a atrair a ir com eles. Eram, de facto, jovens, alguns imberbes, mas com toda a pujança pela forma como falavam e gesticulavam.

— Porque algumas que eles levaram… nunca mais voltaram.

— Como assim?

— É assim, acontece várias de nós deixarmos de vir de um dia para o outro e há muitos motivos para isso. Não é um bicho de sete cabeças. Ou a rapariga já não precisa do dinheiro, ou foi apanhada por familiares e coagida a acabar com essa vida, ou teve uma overdose e morreu, ou simplesmente mudou de local. Mas há quem diga que algumas desapareceram de forma misteriosa depois de terem estado com estes tipos.

— A sério?

— Eles não são propriamente meigos. Estás a imaginar aquela energia toda canalizada para várias mulheres disponíveis para fazerem tudo o que eles querem? Ou para deixarem fazer-lhes tudo o que eles querem?

— Pois, tem tudo para correr mal.

— E corre. Há uns que adoram sadomasoquismo, outros, gangbang, ménages são quase todos que gostam. Há colegas nossas que chegam a levar com cinco ou seis numa só noite. Eles pagam bem, é verdade, e muitas vezes até compensa o tempo que algumas ficam de fora para recuperarem, mas caraças…

Marta voltou a olhar para eles e sentiu um arrepio.

— Porra…

— Mas nem tudo é mau. Há alguns que são egoístas e querem uma só para si. Não partilham. Essas é que têm sorte, porque recebem bem e têm uma sessão normal de sexo. Ainda têm o bónus de comer picha nova.

— Então agora já queres ir com eles?

Ela encolheu os ombros, apreciando um dos jovens que saiu da carrinha e abordou de perto uma prostituta, sacando de um molho de notas. Ela ficou hipnotizada pelo dinheiro e acabou por entrar na carrinha, seguindo-se uma enorme gritaria de celebração pelo feito, levando a que o veículo abanasse sobre os seus pneus.

— Michele, Michele… às vezes o problema é pensarmos demasiado. Se eu calhasse com um desses mais egoísta, ficava com o mês feito. Ou o ano, se jogasse bem as minhas cartas. Não era brincadeira receber numa noite o equivalente a um ano a levar com gordos que cheiram a suor.

A carrinha continuou a descer e mais duas prostituas entraram na viatura pela porta traseira, satisfeitas pela sua escolha. Uma delas era Katya, com quem Marta já criara alguns laços. A festa dos jovens era cada vez maior perante a perspetiva das mulheres que já levavam com eles.

— Eles estão quase a chegar, Adele — avisou Marta, como se ela não estivesse atenta a isso. — Que vais fazer se te convidarem?

— Não sei. É como a questão do Estripador. Claro que assusta, mas não me posso esconder ou arrisco-me a perder dinheiro para o medo. E eu não sou assim. Preferia que eles fossem recolher prostitutas noutro sítio, mas se realmente surgir a oportunidade, sei que vou conseguir sacar uma ganda massa desses cabrões virgens.

— Mesmo que arrisques a tua integridade física?

— Ui, «integridade física»? Temos aqui uma doutora, ou quê?

O rosto de Marta ficou um tomate, apenas oculto porque o virou ainda mais para a carrinha que continuava a descer a rua, agora a dezenas de metros delas.

— Que vais fazer, Adele?

— Depende do dinheiro que sacar. E tu?

— Não me apetece muito ficar toda maltratada já no início… acho que vou passar.

— Eles não me metem medo. E olha, essas histórias são o que são. Já soube de algumas histórias parecidas com outros clientes que foram inventadas apenas para que essas prostitutas ficassem com esses clientes só para elas, porque

rendiam bom dinheiro. Portanto, ficas também a saber este lado mais egoísta desta vida. Aqui, é cada uma por si, Michele. Não te iludas a pensar que somos amigas, OK? Se tiver de passar-te a perna para receber mais umas centenas de euros, eu passo. E nem fico com remorsos. Mais uma lição para ti. De nada.

A carrinha chegou e parou em frente a elas as duas, como era previsível.

— *M&M, que estás a pensar fazer?* — perguntou Leonardo no auricular. Conseguia sentir alguma tensão na sua voz.

Ela colocou a mão à frente da boca, aproveitando a distração de Adele com a chegada da carrinha.

— Não sei. Devo ir? Precisamos de saber que escola é esta.

— *Pois, é isso que me está a lixar também. Não quero que vás, mas estás nesta missão por algum motivo*.

— Deixa ver se consigo descobrir a que colégio interno eles pertencem enquanto ainda estamos aqui. Se conseguir, bazo a dizer que já tenho um cliente para esta hora e apareces tu.

— *Combinado. E se não descobrires aí?*

Marta inspirou fundo. Já não conseguiu responder porque a porta lateral da carrinha abriu-se, revelando o interior carregado de testosterona.

— Olá, meninas! Que belo par que temos aqui. E belas mamas também.

A piada, foleira na perceção das prostitutas, surtiu risadas e mais saltos entusiasmados nos jovens dentro da carrinha. Através da abertura lateral viam-se vários rapazes, na sua força máxima, com olhares devoradores que a levaram a sentir-se um naco de carne que eles queriam comer para saciar a fome.

— Que queres, cabrão? — atirou Adele, aproximando-se e cruzando os braços. Eles ficaram todos malucos por verem uma prostituta fazer-lhes frente e não esconderam o entusiasmo.

— Caralho, esta é badass!

— Agora ainda tenho mais tusa, imagina comê-la contra a sua vontade!

— Pesca-a, vai! Temos de a ter!

O jovem que se responsabilizara por «pescá-las» encarou-as com um sorriso gigante, a sua honra em jogo.

— Quanto é que querem para entrar para a nossa carrinha? Pagamos o que vocês quiserem, mas também têm de o merecer.

— O que têm em mente fazer comigo?

— Não é só contigo. — Olhou para Marta. — Queremos as duas. Essa aí parece nova, tem o aspeto mesmo fresco. Não é, rapaziada?

Ouviram-se gritos em êxtase e um outro jovem saiu da carrinha com classe e demasiada calma para o espetáculo que tinham estado a ver.

— *Consegues ver algum símbolo, M&M?*

Mas ela não conseguia. Estavam todos vestidos à civil, sem nada que os identificasse.

Ia responder a Leonardo, mas o segundo jovem parou à sua frente e encarou-a com muita calma, como se a analisasse física e mentalmente. Era magro, atraente, as mãos finas e compridas, cabelo escuro e um olhar penetrante, escondido por uns óculos finos, sem armação, que lhe conferiam um ar demasiado nerd para quem andava a «pescar» prostitutas.

A postura confiante do jovem à sua frente deixava-a ligeiramente desarmada, como se ele soubesse que ela era polícia e estava ali infiltrada. Ele enfiou a mão no bolso e sacou um maço de notas bem grosso, com o laranja das notas de cinquenta a dominar a visão.

— Estamos dispostos a dar-vos mil euros por uma noite connosco.

Marta olhou para Adele e viu como ela tinha sido convencida. Ao ver os mil

euros, todas as histórias e boatos em torno daquele grupo de jovens adultos pareceu esfumar-se da sua cabeça, o peso do dinheiro a sobrepor-se ao resto.

— Recebem metade agora, e metade se corresponderem à nossa expectativa.

Ele olhou de lado para Adele, que sorriu e aceitou.

— Dás setenta por cento agora, e trinta depois. — lançou Marta, cortando o sorriso da outra prostituta. — E só aceitamos mil e quinhentos euros, com possibilidade de subir para dois mil dependente do que quiserem fazer. E se for preciso irmos a alguma consulta médica por vossa causa, pagam vocês.

O jovem, impressionado pelas exigências de Marta, ficou sem resposta.

Ao fundo, ouviu um coro provocador de «uuuuhhhh».

— Eu ouvi histórias sobre vocês, sabem? Estamo-nos só a precaver — acrescentou ela.

Ele assentiu.

— Combinado. Desde que aceites vir, estamos dentro. Vêm as duas?

— *M&M… Cuidado*.

Ao ouvir o tom prudente com que Leonardo falara, sentiu-se impelida a desistir e a avançar com a desculpa preparada, mesmo que Adele, ao seu lado, já estivesse mais do que pronta para entrar na carrinha e seguir viagem com aquele grupo.

Mas aquele olhar, algo calculista e demasiado penetrante, estava a intrigá-la mais do que qualquer outra coisa. Acima de tudo, era um olhar desconcertante. Como se ele já estivesse a imaginar na sua cabeça as coisas que iria fazer com ela assim que ela aceitasse a proposta. A presença daquele homem inquietava-a de uma maneira que não sabia explicar. Era instintivo.

Um pensamento incómodo colou-se à sua cabeça enquanto encarava aquele rosto calmo, decidido, racional, frio.

Estaria ela frente a frente com o Estripador de Lisboa?

CAPÍTULO 55

MARTA

A carrinha era muito espaçosa. No entanto, sentia-se sufocar. Estaria a arriscar demasiado pela investigação do caso *Estripador de Lisboa*? Ela sabia que se queriam capturar esse assassino, tinham de fazer algo de diferente relativamente ao que fora feito no passado. Era a única forma, mas e se isso custasse a sua vida? Nunca se envolvera daquela forma numa investigação. O nervosismo era gritante.

— Estás muito calada, puta. Como te chamas?

Um tipo com aparelho nos dentes e o rosto preenchido de borbulhas gritou-lhe a pergunta ao ouvido, para se fazer ouvir acima dos gritos e da música da carrinha.

Na parte traseira do veículo tinham colocado dois bancos compridos encostados a cada lado. Neles estavam sentadas seis prostitutas, três de cada lado. Adele e Katya estavam no banco em frente e pareciam meio atordoadas. Marta estava sentada numa das pontas que contactava com os bancos traseiros da carrinha, onde se encontrava o jovem do aparelho, de joelhos, virado para si, braços apoiados no topo do assento.

Apesar da pergunta ser dirigida a ela, a verdade é que estavam todas caladas. Cada uma ia fazendo contas à vida, ansiosas para terem o dinheiro no final da noite, bem longe dali, do meio de toda aquela testosterona.

— Michele.

— Gosto. Nome bonito. Se te der cem euros à parte, chupas-me a pila até me vir na tua boca?

— Passo. Pergunta a uma delas. Podem precisar dos cem euros.

— Mas eu adoro ruivas.

— Outro fetiche?

— Sim.

O rosto meio acabrunhado do jovem denunciava a sua inexperiência naquelas andanças, que tentava disfarçar com aquela conversa porca como se fizesse aquilo há anos. Quanto mais olhava para ele, mais reparava que ele parecia nervoso. Não estava definitivamente habituado a esta vida. E isso deu-lhe uma ideia.

— Tudo bem. Quando chegarmos, podes ficar comigo. Já agora, vamos para onde?

O jovem ficou tão extasiado pela sua pequena vitória que nem lhe disse mais nada. Virou-se para a frente e juntou-se aos outros, que falavam de histórias sexuais, posições que queriam experimentar, tudo o que fazia as prostitutas sentadas nas traseiras sentirem-se humilhadas e a torcerem para que passasse tudo depressa.

— Aproveita e tenta sacar mais dinheiro, já sabes — lembrou Adele, do banco em frente, no meio das prostitutas daquele lado. Katya assentia em concordância. — Eu fazia-o por bem menos. Aliás, qualquer uma de nós teria aceitado fazer esse broche por vinte euros ou menos. Mas já sabes, aqui é mesmo para abusarmos e sacarmos todo o dinheiro possível. Sem piedade.

Todas as prostitutas se mostraram satisfeitas pela perspetiva apresentada por Adele. Se havia algo forte o suficiente para as motivar a sujeitarem-se a coisas indescritíveis, era o dinheiro. No entanto, Marta reparou em como algumas já apresentavam sinais de estarem sob influência de estupefacientes.

— Já agora, toma isto, se tiveres de fazer algo que te dá nojo — ofereceu Katya. Na mão, tinha um pequeno comprimido branco.

— O que é isso?

— É uma espécie de droga da violação. Tomas isto e nem sentes nada que te façam. Podes confiar em mim, sei os truques todos.

Marta aceitou e agradeceu, mas ao colocá-lo no pequeno bolso da saia, sabia que nunca na vida o iria tomar. Precisava de ter as suas faculdades no máximo para não ter ido ali em vão.

Leonardo contava com ela.

A PJ também.

As centenas de prostitutas ainda mais.

A dada altura, três rapazes, de joelhos nos lugares traseiros da carrinha, que davam para a zona da bagageira onde elas se encontravam, entregaram-lhes pequenos lenços pretos.

— É para se vendarem. Não queremos que saibam onde vamos estar. Ponham as vendas e não lhes mexam mais. Vão entrar no local com elas e só nós é que as podemos tirar. Se desobedecerem, não levam dinheiro nenhum e serão obrigadas na mesma a cumprir a vossa parte do acordo.

— Sim, e também porque há aqui pessoal que vai querer usar essas vendas. Fiquem sempre com elas até ao fim.

Riram-se enquanto os lenços eram distribuídos pelas seis prostitutas. Marta admirou o seu lenço e sentiu-se ainda mais insegura. No entanto, colocou-o sobre os olhos e levou as duas extremidades para a parte de trás da cabeça. Deu um nó simples e voltou a baixar os braços, expectante.

— Muito bem, estão prontas!

Seguiram-se minutos preenchidos por curvas e contracurvas, mais conversas sobre sexo, que se estavam a tornar progressivamente mais nojentas e preocupantes para elas.

Com os ânimos cada vez mais exaltados, eram cada vez mais propensos a quererem fazer cenas com elas que seriam menos e menos aceitáveis. Começava a temer que tivesse sido um erro embarcar naquela viagem, mas tinha o seu próprio plano definido para aquela noite. Era só cumprir à risca que se safaria.

— Chegámos! — berrou alguém, incendiando ainda mais o ambiente na carrinha. Os saltos eram tão entusiasmados que a carrinha abanava por todo o lado, enquanto avançava com maior lentidão para o seu destino.

Ao lado, a porta das traseiras da viatura abriu-se.

— Venham, meninas. Está na hora da festa!

CAPÍTULO 56

MARTA

Saíram da carrinha de olhos vendados, guiadas pela mão num caminho curto o suficiente para que Marta não reparasse em qualquer som de especial que a ajudasse a identificar o local. Percorreu alguns metros num piso regular, subiu uns degraus e atravessou uma porta, que ao ser fechada silenciou o exterior por completo. Restavam apenas as gargalhadas contidas de excitação dos jovens enquanto as guiavam rumo a outros degraus que desciam.

O ar tornou-se um pouco mais húmido e abafado. Através da venda e das pálpebras fechadas, pôde ter a perceção de que estavam numa divisão com imensa luz e que esta se movia.

— Mais um passo e… está ótimo, fica aí — ordenou a voz do jovem que a guiara, deixando-a de seguida.

Percebeu que elas as seis estavam todas juntas, pelas respirações nervosas que a circundavam. De repente, música alta começou a jorrar de todas as direções, assustando-as e provocando risada total nos homens. Era música eletrónica, que incentivava a dançar e a beber álcool.

— Podem tirar as vendas!

Marta tirou a sua de uma assentada e abriu os olhos. Durante segundos não conseguiu discernir nada do que via, de tal forma estava encadeada pelas fortes luzes que varriam o espaço, umas estáticas e outras móveis, ao ritmo da batida da música, com variação de cores e de intensidade.

Depois, começou a perceber o cenário. Estavam numa espécie de cave adaptada à exploração como bordel. A toda a volta avistou várias portas que dariam para vários quartos onde as sessões de sexo iriam decorrer, com privacidade. Uma das portas estava entreaberta e, de onde Marta estava,

conseguia ver um baloiço e vários apetrechos sadomasoquistas que a deixaram um pouco mais nervosa.

Era imperativo que conseguisse ir para o quarto com o nervoso ou correria muito mal para o seu lado.

— *Consegues ver de que escola são, M&M? Está tudo bem contigo? Estou estacionado na rua onde vocês ficaram, mas a uma distância de segurança*.

Ela não podia falar. Os jovens, apesar de estarem a dançar e a beber, não tiravam os olhos delas, como se estivessem a ser cozinhadas e eles à espera de que ficassem no ponto para consumo.

Um dos jovens surgiu com um tabuleiro cheio de copos pequeninos e distribuiu por elas.

— Vá, bota abaixo!

Desesperadas por algo que as desinibisse ainda mais, beberam todas o shot sem pensarem duas vezes. Marta bebeu por último, sentindo a pressão de todos os olhares nela. Só esperava que não tivesse nenhuma droga no interior.

— É isso mesmo! Vamos celebrar!

No meio do espaço havia uma zona livre, rodeada por mesas, sofás e cadeiras bastante confortáveis. O espaço do meio era o da dança, onde alguns jovens agarraram em algumas mulheres e começaram a dançar com elas, para se aquecerem e excitarem para o que viria a seguir. Pelo que pôde perceber, havia bem mais prostitutas que as que eles tinham ido recolher no Parque Eduardo VII. Tal como havia mais rapazes do que os que tinham ido na carrinha. Parecia haver quinze homens e treze mulheres. Essa diferença entre procura e oferta ia cair sobre uma delas. Duvidava que algum dos homens passasse a noite sem molhar o bico.

Álcool começou a ser distribuído com frequência e os ânimos foram aquecendo. Alguns preferiam embebedar as suas prostituas, levando-as para a

zona dos sofás e acariciando os seus corpos sem rodeios, claramente ansiosos para irem para o quarto.

Outros desfrutavam de uma dança provocadora, em que os rabos delas roçavam nas virilhas deles, alguns já com um notório inchaço.

Ao fundo, viu dois jovens levarem uma mulher por uma das portas, desaparecendo a seguir. Deviam estar famintos.

Viu o jovem nervoso vir na sua direção com dois copos na mão. Bebeu-os de um trago, pousou-os numa mesa por onde passou e dirigiu-se a Marta com renovada confiança.

Marta aproximou-se dele, aliviada por não ter sido escolhida por um mais perverso, embora não soubesse como seria aquele.

— Vamos dançar, Michele?

Ele sorria, tentando mostrar charme, mas não estava tão à vontade como os outros.

— Como te chamas? — perguntou. — É uma regra que eu tenho, não chupo ninguém de quem não saiba pelo menos o nome.

Ele ficou vermelho num segundo, o que corroborou a sua ideia de que a conversa suja que tivera na carrinha fora apenas para impressionar o grupo e integrar-se.

— *Espero que saibas o que estás a fazer…*

— Júlio.

— OK, Júlio, vamos lá dançar.

— Não tão depressa.

A voz glacial do jovem que a «pescou» e que a arrepiou juntou-se-lhes quando davam a mão para se dirigirem à pista de dança.

— O que foi? Sabes bem que tenho fetiche por ruivas, deixa lá esta para mim

hoje. Ou então partilhamos, se quiseres muito — suplicou Júlio, o olhar desesperado.

Ele parou ao pé deles, de copo de whisky na mão, intrigado, a julgar cada movimento de Marta ao milímetro.

— Fui eu que a «pesquei», Júlio — recordou.

— Sim, mas…

— Não devias passar assim por cima de mim. Já falámos sobre isto.

Júlio voltou a ficar vermelho, receoso, sem grande reação.

— S…sim, eu sei.

— Mas vá, hoje passa. Podes ficar com ela. Assim fazes uma espécie de teste. Depois logo me dizes se essa puta vale a pena e na próxima como-a eu.

— Combinado. Mas se a quiseres partilhar a meio da noite…

— Em princípio não — negou, voltando a olhá-la de alto a baixo, com especial foco nas suas pernas —, mas nunca se sabe. Se quiser, passo pelo vosso quarto.

— Boa. Até já.

— Divirtam-se — lançou, de copo erguido enquanto eles passavam por si.

Seguiram-se dez minutos de dança, ao som de música que era, na prática, apenas barulho; mas era barulho feito com o objetivo de entusiasmar os ouvintes, pelo que não se admirou quando sentiu as mãos de Júlio apalparem-na, focando-se no rabo dela.

— Tens o rabo mesmo tonificado, Michele. Uau!

Marta mordeu o lábio, imaginando o que estaria Leonardo a pensar do outro lado. Tinham acabado de admitir um ao outro que se amavam, sem rodeios, para na noite seguinte estar a ser apalpada por um tipo com o rosto ainda um pouco rechonchudo, com várias borbulhas na testa, um adolescente.

— Não queres ir já para um quarto? — perguntou, não aguentando mais o toque dele.

Júlio ficou novamente avermelhado, imaginando que iria ter o seu fetiche satisfeito muito em breve, mas com receio de ter uma performance menos positiva.

— Só mais um copo.

— Vai lá buscar. Para mim também.

Ele saiu atabalhoadamente e ela viu Adele a dançar como uma bailarina profissional, rodopiando e esfregando-se num homem como se realmente estivesse a morrer de vontade de fazer sexo com ele. Ela era boa no que fazia. Disso não havia dúvidas. Katya já devia estar a tratar de ganhar o seu dinheiro, pois não a via em lado nenhum.

— Aqui está — anunciou Júlio, regressando com dois copos de cerveja. Entregou um a Marta e emborcou metade do outro em segundos, arrotando de seguida. — Está mesmo boa!

Marta bebeu da sua cerveja e deu graças aos tempos em que frequentava bares para engatar homens: deram-lhe a estaleca necessária para que aquele álcool não a afetasse em nada. Continuava sóbria como se tivesse acabado de acordar.

Dançaram mais um pouco e Júlio bebeu mais três canecas de cerveja, começando a dançar de forma bamboleante.

— Anda, vamos para um dos quartos. Isto é ao calhas ou cada um já tem o seu?

— É ao calhas. Vamos para aquele ali — apontou para uma porta igual às outras todas.

Com o braço dele por cima dos seus ombros, atravessaram a pista de dança, passaram por uns sofás onde uma das prostitutas era penetrada por trás e gemia de forma convincente.

Abriram a porta e viram outra mulher prostituta em cima de um jovem, saltando em cima dele, enquanto outro estava em pé e a possuía por trás. Apesar da intromissão, nenhum deles parou as suas ações e os gemidos eram altos, desvairados.

— Ups, quarto ocupado. Esqueceram-se de trancar a porta — referiu, indicando um sinal ao pé da maçaneta que indicava se o quarto estava ocupado ou livre.

A porta seguinte do lado esquerdo indicava estar ocupado, pelo que abriram a que se seguia. Deram para um quarto simples, de vinte metros quadrados, as paredes pintadas de branco, um espelho no teto e uma cama enorme a dominar a parede da frente, com duas mesinhas de cabeceira de cada lado. Numa das paredes laterais encontrava-se um armário para pousar a roupa e na parede oposta uma pequena casa de banho com sanita, lavatório e um duche estreito. Ao pé da parede do fundo, estavam dois pufes coloridos e bem cheios.

— Vamos?

Júlio levou-a até à cama e correu para trás para fechar a porta.

Começou a despir a camisola, mostrando um tronco pouco treinado, sem músculo e com um pequeno pneu no abdómen. Tinha a pele lisa, sem qualquer pelo.

— Mas tu tens idade sequer para andares aqui?

— Shh, isso não é da tua conta. Eu pago-te bem, não te preocupes.

Marta ficou a apreciar o cenário enquanto ele se despia de forma atabalhoada pelo álcool. Quando o viu despido, tentou não se rir perante o ar imberbe dele. Ainda não era homem para fazer aquilo, muito menos homem para ela. Se ela tivesse intenção de avançar, coisa que não tinha, estaria a cometer pedofilia na certa.

— Ouve, Júlio, lamento muito, mas não é esta noite que vai acontecer alguma

coisa. Podes guardar aí o passarinho, sim?

Júlio, que se aproximava com um olhar ganancioso, sabendo que a seguir seria ela a despir-se e iria ver o corpo dela todo nu, parou com um olhar confuso, como se não tivesse percebido o que ela lhe disse.

— Como assim? Eu vou pagar para fazermos sexo oral e vaginal. E vou pagar bem, por sinal. É uma questão de valor? Dou-te dois mil euros por esta noite.

— Não.

— Três mil euros.

— Não vai acontecer.

Ele estava a ficar mais desiludido do que desesperado.

— Cinco mil euros para oral e engolires. Nem fazemos sexo vaginal nem nada. Só oral.

— Ouve…

— Seis mil euros!

— Júlio!

Foi preciso ela gritar para ele se calar.

— Vais pagar-me os dois mil euros, mas não vai acontecer nada. Quando sairmos, vou dizer a todos que fui rebentada por ti, que me partiste toda, mas será um segredo nosso.

— Mas… porquê? Não é a tua função?

— A visão dos ricos do mundo é mesmo interessante. Fazemos assim: pagas-me e ficas com a fama que tu procuras adquirir aqui. Eu faço isso por ti. Agora, além do pagamento, quero que me respondas a umas questões.

— Mas… não. Eu quero sexo!

— Tens a vida toda para isso. Não vai ser hoje, campeão. Agora quero

respostas.

Ele sentou-se à beira da cama, o olhar triste como o de um cão abandonado.

— Se te recusares a aceitar a minha proposta vou lá fora e digo que és um «pila mole» que nem consegues ter uma ereção como deve ser e que te vieste assim que me viste nua. É isso que queres?

Ele olhou para ela, agora horrorizado com essa ideia.

— Temos acordo?

Júlio foi ao casaco buscar os dois mil euros e entregou-lhos.

— Bem-vindo ao mundo dos adultos, onde somos sempre fodidos por todos. Umas vezes de forma literal, outras apenas de forma figurativa. Para teu azar, hoje é de forma figurativa.

— Não, não estou a gostar disso…

Júlio levantou-se e vestiu-se à pressa.

— Júlio, estou a falar a sério. Se sais por aquela porta sem me responderes a umas perguntas, toda a gente ficará a saber que és um «pila mole». Olha que o faço.

— Mas… que perguntas? Que queres de mim?

— Senta-te aí no pufe.

Novamente vestido e muito desiludido, Júlio sentou-se no pufe enquanto apertava o cinto para completar a sua vestimenta. O olhar era, agora, desolado e profundamente confuso.

— *Bem jogado, M&M* — elogiou Leonardo no seu ouvido.

— Que sítio é este? Vocês fazem parte de algum clube ou assim?

— Mas porque é que isso te interessa? Não é pelo dinheiro que cá estás? Tu e elas?

— Esta é a minha primeira semana e ainda me custa aceitar certas coisas. Responde!

— Eu não te posso contar estas coisas…

— Mas eu posso contar a todos como sofres de ejaculação precoce! E tendo em conta o que já vi dos teus amigos, acho que não iam deixar isso passar em vão. Quem sabe até irias ficar com essa alcunha do «pila mole» ou outras mais inteligentes para sempre. Já estou a imaginar, Júlio, o que chega sempre antes de todos os outros. O «madrugador». Que tal te parece esse futuro?

À medida que Marta pintava esse suposto futuro, Júlio ia ficando mais e mais horrorizado, acabando quase em lágrimas.

— OK, OK! Eu digo o que tu quiseres. Mas tens de prometer que dizes que te parti toda, ou assim — pediu, novamente corado que nem um pimentão.

— Combinado. Desembucha.

Ele não conseguiu olhá-la nos olhos.

— Nós temos um clube. Um clube secreto. Histórico. Já tem mais de cinquenta anos e tudo. Ninguém fala dele, mas todos têm imenso orgulho em manter essa tradição viva.

— «Nós» quem?

— Nós, da minha escola.

— Que escola é essa?

O coração de Marta palpitou com ansiedade, a resposta de Júlio seria decisiva para avançarem com a missão de Carlos Caetano. Embora não pudesse saber, sentia que também Leonardo tinha sustido a respiração.

— Na St. John’s.

— Saint John’s? O que é isso?

— Uma escola.

— Ah, daquelas privadas todas chiques em que usam uniforme? Qual é nome que dão a essas escolas mesmo?

— É um colégio interno ou boarding school.

— E vivem lá, vocês?

— Sim, ficamos lá a viver o ano todo.

— Pelo nome, diria que tem princípios cristãos?

— Tem. Os rapazes estão separados das raparigas e não podemos ter contacto, exceto no refeitório e, pontualmente, noutras situações. Foi por isso que este clube foi criado há cinco décadas e é por isso que é uma tradição tão importante.

— Então suponho que os professores saibam da existência desse clube?

— Claro, alguns professores foram alunos e sabem perfeitamente da existência desse clube. Mas muitos passam por lá e nem sonham que ele existe.

— Porquê? É assim tão exclusivo?

— Sim. Apenas o Grande Mestre pode recrutar membros.

— Grande Mestre? Desculpa, há uma hierarquia e tudo?

— Sim. Grande Mestre, Príncipe do Prazer, Comandante dos Orgasmos, Oficial dos Gemidos, Capitão dos Minetes.

Marta abriu a boca e teve de usar toda a sua força para não se rir.

— Estás a falar a sério? Bem, Grande Mestre ainda tem uma cotação de respeito, agora os outros… Tu estás em qual?

— Estou abaixo desses, no primeiro.

— Qual é?

— Praça das punhetas.

Marta não se conteve e riu-se, dobrando-se para a frente, as mãos na barriga e o rosto a ficar corado.

— O diretor da escola sabe disso?

— Não.

— Pensei que os professores soubessem.

— Não sabe porque é uma mulher. Diretora Trindade. Ela frequentou a nossa escola, mas na parte das raparigas.

— Se é assim tão secreto, como é que comunicam? Imagino que apenas uma parte dos alunos ande neste vosso clube.

— Nós temos um clube de fachada para termos desculpa para nos reunirmos.

— Que clube?

— Um Clube de Dança. Claro que não há dança nenhuma, mas com a criação desse clube temos desculpas para nos reunirmos sem supervisão.

— O que fazem nessas reuniões?

— Falamos da excursão anterior, partilhamos fotos e vídeos, partilhamos histórias e planeamos a excursão seguinte.

— E essas vossas excursões são sempre para sexo?

— Sim. Apenas e só sexo.

— Costumam variar o sítio ou vão sempre ao Parque Eduardo VII?

— Variamos, claro. Não gostamos de repetir sempre a mesma coisa.

Marta cerrou os dentes, furiosa com a forma como aqueles jovens privilegiados viam o mundo, como se tudo lhes pertencesse.

— Sempre prostitutas, então?

— Nem sempre.

— Então?

— Por vezes invadimos a ala feminina lá da escola.

— E safam-se sem serem apanhados?

— Sim. Cada um de nós que queira comer alguma das raparigas, tem de tentar combinar com elas e convencê-las a receberem-nos no quarto. É mais arriscado, vamos só às vezes.

— E mesmo assim conseguem manter o clube em segredo?

— Sim, nenhuma dessas raparigas alguma vez vai admitir que fez sexo ali. Era a vergonha total para elas. É com isso que jogamos.

— Mas vocês não violam ninguém, certo?

— Não, é tudo consentido.

— Ou pago.

— Pois.

— Saem todas as noites?

— Não, isso levantaria suspeitas.

— Quantas vezes fazem estas excursões noturnas?

— Não temos dias fixos. É quando nos apetece.

— Não me consegues dar uma média?

— No máximo duas vezes por semana.

— E nunca foram apanhados?

— Népia.

— Impressionante.

— A carrinha é de algum de vocês?

— É alugada para estas noites especiais.

— Quem aluga?

— O Grande Mestre, claro.

— Já vi como é que funciona a parte inicial da noite, com a «pesca», as

vendas, etc. E para irem embora? Têm de ir sempre todos juntos e as prostitutas novamente vendadas?

— Não, só para vir é que é assim. Fazemos de propósito para criar uma onda de mistério. As gajas costumam gostar disso, ficam ainda mais excitadas.

— Dizem vocês ou alguém vos disse?

— Vais dizer que não ficaste intrigada?

— Fiquei, mas não fiquei excitada. Bem pelo contrário, até me pareceu que me estavam a raptar.

Ele riu-se.

— Mas para ir embora é como? — insistiu.

— Para ir embora, geralmente chamamos um Uber. Cada um acaba à sua hora e vão embora quando quiserem.

— Então e o mistério da localização deste clube?

— No final da noite, com tanto álcool e algumas drogas que por aí andam, vocês nunca se recordam deste sítio. Contamos com isso para o manter secreto, embora não seja essencial. Só não queremos é mulheres a vir bater à porta a pedir dinheiro. Nós é que escolhemos as mulheres de cada noite.

— São uns pescadores natos, vocês.

Ele sorriu de forma tímida, sabendo que estava a ser gozado por Marta.

— Quem é o vosso Grande Mestre, só por curiosidade?

— O tipo que te «pescou».

CAPÍTULO 57

LEONARDO, MARTA E CARLOS

O gabinete dos inspetores da Brigada de Homicídios da PJ de Lisboa estava ao rubro. Tinham chegado pelas nove da manhã e Marta contou, com todo o detalhe que conseguiu, todos os acontecimentos e tudo o que visualizou na noite anterior para que Carlos ficasse ao corrente.

— Então depois de teres enganado esse Júlio, o que fizeste?

— Ficámos ali um bocado a beber e tal, depois acabei por me ir embora com o Leo, que estava ao fundo da rua. Tive sorte que a divisão central daquela espécie de bordel estava vazia. Saí sem ninguém dar conta. Mas ouvia-se cada som, vou-vos contar.

Sorriram, sabendo perfeitamente que sons teria ela ouvido.

— Então hoje vais voltar para lá, como Michele? — perguntou Carlos, que apresentava um ar mais leve, mais feliz, mais esperançoso naquela manhã. Tinha sido libertado apenas ao final da tarde e passara a primeira noite em liberdade com os pais.

— Sim, nestes dias tem de ser. É lá que vou encontrar respostas, a menos que as encontres na St. John's primeiro que eu.

Leonardo aproveitou a deixa para partilhar as suas novidades.

— Pedi ao Teodoro para falar em privado com a diretora do St. John's e aceitar esta inscrição tardia do Carlos no ano letivo. Pedi para realçar que era para ajudar numa investigação que estava a decorrer e que em nada iria manchar a reputação da escola.

— Eu pesquisei um bocado sobre a escola e vi que muitas vezes os alunos com melhores médias do país no acesso à faculdade são de lá. E por várias vezes foi eleita a melhor escola do país — revelou Carlos, impressionado.

— Não deixes que isso te amedronte — desvalorizou Leonardo, focado na

missão. — O importante é decorares a história que inventei para ti. Já a sabes?

— Não há muito que saber. Sou o Carlos Simão, filho de uns pais ricos e um bocado mimado por ter tudo de mão beijada. Fui expulso de várias escolas por mau comportamento e incitação à violência. Não quero saber dos outros, só de mim próprio. — Encolheu os ombros. — Tendo em conta o estado em que me encontro após estes meses todos como prisioneiro, não me será difícil representar este papel.

— Porquê a mudança no apelido? — perguntou Marta.

— Porque podem encontrar alguma notícia sobre ele na altura do *Segredo Mortal*. É melhor precavermo-nos.

— Então e o primeiro nome?

— De um dia para o outro é difícil ele habituar-se a responder a outro nome que não «Carlos».

— Muito bem. E já soubeste do inspetor-chefe? — perguntou para Leonardo.

— Sei tanto quanto tu. Falei com ele ontem à noite, apenas. Suponho que hoje ele não esteja cá ainda porque está a tratar do assunto pessoalmente.

— É bom que esteja. Se estamos com o cu apertado pelo mediatismo do caso, é bom que ele se mexa e nos ajude quando precisamos.

Marta fez, de seguida, várias perguntas a Carlos, sobre o seu estado de saúde físico e mental, sobre como via a sua vida naquele momento, as perspetivas, etc.

— É verdade, Leonardo — lembrou-se subitamente Carlos, enquanto explicava como fora espetacular voltar a sua casa e comer a comida feita pela mãe —, já se sabe quando é que vais saber a tua sentença?

— Sim, vão ler o acórdão na próxima segunda-feira de manhã. Aviso já que vou chegar atrasado nesse dia — adiantou, apontando o dedo a Marta. — Ela

agora é a minha chefe. Eu estou aqui apenas como consultor porque ela me convenceu a regressar da baixa mais cedo.

— Mas, voltando à tua missão — retomou Marta —, tens várias coisas para descobrir quando lá estiveres e é nisso que tens de te focar.

— Sim.

— Em primeiro lugar, tens de estar mesmo confortável com a tua história pessoal.

— Isso é fácil.

— Muito bem. Quando estiveres na boarding school, tens de descobrir como funciona esse Clube de Dança e como podes ser um membro. Era importante ter-te lá dentro, o mais possível, para recolhermos a maior quantidade de pistas. E tens de descobrir quem é esse Grande Mestre do clube — continuou Leonardo.

— O que eu sei é que ele me deu uma má impressão — confessou Marta. — A mera possibilidade de esse Grande Mestre ser o Estripador de Lisboa torna a tua missão numa missão da mais alta importância, Carlos. Tens de dar tudo, mas tens de ir com calma.

Carlos assentiu, envergando um ar resoluto, decidido a corresponder às expectativas dos inspetores, que lhe concederam liberdade outra vez. Devia-lhes isso, pelo menos.

— Darei o meu melhor.

— Acho que devias era cortar esse cabelo e barbear-te — sugeriu Marta. — Não me parece que vejam com bons olhos um rapaz com esse look naquela escola.

— Sim, vou tratar disso já a seguir.

— Não poderás ter nenhuma escuta contigo, não vá seres descoberto.

Contactar-nos-emos apenas por WhatsApp, mas convém mudares os nossos nomes para «Pai» e «Mãe», por exemplo. É mais seguro.

— Boa ideia. Vou fazer isso.

Apontou os números dos dois e colocou os nomes sugeridos.

— Não vale a pena criar contas nas redes sociais, porque podem estranhar criares uma conta no dia em que te mudas para aquela escola… Dizes que não ligas a isso. Já sabes que vais estar sozinho e por tua conta — reforçou a inspetora, ansiosa. — Ninguém te vai ajudar, mas se precisares de algo urgente, tens os nossos números.

Marta levantou-se e deu-lhe um abraço forte, agradecida.

— Ainda bem que vos encontro aqui.

Paulo Teodoro, o inspetor-chefe daquela Brigada, surgiu no gabinete dos inspetores com uma ligeira falta de ar e um sorriso confiante.

— O vosso infiltrado está pronto para entrar?

— É só melhorar a imagem e está pronto — informou Marta.

— Então é melhor despacharem-se — disse, apreciando o aspeto de Carlos e imaginando como ele se iria integrar na nova escola. — Consegui que te colocassem mais cedo.

— Mais cedo? Quando?

— Esta tarde começas a ter aulas com eles. A diretora quer apresentar-te à escola durante a hora de almoço, na cantina. Bem-vindo à St. John´s, Carlos.

CAPÍTULO 58

LEONARDO E MARTA

Como prometido, Cristóvão Martins executara a autópsia à terceira vítima do Estripador de Lisboa no final da manhã daquela quarta-feira. O resultado foi muito semelhante às duas vítimas anteriores. A vítima fora estrangulada, cortada e estripada. Não havia sinais de violação. Praticamente todos os órgãos foram removidos, mas eles já os tinham guardado devido ao incidente do caixote de lixo em frente à PJ. A análise ao sangue revelara presença de drogas e que ela era seropositiva.

— Espero mesmo que o Carlos consiga respostas, porque isto do xadrez está a deixar-me louca — comentou Marta, a recordar-se de que nenhuma peça seria encontrada ali porque já tinha sido colocada no caixote de lixo abandonado à frente da PJ. — Por que razão ele já nos ofereceu dois peões e um cavalo? Que significa?

— Eu pesquisei, e as peças em si não têm um grande significado. Pelo menos, não um que possamos aplicar a este caso. Não têm ligação possível. Só se for a teoria de que ele está sempre várias jogadas à nossa frente.

— Sim, como se nos estivesse a provocar, a cada morte, por não o apanharmos.

— Exato.

De regresso ao gabinete na PJ, prosseguiram o debate de ideias.

— A questão é que agora entramos em terreno desconhecido — avisou Marta, admirando novamente o quadro de cortiça. — Ele já homenageou o que tinha a homenagear. Será que vai parar também?

Leonardo colocou-se ao seu lado.

— Adorava dizer que sim, mas sabes que mais? Algo me diz que ele vai continuar.

— Porquê?

— Pela maneira como ele nos está a provocar. Ele sabe que se parar agora, eventualmente deixará de ser notícia e cairá no esquecimento. Pela maneira como ele agiu, dá a ideia de que ele gosta de ser o centro das atenções.

— Isso nunca corre bem para os vilões, pois não? Mas eles nunca aprendem que quanto mais falam, pior é para eles.

— Não fales alto, senão ainda nos ouvem e depois começamos a ter assassinos razoáveis que param antes de termos provas para os condenar.

Marta sorriu e Leonardo deixou de olhar para o quadro à frente. Ela tinha mesmo um sorriso lindo, contagiante, genuíno. Como é que demorara tanto tempo a ver o que sentia por ela e, pior, a admitir o que o coração lhe gritava sempre que a via?

Teve uma ideia.

— Calma lá. Se nesta vítima é tudo igual à de há trinta anos, então o nome também será igual. Podemos identificá-la pelo nome. Como é que não pensei nisso mais cedo? — estranhou, batendo na testa.

Marta arregalou os olhos e aproximou-se do quadro, procurando o nome da terceira vítima do Estripador original.

— Maria João.

Como nas vítimas anteriores, também Maria João Albuquerque tinha sido dada como desaparecida vários dias antes, o que constituía um certo padrão. Pelos vistos, o Estripador de Lisboa matava-as quatro a cinco dias após elas desaparecerem.

— A história desta deve ser interessante — comentou Marta, quando pegou no ficheiro sobre a vítima. — Maria João Albuquerque era casada com um Marco Albuquerque.

— Esse apelido é chique — notou Leonardo, sentado na sua cadeira a assimilar tudo.

— E era. O casal vive em Cascais, num casarão com vista para o mar.

— Como é que ela passou daí para toxicodependente e seropositiva?

— É o que vamos descobrir. Já notifiquei o marido e ele diz que prefere vi para cá. Trabalha aqui perto e está cá daqui a bocado.

Meia hora depois, tinham um homem quebrado pela notícia da morte da mulher à frente deles, o ar desengonçado de quem passara noites em claro.

— Como é que eu vivia com ela o tempo todo e não sabia que ela se prostituía e que era viciada em drogas? — lamentou-se. — Como é que ela escondeu isso de mim?

— Acredite quando lhe digo que há muitos casos de prostituição em que as pessoas são casadas ou têm namorados e família. É mais comum do que possamos imaginar — garantiu Marta.

— Devem pensar que sou um marido desnaturado e ausente.

— Nada disso — tranquilizou-o, tocando-lhe no braço ao de leve. Marco Albuquerque estava sentado na cadeira da inspetora, de costas para o quadro, que fora previamente coberto para evitar olhares incautos.

— Então não sabia de nada estranho que se passasse na vida dela?

— Não, nós… nós estávamos a tentar engravidar. Era um sonho antigo, termos filhos, mas estávamos a tentar há cinco anos e nada. Tentámos todos os métodos e nunca resultou. Acho que foi isso que nos afastou um pouco. A ilusão desse sonho, que foi destruído a cada teste de gravidez, a cada fertilização falhada… Será que foi por isso que ela… se virou para as drogas?

— É possível. Muitos recorrem ao álcool ou às drogas para diminuírem a dor

que sentem. A da sua mulher era mais psicológica, mas talvez ela se sentisse má mulher por não conseguir engravidar — sugeriu Leonardo, empático.

— Chegaram a fazer testes para saberem se tinham algum problema?

— Sim. O meu esperma não era totalmente saudável como se desejava, mas garantiram-me que não seria impedimento…

Quebrado pelo destino que a vida lhe impunha, chorou à frente deles sem reservas.

— Como é que deixei que o meu trabalho se sobrepusesse ao meu casamento? — lamentou, as mãos a limpar o rosto. — De que me serviram aquelas horas extra no escritório para tentar subir na carreira e trazer mais dinheiro para casa, quando era em casa que eu devia estar? Agora… tenho uma casa vazia e dinheiro que não me serve de nada.

Tentaram abordagens diferentes, mas o cenário não mudara. Ele trabalhava numa firma de investimentos e era workaholic, estando raramente em casa; não sabia de nada que se passasse com a mulher, uma farmacêutica com a sua própria farmácia. Estavam casados há seis anos, mas constatavam agora que eram dois desconhecidos que fornicavam apenas para procriar. Maria João tinha sido uma força da natureza, mas tudo mudara com o tempo e com os constantes falhanços para engravidar.

— Então a Maria foi assassinada por esse… Estripador de Lisboa de que tanto falam?

— Receamos que sim.

— Receiam ou têm a certeza?

— Temos a certeza.

Ele abanou a cabeça, mais lágrimas desesperadas a rolar pela face.

— Então ela foi… Oh, Maria…

Um nó surgiu nas gargantas dos inspetores, que se emocionaram ao ver a dor daquele homem, caso perfeito de que se o arrependimento matasse, estaria já estendido no chão.

No meio do pranto, o telemóvel de Marta tocou. Não ia atender, mas ao ver de quem era a chamada, ficou intrigada e virou o visor para Leonardo antes de atender.

Era o médico-legista.

— Estou, Cristóvão? Hmm… Não me digas? — Arregalou os olhos e passou a mão pelo rosto, em choque.

Pela forma penosa com que olhou para Marco Albuquerque, Leonardo percebeu o que tinha o médico-legista descoberto. Nem queria acreditar que era possível. O destino podia ser muito cruel por vezes.

— Uh… Marco? — chamou, quando desligou a chamada. — Marco?

Foi preciso tocar-lhe no ombro para o despertar da letargia.

— Sim?

— Ligaram-me agora do médico-legista que fez a autópsia. Ele recebeu os resultados do laboratório e… bem, nem sei como dizer isto.

— O que foi?

— A Maria João… quando foi assassinada, ela…

Mas o nó na garganta impediu-a de falar. Foi Leonardo quem foi em auxílio da colega e deu a machadada final no marido da vítima.

— A Maria João estava grávida.

CAPÍTULO 59

BÁRBARA

Pedro: Bárbara

Pedro: Começo a ficar preocupado…

Pedro: N m dizes nada

Pedro: As minhas msgs nem sequer são entregues

…

…

Pedro: Continuas sem tar online desde 2.a feira

Pedro: N acredito q mudaste de número só pra me evitares

Pedro: Mas tu n farias isso

Pedro: Demo-nos tão bem

Pedro: Íamos ter uma noite incrível

…

…

Pedro: SE hoje n souber nada d ti vou à tua procura

Pedro: Sei em q faculdade andas

Pedro: Não será difícil encontrar te

…

…

…

Pedro: Bárbara!!!

…

…

CAPÍTULO 60

CARLOS

O St. John's International School, como era o nome oficial do colégio privado onde Carlos fora matriculado naquele mesmo dia a pedido da Polícia Judiciária, tinha um campus enorme, com uma área superior a três mil metros quadrados. Entre biblioteca, campos desportivos, laboratórios, estúdios, dormitórios e os edifícios onde os alunos tinham aulas, existia ali tudo o que um aluno precisava para se desenvolver em termos académicos, desportivos e artísticos. Era um espaço imponente, um mundo à parte, que Carlos visitou ao lado da diretora, Manuela Trindade, com renovado interesse. Qualquer aluno adoraria estudar ali. Possivelmente até teriam um verdadeiro gosto em estudar. Com condições daquelas, tudo na vanguarda da tecnologia, quem não teria?

— Creio que a conversa que costumo ter com os novos alunos não lhe interesse, pois não Carlos?

— Que conversa?

— A enaltecer o que fazemos aqui e todas as nossas mordomias e os motivos que nos diferenciam dos demais.

— Não, não me interessa. Só preciso de conhecer o espaço.

Manuela, vestida de forma conservadora, com um colar com a figura de Jesus Cristo, sorriu a custo.

Carlos tocou no seu próprio colar, uma dádiva dos seus pais biológicos quando, em bebé, tiveram de o deixar à porta de um Centro de Acolhimento em Benfica. O pendente era o símbolo chinês do equilíbrio, Yin Yang, um círculo onde existia uma metade branca com uma pinta preta e outra metade preta com uma pinta branca, para representar uma filosofia chinesa de que em todo o mal há sempre alguma luz, tal como no bem há sempre um pouco de escuridão.

Assim era com todos os seres humanos. Ninguém era cem por cento mau nem cem por cento bom. Carregava aquele colar desde sempre.

Depois da visita, dirigiram-se para o pavilhão principal, onde os alunos do sétimo ao secundário tinham aulas. Havia outro pavilhão para os da primária mais o segundo ciclo do ensino básico.

A entrada era ampla, com escadas centrais mais à frente, que conduziam os alunos aos pisos superiores, num total de seis pisos. Eles contornaram as escadas e seguiram em frente. Do fundo, chegava o som de talheres e uma enorme onda de conversa indecifrável, caótica.

Por muito que não quisesse, por muito que dissesse a si próprio que para quem esteve meses a fios na prisão, a partilhar o espaço com outros assassinos horríveis, aquilo não era nada, a verdade é que estava nervoso, com o coração a palpitar de antecipação. Ia conhecer as pessoas com quem iria viver nos próximos dias, quem sabe semanas.

Ia mudar a vida delas e elas nem faziam ideia ainda.

Mas estavam prestes a saber.

Passaram por duas portas abertas e viraram à esquerda numa espécie de antecâmara, onde era anunciada a ementa daquela semana e onde existiam vários anúncios para clubes e competições desportivas.

Ao saírem da antecâmara, entraram na cantina. Era um espaço enorme, com centenas de mesas dispostas em filas com um corredor no meio a separar as duas alas.

Ao fundo, encontrava-se uma pequena pilha de tabuleiros, que separava as duas vertentes do refeitório. Ao que parecia, os rapazes recolhiam a sua refeição pela esquerda e as raparigas pela direita. No entanto, havia algumas misturas entre géneros nas mesas.

Ao chegarem ao início das mesas, pararam e Manuela tossicou para chamar a

atenção dos alunos. Aos poucos, as cabeças viraram-se para eles os dois e as conversas silenciaram-se.

Carlos sentiu um arrepio ao ver-se como o centro das atenções de centenas de alunos, das mais variadas idades.

— Bom dia, caríssimos alunos — começou a diretora, com a voz bem projetada para que todos ouvissem com nitidez —, hoje tenho uma novidade para vos transmitir.

— Vamos ter batatas fritas amanhã? — perguntou alguém, provocando muitas risadas.

— Muito engraçado, menino Inácio, mas quando for mais crescido dar-me-á razão. Bom, a partir de hoje vamos ter connosco um aluno novo — olhou para Carlos e, por incrível que lhe parecesse, conseguiu manter um ar de satisfação como se estivessem a receber um laureado do prémio Nobel —, o Carlos Simão. Eu sei que é pouco ortodoxo recebermos alunos assim a alguns meses do final do ano, mas não podemos negar nem que seja uma semana de estudos a quem quer que seja.

— E que pague bem! — brincou outra aluna, levando a mais risos.

— Estou a ver que estão muito animados hoje — comentou ela, sorrindo. — Bom, é tudo. Recebam bem o Carlos e mostrem como aqui, na St. John’s, somos uma escola exemplar e trabalhadora. Bom almoço a todos.

Houve uma salva de palmas, que Manuela aproveitou para segredar a Carlos umas despedidas rápidas.

— O que quer que venha cá fazer, não me estrague os alunos, sim? Temos muito apreço por esta instituição e são eles que nos dão o prestígio que temos.

— No que depender de mim, ficará tudo na mesma. Como se não tivesse vindo cá.

Ela assentiu, mas não ficou convencida.

Virou-se para um aluno umas mesas mais à frente, que almoçava sozinho e os olhava com extrema curiosidade.

— Menino Ricardo, faça o favor de explicar ao nosso novo aluno como fazemos as coisas por aqui. E penteie-se, pelo amor de Deus! — E saiu por onde tinham entrado, deixando-o ligeiramente desamparado, com vários olhares ainda presos em si, embora muitas conversas tivessem retomado.

Carlos aproximou-se de Ricardo e estendeu a sua mão.

— Carlos Simão.

— Ricardo Fragoso.

Cumprimentaram-se e Carlos manteve o seu ar animado apesar da mão transpirada do colega. Ele tinha excesso de peso, a roçar a obesidade, era moreno, o cabeço despenteado, um palmo mais baixo que Carlos e tinha uma penugem na face que ainda não se podia considerar como barba. Era finalista, pelo que teria 18 anos.

— Bem-vindo à St. John’s. O que é que aconteceu para mudares nesta altura do campeonato?

— Digamos que não me portei lá muito bem.

— A sério? Então foste… expulso? — Disse a última palavra num sussurro, como se fosse uma maldição imperdoável.

— Sim, não gosto que mandem em mim, sabes? Eu faço o meu próprio caminho. Qualquer coisa, os meus cotas metem o dinheiro e está feito. Nem sei porque é que tenho de estudar, mas pronto. Já não falta tudo.

Ricardo parecia impressionado com o discurso treinado de Carlos, mas este não percebia se era de forma positiva ou negativa. Dava-lhe jeito ter um amigo que lhe contasse as fofocas da escola. Informação era poder. Tinha de o conquistar para começar a missão com o pé direito.

— Bom, mostras-me como faço para almoçar? Estou faminto.

Ricardo assentiu e ajudou-o com prontidão a ir recolher o tabuleiro explicando-lhe o processo de escolha da refeição. Minutos depois, quando se sentaram os dois na mesma mesa a almoçar, Carlos escutava o amigo a falar da sua própria família, mas a sua cabeça estava noutra.

Tinha de saber quem era aquele Grande Mestre e tentar aproximar-se dele.

Quem seria?

Numa mesa ao fundo, próximo das janelas panorâmicas que deixavam o sol entrar com prazer, um grupo riu-se a bandeiras despregadas causando um grande alarido, ao qual ninguém deu importância. Percebeu que era normal, mas o seu olhar foi atraído na mesma para esse grupo. Estavam cinco rapazes e três raparigas a conversar com muito ânimo e a rirem-se.

Exceto um.

Um deles estava com um sorriso contido, claramente sem lhes prestar atenção. Porque o seu olhar estava vidrado em Carlos. Era um olhar analítico, penetrante, capaz de arrepiar.

Ao comparar o que estava a sentir com o que Marta lhe contara, não tinha dúvidas nenhumas. Aquele jovem era quem procurava.

Só faltava saber como chegaria até ele sem levantar suspeitas.

CAPÍTULO 61

CARLOS

Nessa tarde, teve três aulas seguidas de hora e meia cada: Língua Portuguesa, Biologia e Filosofia. Percebeu que não tinha saudades nenhumas de estudar, mas a verdade é que ele sempre fora um aluno bastante bom, ou não teria entrado na licenciatura de Fisioterapia. Portanto, não destoava em nada dos seus colegas, o que era perfeito para a sua missão.

A sua turma tinha vinte alunos, todos com ou quase a fazerem 18 anos.

O tal rapaz que o intrigou na cantina fazia parte, mas não tivera ainda tempo para interagir com ele ou para perguntar a Ricardo informações sobre ele. Ali eram muito rígidos sobre o silêncio durante as aulas e até esse grupo mais barulhento parecia cumprir essa regra.

Aqui nem os rebeldes sabem ser rebeldes. Pelo menos com professores presentes.

A tarde já ia avançada quando deram o dia de aulas por terminado.

Arrumou os cadernos e o estojo na mochila que usara na faculdade, com pressa para os tentar acompanhar, mas o seu amigo, o ainda único amigo na escola, estava a demorar imenso tempo, como se cada caneta que tinha fosse sagrada e se partisse ao mínimo descuido.

— Não vens, Ricardo? Atira isso para a mochila e pronto. Prometo que não se parte!

Apesar do tom jocoso com que lhe falou, ele sorriu sem vontade, os cantos da boca a tremerem ligeiramente.

Que estranho.

Decidiu não pressionar. Tinha tempo e precisava de fazer as coisas com calma. Se se apressasse, podia deitar tudo a perder. Não se podia esquecer de que dependiam dele.

Quando finalmente arrumou tudo na mala, até o professor já tinha ido embora. Saíram da sala, que ficara perfeitamente arrumada e limpa, para o corredor que ligava todas as salas de aula daquele piso.

— É agora que me vão mostrar onde vou ficar a dormir?

— Sabes qual é o teu quarto?

— Acho que ainda não tenho nenhum.

— O meu tem uma cama livre. Podes ficar comigo. Se quiseres, claro…

— Claro, por mim é na boa.

Ele pareceu ficar surpreendido, mas manteve o semblante mais carregado.

— Está tudo bem, Ricardo? Pareces um bocado em baixo… Estás preocupado com algum teste, ou assim? Aquela matéria é fácil, eu estudo contigo se precisares de ajuda. É mais fácil estudarmos os dois para tirarmos dúvidas um ao outro, não achas?

Apesar da sua intenção de querer ser um tipo rebelde e que abusava do dinheiro dos pais, percebeu que para conseguir a amizade de Ricardo tinha de ser empático. Tinha de ser mais ele próprio e não o personagem que tinha idealizado.

— Ah, obrigado, mas não é isso.

— Então é o quê?

— As coisas aqui são muito bonitas por fora, quando há professores por perto, mas quando estamos só por nossa conta… nem por isso.

— A sério? O pessoal parece todo simpático.

— Para ti, claro que são!

— Como assim?

Ele abanou a cabeça.

— Ah, esquece, vamos lá à receção para te atribuírem uma cama no quarto onde estou.

— É beliche?

— Não, são duas camas de solteiro.

— Sempre sonhei em dormir num beliche. É pena. Nunca tive um irmão, se tivesse aposto que tinha convencido os meus pais a comprarem-nos um beliche e depois iria lutar com ele pela cama de cima. Seria divertido.

Carlos planeara algumas histórias mais aleatórias para lhe dar mais credibilidade. Orgulhava-se particularmente desta dos beliches, sabendo que era fácil de introduzir numa conversa inicial, onde teria de falar nas acomodações.

— Olá, tipo novo.

Ao virarem uma esquina, a caminho das escadas, deram com o grupo barulhento da cantina, no centro do qual se encontrava o tipo arrepiante. Era caucasiano, alto, de porte atlético, olhos castanhos e penetrantes, com óculos elegantes sem armação. Era indiscutivelmente atraente e não admirava que parecesse ser uma espécie de líder do grupo. Ele próprio parecia um modelo que todos deviam ambicionar ser.

— Olá a todos — cumprimentou, olhando para todos.

— Vamos jogar à bola daqui a bocado. Alinhas? — perguntou o líder, afastando-se da parede e aproximando-se dele, de braços cruzados e olhar desafiador. — Ou não sabes jogar?

Carlos sabia. Tudo o que fosse relacionado com desporto era onde ele brilhava mais.

— Por mim, pode ser. Nada como o desporto para ficarmos a conhecer-nos todos melhor, não é? Sempre vi o desporto como algo capaz de unir as pessoas.

— Belo discurso. Quero é ver se os teus pés são tão bons como a tua lábia —

lançou outro rapaz, também ele entroncado e alto, mais musculado que o líder.

Carlos sorriu perante os sons provocatórios do grupo após a dica lançada.

— Sabes, prefiro responder em campo. Quando jogam?

— Aparece no campo de sete quando puderes. Vai lá instalar-te e depois vai lá ter.

— Precisas de quarto? Acho que há lá um ao pé de nós que só tem um tipo…

— Não é preciso, fico com o Ricardo — disse, olhando para o amigo. — Ele tem uma cama vazia.

— Pois, mas ele pode precisar das duas camas. De certeza que as dele estão juntas, senão não cabia lá.

Gargalhadas seguiram-se à piada de outro tipo, este mais pequeno e esguio. Carlos ficou intrigado, sem saber o que dizer. Estava a começar a compreender os jogos de poder e hierarquia enraizados na escola e tinha de agir com tato.

— Desculpa?

— Não me digas que não reparaste na volumetria generosa do teu amigo? Tiveste de o contornar para ir buscar comida ao almoço, pensei que tivesses reparado.

Mais gargalhadas. Carlos começou a ficar enervado por gozarem daquela forma com Ricardo, ainda mais quando o viu baixar a cabeça e sair dali, rumo às escadas.

— É melhor ires de escadas, mas agarra-te ao corrimão! Se tropeçares, já só paras lá em baixo e crias uma cratera!

Carlos nada disse e foi atrás de Ricardo, que já descia as escadas com pressa, a querer fugir da situação.

— Ei, Ricardo, espera aí, meu!

— Deixa-me em paz! Fica lá com eles, que eles é que são fixes e na moda e

todos atléticos. Eu sou um badocha que anda para aqui, que só sabe é ler e desenhar nos tempos livres e que serei virgem para sempre.

Carlos alcançou-o sem dificuldade. Saltando o corrimão na zona da curva das escadas e passando de um lance para o seguinte em pouco segundos, aterrou à frente de Ricardo. Este quase caiu com o susto.

— Como… é que fizeste isso?

— Digamos que sou um especialista em parkour.

— Isso é espetacular! Faz lá outra vez.

— Calma. Primeiro, fala-me do que se passa. O que foi aquilo?

Ele acomodou a alça da mochila no ombro, furioso.

— Esta escola pode ter muito prestígio e tudo o mais, mas as pessoas continuam a ser as mesmas que se encontram lá fora. Não te preocupes, já estou habituado.

— Mas eles são… como é o termo? Gordofóbicos?

— O que te parece? Eles são todos desportistas, as raparigas adoram-nos, mal os largam na hora de almoço, e eu sou um obeso que mal consigo fazer um abdominal.

Carlos aproveitou a situação para lançar uma questão importante para si, mas que queria que passasse despercebida.

— Bem, e aquele tipo ainda é pior. Aquele que parece ser o líder do grupo. Pelo menos, pareceu haver ali uma certa superioridade dele em relação aos amigos. Quem é?

— Ah sim, *esse*. Os pais são os maiores financiadores desta escola, ele janta com ministros do governo. Acha-se o maior. Acha que manda em todos.

Só podia ser ele o Grande Mestre. Combinava na perfeição. Só faltava conseguir o nome para pode enviar a informação aos inspetores.

— Como é que esse gajo se chama?

— Ele é um cabrão de primeira, mas talvez seja melhor companhia do que eu. Vocês parecem ser do mesmo estilo.

— Eu é que sei quem é melhor para ser meu amigo. Como é que ele se chama, mesmo?

Ricardo olhou com repulsa, como se o facto de dizer o nome dele lhe enchesse a boca de porcaria.

— Tomás. Tomás Amaral.

CAPÍTULO 62

CARLOS

O quarto onde Ricardo estava instalado era bastante acolhedor. Parecia um quarto de hotel. Após a entrada, encontrava-se uma casa de banho espaçosa à esquerda, mais à frente uns armários embutidos e a seguir a área das camas. Uma janela enorme dominava a parede frontal. De cada lado, uma cama de casal. A da esquerda estava remexida, enquanto a da direita estava com os lençóis impecavelmente esticados; era a cama de Carlos, à frente da qual já se encontrava a sua mala de viagem onde colocara os seus pertences essenciais. Pousada em cima do colchão, encontravam-se várias peças de roupa que correspondiam à farda que ele teria de usar na escola. Calças azuis com camisa branca, uma gravata do mesmo tom azul das calças e um blazer. Havia também roupa desportiva e roupa de inverno, tudo com as cores azul e branco da St. John's. Sentiu-se um autêntico beto.

— Posso usar meias e cuecas ao meu gosto, portanto? — perguntou, vendo que não existiam essas mudas de roupa específicas.

— Sim. Às terças e sábados limpam os quartos e lavam-nos a roupa. Há um cesto para a roupa suja na casa de banho. Nada de deixar roupas espalhadas pelo quarto — pediu Ricardo, ainda ressentido com a humilhação recente.

No caminho para o quarto, aproveitando o facto de o seu colega estar demasiado aborrecido para falar, enviou uma mensagem a Leonardo a indicar que o nome da pessoa que eles queriam investigar era Tomás Amaral. Um nome perfeitamente normal, dos mais escolhidos na atualidade. Encerraria esse nome um grande segredo?

— Nada de roupa suja no chão. Entendido.

— Eu vou sempre tomar banho às sete da manhã e depois lavo os dentes antes de seguir para o pequeno-almoço na cantina — continuou ele, como se estivesse

chateado com Carlos. — As aulas normalmente começam às oito, portanto ajusta a tua rotina à minha.

Ele olhou para o amigo com alguma confusão.

— Ricardo, não precisas de me falar assim. Estou do teu lado, lembras-te? Não tenho nada a ver com a opinião desse Tomás e do seu gangue. Eles claramente que são gordofóbicos e, imagino, superpreconceituosos a todos os níveis e não só a esse. Eles é que estão mal, não somos nós. Porque é que eles hão de estar felizes e tu miserável?

Ricardo sentou-se na sua cama e quebrou ali mesmo. Lágrimas vertidas com toda a força, como se estivessem a ser contidas há semanas, meses, anos.

— Sabes como é crescer com este corpo e achando que sou uma aberração?

Carlos sentou-se na sua cama, para dar algum espaço ao colega para desabafar. Sentia que estava a perder tempo com ele, mas não conseguia virar-lhe as costas. Teria de jogar muito bem para conseguir a confiança de ambos os lados: o bully e o bullied.

CAPÍTULO 63

BÁRBARA

Pedro: Hoje fui à tua faculdade

Pedro: Procurei por ti e não te encontrei em lado nenhum Pedro: Falei com um segurança, mas ele n quis ajudar

Pedro: Por sorte, uma colega tua ouviu-me falar d ti e meteu conversa

Pedro: Disse-m q n ias lá desde segunda

Pedro: O q se passa, Bárbara?

Pedro: Fui assim tão mau para ti q fugiste?

Pedro: Ou terá acontecido pior?

Pedro: Consegui saber a tua morada

Pedro: O segurança depois quis ajudar, mudou qdo percebeu q podias tar desaparecida.

Pedro: Vou aí agora

…

…

…

…

Pedro: Merda merda merda

Pedro: Não disseste q vivias com os teus pais? Afinal encontrei outras raparigas na tua casa…

Pedro: As tuas colegas de casa também não sabem de ti desde segunda!

…

Pedro: Tinhas-m dito que vivias c os teus pais, mas é mentira

Pedro: q se passa???

Pedro: Não aguento mais isto

Pedro: Vou à polícia

Pedro: Se não me disseres nada hoje, amanhã vou à polícia

Pedro: Juro!

Pedro: Começo a achar que não é nada cmg e q deves tar envolvida em algo estranho…

…

…

…

Bárbara. Última vez online: segunda-feira às 22h43.

CAPÍTULO 64

MARTA

Mais uma noite, mais uma aparição na Alameda Edgar Cardoso como Michele, vestida a matar. Ao chegar, conseguiu ver algumas prostitutas que já conhecia a serem levadas por clientes. Começaram cedo. Reparou em João, que foi levado por um casal de meia-idade, e Tiaguinho, o miúdo que tinha grandes ambições para o futuro, que saiu a pé junto de um homem que mantinha as mãos nos bolsos, mas um inchaço à frente. Notou a ausência de Adele. Como estaria ela depois da noite anterior com os alunos da St. John's?

Uma brisa agitava as copas das árvores cada vez mais frondosas com a chegada iminente da primavera. Se o dia no Parque Eduardo VII palpitava de vida, o que dizer da noite?

Desceu a alameda com um andar provocador, como tinha visto as outras fazerem, meneando a anca com algum exagero para evidenciar as suas nádegas e as suas pernas tonificadas.

— Com que então, aquele tipo da St. John's que me deu arrepios chama-se Tomás?

— *Tomás Amaral* — confirmou Leonardo para o auricular.

— Que descobriste sobre ele?

— *A morada dos pais*.

— Deixa-me adivinhar: Sintra, Cascais ou Estoril?

— *Cascais* — confirmou, com um sorriso. — *Bem perto do mar, por sinal*.

— Claro.

— *O Tomás nasceu a 9 de janeiro, portanto já tem 18 anos. Ingressou na St. John's no oitavo ano do ensino básico*.

— E antes?

— *Antes andou em escolas públicas. Nada de especial*.

— OK. E que mais?

— *Mais nada. Sabes que a nossa base de dados não dá para muito*.

— Temos de falar com os pais dele.

— *Amanhã de manhã vamos lá*.

— Combinado.

— *Levas tu o carro?*

— Que te parece? Que é que temos feito desde que comecei a trabalhar contigo?

— *Tens razão, estava a brincar contigo. Vamos pelas nove?*

— Não, mais às dez. Não me apetece apanhar trânsito e preciso de descansar.

— *Sim, não vale a pena irmos muito cedo. Se quiseres aparecer uma meia horinha antes da hora combinada, estás à vontade. Não levo a mal*.

— Por que razão é que haveria de aparecer meia hora antes do combin…

Mas calou-se, deixando escapar um sorriso rasgado, mordendo o lábio inferior de seguida, sentindo uma palpitação nervosa no peito.

— Olá, Michele.

A conversa com Leonardo foi cortada de imediato perante a abordagem por parte de uma das veteranas do sítio.

— Olá, Madame. Já tiveste clientes hoje?

— Claro. A Madame está sempre a faturar.

— Rumo ao milhão.

— Rumo ao milhão — concordou, sorrindo. — Ouvi dizer que ontem foste com aqueles putos malucos.

— Ouviste bem.

— Como correu?

— A mim nem correu mal, apanhei um tipo meio tímido. Deu para fazer bom dinheiro sem me esforçar quase nada. Tomara fosse assim todas as noites!

— Esses clientes são os melhores, até parece que estamos de folga.

— Com esses era mais fácil de chegar ao milhão.

— Ó se era! E era jeitoso, ao menos? Pelo menos era jovem, tem todo o vigor.

— Era mais ou menos. Sou mais do tipo de homem assim alto, aloirado, estilo sueco, estás a ver?

Madame assentiu.

— Eu é mais os latinos. Deixam-me toda molhada.

— Para mim há algo nos suecos que me deixa maluca, nem sei explicar porquê, até porque conheço muito pouca gente com aspeto nórdico.

Ouviu a respiração acelerada de Leonardo no ouvido.

— Olá, grossa. Quanto levas?

Olharam para um carro de alta gama, preto com vidros fumados atrás. A janela do pendura estava aberta e um homem com aspeto de que devia passar mais tempo a beber cervejas do que a treinar olhava para elas, na pose a que Marta já se habituara, a cabeça mais baixa para conseguir vê-las através da janela.

— Estás a falar com qual? — perguntou Marta, sabendo de antemão a resposta pelo seu olhar preso em si.

— Contigo, claro.

— Fica tu com este, Michele. Precisas de clientes. Se recusares muitos, acabas por perder o teu tempo aqui. Há que fazer render o nosso tempo.

Marta aproximou-se da janela e apoiou os cotovelos.

— Quarenta se for vaginal.

— Quero anal também.

— Então sessenta.

— Feito.

Ela abriu a porta e entrou. Madame fez-lhe sinal de adeus e voltou imediatamente o foco para outros carros que começavam a descer a rua.

— *Que raio estás a fazer, M&M?*

O rádio estava sintonizado numa das estações mais populares e ouvia-se uma música calmante, típica dos programas da noite.

— É a terceira vez que cá venho esta semana e não te tinha visto por aqui — comentou ele, para fazer conversa e para que ela olhasse para si.

— Sabes que não estou propriamente à tua espera, ‘né?

Ele assentiu, nervoso.

— Importas-te que façamos aqui no hotel…

— Entra aí para o parque subterrâneo — ordenou, quando ele se preparava para dar a volta à rotunda e voltar para cima.

— Como?

— Vai em frente e entra aí no túnel para o parque de estacionamento.

Ele assim fez, o motor do carro bastante silencioso a fazer o veículo deslizar com suavidade, descendo o túnel e passando a cancela do parque de estacionamento.

— E agora?

— E agora, segues a tua vida, e eu, a minha — anunciou, retirando o distintivo da sua pochete e mostrando-o ao cliente. — Estou aqui em trabalho, é verdade, mas não é de prostituição. Lamento muito o teu azar. Devias ter

escolhido a outra que estava ao meu lado. Terias a queca da tua vida. Em relação a isto, não contas a ninguém, certo? Preciso que pensem que fomos até ao fim. Adeus.

Saiu do carro e bateu com a porta atrás de si, sorrindo.

— *Agora pregaste-me um susto* — confessou Leonardo.

— Eu disse que o meu fetiche eram tipos suecos. Vamos lá a ver se me aparece algum que me faça perder a cabeça.

CAPÍTULO 65

CARLOS

A noite fora maravilhosa. Para quem passara os últimos meses a dormir mal e desconfortável, sentir o corpo repousar num colchão espesso, sem molas e que se adaptava na perfeição ao seu corpo, era como dormir em cima de uma nuvem.

Acordou revigorado e rejuvenescido.

A missão podia não correr bem, mas já valia por aquela experiência. Aqueles alunos tinham apenas o melhor à disposição. Não admirava que fossem todos uns mimados.

Acordou às seis e meia para não se intrometer com a rotina matinal do colega de quarto. Ao ver-se ao espelho, ainda estranhava ver-se novamente com cabelo curto e barbeado.

No dia anterior, acabara por não sair de perto de Ricardo. Decidira não comparecer ao jogo de futebol, e bem que isso lhe custou, mas tivera de apoiar um novo amigo. Um amigo que o podia ajudar muito ali, na St. John's.

Desceram para o pequeno-almoço e Ricardo colocou no tabuleiro dois croissants com bastante manteiga, dois pãezinhos com doce de cereja, um pacote de bolachas Maria e um sumo de laranja. Carlos bebeu um galão e comeu uma torrada com pouca manteiga.

— Trouxeste comida para todos, Ricardão?

A voz de Tomás Amaral arrepiou Carlos e este pôde ver como Ricardo ficou sério, de tal forma que a comida lhe caiu mal e começou a tossir, ficando com o rosto vermelho.

— Por isso é que estás enorme, nem mastigas a comida, é do prato para a goela e engoles diretamente — atirou outro dos amigos, provocando risadas nas proximidades.

— Vá, pessoal, sigam lá caminho — aconselhou Carlos, levantando-se. —

Não vamos começar o dia logo com problemas, não é?

O grupo, de cinco rapazes e duas raparigas, ficou divertido com a intervenção de Carlos, sabendo que os provocaram com sucesso.

Mas Tomás ficou sério. Parecia furioso.

— Ontem não foste jogar futebol connosco.

— Precisei de tempo para me instalar.

— Hoje temos Educação Física. Seja como for, vamos saber o que vales.

— Também há interescolas por estes lados?

— Claro, e nós estamos na Final Four.

Algo no olhar dele parecia indicar que suspeitava de Carlos, como se soubesse que a chegada dele cheirava a esturro, que tinha segundas intenções.

— Pode ser que ainda vos seja útil.

— Veremos. Vamos, malta.

Eles afastaram-se com sobranceria, como se mandassem na escola. Carlos sentou-se e continuou a comer a torrada, que arrefecera.

— Quem são os outros tipos que andam sempre com o Tomás?

Ele levantou os olhos do tabuleiro e parecia contrafeito.

— As raparigas são a Cíntia, que é a morena, e a Lisa, a loira. Vais gostar dessa. Depois, tens o Duarte, que é o mais alto e entroncado do grupo, é um bronco e faz tudo o que o Tomás quer; o Chico, muito inteligente a Matemática, por sinal, é o mais baixo; o David, que é o que tem a cabeça rapada, é o melhor desportista da escola, principalmente a atletismo; e tens o Diogo, que é aquele tipo loiro e que é o maior quebra-corações do sítio. Todas as raparigas estão ou estiveram caidinhas por ele. Há mais uma que costuma estar com eles, mas não a vejo, que é a Liliana, é a mais obcecada com redes sociais, já tem mais de duzentos mil seguidores no Instagram. Também hás de gostar de a conhecer.

Carlos deixou de o ouvir após proferir o nome «Diogo», o mesmo nome do seu falecido irmão gémeo, que ele nunca chegara a conhecer e que o transportava para o caso que o levara à prisão.

A hora da primeira aula estava já à porta, pelo que os alunos começaram a abandonar a cantina e a dirigirem-se para os seus respetivos pavilhões.

— Vamos? — perguntou Ricardo, já pronto para ir embora.

Carlos queria ir ao pé do grupo. Eles falavam muito alto e de forma despreocupada, como se ninguém ousasse ouvi-los e julgá-los. Podia ser-lhe útil.

— Vai andando, vou à casa de banho.

Ele assentiu e partiu, não querendo de modo algum estar perto do gangue de Tomás. Carlos fingiu estar a apertar os sapatos e aguardou que eles passassem.

— Quinhentos gostos, é pouco, malta! — queixava-se Cíntia, a morena. — A Liliana tem sempre acima de mil em cada publicação, não é justo.

— Começa a pôr fotos mais descascada e vais ver o que acontece — lançou Duarte, o bronco que fazia tudo por Tomás.

Riram-se e continuaram as provocações, até que Tomás bocejou de forma audível. Estavam a sair do pavilhão da cantina e dirigiam-se em manada para o enorme pavilhão onde a maioria dos alunos tinha aulas.

— Então, Tomás, já com tanto sono? Não me digas que vais cancelar o Clube logo?

— Fala mais baixo, Duarte, porra — admoestou Tomás. — Estou com sono, mas sempre pronto para o nosso Clube. Isso está acima de tudo.

Riram-se mais um pouco.

— Eu bem que lhe arranjei a Deopressina em spray, ou lá o que é, mas ele não quer tomar.

— És mesmo um desbocado, Duarte.

— Tu é que és teimoso, depois andas cheio de sono.

— Podemos falar de outra coisa?

Uma voz poderosa surgiu acima deles assim que transpuseram as portas de vidro automáticas, do pavilhão, e avançaram para as escadas limpas e brilhantes de mosaicos claros.

— Tomás, uma palavra por favor.

A diretora, Manuela Trindade, furou a pequena multidão e fez sinal a Tomás para esperar um pouco. Carlos, uns bons metros atrás, procurou um abrigo para poder escutar sem ser visto. Algo lhe dizia que aquela troca de palavras podia ser muito interessante.

Pelo menos, era intrigante. Viu que a diretora levou Tomás para uma sala mais à frente. Ficou para trás e começou a subir as escadas, mas depois voltou a descê-las com passadas silenciosas como as asas de um mocho e encostou-se à parede ao lado da porta do gabinete por onde tinham entrado.

Ao lado do seu rosto, conseguia ler: «Gabinete da Diretoria».

— … percebes? Tomás, isso tem de acabar. Pensa na reputação da nossa escola. Está muito em jogo! Isso pode influenciar futuros investimentos. Eu sei que estás quase a sair daqui, mas não queres deixar um bom legado?

— Como é que a diretora sabe disso tudo?

A voz de Tomás soava estranha, carregada de receio.

— Não interessa como sei, o importante é que sei e senti que tinha de agir. Não podes continuar assim, Tomás. Por isso é que decidi intervir. Pode ser que a mim ouças e vejas a razão e pares com isso. Precisamos de ti.

— Vou considerar. Posso ir?

— Podes.

Carlos correu para as escadas e saltou por cima do corrimão, escalando a

parede. Quando a porta se abriu, já ele estava no lanço de escadas seguinte, fora da vista.

Mas o coração pulava com ansiedade.

Que teria ele ouvido na verdade?

CAPÍTULO 66

LEONARDO E MARTA

Do quarto do inspetor saíam sons de gemidos, cada vez mais altos. A intensidade aumentava sobrepondo-se às notícias que passavam na televisão da sala, sobre se o Estripador de Lisboa iria continuar ou pararia ali, ao fim de três vítimas, tal como o original.

Depois de terem aberto a porta ao desejo, era impossível parar. Leonardo e Marta deixaram-se ficar deitados lado a lado, com a pele quente e a respiração ofegante. Não queriam sair dali, mas o trabalho chamava por eles e o Estripador não se compadecia de ninguém.

Partiram, finalmente, rumo a Cascais, a fim de conversarem com os pais de Tomás Amaral. Mas um telefonema para o telemóvel de Marta desviou-os do caminho.

Tinha havido mais um assassinato com direito a remoção de órgãos.

O Estripador de Lisboa tinha desfeito a maior dúvida dos inspetores e do país inteiro.

* * *

Ao chegarem à cena do crime, sentiam estar a entrar em terreno minado, terreno nunca antes calcado por eles nem por mais nenhum inspetor. O Estripador de Lisboa fazia a quarta vítima. Rompia o cordão umbilical com o original, levando-os para o desconhecido.

A manhã estava solarenga e convidava a largos passeios debaixo daquele sol ainda fraco, mas reconfortante e quente o suficiente para animar o espírito de qualquer um. O céu estava límpido e ao longe ouviam-se uns pássaros a chilrear.

No entanto, equipados com o fato de proteção, era fechados num edifício escuro que os inspetores se encontravam a observar o corpo da nova vítima.

Era mulher. Jovem. Tinha sido estrangulada e estripada.

Os órgãos removidos.

Tudo ali gritava por Estripador de Lisboa.

— Não há muito a contar — comentou Cristóvão Martins, o médico-legista, que desta vez viera acompanhado pelo seu assistente.

— Estou a ver que não — anuiu Marta, os braços cruzados.

— É uma cópia exata dos crimes anteriores.

— Também concluí isso — adiantou Leonardo.

— A única questão de assinalar é mesmo o à-vontade que o assassino parece ter com a lâmina que usa para cortar a vítima.

— O bisturi, certo?

— Sim, tudo indica que seja uma lâmina bem afiada para fazer estes cortes tão limpos. Mas vê-se no abdómen e nos seios que os cortes foram feitos com maior precisão e maior segurança.

— Ou ele está, de facto, mais à vontade com a lâmina, ou começa a ficar mais confiante de que não vai ser apanhado e está mais solto e seguro de si próprio — raciocinou o inspetor.

— Precisamente. Ele está a escalar, o que é muito perigoso.

Encontravam-se no Bairro do Rosário, em Cascais. Uma moradia imponente e bem cuidada, como todas as que viram naquela zona, era palco para o que demais pérfido a mente humana podia fazer.

— Como é que a vítima veio aqui parar? Este sítio não é abandonado, muito pelo contrário — perguntou Leonardo, agachado junto do corpo. A jovem estava de braços e pernas afastadas, deixando ver a zona genital destruída. O abdómen estava completamente aberto e vazio, sem qualquer órgão. Os seios tinham sido cortados rente ao músculo peitoral e o rosto estava intacto. Era ainda mais

aterrador ver o rosto sereno da vítima contrastando com a selvajaria que ocorrera no resto do corpo.

O mais difícil não era morrer. Era viver e lutar pela vida.

Morta, aquela mulher não sentia dor, não sentia medo, não sentia nada. Quem sofreria eram os familiares e amigos que continuavam vivos.

— Já falei com o agente da PSP — comunicou Marta, regressando para junto do corpo depois de ter estado no exterior uns minutos. — Esta casa pertence à família Silveira. Pai, mãe e dois filhos. Eles passaram uns dias fora e regressaram hoje.

— Onde foram?

— Foram uns dias ao Algarve.

— E regressaram numa quinta-feira?

— Eles estão de férias a semana toda, mas dividiram-na ao meio. Na verdade, eles chegaram ontem à noite, mas ninguém veio aqui até hoje de manhã.

O corpo fora encontrado num pequeno anexo no quintal da moradia, onde eram guardadas as ferramentas de jardinagem. Pelos vistos, a mãe da família ia cuidar das suas plantas e foi ao anexo buscar um regador, quando se deparou com a maior e pior das surpresas.

— Eles conhecem a vítima?

— Aí é que está a questão principal disto tudo.

— Então?

Marta agachou-se ao pé de Leonardo, que observava as marcas do estrangulamento no pescoço, em tudo semelhante às das vítimas anteriores.

— Eles conhecem a vítima. É uma rapariga de 18 anos.

— Foda-se.

— Ámen — concordou Marta, com um ar sofrido.

— Ao menos desta vez a identificação foi rápida, podemos já avançar para falar com os familiares.

Marta levantou-se e Leonardo imitou-a. Ela fez sinal para irem para o exterior e o inspetor seguiu-a. A vedação era feita com chapa de metal verde encimada por arbustos cortados de forma retilínea, conferindo um muro natural para os separar do exterior. A relva estava aparada e as flores coloridas e brilhantes. Era um pequeno jardim muito bem tratado.

Ouviram alguns motores passar ao longe e alguém a buzinar.

— A questão é onde esta vítima está a estudar.

Leonardo olhou com uma expressão intrigada.

— Não é uma prostituta?

— Nada disso. Não só não é prostituta, como é de uma família abastada e estuda numa escola privada bastante cara.

O inspetor ficou ainda mais sério, adivinhando a ligação que Marta confirmou logo de seguida.

— Com um aluno novo acabado de ser transferido.

CAPÍTULO 67

CARLOS

De calções e T-shirt desportivos da St. John’s, com as suas cores azul e branca, os alunos corriam calmamente em torno do campo de futebol de sete com relvado sintético. Alguns alunos ainda estavam um pouco ensonados, mas alguns, incluindo o grupo de Tomás, conversava em amena cavaqueira. Estavam no seu estado mais puro, a fazer desporto, livres do agrilhoamento das secretárias das salas de aulas.

Esse sentimento era partilhado por Carlos, que tentava motivar Ricardo a correr mais depressa, mas o jovem rapaz parecia à beira de uma apoplexia. O campo tinha uma dimensão de setenta e cinco metros por cinquenta e cinco. No centro, foram dispostas dez bolas de futebol ao lado de um pequeno monte de coletes.

Ricardo estava tão motivado como se estivesse a correr para a sua sepultura. A perspetiva de fazer desporto durante uma hora e meia, juntamente com tantos colegas atléticos e em forma, devia ser humilhante para si. Ainda pior com desportos coletivos, onde se ele estivesse mal, enterraria a sua equipa e não apenas ele próprio.

Para aquecimento, a professora ordenara que corressem em torno do campo durante quinze minutos. Carlos aproveitou para pensar numa forma de perguntar a Ricardo sobre o tal Clube de Dança, mas como o poderia fazer sem levantar suspeitas? Ele tinha acabado de chegar de outra escola, era impossível ter essa informação consigo.

— Atenção, há um avistamento de uma baleia branca a dez metros. Pede-se calma a todos os tripulantes, vamos conseguir ultrapassar esse enorme obstáculo — gritou Duarte, simulando que falava para um megafone em plena tempestade em alto mar.

Entre risadas e olhares provocadores, o grupo de Tomás passou por eles com

uma superioridade que irritou Carlos de tal forma que, de uma forma subtil, fez uma ligeira rasteira a David, o rapaz que Ricardo confidenciara ser o melhor desportista da escola, que acabou por cair, deitando abaixo Diogo e Tomás.

Carlos e Ricardo passaram por eles como se não tivesse acontecido nada.

Eles cuspiram pedaços de relva sintética e olharam-nos com desprezo.

— Há bocado, quando estávamos a ir para a primeira aula, ouvi uma conversa muito interessante, mas não a devo ter compreendido bem — confidenciou, aproveitando o súbito bom humor do amigo por ver os inimigos no chão, envergonhados.

— Então?

— Foi entre a diretora e o Tomás.

— Uhh, a sério? Que é que ouviste?

— Ela estava a dizer para ele parar com aquilo, para pensar na reputação da escola. Sabes o que possa ser?

O rosto transpirado do colega, bem vermelho, parecia confuso.

— Não sei, mas gostava de saber.

— Também eu. Fiquei bastante intrigado. Além de que temos de descobrir algum podre para usarmos contra ele, não achas? Para equilibrar a balança.

— Que balança?

— Das provocações. Ele leva sempre a melhor porque sabe onde te dói mais. Mas tu não sabes onde lhe dói a ele. Quero procurar podres sobre ele para que possamos gozar com ele e acabar com este reinado de terror sobre ti.

Ricardo sorriu pela primeira vez desde o dia anterior.

— Tens toda a razão. Temos de procurar podres sobre ele.

Carlos sentiu-se mais leve e bem-disposto. Conseguira arranjar uma forma de manter aquela amizade e de a usar para averiguar sobre Tomás sem dar nas

vistas. Com ele ao seu lado, seria mais fácil. Só faltava mais uma jogada arriscada.

— Se calhar, devia tentar aproximar-me dele para me infiltrar no grupo e expô-lo a ele e a todos os do gangue.

Ricardo ficou pensativo, enquanto corria e todo o seu corpo abanava flacidamente.

Teria arriscado demasiado com aquela jogada? Caramba, nem tinham passado vinte e quatro horas e já lançara os dados daquela forma? Podia estar prestes a perder um aliado importante se ele estranhasse o que ele queria fazer.

— Isso pode ser uma boa ideia. Mas como o vais fazer? Não vais começar a andar atrás dele feito cachorro, seria só ridículo.

— Não, nada disso. Não disseram que estamos na Final Four do interescolar de futebol? Vou chegar a ele através do desporto, que é onde eu sou muito bom e é algo que lhes diz muito. Não sou tipo de andar a bajular outros, isso nunca os enganaria.

— Então sugiro que dês tudo nesta aula. Hoje vamos ter futebol e a equipa masculina da turma deve fazer treino mais específico para esses jogos decisivos. Tens de brilhar hoje se queres entrar na equipa.

Carlos sempre fora um excelente jogador de futebol. A sua agilidade e velocidade, que o tornavam num praticante exímio de parkour, eram armas fortes que, aliadas ao bom toque de bola que possuía, e um remate certeiro, era um perigo para as balizas e defesas adversárias. Todos os anos escolares fora sempre o melhor marcador da sua turma. Era verdade que já não jogava há algum tempo, mas sentia que era como andar de bicicleta.

O apito da professora soou com força a partir do meio do campo, onde ela já se encontrava no meio das bolas de futebol.

— Formem uma meia-lua à minha frente para uns alongamentos antes de

começarmos.

A turma parou imediatamente de correr e juntou-se, obedecendo à professora.

— Agora que estou aqui a pensar nisso — referiu Ricardo, respirando de forma pesada, a camisola ensopada —, há algo em que ele é muito bom e que tenho a certeza de que não o bates, mas que seria ainda mais perfeito que seres ótimo no futebol.

Carlos deu uns pequenos saltos com uma expressão séria, aquecendo as articulações das pernas com tranquilidade.

— Então?

Ricardo bateu na testa e cerrou os punhos.

— Deve ser por isso que a diretora falou com ele, claro!

Com a curiosidade espicaçada, Carlos segurou no braço dele para que mais ninguém os ouvisse, ficando ambos para trás enquanto o resto da turma se aglomerava no meio do campo.

— O que estás a dizer?

— O ano passado o Tomás foi campeão nacional, mas este ano está a dizer que não vai comparecer no campeonato. A questão é que este desporto é muito importante para os investidores da escola. Os mais importantes, pelo menos. Foi a vitória dele no ano passado que nos deu este relvado sintético novo, uma catrefada de equipamentos de laboratório e móveis novos para a biblioteca. Claro! Se ele não quer voltar a participar como já ouvi dizer por aí, a diretora deve estar a sentir-se amedrontada porque tem medo de perder o interesse desses mesmos investidores. Sem ele, não sei se iremos longe. Ele agora parece mais focado no futebol…

— Mas que desporto é esse? Já te disse que sou relativamente bom na maioria dos desportos; tenho a certeza de que me safarei o suficiente para lhe fazer frente.

Ricardo abanou a cabeça de forma imperial.

— Deste desporto duvido.

— Porquê?

— Ricardo, Carlos, vamos! Estão à espera do quê? — gritou a professora, de mãos nas ilhargas, ligeiramente irritada pela inércia deles.

— Acho que ele precisa de respiração boca a boca para recuperar o fôlego — troçou Duarte, provocando gargalhadas e piadas de seguimento que eles ignoraram. A professora mandou-os calar de imediato.

— Que desporto é esse, Ricardo? — insistiu, sentindo estar perto de algo importante.

O colega apontou para a cabeça.

— Um desporto para o cérebro?

— Meninos, venham imediatamente ou levam falta nesta aula.

Avançaram de forma contrariada, ignorando todas as piadas ditas em surdina para que a professora não os repreendesse novamente.

— Em que desporto é que o Tomás é assim tão bom que achas que eu não terei hipótese de lhe fazer frente?

Vários colegas iniciaram os alongamentos, importantes para evitar lesões durante a aula. O ambiente era descontraído, fomentado pela temperatura agradável conferida pelo sol radiante daquela manhã com cheiro a primavera.

Quando estavam quase a chegar ao grupo, Ricardo segredou-lhe:

— Xadrez.

CAPÍTULO 68

LEONARDO E MARTA

Cristóvão Martins deixara-os na cena do crime com a promessa de realizar a autópsia o mais cedo possível, talvez ainda naquele dia «Nem que tenha de fazer horas extra!», garantira aos inspetores para grande enfado do assistente, que não escondera a desilusão de ter de trabalhar além do que era suposto.

Não que a autópsia fosse decisiva, mas estavam curiosos para saber se existiriam algumas diferenças em termos biológicos, tendo em conta que a história pessoal desta nova vítima marcava uma diferença completa para com as três anteriores.

— Esta alteração no perfil da vítima está a incomodar-me — confessou Marta, enquanto conduzia rumo ao colégio onde Carlos se infiltrara. — Agora já não é uma prostituta, provavelmente não é toxicodependente nem seropositiva.

— É possível que as primeiras três vítimas tenham sido escolhidas para homenagear o Estripador original, e que agora sejam mais pessoais relativamente ao novo Estripador.

— Ou seja, estas vítimas que possam surgir agora é que nos poderão dar pistas sobre o verdadeiro assassino.

— É o que me parece mais provável.

— Concordo. Mas chateia-me que tenham de morrer daquela forma cinco ou seis mulheres para o apanharmos.

— Não se o apanharmos agora. Não te esqueças da teoria de que ele faz parte daquele grupo.

— Sim, mas esta não é prostituta. Enfim, vamos ver.

— Sim, vamos ver.

Chegaram às imediações da St. John’s e Marta manteve-se no carro, contrariada.

— Adorava poder entrar e fazer as entrevistas, mas não posso mesmo comprometer o meu disfarce como Michele — lamentou.

— Faz parte da nossa vida. Arriscámos contigo de forma infiltrada, alguns dos miúdos daqui já te viram como prostituta… não há nada que possamos fazer.

— Há, sim.

— Então? — perguntou ao abrir a porta do pendura para sair.

— Vamos estar em conferência via telemóvel o tempo todo, mas no silêncio. Fico apenas a ouvir as conversas. Tu fazes tudo, mas eu preciso de saber o que se vai passando lá dentro.

Leonardo sorriu.

— Espero que tenhamos bateria para isso tudo.

— Eu tenho quase noventa por cento.

— Eu tenho mais de noventa por cento. Estamos bem. Até já, M&M.

— Até já, Leo.

Leonardo aproximou-se da pesada porta de ferro fundido. Tocou à campainha e aguardou. Um segurança surgiu momentos depois; ao ver o distintivo da PJ, levou Leonardo para o gabinete da diretora Manuela Trindade, onde se encontrava uma mulher claramente bastante conservadora, católica e apregoadora dos bons costumes.

— Ontem metem um aluno infiltrado, hoje estão a exigir entrevistar todos os meus alunos do secundário? Mas que se está a passar, inspetor? Posso saber? — perguntou, assim que a porta do gabinete se fechou atrás deles. — Esta é uma escola de respeito e muito reputada. Não podemos andar aqui com estes joguinhos. Explique-se, por favor.

Sentou-se numa das cadeiras do outro lado da enorme mesa de madeira escura onde Manuela trabalhava. Atrás da diretora encontrava-se uma minibiblioteca

com encadernações antigas, dando a ideia de que tinham regredido no tempo. Aproveitou aqueles momentos mais mortos para ligar para Marta. Esta atendeu de imediato e Leonardo colocou o telemóvel com o ecrã para baixo em cima da mesa.

— Uma aluna desta escola foi encontrada esta manhã.

— Encontrada como? — perguntou, um sorriso amarelo carregado de receio e de dúvida.

— Morta.

Olhos arregalados, boca escancarada, mão a tapar a boca e a cor a desaparecer do seu rosto mostravam como ela estava genuinamente chocada com a notícia. Para Leonardo, ela não levantava qualquer suspeita.

— Meu Deus… — balbuciou, cada vez mais pálida. — Mas… como? Como é que… ai nem acredito, lá se vai a nossa reputação…

— Foi assassinada pelo Estripador de Lisboa. Agradecia que não espalhasse esta informação por aí.

Ao ouvir o célebre nome, tantas vezes falado naquela semana, associado a uma aluna sua, Manuela ficou ainda mais pálida e Leonardo temia que ela fosse desmaiar. Chegou-se para a frente, para a ponta da cadeira não fosse o diabo tecê-las.

— Como é isso possível? Pensei que ele matasse apenas prostitutas… Não me diga…

— A vítima não era prostituta. Tanto quanto sabemos, claro. Ainda temos muito que averiguar.

Ela assentiu, perdida em pensamentos.

— Quem?

— Liliana. Liliana Noronha.

Manuela perdeu mais um pouco do brilho no olhar, como se tivesse levado nova facada.

— Ela era uma rapariga linda. Imensos seguidores nas redes sociais, era uma estrela, aquela jovem mulher. Dava imenso prestígio à nossa escola. Quando ela ficou assim mais conhecida, choveram pedidos de ingressão, foi uma loucura. E agora… agora está morta? Como é isso possível?

Leonardo aguardou uns momentos para que Manuela fizesse o luto pela reputação da St. John's, até que decidiu solicitar que ela convocasse os pais de Liliana e todos os alunos do secundário, a começar pela turma dela, onde Carlos estava inserido. E que sugerisse aos restantes alunos fora da convocação que, se soubessem de algo que pudesse ajudar na investigação, que se chegassem à frente.

A diretora acedeu a todos os pedidos, aliviada por poder fazer algo de útil que ajudasse a sua antiga aluna. Embora, na prática, todos soubessem que era apenas para poder afirmar que a escola estava a colaborar ao máximo com a Polícia Judiciária.

Vinte minutos depois, o inspetor estava sentado do outro lado da grande mesa da diretora para receber, um a um, os alunos pretendidos.

Os primeiros alunos mostraram-se inconsequentes. Conheciam-na, claro, devia ser a rapariga mais popular da escola, mas os rapazes pouco sabiam sobre ela a nível privado, devido à segregação entre géneros praticada naquela escola, onde se excetuava as horas das refeições.

Só quando entraram as duas melhores amigas, Cíntia e Lisa, é que o panorama se alterou.

Choraram ambas imenso, gastaram vários lenços para se assoarem e limparem as lágrimas que criavam sulcos no rosto ao esborratar a maquilhagem.

— Lamento imenso o que aconteceu à tua amiga, Cíntia. Foi trágico e espero

que possas ajudar a trazer o assassino à justiça.

— Foi aquele cabrão, não foi?

— Desculpa?

— Todos falam disso. Do Estripador de Lisboa.

— Isso agora não é relevante, o que queremos saber é…

— É relevante, sim! Pensávamos que estávamos seguras; afinal, ele só matava prostitutas, certo?! Afinal mata qualquer uma! Estamos todas em risco!

— Cíntia, senta-te, por favor, vamos falar disto com cal…

— Eu ainda sou muito nova para morrer, percebe? Tenho muito para dar a este mundo, os meus pais morreriam de desgosto se eu morresse, não me sinto nada segura…

Leonardo aconselhou que ela se ausentasse um pouco para se recompor e chamaram a outra grande amiga de Liliana, Lisa, que fazia parte do grupo mais chegado. Cíntia saiu do gabinete quase em estado de choque, com a promessa de que ia pedir algo quente e açucarado para beber.

Leonardo inspirou fundo para se esquecer do que tinha acabado de acontecer e recebeu a outra grande amiga da vítima.

Lisa tinha uma presença forte, com o seu cabelo dourado bem longo e bem tratado, a sua pose altiva e ar sereno, como se estivesse em total controlo das suas emoções.

— Que nos podes dizer sobre a Liliana? — perguntou, depois das introduções normais naquelas situações e de lamentar o sucedido.

— A Liliana era a minha melhor amiga. Nós fazíamos diretos juntas, muitos vídeos para o TikTok, estávamos sempre na palhaçada. Ela era muito bonita e supersocial. Eu sou um bocado mais tímida, mas graças a ela consegui desinibir-me um pouco. Sou melhor pessoa graças a ela.

— Dá para ver que as redes sociais eram importantes para a Liliana.

— Eram, muito! A Cíntia até tinha um bocado de inveja, sabe, porque às vezes bastava a Liliana publicar uma fotografia da nossa vista do quarto lá para fora e tinha milhares de likes. A Cíntia, apesar de até ter bastantes seguidores, tinha de se esforçar imenso para conseguir um décimo da atenção dela.

— Quantos seguidores têm?

— A Cíntia tem uns cinco mil.

— E a Liliana?

— Duzentos mil.

— Duzentos mil? Mas… como? Quer dizer, ela não é uma celebridade, não tem familiares famosos, certo? Pelo que pudemos apurar até agora não há nada que sugira tamanho reconhecimento nas redes sociais.

Lisa sorriu, provocadora.

— A Liliana já era uma influencer nas redes. Recebia produtos de algumas marcas, tipo cremes e assim, e fazia vídeos com isso. Eu recebi muitos cremes e produtos de beleza à pala dela — adiantou, orgulhosa.

— Eu sei como funcionam as influencers. Não sou assim tão velho — sorriu, para a deixar mais à vontade. — A minha questão é: como é que ela se tornou assim tão popular, tendo em conta que ainda é estudante, está em regime de internato aqui na St. John's… Como é que é isso possível?

— Basta dar uma espreitadela no perfil dela que entenderá logo.

— Preferia que fosses tu a dizer.

Ela encolheu os ombros.

— Ela não tem pudor em mostrar o corpo. Ela tem um corpo fantástico, que até eu, que não me considero nada má, tenho alguma inveja. E ela aproveitou o corpo que tem para ficar famosa nas redes.

— Então ela coloca fotografias e vídeos dela com pouca roupa?

— No TikTok e no Instagram, sim, com pouca roupa.

Leonardo endireitou-se na cadeira, subitamente tenso. O seu instinto gritava-lhe que estava à beira de alguma informação importante com aquela insinuação.

— O que queres dizer com isso?

Ela mordiscou o lábio. Parecia indecisa e ligeiramente envergonhada, pelo tom rosáceo que a sua face adquiriu e pela forma como o seu olhar dispersava pelo gabinete.

— Que eu saiba no Instagram e nessas redes é proibido fazer publicações de nudismo ou de cariz sexual — acrescentou Leonardo, sem conter a sua curiosidade. — Ou percebi mal a tua insinuação?

— Eu não devia estar a falar disto, até porque ninguém na escola sabe esta parte… Mas como vocês são da Polícia e ela morreu… creio que não lhe vá fazer mal nenhum agora.

— Claro que não. Na PJ não vamos espalhar aos quatro ventos nada de confidencial, como deves imaginar. Só fazemos o que é positivo para a investigação.

Lisa ajeitou a saia do uniforme da escola, como se merecesse toda a sua atenção naquele momento e nada mais interessasse. Então, ela ergueu os olhos para o inspetor e tomou uma decisão.

— A Liliana tinha uma conta no OnlyFans e estava sempre a navegar no Tinder.

CAPÍTULO 69

CARLOS

Os alunos do secundário estavam sentados na cantina, em silêncio ou a murmurarem entre si coisas impossíveis de escutar. O ambiente era péssimo, preenchido por terror e choque. Uma colega deles, da idade deles, fora assassinada.

Estripada.

Desfeita.

Deixara de existir de um momento para o outro. Passara a fazer parte do passado.

Carlos nunca chegara a conhecê-la, uma vez que ela não tinha comparecido na escola naquela semana em que ele se lhes juntou. Mas percebeu que a morte dela teve um impacto muito forte na escola. À entrada, avistou a bandeira com o emblema da escola ser baixada até meio da haste e uma bandeira preta ser hasteada até ao topo, para que todos soubessem que a St. John's estava de luto.

— Em que merdas estaria ela metida? — questionou Ricardo, a comer um pão de leite que tinha surgido na sua mão por artes mágicas.

— Coitada, não digas essas cenas.

— É verdade. Pensa bem: se o Estripador de Lisboa só matava prostitutas, por que raio a matou a ela? Como é que a Liliana e o Estripador se cruzaram?

Ao ouvir aquela questão, Carlos olhou inevitavelmente para o grupo ao pé da janela. Estavam todos calados, em lágrimas ou a dizer asneiras, mas Tomás estava apenas de braços cruzados, pensativo.

Estaria a pensar em maneiras de se safar? De ludibriar a investigação?

Os alunos foram e vieram a um ritmo relativamente rápido. Deviam ser alunos que pouco ou nada tinham a acrescentar. Até que Cíntia e Lisa saíram da cantina. Aí, o fluxo de alunos parou.

Para os distrair, surgiu um cheiro adocicado e quente vindo da cozinha; começavam a preparar o almoço que seria servido dentro de uma hora.

— Estou com uma fome — comentou Ricardo.

— Ainda agora comeste dois pãezinhos de leite, meu.

Ele encolheu os ombros.

— Não sou eu que mando, só estou a dizer o que o meu corpo está a sentir.

Sorriu, mas rapidamente ficou sério. Uma sombra abateu-se sobre o seu rosto. Carlos virou-se e viu Tomás aproximar-se deles os dois, sempre de braços cruzados. Parou ao lado dos lugares deles, mantendo-se de pé.

— Fiquei impressionado contigo — confessou —, na aula de Educação Física. Não estavas a mentir.

— O que é que te tinha dado a impressão de que podia estar a mentir?

— Possivelmente até serás melhor atleta que ali o David. E isso não é dizer pouco. Ele é um monstro.

— Sim, deu para perceber.

— Gostava que te juntasses à nossa equipa de futebol. A Final Four é só daqui a um mês, dá perfeitamente para te integrares no nosso estilo de jogo e te ambientares. Não prometo que sejas titular, ou que chegues a jogar sequer, mas era bom poder contar contigo.

Carlos manteve a postura e engoliu em seco.

Dera tudo na aula daquela manhã, correra sempre mais que os outros, com mais vontade, mais genica, marcara vários golos cheios de pujança e impressionara tudo e todos nos sprints que fizeram no campo, vencendo o tal David.

Agora, estava a colher os frutos dos seus esforços.

Em apenas dois dias, conseguira chegar perto de Tomás Amaral.

Estava cada vez mais perto de ganhar a sua confiança e de entrar para o grupo restrito que fugia da escola à noite.

Um passo de cada vez.

Apertou a mão a Tomás e este assentiu, sem sorrir, acabando por se afastar novamente sem nunca ter olhado uma vez para Ricardo.

— O nosso plano está a resultar! Já vais poder descobrir podres sobre ele — comentou Ricardo, excitado com a perspetiva de se vingar de todo o bullying que sofria.

Já Carlos, sentia-se um pouco incomodado.

Afinal de contas, estava a fazer jogo duplo e a enganar um rapaz com um problema sério de autoconfiança. Era um infiltrado na escola e agora seria um infiltrado no grupo mais chegado de Tomás Amaral.

Tinha tudo para correr mal.

CAPÍTULO 70

LEONARDO E MARTA

— A Liliana andava no Tinder — realçou Leonardo, sentindo que havia ali uma ponta por onde podiam pegar e que poderia levá-los até ao Estripador, ainda que ela não fosse uma prostituta. — Mas o que é isso do OnlyFans?

Lisa sorriu com a condescendência que os jovens costumavam ter quando tinham de explicar algo tecnológico aos pais ou aos avós. Escusado será dizer que esse sorriso irritou profundamente o inspetor, que se sentiu com mais vinte anos em cima.

— O OnlyFans também é uma rede social — esclareceu.

— Porra, mas agora o mundo é gerido apenas com redes sociais e aplicações? — desabafou. — Facebook, Instagram, Twitter, TikTok, LinkedIn, Telegram, Tinder, Snapchat, OnlyFans… não há mais nada?

— Há, mas esses são os principais — disse, mantendo o sorriso trocista.

— Ainda me lembro do tempo em que só havia Hi5 — comentou Leonardo.

— Que havia o quê?

— Hi5. Não conheces?

Não foi preciso ela responder. O ar confuso dizia-lhe tudo e fazia com que se sentisse ainda mais velho.

— Avancemos. Explica isso do OnlyFans, por favor — pediu, terminando com aquele devaneio na entrevista.

— O OnlyFans é uma rede social normalíssima, em que cada pessoa tem o seu perfil e publica fotos, vídeos, o que quiser. Mas é para maiores de 18 anos apenas.

— Então é tipo Instagram, mas sem os putos todos?

— Sim, só que tem umas diferenças significativas que têm tornado essa

aplicação bastante polémica.

— OK, e que diferenças são essas?

— A ideia inicial até era boa: o OnlyFans era suposto, realmente, ser uma aplicação como o Instagram só que com a diferença de que há a possibilidade de o utilizador exigir uma cobrança mensal aos seguidores para verem os seus conteúdos.

— Como se fosse um Instagram em que terias de pagar às pessoas que queres seguir para veres o que elas publicam, em vez de ser tudo gratuito e público.

— Sim, é isso. Também dá para ter um perfil público, mas a ideia inovadora da OnlyFans era precisamente isso: ganhares dinheiro com a rede social e com as tuas publicações.

— Muito bem. E vocês têm essas redes sociais?

— A Liliana tinha uma conta no OnlyFans.

— Só ela?

— Sim.

— Porquê? Para aproveitar a fama que ganhou no Instagram?

— Sim, ela viu que podia fazer bom dinheiro com isso.

— E fez?

— Sim, bastante até.

— A sério?

— Ela fazia uns cinco mil por mês. Mas chegou a fazer dez mil uma vez.

Desta vez, o inspetor ficou sem resposta.

— Mas isto vem ao encontro da polémica de que estava a falar há bocado.

— Ah, sim, claro. Que polémica?

— A aplicação ficou muito celebrizada na altura da pandemia porque havia

contas de pessoas que davam aulas de ginástica , de música, de muitas coisas.

— Faz sentido. Era uma forma de fazerem dinheiro numa altura difícil.

— E houve várias influencers que meteram lá conteúdos exclusivos para ganharem dinheiro.

— Também faz todo o sentido.

— Agora há o lado negro disto.

— Que, suponho, foi onde a Liliana se meteu.

— Sim.

— Conta-me.

— Ela entrou numa onda que tem havido nos últimos tempos e que tem definido a aplicação. Aliás, neste momento as pessoas só a conhecem por causa disso.

— Que onda?

— A onda do conteúdo adulto.

Leonardo precisou de uns segundos. Não estava à espera de que a conversa seguisse aquele rumo.

— Então, estás a dizer que a Liliana…

— A Liliana começou a disponibilizar fotos e vídeos mais explícitos a troco de dinheiro. Conteúdo adulto, ou entretenimento adulto, como lhe chamam.

— Conteúdo sexual, portanto?

— Sim, fotos dela completamente nua, em várias poses, vídeos em que se masturbava ou se tocava ou usava um dildo para se penetrar e chupar… tudo em frente da câmara para os milhares de seguidores pagarem para terem acesso a esse conteúdo.

— E qualquer pessoa podia ter acesso ao perfil dela?

Lisa assentiu, envergonhada por falar daquilo. Notava-se um certo rubor nas faces e os cantos dos lábios tremiam ligeiramente.

— Basta uma pessoa ter um cartão de crédito para pagar a mensalidade. Quem tiver um cartão, pode aceder à conta dela sem problemas.

— Mas ela não tinha problemas de dinheiro… porque é que se meteu nisso?

— Porque gostava da atenção, de sentir que tinha o poder de… enfim, encantar os seguidores. Atualmente, faz-se de tudo para manter e aumentar o número de seguidores. Para isso, há que os deixar satisfeitos e interessados.

CAPÍTULO 71

LEONARDO E MARTA

Quando Lisa saiu do gabinete emprestado pela diretora do St. John's, o ambiente ficou estranho. Não fazia ideia da existência dessa rede social e estranhava como é que podia permitir conteúdo pornográfico.

— Aqui diz que eles tentaram proibir esses conteúdos mas que, mais tarde, voltaram atrás na decisão — disse Marta a partir da chamada telefónica, quebrando o silêncio enquanto lia o resultado de uma pesquisa rápida no Google. — Também não admira, diz aqui que a aplicação recebe vinte por cento do dinheiro pago pelos clientes. Devem estar a fazer pouco dinheiro, devem.

Visitaram o perfil de Liliana, no Instagram, e confirmaram o que Lisa tinha dito. Mais de duzentos mil seguidores, fotografias e vídeos com roupas curtas ou de biquíni no verão, com poses sensuais e quase pornográficas, havendo algumas publicações que passavam dos cem mil gostos, além de todos os comentários a enaltecer o seu corpo e boa forma física, destacando-se o emoji da chama entre os comentários. Batia tudo certo. Liliana Noronha era uma espécie de celebridade nas redes sociais.

Na descrição do perfil apenas existia um link. Não tinha qualquer texto. Esse link era do OnlyFans, que provavelmente conduziria o utilizador para a sua conta privada e paga na aplicação.

— Então temos uma vítima que não era prostituta, mas que produzia conteúdo adulto explícito para quem pudesse pagar — resumiu Marta.

— Qualquer pessoa no mundo podia segui-la de forma anónima. A Lisa disse que mais ninguém aqui na St. John's sabia desta conta pornográfica dela, mas duvido muito. Ela tinha o raio do link no perfil do Instagram! Tenho a certeza de que toda a gente sabia, mas ninguém comentava.

— Achas?

— Claro, se alguém comentasse, significava que andava a pagar para ver conteúdos pornográficos. A Liliana era esperta, jogava com o pudor dos miúdos. Ela podia fazer o que quisesse, que ninguém comentaria abertamente porque senão também eram mal vistos pelos outros. Era um segredo que todos partilhavam entre eles sem o saberem.

— Está bem, mas duvido que miúdos de dezasseis ou homens de dezoito se importem muito com isso. Devem preferir ver uma rapariga bem feita toda despida. Ainda por cima uma que conhecem pessoalmente.

— Sim, mas este pessoal é tudo de famílias ricas. Há muita coisa em jogo.

— Agora a questão é: se o nosso principal suspeito é quem tu sabes, como é que provamos que ele era cliente dela?

— O telemóvel dela pode estar desaparecido, mas o dele não.

— E achas que ele não é esperto o suficiente para apagar a conta, agora que pode ser implicado?

— Há sempre o registo bancário.

— Sim, podemos investigar as contas dos pais.

— Ou dele próprio, não sabes se ele não tem já uma conta só dele.

— Sim, é bem provável. Vou pedir ao Teodoro que arranje um mandado para o banco nos fornecer essas informações.

— Boa ideia.

Ouviu-se um bip ligeiro, que foi surgindo ao de leve de forma cíclica.

— Espera aí, Leo, estão a ligar-me. Ah, é mesmo o Teodoro. Deve ser bruxo. Espera aí só um bocadinho.

Colocou a chamada em espera e Leonardo aguardou, a sua cabeça a visualizar todas as informações sobre o caso e as possíveis ligações a Tomás.

— Bem, nem vais acreditar — disse, Marta, regressando à chamada com o

colega.

— O que aconteceu?

— Recebemos uma encomenda na PJ.

— Merda. O que é?

— O Teodoro fez questão de abrir o pacote. Estava endereçado a nós, mas o remetente dizia «Estripador de Lisboa» e a morada era a de onde encontrámos a vítima.

— O que é que estava lá dentro?

— Um pequeno embrulho que o surpreendeu assim que abriu.

— Era a peça de xadrez da Liliana?

— Sim.

— Qual?

— Um bispo preto.

— OK, temos de apontar.

— Mas o problema era onde estava o bispo preto inserido, Leo.

Os cabelos na nuca eriçaram-se.

— Onde?

— Espetado no coração.

CAPÍTULO 72

LEONARDO, MARTA E CARLOS

Carlos entrou no gabinete da diretora da sua nova escola pela primeira vez e nunca imaginaria que a primeira cara que veria do outro lado seria a do inspetor Leonardo. Estava um pouco diferente de quando o fora buscar à prisão. Parecia mais cansado, mais envelhecido.

— As entrevistas têm corrido bem?

— Algumas bem demais… — Esfregou a cara com as mãos. — Já falei com dezenas de alunos, estava a ver que nunca mais eras tu. Como tem corrido?

Carlos explicou resumidamente o que tinha colocado em marcha.

— Agarra-te bem a esse Ricardo, pode ser uma mais-valia do caraças — aconselhou, satisfeito por ver como Carlos fizera tanto em tão pouco tempo. — Quando te aproximares do Tomás, tens de perceber como funciona esse Clube de Dança.

— Ainda tenho de ver como o vou fazer.

— Ou esperas que ele te convide para lá como te convidou para a equipa de futebol — disse subitamente Marta, assustando Carlos —, ou começas a ter conversas com ele a queixar-te de que é uma treta estarem em regime de internamento e que só vêm raparigas nas refeições, que um gajo tem necessidades, e por aí fora, a ver se ele te fala nessa escapatória que eles têm para o sexo.

— Marta?

— Ah, olá, Carlos!

Ele sorriu e acenou para o telemóvel.

— É só chamada, não há vídeo — avisou Leonardo, sorrindo.

— Olá!

— Bom, descobriste mais alguma coisa?

— Sim, estava mortinho por vos contar isto.

— Força.

Contou o que ouviu a partir deste preciso gabinete.

— Foi então que o Ricardo se recordou de algo. O Tomás, no ano passado, foi campeão nacional de interescolas de Xadrez, o que lhes valeu muitos patrocínios e investimentos em infraestruturas aqui na nossa escola.

Leonardo chegou-se à frente, a mente a fervilhar.

— Ele é barra no xadrez? Tens a certeza, Carlos?

— Tanta quanto a confiança que tenho no Ricardo. Por que razão me iria ele mentir?

— Certo.

— Isto ajuda-vos de alguma forma?

— Ajuda muito, Carlos. Obrigado. Agora vai lá para a cantina que não podes ficar aqui muito tempo. Tendo em conta que és um aluno novo, não poderias ter muito para nos contar. Continua o bom trabalho.

Carlos levantou-se, orgulhoso por os deixar satisfeitos e por corresponder às suas expectativas. Ele estava em liberdade graças a eles; o que mais queria naquela altura era recompensá-los por esse feito que ele achava impossível meses antes.

— Mais uma pista que aponta para o Tom… para ele — lançou Marta, assim que ouviu a porta do gabinete fechar.

— Ainda por cima ele é campeão de xadrez, o que quer dizer que tem muito significado para ele. É um desporto importante na sua vida. Mas até que ponto o será, se este ano ele parece não querer participar?

Marta já devia ter pensado no assunto, porque a resposta saiu-lhe depressa.

— Porque está ocupado a executar o seu plano diabólico de matar jovens mulheres. Há limites para tudo o que podemos fazer com o pouco tempo que temos por dia, Leo.

Leonardo levantou-se e vasculhou um armário em vidro, colocado junto à parede lateral do gabinete. Encontravam-se vários troféus, mas deviam ser os mais especiais para a diretora, pois ao lado de cada um encontrava-se uma fotografia de Manuela com os alunos em destaque pela conquista desse mesmo troféu.

— Está aí o de xadrez do Tomás? — perguntou Marta, depois de Leonardo explicar o que estava a ver e no que estava a pensar.

O armário tinha vários níveis. Começou por cima, imaginando que o do xadrez estivesse ainda mais em destaque, ainda para mais se lhes tinha garantido tantos patrocínios.

Não se enganara.

Na prateleira mais alta, que ficava ao nível dos ombros do inspetor, encontravam-se três troféus. Um de um campeonato de matemática, outro de um torneio de ténis e o terceiro não enganava ninguém. Uma base dourada encimada por um tabuleiro de xadrez, com a inscrição no fundo a assinalar o primeiro lugar no campeonato de xadrez. Ao lado do troféu, uma fotografia onde se via Manuela e Tomás, lado a lado, a agarrarem o troféu com imenso orgulho, tendo como pano de fundo o local onde se realizara o campeonato; eram visíveis várias mesas com tabuleiros com as peças arrumadas, excetuando um, que deveria ser onde Tomás se sagrara campeão e tinha o tabuleiro com as peças espalhadas.

Bateram à porta e Leonardo endireitou-se, afastando-se do armário enquanto pedia que o próximo e último aluno do lote que lhes interessava entrasse.

— Posso?

— Claro que sim. Tomás Amaral, certo?

— Exato.

— Anda, senta-te aí — pediu, enquanto contornava a mesa e se voltava a sentar no lugar da diretora. Do outro lado, ficou a observar enquanto Tomás se sentava. Ele era tudo o que Marta descrevera: o olhar intenso, penetrante, por trás de uns óculos sofisticados, era o que mais se destacava nele. Tinha um corpo bem feito, era alto e moreno, a pele ligeiramente bronzeada pelo tempo passado ao sol. Estava bastante calmo; se fosse mesmo ele o assassino, seria um psicopata que conseguiria dissimular bem os seus sentimentos e sentir-se-ia à vontade numa situação daquelas.

— É verdade que foi o Estripador de Lisboa que matou a Liliana?

Boa jogada, puto.

— Quem faz as perguntas sou eu. Que me podes dizer sobre a tua colega?

Ele acatou bem a jogada do inspetor para manter o poder sobre a conversa naquela sala.

— Acredito que nada de diferente do que já lhe disseram. Ela era gira e fazia uso disso.

— E para ti está tudo bem com isso?

— Eu não tenho nada que ver com o que os outros fazem. Respeito qualquer pessoa que faça pela vida. Se para ela era importante ter milhares de seguidores, receber coisas de borla e mais não sei o quê, tudo bem comigo. Respeito-a por isso.

— Sabias que ela fazia conteúdo pornográfico para a OnlyFans?

— Suspeitava, mas nunca vi, nem tenho conta nessa app.

— Suspeitavas como?

— Digamos que eu tinha acesso privilegiado.

— Mas, que eu saiba, aqui há separação entre homens e mulheres.

— Sim, mas a segurança interna é uma brincadeira.

— Então, que relação mantiveste com ela?

— Digamos que, de vez em quando, ia visitá-la ao quarto durante a noite. E nos fins de semana escapulíamo-nos para ela fazer os vídeos dela.

— Então sabes que ela fazia conteúdo pornográfico?

— Claro que sabia. Era eu que a fotografava e filmava.

CAPÍTULO 73

LEONARDO E MARTA

O Sol elevava-se no firmamento no seu movimento inexorável e previsível. Uma mancha de luz recortada pelas frestas dos estores movia-se lentamente pelo gabinete, refletindo-se agora no tampo da secretária, próximo do telemóvel de Leonardo que, virado para baixo, ocultava o facto de estar em chamada telefónica permanente com Marta.

Enquanto assimilava o que Tomás dissera, parecia conseguir ouvir os pensamentos da colega, resumidos numa palavra: «Foda-se».

— Tu produzias o conteúdo que ela publicava no OnlyFans? Mesmo aqueles vídeos em que ela se masturbava, ou usava um dildo…

— Ou era penetrada, sim. Fui eu que fiz isso tudo. Temos ambos mais de 18 anos e foi tudo consentido.

— Também há sexo explícito?

Tomás não parecia nada incomodado em falar daqueles assuntos tão sensíveis com um agente da autoridade.

— Sim, mas eu nunca apareço. Quer dizer, apareço, mas é só… ali em baixo.

— Eu percebi.

— Só participo em cenas de POV.

— POV?

— Point of View. É para o tipo que estiver a ver o vídeo parecer que é ele que a está a penetrar… enfim, é algo com muita saída e que rendeu muito dinheiro à Liliana.

— E a ti, não?

Ele sorriu.

— Para mim o sexo já era pagamento suficiente. Sim, porque depois dessas

sessões fotográficas e de filmagens, digamos que ficávamos os dois bastante excitados.

Leonardo assentiu. Gostava que houvesse algo legal por onde pegar, mas eles tinham 18 anos, o sexo era consentido, e a aplicação era para maiores de 18.

Na prática, não incorriam em nada ilegal. Não o podia meter entre a espada e a parede.

E ele sabia disso, daí o seu ar superior.

— Já percebi que é fácil para vocês andarem pela escola fora de horas. É teu costume fazê-lo? Quando todos estão a dormir, vagueias por aí?

— Só quando é mesmo preciso.

— E quando é que é preciso?

— Quando a Liliana queria produzir mais conteúdo para a app.

— E mais nada? Não há mais nenhum motivo para saíres da cama durante a noite e andares por aí às escondidas?

Encolheu os ombros.

— Népia.

— Como é que nunca foste apanhado? Não há aqui seguranças?

— Sim, mas eles focam-se mais nas entradas e saídas do campus. Cá dentro é mais tranquilo. Confiam em nós.

— Não há mais nenhuma rapariga que visites durante a noite além da Liliana?

— Há, claro — garantiu, novamente com uma expressão galã.

— Quem?

— Não posso quebrar a confiança das pessoas assim. A Liliana não há problema porque, enfim, está morta e o inspetor está a investigar a morte dela. Agora as outras estão vivas e querem o anonimato.

— «Outras»? Mais do que uma?

— Que posso dizer? As mulheres adoram-me. E eu sei o que devo fazer, onde fazer e quando o fazer. Não é para todos, sabe?

— Muito bem. É tudo. Obrigado pelo teu tempo.

— Ora essa.

Tomás levantou-se com tranquilidade, fez um aceno de despedida e virou costas ao inspetor, abandonando o gabinete de seguida.

Leonardo expirou longamente e passou as mãos pelo rosto. Estava há três horas a entrevistar pessoas. Precisava de comer, tomar um banho e descansar.

Tomás fora dissimulado e tivera sempre o domínio da conversa. Sabia que ele não o podia obrigar a nada a menos que fosse acusado de algo. E eles não tinham nada concreto com que o acusar.

— Já saiu, M&M.

— Foda-se!

CAPÍTULO 74

BÁRBARA

Pedro: Bárbara, tou a morrer de preocupação

Pedro: Ninguém sabe de ti

Pedro: Tu continuas offline

Pedro: As msgs nem sequer são entregues…

…

…

Pedro: N dormi nada

Pedro: Só a pensar em ti

Pedro: Se calhar devia fazer algo

…

…

Pedro: Nem sei pq continuo a enviar-te msgs…

Pedro: Uma parte de mim tem esperança q digas que foi tudo uma brincadeira

Pedro: Mas acho que me estou a iludir

…

…

…

Pedro: Tá decidido

Pedro: Vou hj à polícia reportar o teu desaparecimento Pedro: Já chega disto

…

…

Pedro: Tou a chegar

Pedro: Última oportunidade de dizeres alguma coisa

Pedro: Ou meto a polícia ao barulho

…

Pedro: Estou mm à porta

…

Pedro: OK

Pedro: Vou entrar

…

Pedro: Vou fazer isto por ti, Bárbara!

Bárbara. Última vez online: segunda-feira às 22h43.

CAPÍTULO 75

LEONARDO E MARTA

Almoçaram tarde. Pouco falaram, limitando-se a deglutir os alimentos, a saciar a fome que ameaçava abrir um buraco no estômago. Como Leonardo dizia: «não preciso de mais um buraco, obrigado», o que sacara risos a Marta.

— É já amanhã que vais fazer aqueles exames para saberes se reagiste bem à cirurgia?

— Sim, mas só na terça-feira é que o médico me vai dizer se a colostomia é para fechar ou se o tumor progrediu.

Estavam sozinhos na cantina da Polícia Judiciária. Marta colocou a mão sobre a de Leonardo e olhou-o nos olhos com intensidade, com carinho, com esperança.

Com amor.

— Tenho a certeza de que recuperaste lindamente e que o tumor já desapareceu.

Ele sorriu de uma forma algo melancólica, como se o otimismo de Marta colidisse com o medo que ele sentia no peito.

Enquanto mastigavam, o telemóvel de Marta tocou e ela atendeu-o de imediato por se tratar novamente de Paulo Teodoro.

— OK, vou ver — respondeu, depois de uns segundos a ouvir o inspetor-chefe. Baixou o telemóvel e começou a digitar no ecrã.

— O que se passa?

— Temos nova carta do Estripador, divulgada ainda agora pela comunicação social.

— Cabrão.

Marta abriu o browser e procurou nas notícias mais recentes por «Estripador

de Lisboa». Encontrou uma notícia logo no topo e clicou nela.

— É uma carta, mas não é escrita — anunciou, ao ler a notícia daquele canal televisivo.

— Têm aí o áudio?

— Sim, e também têm a carta transcrita.

— É melhor ouvirmos o áudio.

— Claro.

Clicou num link do YouTube que os levou à aplicação de vídeo mais conhecida do mundo. O ecrã era negro e a conta era claramente falsa, com o nome de «EdL», Estripador de Lisboa. Marta aumentou o som e colocou o telemóvel pousado no tampo da mesa, entre os dois.

— Olá — começou, e notava-se desde logo que a voz tinha sido digitalmente alterada, soando fantasmagórica, como um vilão de super-heróis que usava máscara —, hoje dei início a uma nova fase. A minha quarta vítima foi encontrada, mas não será a última. A partir de hoje, nenhuma mulher está a salvo. Porque, no fundo, sejam ou não prostitutas de profissão, as mulheres são todas umas pu…

Marta parou o vídeo. Faltava apenas meio segundo, pelo que o que restava do áudio era apenas o final previsível daquela palavra.

Mais tarde, os resultados das análises ao sangue e aos vestígios encontrados na cena do crime vieram todos negativos ou inconclusivos. A vítima não era seropositiva nem toxicodependente. A autópsia não trouxe nada de novo. O método fora o mesmo que nas anteriores, os órgãos todos removidos, incluindo os dois pulmões.

De resto, fora passado a papel químico de um crime para o outro.

— Isto continua tudo a apontar para o Tomás — lançou Marta. — As vítimas

são prostitutas e uma aluna da St. John’s.

— E sabemos que ele vai com alguma frequência às prostitutas e estava envolvido com a última vítima.

— Além das peças de xadrez e ele ser um campeão nesse desporto.

Continuaram a olhar, certos da teoria que formulavam e que consideravam a mais plausível, mas ao mesmo tempo incomodados por não terem mais certezas.

Nem mais provas.

— Vamos ver se tenho sorte logo à noite.

Leonardo inspirou fundo.

— Sinto que sim. Sinto que estamos perto de uma grande descoberta.

CAPÍTULO 76

CARLOS

O resto do dia foi passado em silêncio. Ninguém falava acima do sussurro, o luto por uma colega igual a eles a sobrepor-se a tudo o resto. Várias aulas foram canceladas para os preparativos do velório e do funeral, que seria no dia seguinte.

— Ouvi na casa de banho um boato de que a Liliana Noronha fazia vídeos porno na OnlyFans. É verdade? — perguntou Carlos a Ricardo, enquanto jantavam numa mesa da ponta, longe de ouvidos alheios.

— Sim, o link está no perfil do Instagram dela, mas tens de ter uma conta e só tens acesso se pagares. Acho que fazia um bom dinheiro com isso.

— Não fazia ideia de que haveria aqui alguém com tanta vontade de sexo.

Ricardo engasgou-se com um bocado de almôndega. Começou a ficar com o rosto vermelho de aflição. Tossiu com força. Carlos deu-lhe algumas pancadas nas costas e só quando bebeu um pouco de água é que se acalmou.

— A comida não foge, Ricão! Podes comer à vontade que há mais para ti, isto não acaba — gritou Tomás, gerando gargalhadas por toda a cantina. Pelos vistos, estavam todos a precisar de um motivo para extravasarem, para libertarem um pouco a tensão. Uma vez mais, era Ricardo que sofria com isso.

— Estás bem?

Ele assentiu, continuando a comer, de olhar furioso em Tomás e no seu grupo.

— Filhos da mãe, é o que eles são. Sabes, desconfio que eles tenham um esquema montado.

— Eles quem?

— O Tomás e o seu grupinho — disse, desdenhosamente.

— Ai sim? Então porquê? — Tentou não mostrar demasiado interesse na

questão, mas o amigo estava tão vidrado no outro grupo que nunca desconfiaria de nada.

— Eles têm um «Clube de Dança», mas acho que isso deve ser uma fachada para andarem a comerem-se uns aos outros.

— Têm um clube de dança?

— Sim, e chama-se mesmo «Clube de Dança». Têm muita imaginação, como vês.

— E desconfias porquê?

— Achas que aqueles tipos se interessam por dança? Nem sequer há competições nem nada, e só os rapazes mais próximos do Tomás é que participam nesse clube… Sempre me soou estranho, mas com isto da Liliana Noronha… Há algo que se passa nesse clube e que tu também devias descobrir. Se eles fazem alguma merda ilegal, a tua aproximação pode dar jeito para os mandar a todos à fava.

— Mas se é algo assim tão secreto, como é que me vou insinuar?

— Não é secreto. Todos sabem da existência desse Clube, e todos sabem que é para tudo menos para dançar.

— Até os professores sabem?

— Até a diretora! Ela tem de aprovar sempre que é criado um clube aqui na escola.

— Então e deixam estar, não fazem nada para saber o que se passa?

— O clube só tem rapazes, portanto eles não desconfiam de nada. Devem pensar que é só uma desculpa para poderem reunir-se mais tarde, fora do horário das aulas.

Depois do jantar, os alunos tinham de recolher aos quartos ou a uma área comum que existia em cada piso de quartos. E obviamente que era proibido

entrar em salas de aula. Portanto, se o grupo de Tomás quisesse privacidade, teria de ser com um clube.

— Estou a ver. Cheira a esquema.

— Pois cheira. Portanto, ou esperas que o Tomás te convide para o clube, ou vais lá ter com ele, quando tiveres mais confiança, e dizes mesmo que ouviste falar nesse clube e que querias entrar.

— A segunda hipóteses parece-me mais simples — *e rápida*, acrescentou em pensamento.

— Houve uma noite em que estava com insónias e decidi andar um pouco pelos corredores — revelou, ao terminar o prato principal e pegando de seguida numa taça de arroz-doce —, e vi-os entrarem na escola à socapa.

— Como assim, entrarem na escola?

— Entrarem pelo portão principal.

— Tinham estado *lá fora*?

— Eles devem ter saltado por cima do portão, ou algo do género.

— Então eles saíram da escola sem ninguém saber?

— Exatamente.

— E achas que isso tem que ver com o clube de dança?

— Só pode. Eles andam a fazer merda, e aqui na escola toda a gente faz vista grossa porque o Tomás é campeão de xadrez, eles têm uma ótima equipa de futebol, etcétera, etcétera. Se fosse eu, já tinha sido expulso.

Carlos decidiu observá-los mais um pouco. Não insistiu no tema com Ricardo, porque já sabia de tudo o que ele falava, mostrara interesse apenas para manter a sua personagem credível aos olhos do amigo, e porque percebeu que ele não sabia de mais nada que lhe pudesse ser útil. Pela maneira como falavam, como

gesticulavam, pareciam demasiado felizes para quem tinha um velório naquela noite.

Claramente que eles não iam ao velório.

Arranjou uma desculpa e foi à casa de banho. Tinha de enviar uma mensagem a Leonardo a avisá-lo do que desconfiava.

Tomás Amaral não ia, certamente, comparecer ao velório de Liliana. Ou, se comparecesse, era apenas para marcar o ponto.

Não.

Eles iam às prostitutas naquela noite.

CAPÍTULO 77

MARTA

De volta ao Parque Eduardo VII, novamente vestida para arrasar, calcou a calçada da alameda abaixo, cumprimentando as mulheres que já conhecia de vista.

Segundo Carlos, Tomás e o seu grupo iriam comparecer naquela noite, a segunda vez na mesma semana. Era a média habitual, segundo constava. Desta vez, tinha de o desmascarar. Tinha de ser escolhida por ele. Se arranjasse uma dose de cocaína, ou se arranjasse forma de o embebedar a sério, iria deixá-lo mais desinibido e talvez pudesse sacar-lhe informações que o condenassem. Não podiam ser usadas em tribunal desta forma, mas se o levasse a admitir os crimes que cometera esta noite, seria mais fácil que ele admitisse de forma oficial todos os crimes quando fosse acusado.

Tinha de ser hoje.

— Como é que estás a lidar com esta vida, Michele?

Katya surgiu perto de si, no caminho mais resguardado da alameda. Atravessou o relvado e parou ao pé dela, à beira da estrada.

— Podia ser pior.

— Se aqueles putos aparecerem, vais novamente?

— Talvez. Fiz bom dinheiro nessa noite, porra. A Adele é que não apareceu mais.

— Ela costuma variar de local, nunca fica noites seguidas no mesmo sítio. Eu também fiz bom dinheiro, mas ontem não consegui vir trabalhar. Eles deram cabo de mim.

— Eles?

— Fiquei com dois ao mesmo tempo — esfregou o indicador e o dedo do meio no polegar — dinheiro a dobrar, amiga. Temos de ser espertas!

— Ménage, então?

— Oh, yeah. Há que fazer render o tempo, miga. Se puder, levo com dois novamente e já tenho o mês garantido, e ainda vamos a meio.

— Tu por acaso… não tens aí nada assim mais forte?

— Álcool ou droga?

— Droga — sussurrou.

— Não te quero meter por esse caminho, Michele. Se abusares, não há volta a dar, tens de ir com cuidado. Já começaste com drogas? Foi quê, ecstasy, coca…

— Não é para mim. Está descansada.

— Não quero que andes para aí a mamar pichas à toa só para ter mais uma dose. Até pode ser para ti, mas tens de saber controlar-te. Só isso.

— *Acho que nunca me vou habituar à maneira como elas falam do sexo* — comentou Leonardo ao ouvido, através do auricular minúsculo.

Katya parecia mais bem-disposta que o normal. Ela era daquelas mulheres aparentemente carrancudas, que parecem odiar socializar, quando na verdade era das mais doces por dentro.

— Sou capaz de ter aqui uma coisinha. Era uma reserva para mim em caso de emergência, mas acho que não fará mal se te der a ti.

Do pequeno bolso dos minúsculos e justos calções brancos, fez aparecer um pequeno embrulho de celofane, com um produto branco no interior.

— Basta fazeres uma linha com isto e depois pegas numa nota, enrolas até ficar um tubo fininho; metes umas das pontas dentro da narina e a outra em cima do tampo onde fizeres a linha. Tapas uma narina e inspiras com toda a força com a outra, ao mesmo tempo que deslizas a nota de uma ponta à outra da linha. Não tem nada que saber.

— Então é para cheirar.

— A cheirar é que isto bate rápido e forte cá dentro. É uma maravilha.

— E isto dá para quantas linhas?

— Depende do tamanho da linha, mas diria que dá para três ou quatro cheiros.

Marta aceitou o pequeno pacote na mão e sorriu para a prostituta, abraçando-a de surpresa. Ela não se moveu, mas pareceu relaxar um pouco ao fim de uns segundos.

— Hoje pareces-me mais leve, mais feliz, Katya.

— Ai, sim? — perguntou, cruzando os braços e ficando séria a olhar para a estrada. Ao fundo duas prostitutas negociavam preços com possíveis clientes. Segundos depois, cada uma entrava no carro do seu cliente e desaparecia na noite.

— Sim. Pareces feliz. Aconteceu alguma coisa?

Katya encolheu os ombros, como se quisesse partilhar, mas achasse estúpido fazê-lo.

— A minha filha. Já sabe ler. Hoje leu para mim pela primeira vez.

Marta não fazia ideia de que Katya tinha uma filha, mas ignorou esse detalhe.

— Que giro!

— É por ela, sabes.

— O quê?

— Que faço isto. Quero que ela tenha uma vida melhor que a minha. Que seja livre, que aprenda muita coisa sobre o mundo e como ele funciona e que tenha um bom emprego, onde seja respeitada e valorizada. E que não dependa de nenhum homem para subsistir.

— Com uma mãe como tu, tenho a certeza de que será. Suponho que ela não saiba o que fazes à noite.

— Ela acha que trabalho num hospital e que trato de pessoas doentes.

— Alguns são doentes. Da cabeça.

Conversaram mais um pouco, até que ouviram música alta surgir do topo da Alameda Edgar Cardoso, seguido da imagem de uma carrinha grande, de nove lugares, a abanar por todos os lados.

— Chegaram — anunciou Marta.

— Show time! — exclamou Katya, aproximando-se do limite do passeio e exibindo os seus atributos generosos.

Como da outra vez, a carrinha parou à frente de algumas prostitutas e umas poucas já tinham entrado na parte de trás, para os bancos corridos. Quando parou à frente delas as duas, o tom de festa baixou quando Tomás Amaral saltou da carrinha e se aproximou dela com segurança e indiferença.

— Estás disposta a vir hoje também, puta?

Tomás estava vestido com roupas pretas, tal como os colegas na carrinha.

— Depende. Vocês vão a algum concerto de heavy metal ou quê? Ou vão para um funeral? Estão todos de preto, caramba!

— Isso não é da tua conta, mas isto, sim — e mostrou-lhe um maço perfeito de notas. — Estamos entendidos?

— Ela vem comigo.

Tomás desviou o olhar uns segundos para analisar a Katya, voltando a encarar a inspetora com desejo e uma ponta de malícia no olhar que tanto a inquietava.

— Feito.

* * *

Todo o percurso fora semelhante, com a música alta, a pesca de mais prostitutas, a colocação de vendas a dado momento, o entusiasmo crescente daqueles homens cheios de testosterona, o curto caminho até descerem para a cave que servia de bordel.

A música alta, o álcool, as luzes.

No bordel, já sem venda, avistou um casal a fazer sexo num banco afastado da pista de dança, as pupilas dilatadas, o olhar louco; estavam sob efeito de narcóticos. Na pista de dança, a festa era imensa.

De copo na mão, Marta observou com admiração a que ponto as pessoas chegavam para descomprimirem, para se esquecerem de que a vida tinha tendência para ser uma merda pegada e que estávamos rodeados de miséria.

Uma mão agarrou-lhe o pulso e puxou-a para a pista.

Era Katya, que começou a roçar-se nela de tal forma que vários homens as rodearam e gritaram coisas inaudíveis, parecendo apenas ditongos vagos.

— Vamos dar algo para os deixar loucos, Michele.

Antes que Marta pudesse perceber o que era, Katya avançou sobre ela e beijou-a nos lábios com sofreguidão, chegando a sentir a língua dela a procurar a sua. Assustada, de início, Marta não soube reagir. Mas ao escutar a excitação crescente nos homens do bordel em torno delas, decidiu relaxar e retribuiu o beijo da mesma maneira.

Pelo canto do olho, reparou que um dos tipos desapertou a braguilha, tirou o pénis para fora e começou a masturbar-se. Marta ficou chocada, mas desviou a atenção quando Katya saltou para cima dela e envolveu a sua anca com as pernas, ficando suspensa no ar.

Beijaram-se mais e eles estavam a ir à loucura.

— Hoje vamos ter uma noite ocupada, Michele. Vamos ficar ricas.

— Venham connosco! — gritou um tipo bem parecido, alto e em forma. — Vamos todos para lá, suas putas jeitosas.

Katya relaxou as pernas e saiu de cima de Marta, dando a mão a esse homem, que a levou para um dos quartos onde já tinham entrado outros dois.

Iam rodá-las à vez. Katya deu-lhe a mão e começaram a andar, Marta a ficar cheia de dúvidas sobre o que estava a fazer. Aquilo não fazia parte do plano. Se entrasse ali, ia ser comida por três homens. Quem sabe se em simultâneo. Isso não ajudava em nada a investigação.

No entanto, ainda antes de demonstrar qualquer hesitação, uma mão mais forte, mais confiante, puxou-a na direção oposta, separando-a de Katya.

Era Tomás.

— Hoje és minha. Eles que se fodam. Não quero saber.

Viu Katya desaparecer pela porta, que se fechou atrás dela, e Marta só teve tempo de desejar que nada de mal lhe acontecesse, quando ela própria era arrastada para outro quarto, idêntico ao que visitara da última vez com Júlio, o tarado por ruivas.

Tomás atirou-a para dentro do quarto, fechou a porta, trancou-a e começou a despir-se. Ao tirar a camisola e ao mostrar o seu tronco bem definido, com músculos salientes e trabalhados, Marta pensou em como a Marta de antigamente, aquela que ainda não fazia ideia de que se ia apaixonar por Leonardo, teria feito sexo com um tipo daqueles sem pensar duas vezes; teria tido todo o prazer em fazê-lo. Era o tipo preferido para ela atacar nas suas noites de caça em que queria apenas sexo sem compromisso: homens jovens, cheios de pujança.

Mas essa Marta já não existia, e a Marta presente naquele quarto com Tomás estava apaixonada por outro homem e estava numa missão para a PJ.

— Já te estás a despir? — perguntou, forçando uma entoação que sugeria que ela estava mais bêbada do que realmente estava.

— Desde que te vi no outro dia que senti que tinha de te comer. — O olhar dele era, agora, feroz, animal. — Vê-se a léguas que és uma mulher poderosa, única, e que deves ter rodado por poucos homens. E isso excita-me que nem

sabes. Esses lábios… desde que os vi que só consigo imaginá-los a receberem a minha pila. A minha mão a vaguear pelo teu corpo, a encontrar-te húmida lá em baixo… Só consigo pensar nisso.

Por muito que Marta não quisesse, a conversa de Tomás, potenciada pelo tom excitado com que falava, estava a deixá-la também excitada contra a sua vontade. Ele despiu-se totalmente e ela não conseguiu deixar de admirar o corpo atraente e sexy dele.

Ao vê-lo assim despido, excitado, duro, como podia ser ele o Estripador de Lisboa?

Este último pensamento fê-la acalmar-se e conseguir pensar. Retirou o pequeno pacote do bolso e agitou-o no ar, para que Tomás lhe desse atenção.

— Não queres nada para apimentar aqui a nossa noite? Esta é coca da boa. Garanto-te.

— Não quero drogas. Achas que este corpo faz drogas? Quero comer-te. Despe-te.

Frustrada, começou a ficar sem ideias.

— *M&M, estou aqui fora. Qualquer coisa, grita que acabo com isso tudo.*

Mas como podia ela deixar estragar a missão, que tanto trabalho lhes dera? Não o podia fazer. Tinha de conseguir sacar informações.

Ele aproximou-se dela e segurou-a perto de si. Beijou-a com sofreguidão e começou a puxar o top curto de Marta para cima, para o retirar passando pela sua cabeça. Marta deixou e, em segundos, estava apenas de sutiã. Depois, antes de conseguir reagir, ele puxou-lhe os calções brancos para baixo.

Estava apenas de lingerie. Sentia-se vulnerável, frágil. Desprotegida.

Ao ver o olhar louco de desejo dele por ver finalmente o seu corpo quase desnudado, sabia que tinha muito pouca margem de manobra.

— Primeiro quero ver o dinheiro aqui, na minha mão — disse, de forma autoritária e com a mão estendida, tentando que isso servisse como balde de água fria para toda a excitação e todo o desejo que o estavam a consumir a olhos vistos.

— Pago-te o que tu quiseres.

— Dez mil euros.

— Feito. Passo-te um cheque a seguir. Agora tira o sutiã e as cuecas.

— Foda-se.

Tomás, com o pénis duro, agarrou-a e puxou-a para si. As suas mãos tatearam com urgência o seu corpo e encontraram os colchetes do sutiã, que abriu com mestria e o retirou à bruta, magoando o braço da inspetora. Depois, baixou-se com rapidez ao mesmo tempo que lhe puxou as cuecas de fio dental para baixo, expondo-a totalmente.

— Tomás, vocês parecem todos grandes amigos. São de alguma escola?

Quando se levantou e a admirou, o olhar era possesso. Sedento. Cego de desejo.

— Gostas de comer prostitutas, é? Quais são as tuas fantasias?

Mas ele não a ouvia.

— Achas que somos lixo e que somos dispensáveis?

— *M&M*…

Olhou para os seios dela e pareceu salivar.

— Gostas de as estrangular, para que possas fazer com elas o que quiseres quando ficam inconscientes?

Com brusquidão, Tomás atirou-a com força para a frente, fazendo-a perder o equilíbrio. Tropeçou na beira da cama e caiu deitada em cima do colchão fofo e

macio. Ele saltou para cima dela e deitou-se sobre si, beijando-lhe os seios e mordiscando os mamilos.

Sentia o pénis dele perigosamente perto da sua vagina.

— Filho da puta! Sai de cima de mim!

Sentado em cima dela, tocou-lhe nos lábios vaginais e sorriu, deliciado.

— Para quem não estava interessada, estás muito húmida, Michele.

— Deixa-me chupar-te — pediu.

Ele ficou entusiasmado, mas ainda com aquele olhar louco, possesso de desejo.

— Agora sim, estamos a falar.

Ele saiu de cima dela e ficou de pé à beira da cama. Marta colocou-se de gatas e aproximou-se dele. Enfiou dois dedos na sua boca até fundo, provocando o reflexo do vómito.

Segundos depois, estava a vomitar para cima de Tomás, que recuara aos saltos e aos gritos, enojado com o que ela acabara de fazer.

— Sua grande puta, vomitaste em cima da minha pila?!

— Isso é porque me metes nojo! Eu sei bem quem tu és, e vou prová-lo! Agora, vou sair daqui e tu vais-me deixar em paz.

Furioso, Tomás lançou-se sobre Marta e apertou-lhe o pescoço com toda a força, estrangulando-a, sem deixar que ela fizesse qualquer som.

Aquele era o método do Estripador de Lisboa. Ele estrangulava-as para as deixar inconscientes e depois fazia o que queria com elas. Em pânico, quis gritar para Leonardo intervir, mas não conseguiu. Tomás apertou-lhe o pescoço sem piedade. Se não gritasse por ajuda, ele ia chegar demasiado tarde, porque a última coisa que dissera era que se ia embora. Mas ela não ia conseguir.

Marta observou com horror o ar ameaçador de Tomás e começou a ver cada

vez mais escuro. Foi ficando tonta com a privação de oxigénio. Sentiu-se a perder forças.

Até que acabou por perder os sentidos.

CAPÍTULO 78

LEONARDO

O bordel oculto utilizado pelos alunos do St. John's estava localizado na cave de uma moradia aparentemente abandonada, nos arredores de Oeiras, numa rua com vários terrenos virgens, ainda por construir.

A moradia em questão dispunha de muros altos, com chapas metálicas que tornavam impossível para uma pessoa do exterior conseguir espreitar para dentro. Talvez Carlos Caetano conseguisse trepar e saltar por cima do muro, mas ele não sabia se conseguia.

Agarrado ao telemóvel, de onde escutava Marta, aguardava por desenvolvimentos auditivos. Ela disse que se ia embora, mas depois não acontecera mais nada. Teriam perdido a comunicação? Teria ela desligado a escuta?

Como é que ele poderia ter a certeza se devia entrar e acabar com aquilo tudo? As vidas de várias mulheres dependiam do sucesso daquela missão; Leonardo não a podia arruinar sem certezas. Precisava de algo que lhe desse a indicação de que tinha de entrar porque ela estava em apuros.

Marta sabia desenvencilhar-se sozinha. Era uma mulher muito forte e desenrascada. Certamente que conseguiria livrar-se de um tipo mimado como o Tomás.

A menos que ele realmente fosse o Estripador de Lisboa.

Devia comprometer a missão para se certificar de que ela estava bem? E se fosse precipitado e arrombasse porta adentro para dar de caras com Marta, dona da situação, e para perceber que agira por impulso e arruinara tudo, condenando mais mulheres a sofrer às mãos do Estripador?

Estava a passar muito tempo desde que ela falara pela última vez e ele estava a ficar cada vez mais inquieto e nervoso. Sentiu suor escorrer pelas costas

enquanto se mantinha sentado no carro a tentar escutar o mínimo som que fosse que provasse que ela estava bem.

Mas os minutos iam passando e nada acontecia.

A indecisão estava a deixá-lo louco.

Até que teve uma ideia que podia conciliar os dois lados daquela moeda: podia irromper pelo bordel adentro e ver se ela estava bem; em caso afirmativo, não comprometeria a missão porque iria com a desculpa de que houvera uma denúncia anónima de que naquela cave existiam negócios sexuais ilegais.

Era isso mesmo. Ia entrar com a desculpa da denúncia e iria exigir identificação a todas as prostitutas e a todos os homens.

Só esperava que entre as prostitutas estivesse Marta.

Ou melhor, Michele. Ele iria passar por ela e não daria indicação de a conhecer.

Verificou a sua arma de serviço, uma Glock, e confirmou que estava limpa e carregada. Saiu do carro trazido do parque de estacionamento da PJ e aproximou-se do portão de entrada da moradia. A tinta do muro e da chapa metálica que a encimava tinha estalado e a chapa estava um pouco corroída.

Testou o portão com o ombro, mas este não cedeu. Estava trancado.

Encarou o muro. Este tinha uma ligeira saliência relativamente à chapa metálica. Conseguiria colocar as pontas dos pés. O problema era dar a volta por cima da chapa, que era estreita e não tinha onde se apoiar.

Teria capacidade para o fazer?

O tempo urgia, não podia esperar.

Apesar de não ter a certeza, a ausência de comunicação dizia-lhe que ela estava em perigo. Precisava dele. Como ele precisara dela na Madeira.

Guardou a arma no coldre à cintura. Içou-se para cima do muro, apenas as

pontas dos dedos dos pés a segurá-lo, as mãos no topo da chapa metálica. Era realmente fina. Com a força que precisaria para se içar e passar para o outro lado, iria cortar as mãos. O seu peso era demasiado.

Mas era Marta que estava em perigo.

Podiam estar a tocar-lhe.

A violá-la. A estripá-la.

Uma nuvem de escuridão desabrochou no seu peito e alastrou-se como uma camada de petróleo no mar. Invadiu cada poro do seu ser.

Sem se importar com a sua integridade física, segurou o topo da chapa e, como se realizasse uma elevação, ergueu o corpo até conseguir colocar um dos pés por cima da chapa. As palmas da mão gritavam por clemência, mas ele nem as sentia. Depois, atirou-se para o outro lado do muro, aterrando relativamente bem, magoando apenas o tornozelo direito. Mas ele não sentia dor. A escuridão estava a focá-lo no seu objetivo.

Avançou por um caminho desbravado no meio de ervas daninhas que lhe davam pela cintura, cheias de lixo trazido pelo vento, como sacos do pão, sacos de plástico ou roupa interior. Ia jurar ter avistado um preservativo pendurado numa erva daninha, mas só pensava em como ia arrombar a porta de entrada da casa. Era uma porta de madeira grossa, escura, das antigas. O batente da porta, um focinho de leão de latão, estava enferrujado e com manchas.

Retirou a Glock do coldre, apontou-a à fechadura, afastou-se uma passada e disparou uma vez. Um buraco surgiu onde era suposto ser colocada a chave. Com um pontapé violento na mesma zona, escancarou a porta para o interior, fazendo-a abanar nas suas dobradiças.

O interior era escuro, soturno, quase fantasmagórico. À frente tinha umas escadas para o piso superior e várias portas. No entanto, não teve dificuldade em saber para onde se dirigir. Mais à frente, por baixo das escadas, encontrava-se

uma porta de madeira, por onde se ouviam as batidas de música. Empurrou a porta com lentidão, apesar de saber que nunca iria denunciar a sua presença perante o barulho que vinha do outro lado. Sentiu na mão os graves da música.

De arma sempre em riste, pronta a disparar, com o dedo a tocar ao de leve no gatilho, viu que, do lado esquerdo, se encontravam umas escadas para a cave. Ao fundo das escadas, encontrava-se uma porta moderna, robusta. Na zona da fechadura avistou luz, que parecia alterar de cor e de intensidade.

Desceu os degraus de cimento com rapidez. Sentia as mãos escorregadias. Estavam ensanguentadas. A chapa fizera-lhe um corte em cada mão, mas nada muito profundo.

Experimentou o puxador da porta.

Esta cedeu e abriu-se uma nesga.

Uma onda de música e luz caiu sobre ele, mas a sua mente estava focada apenas numa coisa. Encontrar Marta Mateus. Tirá-la dali. Depois lidaria com as consequências caso se tivesse precipitado. Guardou a arma no coldre e ocultou-o com o seu casaco leve.

Avançou pelo espaço e tentou simular que fazia parte da festa. Tirou um copo que estava perdido numa mesa com sofás roxos de pelúcia, onde avistou manchas húmidas disformes e o que pareciam ser restos do invólucro onde se acondicionavam os preservativos.

No centro, havia uma pista de dança que era o foco das luzes que rodopiavam no teto. Várias pessoas dançavam, histéricas e a roçarem-se umas nas outras. Não viu sinal de Marta. Reparou que a toda a volta existiam portas, todas fechadas.

Não queria saber. Ia experimentá-las todas. Marta deveria estar num desses quartos do sexo. Avançou para a primeira e abriu-a. Um homem estava em cima de uma mulher e penetrava-a com gemidos guturais de prazer. Deu-lhe uma

palmada no rabo e aumentou o ritmo, o que a fez gritar de prazer também. Ou fingir.

As portas seguintes foram infrutíferas. Viu apenas pessoas a fazerem sexo. Num dos quartos, havia um baloiço onde se encontrava um homem amordaçado e uma mulher a chicoteá-lo, ao estilo das *Cinquenta Sombras de Grey*.

As pessoas estavam tão bêbadas ou drogadas que ninguém lhe passava cartão.

Quando deu a volta completa ao bordel e abriu a última porta, para constatar que uma mulher qualquer cavalgava um homem enquanto fazia sexo oral a outro, sentiu o desespero apoderar-se de si.

Não via Marta nem Tomás.

Onde estavam?

A visão ficou turva. Começou a ver vermelho a sério. E não era das luzes mirabolantes.

Pegou na arma, apontou-a ao teto e disparou duas vezes.

A violência dos estoiros serviu de balde gigantesco de água gelada sobre os festivaleiros.

Gritos de medo substituíram os de prazer num segundo. Olharam todos em volta, assustados, e as várias portas abriram-se e surgiram pessoas a espreitar. Leonardo manteve o braço para cima, com a arma bem à vista, para que não tivessem dúvidas sobre quem queria a sua atenção.

— Desliguem a merda da música!

Novo disparo e o silêncio tornou-se total.

— Todos encostados à parede da esquerda. Rápido! Tu, vai chamar as pessoas de cada quarto e manda-as para essa parede — disse, apontando a arma para um jovem com barba rala e que parecia prestes a chorar. — Depressa!

Ele assim o fez e, dois minutos depois, estavam todos na parede, calados e

assustados.

— Falta aqui alguém? — perguntou, querendo que alguém falasse em Tomás para não ser ele a ter essa iniciativa e levantar uma suspeita. — EU PERGUNTEI: FALTA AQUI ALGUÉM DO VOSSO GRUPO? — gritou, terminando a pergunta com um disparo que fez tremer a audiência.

O jovem que ele sabia ser Duarte, um dos grandes amigos de Tomás e com quem tivera uma conversa infrutífera naquela manhã por causa da morte de Liliana Noronha, deu um passo em frente e gaguejou antes de conseguir falar:

— Ss-sim. Falta o Tomás. Tomás Amaral.

— Alguém sabe onde é que ele está?

Ninguém respondeu.

Levantou novamente a arma, e Duarte voltou a falar.

— Uh… eu vi-o subir com uma prostituta.

— Que prostituta? Como era ela?

— Epa… Era…

— Ruiva, nova, via-se que era nova nisto. Eu vi — garantiu um aluno da St. John’s.

— Era a Michele — anunciou uma mulher lindíssima que estava em roupa interior. Devia ser Katya, segundo a descrição que Marta lhe fizera dela. — Ela foi para um quarto com esse tarado, mas depois ele levou-a lá para cima.

— Há alguma coisa lá em cima?

— Não — negaram alguns.

— Como é que ela estava? — perguntou, aproximando-se de Katya e falando num tom baixo, carregado de preocupação.

Katya ficou com os olhos húmidos.

— Eu disse-lhe para ela não tomar aquela merda…

— O quê?

— A coca! Ela pediu-me uma dose… Deve ter tomado e não aguentou. Provavelmente esse gajo levou-a lá acima para apanhar ar fresco e despertar do transe. Eu avisei-a que o produto era forte, do bom. Que merda!

— Como é que ela estava? Dizes que ele a arrastou lá para cima…

— Ela estava inconsciente.

Leonardo sabia que eles não tinham saído do perímetro da moradia. No máximo, podiam ter estado no quintal em torno da moradia isolada, mas não saíram.

Pelo menos enquanto ele estava lá fora.

M&M!

— Ninguém sai daqui! Sou inspetor da Polícia Judiciária, como alguns de vocês já sabem. Quero identificações prontas quando voltar aqui.

Ninguém disse nada, mas assentiram.

Leonardo subiu as escadas com rapidez, pegou no telemóvel e ligou ao inspetor-chefe. A voz de Paulo Teodoro sugeria que o despertara do sono, o que o deixara de mau humor, mas ele não queria saber. Em poucas palavras, comunicou-lhe o sucedido e pediu reforços para vasculhar cada centímetro da casa e para entrevistar cada pessoa presente no bordel a fim de conseguirem alguma informação que os pudessem ajudar a localizar Marta. Forneceu a morada e desligou.

Ligou a lanterna do telemóvel e começou a procurar por eles naquela casa. Ia focar-se naquele pisto térreo. Se Marta estava inconsciente, não a iria levar para cima. Era demasiado árduo e havia a possibilidade de Tomás já se encontrar alcoolizado.

A casa era de madeira, via-se que era bem antiga. O chão rangia ligeiramente a cada passada, denunciando a sua presença. A primeira porta que abriu levou-o a uma sala de estar fantasmagórica. O espaço estava preenchido com lençóis disformes a cobrir grandes volumes, um sugerindo um sofá, outro uma mesa de jantar, outro um móvel, mas nada de Marta.

Deu a volta à sala e espreitou em todos os lençóis, mas o único resultado foi levantar uma nuvem de pó que brilhava em contacto com a luz da lanterna do telemóvel.

Na porta seguinte deparou-se com uma casa de banho. A banheira estava manchada, longe da brancura de outros tempos, tal como o bidé, a sanita e o lavatório. A loiça da sanita estava, inclusive, partida na base. Cheirava a fezes e a podre, mas estava completamente vazia.

Ao regressar ao corredor para se dirigir para a próxima divisão, ouviu movimento no exterior. Recordou-se que o portão de acesso estava trancado e que ele entrara passando por cima do muro. Caminhou para o quintal e reparou que a chave estava na fechadura do portão.

Destrancou-o com uns cliques metálicos. Quando abriu a porta, deparou-se com colegas da PJ, que pôs ao corrente sem grandes conversas. Eram dois inspetores de homicídios e três agentes da PSP que se disponibilizaram para ajudar.

Leonardo distribuiu tarefas, de forma a entrevistarem as pessoas no bordel e a revistarem a casa. Meteram mãos ao trabalho e ele regressou à última divisão que lhe faltava no piso térreo. Era uma cozinha, cuja mesa e cadeiras estavam tapadas com lençol. A bancada estava imunda, com latas de conserva abertas, talheres espalhados e restos de comida no lava-loiça. Encontrou fezes de rato no chão e o frigorífico aberto, que espalhava um cheiro fétido.

Cada vez mais preocupado, decidiu explorar o quintal em torno da casa. No

entanto, ao ver como as ervas daninhas eram tão altas que parecia estar a enfrentar um mato cerrado, decidiu subir ao andar de cima e espreitar para baixo. Iria pedir à Polícia Científica para procurar pistas com calma e com cuidado, coisas que naquele momento ele não tinha.

Ao observar o quintal do andar de cima, não avistou absolutamente nada fora do normal, assumindo que a maneira como aquela casa estava abandonada era o normal.

Meia hora depois, o trabalho estava concluído.

Não surgiram pistas novas das pessoas no bordel e nada de assinalar da revista à casa.

Foi com o coração partido e com uma sensação de aperto que Leonardo chegou à única e terrível conclusão.

Marta tinha desaparecido.

CAPÍTULO 79

LEONARDO

A cabeça de Leonardo rodopiava enquanto analisava o quadro de cortiça no gabinete da PJ. Estava com a mesma roupa do dia anterior e os olhos raiados de vermelho, olheiras profundas e o espírito quebrado.

Não estava a saber lidar com aquela perda. Não com tudo o que lhe estava a acontecer.

Na manhã daquela sexta-feira comparecera ao Hospital CUF Tejo para realizar os exames prescritos pelo médico a fim de definir se poderia, finalmente, retirar a colostomia. Uma Ressonância Magnética, uma PET e uma colonoscopia seriam, à partida, suficientes. Além de analisar se o inspetor estava curado da doença de cancro do intestino grosso, também iria avaliar o funcionamento da musculatura anal e, em caso positivo, avançaria para a cirurgia de reversão, que mais não era do que restabelecer o normal trajeto das fezes no seu corpo, que naquele momento terminavam no saco colocado do lado esquerdo do abdómen.

Não era de admirar, por isso, que Leonardo se sentisse estoirado. Com o cansaço provocado por todos os exames que lhe ocuparam a manhã toda e parte da hora de almoço, aliado à privação de sono que a preocupação e a culpa lhe provocaram, sentia estar a pairar acima do solo, como se aquele corpo não lhe pertencesse. A cabeça latejava, o corpo exigia descanso, o estômago exigia comida.

Mas Marta continuava desaparecida.

Para ajudar, a comunicação social explodira num rebuliço espalhafatoso com a nova teoria reinante sobre o Estripador de Lisboa: nenhuma mulher estava a salvo. Fosse prostituta ou não, qualquer uma podia ser vítima deste infame assassino.

O pânico estava instalado.

Os jornalistas e repórteres não arredavam pé do exterior da sede da Polícia Judiciária, cada um a exigir declarações para acalmar os portugueses, mas não havia nada que pudessem dizer. As autoridades a nível nacional já tinham sido prevenidas para o desaparecimento de Marta Mateus, mas até àquela hora, no início da tarde, não havia qualquer novidade.

— Onde estás, M&M?

Passou as mãos pelo rosto cansado e expirou pesadamente.

De manhã, enviou uma mensagem a Carlos para que lhe ligasse assim que Tomás Amaral regressasse à St. John's.

Até então, ainda nada.

Para onde teria Tomás levado Marta? E como o tinha ludibriado, se ele estivera no carro a vigiar a porta de entrada o tempo todo? Teria fintado o inspetor de alguma forma?

Como?

As pernas começavam a exigir que ele se sentasse, mas não conseguia arredar pé. Sentia que conseguiria resolver o caso olhando constantemente para as pistas que tinham reunido.

Mas não chegava a lado nenhum.

A meio da tarde, Paulo Teodoro irrompeu no seu gabinete, o rosto afogueado, também ele visivelmente cansado com a situação. Apesar das desavenças pessoais com Marta, mostrava-se muito preocupado por ter uma inspetora do seu departamento desaparecida.

— Leonardo, temos uma nova vítima do Estripador.

CAPÍTULO 80

CARLOS

A noite anterior era o tema mais falado por todo o campus. E não era pelo velório de Liliana Noronha, onde toda a escola compareceu em peso, entupindo a igreja e enchendo o espaço em redor com jovens e pais de todas as idades, vestidos de negro para cumprir a tradição, algo tão importante para St. John's.

O tema mais debatido era a «desbunda do sexo», como ficara a noite conhecida, de um grupo de alunos da escola. Ninguém fazia ideia de que isso acontecia. Ninguém sabia que havia noites em que alguns alunos se reuniam e saíam da escola para irem às prostitutas. Era o efeito de toda a repressão sexual que existia na escola. Quando se tratava de adolescentes e jovens adultos, a curiosidade sexual aumentava vertiginosamente e não havia regras ou leis que os impedissem de descobrir a sua sexualidade.

Naquela noite, tiveram dois exemplos perfeitos. Liliana Noronha e o grupo liderado por Tomás Amaral, a explorar o sexo de formas distintas.

— Tinhas razão, meu — admitiu Carlos a Ricardo num sussurro, enquanto prestavam as últimas homenagens a Liliana na Igreja Ermida da Nossa Senhora da Guia, uma igreja de pedra, antiga e muito acolhedora, localizada ao lado do Farol da Guia e, por isso, com vista para o mar. O funeral ia ser realizado no final da tarde, ao pôr do sol. Pelo que se dizia, era a sua altura favorita do dia, onde ela se sentia mais feliz e em paz.

Os pais, colocados próximos do caixão a lamentarem a sua má sorte com lágrimas grossas e sofredoras, mostraram-se estupefactos com o que descobriram da filha. Liliana era uma miúda exemplar, com ótimas notas na escola, mas desconheciam o lado mais perverso da filha; ela bloqueara toda a sua família nas redes sociais para que não descobrissem o seu segredo. Apenas amigos e desconhecidos tinham acesso a conteúdo onde ela expunha o seu corpo.

— Ser-se menosprezado tem estas benesses. Consigo saber de coisas que

muitos não conseguem porque o pessoal caga em mim e estão habituados a fingir que não existo.

Liliana ia ser enterrada no Cemitério da Guia, que era, curiosamente, na mesma rua que a escola St. John's e apenas a dois quilómetros da igreja onde decorria o velório. O campus ficava a sul da Rua da Torre, com vista para o mar, enquanto o cemitério se encontrava a quinhentos metros para norte, numa linha reta perfeita.

Às seis da tarde, quando o Sol se começava a querer pôr, partiram a pé atrás da carrinha funerária, as pessoas no passeio e a carrinha na estrada, mas a uma velocidade acessível para as pessoas acompanharem sem andarem à pressa. Um rasto de carros era criado atrás do veículo, mas ninguém ousou buzinar ou reclamar. Compreendiam que se tratava de um funeral e as pessoas tinham o bom senso de perceber que um funeral era mais importante do que chegar a casa cinco minutos mais tarde.

Passaram tristemente por edifícios modernos, vistosos e de cores alegres. A luz alaranjada refletida nas fachadas claras conferia um ambiente que a falecida iria gostar. A comitiva era liderada pela família de Liliana, que chorava copiosamente a morte de uma pessoa demasiado nova para morrer.

— Caraças, deve ser difícil para os pais perderem a filha com a nossa idade — lamentou Carlos, que já tinha lidado de perto com essa dor e sabia o que isso fazia às pessoas.

— Eu também lamento, mas a Liliana tinha tendência para se pôr a jeito — comentou Ricardo, as mãos nos bolsos e já um pouco cansado da curta caminhada.

— Por causa do Tinder?

— Pois, ela ia a encontros com pessoas que conhecia online. Sabe-se lá que

pervertidos estão do outro lado? E sendo a Liliana uma espécie de celebridade, ou influencer, ou o que for, com um corpo daqueles…

Carlos assentiu, a entrada do cemitério à vista, mais à frente. Não concordava totalmente com o amigo, mas compreendia o que ele queria dizer. Todos sabiam do perigo do online dating. Conhecer pessoas através da Internet acarretava sempre riscos tremendos. Nunca se sabia quem estava por trás daquele avatar com o qual comunicávamos. Podia ser um pedófilo a fazer-se passar por aluno de uma escola básica; podia ser um predador a fazer-se passar pelo tipo de pessoa de que a sua vítima mais gostava.

— Mas no caso dela foi diferente.

— Por ter sido o Estripador de Lisboa?

— Ya.

— Sabes lá se não foi por mensagens que ele a atraiu para o seu covil?

— O telemóvel dela desapareceu — lamentou.

— Nem acredito — comentou Ricardo, ao mesmo tempo que um burburinho crescia entre a comitiva de alunos, que olhavam todos para a entrada do cemitério.

Como o muro que o cercava, a entrada do cemitério era ladeada por um portão baixo, com um sinal enorme a indicar a proibição da entrada a animais e a indicar o horário do mesmo. O portão estava aberto e, junto ao limite do mesmo, encontrava-se Tomás Amaral, vestido de preto e com óculos escuros. A pele estava um pouco pardacenta e o cabelo despenteado.

— Ele veio.

— E parece uma beca ressacado.

Os comentários ao aspeto e à presença de Tomás sucediam-se. Ele aparecera. Depois do desaparecimento de Marta, sobre o qual Carlos não podia desabafar

com Ricardo, achava que Tomás não iria voltar. Tinha sido desmascarado. Ele era o Estripador de Lisboa.

Como tinha ele lata de voltar como se nada fosse?

Pegou no telemóvel e, aproveitando a distração geral proporcionada pela chegada ao cemitério e pelo avistamento de Tomás, abriu o WhatsApp e enviou uma mensagem para Leonardo.

«O Tomás veio ao funeral! Está aqui no Cemitério da Guia.»

CAPÍTULO 81

LEONARDO

Nessa tarde, o inspetor-chefe tinha oficializado Leonardo Rosa como um dos responsáveis pelo caso *Estripador de Lisboa*, deixando de ser apenas o consultor de Marta Mateus. Era estranho deslocar-se para uma cena de crime sozinho, sem ela, num carro que não o dela, que cheirava sempre tão bem e onde ele se sentia em casa e onde a sua mente podia vaguear à vontade sem se preocupar com a condução.

A quinta vítima do Estripador de Lisboa tinha sido encontrada num barracão no bairro da Bela Vista, em Santo António dos Cavaleiros, a cerca de um quilómetro do Hospital Beatriz Ângelo e a oitocentos metros da Decathlon e do Continente de Loures.

E a meia hora do campus do St. John's.

Passou pela zona comercial e internou-se numa zona despovoada, onde se avistavam os barracões cercados por veículos policiais com as luzes azuis ligadas como pirilampos a indicar-lhe o local onde fora encontrado o corpo.

Mais à frente, Leonardo virou para uma rua sem saída, ladeada por vegetação, que terminava numa área quadrada com vários barracões de tijolo.

À direita, avistou pilhas de tijolos novos e uma retroescavadora. O chão poeirento criava pequenas nuvens quando o vento soprava com mais força.

Estacionou o carro, retirou o fato de proteção, vestiu-o e apresentou-se ao guarda de vigia, passando o ponto de controlo e dirigindo-se para o barracão da esquerda. Este não tinha teto; estava a céu aberto. Tinha apenas quatro paredes e um buraco onde era suposto estar uma porta. O dia estava mais seco e ligeiramente mais quente. Com o Sol a começar a fase de descida, conseguiam não apanhar com ele de frente dentro das quatro paredes.

No centro, o cenário que habituou Leonardo nos últimos dias.

Uma mulher jovem deitada no chão, braços e pernas afastados, o corpo estripado e o pescoço com mazelas de estrangulamento.

Sentiu um baque no coração.

Por momentos, pareceu-lhe ver o rosto de Marta.

Mas não. A vítima era morena, com cabelo curto e franja. A poça de sangue era escura e rodeava-a em todos sentidos. Os seios tinham sido removidos e o abdómen estava exposto, avistando-se um enorme buraco vazio, sem órgãos nenhuns.

Uma vez mais, voltou a questionar-se como era possível o corpo estar estripado daquela forma e o rosto apresentar um ar tão pacífico, como se estivesse simplesmente a dormir.

Morrer era o mais fácil. Viver é que era difícil.

Cristóvão Martins chegou, entretanto, com o seu ar despistado, complementado pelo seu cabelo sempre despenteado e os seus óculos fundo de garrafa. O seu modo trapalhão de se mexer também ajudava a construir essa imagem ligeiramente divertida e deslocada daquela situação.

— Mais do mesmo? — perguntou, dirigindo-se para o corpo com a sua mala com equipamentos, ao passar pelo inspetor.

— Sim.

— Este sacana não para de matar raparigas — lamentou, enquanto circulava em torno do corpo, avaliando cada centímetro do que via.

Leonardo seguiu o trabalho dele com o olhar, até que foi atraído pela mão direita da vítima. A mão estava bem visível, apoiada no chão, mas os dedos pareciam afundar na poça de sangue, desaparecendo de vista. Estaria ali alguma depressão por onde os dedos se enfiaram?

— Já tiraram todas as fotografias, certo, rapazes? — perguntou para os dois

peritos da Polícia Científica que procuravam vestígios em todo o barracão.

— Sim, tudo feito.

Acercou-se da mão direita e, com as mãos enluvadas, pegou no pulso e ergueu-o, querendo ver a mão.

Os dedos estavam envolvidos com fita cola transparente, molhada de sangue.

Virou a mão.

Na palma da mão encontrou dois objetos.

Uma peça de xadrez, como já desconfiava.

Uma torre preta.

Entre a torre e a palma da mão, um papel embrulhado em celofane.

Fez sinal aos peritos e estes trataram de tirar fotografias e de remover os objetos acondicionando-os em sacos para vestígios com todo o cuidado que a situação exigia.

— É um QR Code, Leonardo — informou o perito que embalou a carta.

— Um QR Code?

— Sim. Vê.

Entregou-lhe o saco e Leonardo observou-o com atenção. A carta era apenas uma pequena folha com alta gramagem, espessa. De um lado estava liso, sem nada escrito. Do outro, um quadrado preenchido com pequenos quadrados pretos, de vários tamanhos.

Um QR Code, ou Código QR, era um conjunto de pontos a preto e branco com a capacidade de direcionar o utilizador para uma página específica na Internet, para fazer o download de uma aplicação ou simplesmente para agilizar o acesso do cliente à rede Wi-Fi. Tinha mil usos nos dias que corriam, mas poucos sabiam que o significado do QR era precisamente o que tornou este código de barras mais evoluído tão utilizado nos dias que corriam: *Quick*

Response, Resposta Rápida. Este «código de resposta rápida», apesar de ter sido amplamente utilizado na última década, foi criado há mais de vinte e cinco anos no Japão, com o intuito de catalogar mais fácil e rapidamente os produtos.

Ninguém adivinharia, no século passado, quando criaram este código, que o mesmo seria usado por um assassino em série para comunicar com os inspetores.

Os tempos mudavam.

Sem perder tempo, desbloqueou o seu telemóvel, ligou os dados móveis e a câmara fotográfica. Apontou-o ao QR Code e surgiu uma notificação para aceder ao site indicado pelo código. Leonardo premiu o ecrã e a câmara desapareceu, surgindo o browser da Internet, em branco enquanto pensava. Ali tinha pouca rede e a página estava a demorar a carregar.

De repente, a página desapareceu e foi aberta a aplicação do Youtube.

A conta era a mesma do áudio lançado na vítima anterior, conta essa que era impossível associar a alguém. Fora criada apenas com aquele intuito, sem informações verdadeiras e através de um computador protegido com um sistema VPN. Tanto quanto a Informática da PJ sabia, tinha sido criada em Hong Kong.

O título do vídeo era pouco revelador.

NOVA MENSAGEM DO ESTRIPADOR DE LISBOA

O ecrã a carregar, preto, iluminou-se ao surgir uma imagem do vídeo, com o símbolo play por cima, para que o utilizador pressionasse a fim de reproduzir o vídeo.

Quando se questionava se iria surgir o verdadeiro Estripador, o seu coração explodiu de medo. Na imagem representativa do vídeo, a chamada thumbnail, ou miniatura, estava Marta Mateus sentada numa cadeira, com as pernas e braços amarrados.

Ninguém conseguiu prosseguir o trabalho quando o inspetor gritou o nome da colega desaparecida, o rosto chocado, sem cor.

Colocaram-se todos atrás de Leonardo para verem o que se passava. Carregou no play e o vídeo começou. Surgiu Marta, com o rosto preenchido com nódoas negras, o cabelo ruivo emaranhado e sujo. O rosto com sulcos criados por lágrimas passadas.

Ao vê-la naquele estado e ao imaginar o que lhe poderia ter acontecido, a escuridão voltou a surgir no seu peito, desabrochando como se de uma flor da morte se tratasse.

— Olá a todos — disse ela, claramente a ler um texto colocado próximo da câmara. — Como devem ter percebido, estas duas últimas putas que matei não são prostitutas. Bom, de profissão não são, pelo menos. Mas são o que eu chamo de putas do digital. Adoram colocar fotos em trajes menores para se autopromoverem, para conseguirem mais seguidores e gostos nas fotos. A que ponto chegámos quando o nosso grau de validação depende do número de gostos numa foto? Sou melhor que tu se tiver mil gostos e tu apenas cinquenta?

Parou de ler para tossir, cuspindo sangue para o chão.

Cabrão. Quando o apanhar…

— Vivemos numa era de merda, onde o respeito por uma pessoa depende do número de seguidores, e onde damos voz a otários sem cérebro que são famosos por serem atraentes e com corpos trabalhados. Desde quando é que o exercício do corpo se tornou mais importante para emitir uma opinião do que o exercício do cérebro? Porque é que pessoas que são realmente inteligentes e que têm coisas importantes e úteis a dizer ao mundo, são os menos ouvidos e seguidos? Porque é que uma pessoa que não tem nada na cabeça tem mais direito à atenção e ver as suas opiniões ouvidas só porque fez figura de estúpida num reality show de merda da televisão?

Marta estava visivelmente debilitada e sem energia. Era ela a falar, mas não soava como ela.

Estaria Marta sob efeito de alguma droga para ficar mais suscetível e obedecer ao Estripador?

— Para mim, o mundo ideal é aquele em que as pessoas são famosas e reconhecidas pelo seu trabalho e talento, e não porque tiveram a sorte de nascer com a genética certa. E como o nosso querido inspetor da PJ, Leonardo Rosa, está longe de imaginar quem eu sou, creio que terei ainda bastantes vítimas à minha espera. Bem-haja a todas.

Lágrimas corriam pela face de Marta ao proferir o nome do colega, levando-o a emocionar-se em igual medida.

O vídeo terminou abruptamente. Ele tinha a certeza de que, dentro de minutos, aquele vídeo seria partilhado em todo o lado e nos canais televisivos. A conta do Estripador devia estar a ser controlada pelos média, que teriam aqui muito material para ganharem audiências.

O pior de tudo, é que seria Marta a dar a cara pela loucura do Estripador de Lisboa.

Foi nesse momento de pesar que recebeu a mensagem de Carlos a avisar da presença de Tomás Amaral no cemitério onde estava a decorrer o funeral de Liliana Noronha.

Bloqueou o telemóvel e guardou-o, abandonando o edifício de imediato. Preencheria o relatório assim que tivesse tempo.

— Avisa-me sobre qualquer novidade, por favor, Cristóvão!

— Podes contar comigo.

Despiu o fato, colocou-o num saco para o lixo e entrou furiosamente no carro.

A vista ficou turva, manchada de vermelho.

No seu pensamento já não estava Marta Mateus.

Existia apenas Tomás Amaral.

CAPÍTULO 82

CARLOS

A escola em peso estava reunida na cantina. Com mais de mil alunos inscritos, não foi de admirar que o espaço estivesse a abarrotar e muita gente se mantivesse de pé.

Todas as atenções estavam viradas para Manuela Trindade, que aguardava junto da porta de entrada que o silêncio absoluto se instalasse. Os lábios estavam apertados numa linha fina e carregada de aborrecimento.

Carlos e Ricardo estavam apertados junto à janela, na parede mais próxima onde se encontrava a diretora, pelo que a observavam de lado. Ricardo fora alvo de alguns olhares revoltados por estar a ocupar demasiado espaço e por incomodar algumas pessoas.

— Acredito que já todos sabem o que aconteceu com a Liliana Noronha — começou a diretora, com uma voz segura. — Não tolerarei atos obscenos no interior da nossa escola. Vocês querem manchar a nossa reputação? Neste mundo onde vivemos, a reputação é tudo! Lá fora, quando procurarem emprego, dizerem que estudaram na St. John's é motivo de destaque, dá-vos muitas vezes o direito de preferência sobre outros candidatos que se calhar até seriam mais indicados que vocês. Mas a nossa escola é um selo de qualidade na vida estudantil de um aluno. A Liliana gravava conteúdo pornográfico no nosso campus — gerou-se um pequeno burburinho; possivelmente ainda havia quem não soubesse —, mas felizmente, embora ainda estejamos a analisar todo o conteúdo publicado, não há evidências concretas de ter sido filmado aqui. O nosso nome não aparece uma única vez. Também não tolerarei que alunos que deveriam estar no campus, se escapem para desgraçar a nossa reputação no exterior da nossa escola.

Neste ponto, todos os olhares, incluindo o da diretora, fugiram para Tomás e o seu grupo, que se mantivera todo junto ao fundo da cantina.

— Sei de alunos que escapam do campus durante a noite e se vão divertir à grande lá fora, correndo o risco de serem identificados e de se saber que alunos da St. John's, que deviam passar a noite aqui em segurança, estão com prostitutas lá fora!

Perdigotos furiosos saltaram da boca da diretora ao dizer as últimas frases. O rosto ficara vermelho de vergonha perante tamanha irresponsabilidade dos seus alunos.

— Achava que estava a lidar com alunos competentes, responsáveis, educados. Afinal são todos iguais. Por isso, vou aumentar a segurança no campus. Mais ninguém conseguirá sair daqui a meio da noite. Caso volte a acontecer algo parecido, serão imediatamente expulsos sem qualquer hipótese de retorno. Fica aqui feito o aviso. Agora, vão jantar e quero-vos a todos nos quartos a seguir.

Ao abandonar a cantina, os alunos retomaram as conversas, inundando o espaço com uma barulheira de burburinhos e olhares.

Muitos alunos dispersaram, incluindo Tomás Amaral e o seu gangue.

— Espera aqui. Vai jantando que eu já venho — pediu Carlos.

— Que vais fazer, meu?

— Vou tentar a minha sorte.

Ricardo parecia escandalizado.

— Estás louco? Depois do que a diretora disse?

— Por algum motivo fui expulso da minha escola anterior. Não sou o melhor a seguir ordens, 'né? E faço isto também por ti, amigo. Já devias saber.

Ricardo assentiu de forma contrariada.

Carlos seguiu caminho e teve de ultrapassar vários alunos até alcançar Tomás.

— Ei, Tomás, podemos falar?

Ele parou e virou-se com sinais evidentes de alguma irritação.

— Que queres, meu? Só quero descansar, sim?

— Já soube o que vocês fazem com o vosso Clube de Dança. É uma fachada para irem às putas, não é? — Odiava-se por usar aquele termo depreciativo, mas tinha de se integrar.

— Sim, mas ouviste a diretora, certo?

Carlos sorriu para ele.

— E não me digas que vocês vão parar só porque a estúpida da diretora está chateada?

Abanou a cabeça, fingindo desilusão, e virou as costas, regressando por onde viera.

No entanto, nem dera cinco passos, quando Tomás se ouviu acima dos restantes.

— Espera aí, Carlos! Anda cá. Ainda não acabei.

Carlos regressou para junto do grupo, que o olhava com alguma aprovação.

— Estás disposto a arriscar a tua matrícula aqui para comeres umas gajas? — perguntou Duarte, dando-lhe uma palmada no ombro.

— Claro. Achas que fui expulso da escola anterior porquê? Por ser um menino bem-comportado?

Eles riram-se. Duarte, Chico, Diogo, David e Tomás. Todos eles estavam admirados com o espírito rebelde de Carlos.

— Gosto disso, meu — confessou Tomás, com sinais de aprovação dos restantes.

— Então, posso fazer parte do vosso Clube de Dança?

Tomás olhou para ele, pensativo.

— Sim.

— Boa. Como comunicamos?

— Calma — pediu Tomás, aproximando-se de Carlos e colocando um braço sobre os seus ombros. Caminharam de regresso à cantina e pararam à porta. No canto, à esquerda, Ricardo devorava o jantar com um ânimo impressionante, como se não tivesse acontecido desgraça nenhuma. Desfazia uma perna de frango na boca e chupava os dedos com voracidade.

— Há uma condição para entrares no nosso grupo.

— Qual?

No fundo, ele sabia que teria que ver com Ricardo. Fosse o que fosse, ele saberia que o que quer que Carlos fizesse seria sempre a bem da missão de ambos, de desmascarar Tomás. Neste caso, de o expulsar da escola em definitivo, já que a diretora levantara essa condição.

— Já vi que ficaste muito amigo do badocha.

— Sim, o Ricardo é um tipo muito porreiro. Muito inteligente.

— Sim, deve ser muito inteligente.

— E é.

— Pois, mas é um gordo de merda.

Os outros riram-se.

— Eu gosto dele. Aposto que seria um ótimo adversário no xadrez. Pelo menos já o vi jogar online no outro dia e parecia bastante satisfeito.

Tomás perdeu o seu sorriso.

— Chega de conversa. Se quiseres entrar no nosso grupo, tens de deixar de te dar com ele.

— Com o Ricardo?

— Sim.

— Tudo bem.

— E para fazeres parte do nosso grupo tens de alinhar no que nós lhe dizemos, percebes?

Carlos sentiu as mãos gelarem.

Ele teria de gozar com o Ricardo. Tinha de se rir das humilhações que os outros lhe faziam. Era um golpe sujo. Tendo em conta a falta de confiança que ele apresentava em si mesmo, podia acabar com ele de vez. Seria o fim da amizade deles.

Até que ponto iria destruir a sua alma em nome da missão de Leonardo?

CAPÍTULO 83

LEONARDO

No caminho para a escola St. John’s, a irmã de Leonardo, Mafalda Rosa, ligou-lhe, preocupada. Já vira o vídeo em que o Estripador de Lisboa obrigara Marta a passar uma mensagem dele para o mundo, ao mesmo tempo que era anunciado que ele tinha a inspetora em seu poder.

— Vou para Lisboa ainda hoje, maninho. Quero estar contigo neste momento difícil — dissera ela, num tom que afastava qualquer possibilidade de recusa por parte do irmão. — Sei que deves estar carregado de trabalho e de preocupações, mas de certeza que podes tirar um tempo para a tua irmã, certo?

Não tivera como recusar, mas conseguira que ela viesse apenas no sábado. Iriam jantar juntos. Para já, tinha tanta coisa para fazer que seria impossível vê-la. Entretanto, as contas bancárias de Tomás chegaram e deram negativo no que tocava a pagamentos à OnlyFans. No entanto, tendo em conta que era ele que filmava Liliana, essa informação deixara de ser relevante.

Chegou ao campus da escola e apresentou-se novamente ao segurança da entrada, mostrando o distintivo e entregando o cartão de cidadão. Estacionou o carro e dirigiu-se ao gabinete da diretora, que tinha sido prevenida da chegada do inspetor.

Passou por vários alunos, que o reconheceram imediatamente e que fez soar o alarme no campus. Mas ele não se importava que o temessem. Até era bom que o respeitassem.

Chegou ao gabinete da diretora e bateu à porta.

— Pode entrar, inspetor.

Leonardo entrou e trocou cumprimentos formais e desnecessários com Manuela Trindade, que estava notoriamente fragilizada com toda aquela situação.

— Imagino que queira falar com o Tomás Amaral — adivinhou ela, num tom calmo.

— Exatamente. E possivelmente com os do grupinho dele, mas o Tomás primeiro.

Ela assentiu e levantou-se da sua cadeira.

— Já o chamei ainda antes de o inspetor chegar. Pode ficar à vontade. Ele já vem.

Leonardo assentiu e aguardou que Manuela fechasse a porta para andar de um lado para o outro, a fúria a consumi-lo a cada segundo que passava. Ele tocara em Marta na noite anterior. Não tinha provas disso, mas pelo que ouvira pela escuta tinha a certeza. Ele ousara tocar na mulher por quem estava apaixonado; com quem começara a ter uma espécie de relação amorosa ainda não muito bem definida em termos oficiais, mas que estava a ir no bom caminho.

Deu várias voltas ao gabinete, voltando a observar as fotos dos prémios dispostos no armário de vidro. Demorou-se no prémio de xadrez ganho por Tomás no ano anterior e na fotografia dele com a diretora, o tabuleiro a ver-se em segundo plano.

O tabuleiro com o jogo que lhe dera a vitória.

Filho da mãe. Como é que este sonso que aqui parece apenas um nerd do xadrez é um depravado que mata prostitutas?

Pensamentos obscuros continuaram a inundá-lo, preenchendo cada célula com a escuridão que fora criada nas *Olimpíadas da Morte*. Sem Marta ao pé de si, receava não a conseguir controlar. Não queria perder o controlo, mas a situação estava a chegar a um ponto insuportável.

Filho da pu…

Parou tudo.

A fotografia. Ele. Manuela. O tabuleiro do jogo em segundo plano.

As peças dispostas no tabuleiro como o jogo terminara. O xeque-mate das peças pretas sobre o rei branco.

Ao lado, no tampo da mesa branca, estavam dispostas as peças pretas eliminadas durante a final. As peças sacrificadas para levar Tomás à vitória.

Peão. Cavalo. Peão. Bispo. Torre. Torre. Rainha.

Todos pretos.

Pegou no telemóvel e procurou a fotografia do quadro de cortiça, que ele tirara para o poder analisar longe da PJ. Fez zoom no post-it, que tinha o título «Peças de Xadrez», e leu o que estava por baixo.

Peão. Cavalo. Peão. Bispo. Faltava colocarem a que fora encontrada na quinta vítima. Torre.

Todas pretas.

Mas a surpresa não ficava por ali. Mais ao fundo, naquela fotografia, com um troféu na mão, encontrava-se uma rapariga. Leonardo aproximou o rosto estupefacto, focando a face ligeiramente desfocada daquela rapariga morena.

Arregalou os olhos, sem acreditar no que via. Aquela rapariga seria, ao que parecia, a que perdera na final contra Tomás no ano anterior.

Rapariga, essa, que um ano depois seria encontrada num barracão em Santo António dos Cavaleiros completamente nua, sem vida.

E estripada.

CAPÍTULO 84

MARTA

Sentia o corpo dorido, sem forças. A mente parecia-lhe toldada. Recordava-se de ter estado a ler um texto sentada numa cadeira, mas não se lembrava de nada que tinha dito. Teria sido um sonho?

— Onde… estou?

Tossiu, sentindo a garganta raspar. Cuspiu uma massa de sangue com saliva.

Tentou abrir os olhos, mas as pestanas pareciam pesar toneladas. Tentou situar-se.

Estava deitada no chão, o corpo estendido sobre palha e folhas secas. Mexeu-se, restolhando a cada movimento de arrasto das pernas e dos braços. Doía-lhe a cabeça e sentia o pescoço dorido, como se lhe tivessem pisado a traqueia. Sentia o canal respiratório mais apertado. Custava-lhe respirar com normalidade.

Sentou-se e, assim que a tontura passou, levantou-se. Com as mãos tateou à volta e encontrou uma parede. Arrastou-se até lá e encostou as costas.

— Está aí... alguém? — a pergunta saiu com falhas na voz, como se estivesse muito doente.

Tossiu um pouco. Essa tosse levou a uma tosse mais forte, levando-a a ficar quase sem ar e o rosto vermelho. Abriu os olhos. Não via nada, exceto ao longe. Avistou um pequeno quadrado por onde passava o que parecia ser luz noturna. Da Lua. Ali, perto de si, estava tudo embrenhado na escuridão. Reparou, por fim, que aquele quadrado de luz lunar lhe parecia recortado, aos quadrados.

À medida que os minutos passavam, o pensamento ficava mais claro.

Ela estava fechada ali, possivelmente trancada.

Era óbvio que, mesmo sem conseguir ver, estava presa.

Era uma prisioneira.

Do Estripador de Lisboa.

Cujas vítimas apareciam dias depois de elas desaparecerem do mapa.

Uma onda de pânico assolou-lhe o peito.

— Está aí alguém? — perguntou para o ar, aflita.

Como resposta teve apenas o silêncio.

— AJUDEM-ME! ALGUÉM ME AJUDE!

Tentou gritar o melhor que a garganta lhe possibilitava. A hipótese de estar à mercê do Estripador de Lisboa era aterradora. Saber em primeira mão os horrores por que ele fez passar as suas vítimas deixavam-na arrepiada só de imaginar que havia a hipótese de estar no mesmo lugar em breve.

— POR FAVOR. ALGUÉM ME AJUDE! ALGUÉM ME AJUDE!

— Escusas de gastar energias nisso. Ninguém te vai ouvir aqui.

O susto ao ouvir uma voz tão próxima de si foi tal que Marta caiu para o lado, embatendo com o rosto no chão cheio de palha. Tentou recompor-se e conseguiu levantar-se, de punhos erguidos, pronta a defender-se.

Mas a voz não era de Tomás.

Era de uma mulher.

— Quem… quem está aí?

Apenas a sua respiração acelerada preenchia o espaço em torno de si. Tirando aquele pequeno quadrado que trazia a luz noturna, não via absolutamente nada. Era horrível.

— Devo ser a próxima.

— A próxima quê?

— Ainda não percebeste o que está a acontecer, pois não?

— Diz-me tu. A minha cabeça ainda não está a cem por cento.

— Eu devo ser a próxima vítima. Que dia era na última memória que tens do exterior?

Marta não queria pensar sobre isso. O bordel. Tomás. Ele a tocar-lhe. A ser arrastada escadas acima. Uma pancada na cabeça que a deixou inconsciente.

— Era quase sexta-feira.

— Eu estou aqui desde segunda-feira.

Marta aguardou que ela continuasse.

— Ao pé de mim estavam duas mulheres, e essas já foram. A última saiu ontem; Bárbara, era o nome dela. Eu sou a próxima e tu deves ser a seguir a mim porque não há aqui mais ninguém. Somos só as duas.

— Mas o que está realmente a acontecer?

— Quem me dera saber.

Marta parou para raciocinar um momento.

— Com quem é que estavas antes de perderes os sentidos e acordares aqui?

— Estava com um homem que mal conheço.

Teria detetado alguma vergonha?

— És prostituta?

— Por quem me tomas?!

— Não é isso… Como se chamava esse tipo?

— Tomás Amaral. Eu… conheci-o no Tinder. Eu tenho uma jogada infalível, em que seleciono os homens que me parecem interessantes e vou mantendo conversa com todos, tipo superinteressada em cada um e no que têm para me dizer; depois, faço-me de difícil, como se o sexo nunca me passasse pela cabeça e fosse algo púdica.

— Porquê?

— Porque aí eles ficam loucos quando eu deixo que o sexo faça parte do menu. Sentem que estão a descobrir algo único, valioso, que mais ninguém teve. O sexo é fantástico, acredita. Eles esforçam-se muito mais.

— Mas não tenho boas notícias para ti.

— Então?

— Esse Tomás Amaral…

— O que tem? Foi esse cabrão que nos trouxe para aqui?

— Sim.

— Em que jogo doentio é que ele nos meteu?

— No pior de todos.

Ela calou-se.

— No fundo, eu sabia — admitiu a mulher. — Às vezes alguém vinha cá, retirava uma das miúdas e elas ficavam uma hora ausentes. Quando voltavam, vinham a chorar e mal conseguiam falar. Diziam que tinham sido violadas. Eu achei que isto era uma simulação, sabes? Que nos estavam a testar. A outra rapariga ausentou-se e veio da mesma forma, quebrada completamente. Continuei com fé que isto ia acabar e alguém ia aparecer com câmaras e dizer que era para os apanhados. Até já sabia o que ia fazer assim que saísse daqui: processar esses cabrões. Até que fui eu a ser chamada.

— O que aconteceu?

— Vendaram-me no escuro e levaram-me para um quarto. Quando estava à espera de que gritassem «surpresa!» ou algo do género, foi quando me tiraram a roupa e acabaram por me violar. Foi então que percebi.

— Foste apanhada pelo Estripador de Lisboa.

— Sim. A primeira rapariga voltou a ser levada, mas nunca mais voltou. O mesmo para a segunda rapariga. Por isso é que digo que a próxima sou eu.

— Então cada uma foi violada e depois é que desapareceram de vez?

— Sim.

Marta não conseguia compreender o que ganhava Tomás com isso. Quereria ele quebrar o espírito da sua vítima para ser mais fácil de a estripar?

Devia usar preservativo, porque não foram encontrados quaisquer vestígios de sémen até então nas vítimas que ela investigou. Nem tinham detetado quaisquer sinais de violação.

— Não foram detetados sinais de violação em nenhuma das vítimas…

— Porque elas ofereceram-se, achando que se fizessem sexo seriam libertadas. Eu já sabia o que me aguardava… deixei que acontecesse. Queria apenas que tudo acabasse rápido. Estava aqui há tanto tempo que estava sem forças…

Ser violada sem dar luta? Iria ela fazer o mesmo se chegasse a esse ponto?

Outro pensamento interrompeu o raciocínio da inspetora: já teria surgido outra vítima na sua ausência?

— Quando é que a última rapariga foi levada?

— Não sei especificar. Aqui é fácil de perdermos a noção do tempo.

— Mas está ali aquela janela. É fácil de ver quando está de dia ou de noite.

— Sim, mas ela está quase sempre fechada. Só abre em uma situação específica, que eu tenha percebido até agora.

— Que situação?

— Até agora, das três vezes que isso aconteceu, foi nos dias em que nos violaram.

— Então se agora a janela está aberta…

— Lamento muito… como te chamas?

— Sou a Marta — apresentou-se. — E tu?

— Sabrina.

CAPÍTULO 85

LEONARDO

Tomás entrou no gabinete ocupado por Leonardo, fechando a porta atrás de si, telemóvel na mão, sem um pingo de preocupação no rosto. Até parecia, na verdade, ligeiramente divertido.

— A que devo a honra desta visita tão inesperada?

Ainda com os detalhes descobertos na fotografia da vitória no xadrez bem presentes, sentia que as provas se acumulavam, deixando Leonardo sem dúvidas.

Tomás era o Estripador de Lisboa.

E estava prestes a matar Marta.

A estripá-la como às outras vítimas.

Imaginou Marta a ser tocada por ele, abusada por ele, estripada por ele.

A escuridão regressou ao seu peito, a visão turva de vermelho.

Furioso, contornou a secretária da diretora e aproximou-se de Tomás a passos largos. Agarrou-o pelo colarinho e empurrou-o contra a parede ao lado da porta, tirando-lhe o sorriso cínico da cara. Encostou o antebraço esquerdo contra a garganta para o imobilizar.

— Diz-me onde está! — vociferou.

— Quem?

— Tu sabes bem, não te faças de desentendido.

— Juro que não sei o que se passa.

— A mulher que usaste para dizer as tuas palavras nojentas, a mulher que usaste para espalhar a tua mensagem de ódio e de loucura pelo país.

Apertou com mais força o pescoço dele. Que mal faria se matasse o Estripador de Lisboa ali mesmo? Fazia um favor ao mundo.

— Está… a… magoar…-me.

Só então reparou em como o rosto dele estava vermelho, com laivos de azul. Aliviou a pressão, mas manteve a postura dominante e intimidadora.

Tomás tossicou um pouco e o sorriso cínico regressou.

— Sabe o mais giro das tecnologias? É que agora há sempre alguém a filmar o que se passa com o telemóvel. Como agora.

Confuso, Leonardo olhou em volta. Estavam sozinhos. Depois, seguiu o olhar dele para baixo e viu a mão de Tomás com o telemóvel apontado para eles. Não conseguia ver se estava a gravar porque era a câmara traseira que estava virada para eles, ficando o ecrã oculto.

Leonardo afastou-se e voltou para o outro lado da secretária. Precisava de ter algo físico a separá-los ou não sabia se se voltaria contra o jovem.

— Ontem não estiveste com uma prostituta ruiva? — perguntou, num tom mais calmo. Precisava da colaboração dele.

— Estive. Já todos sabem da nossa saída de ontem por causa do escândalo que o inspetor fez lá no nosso esconderijo.

— Onde é que ela está?

— Não sei.

— Onde estavas quando eu fui lá?

— Levei-a para o quintal, ela precisava de apanhar ar e eu sempre quis comer uma gaja ao ar livre. Dois em um.

A escuridão continuava a dominá-lo. Estava a ficar difícil de se controlar.

— Então porque é que não vos encontrei?

— Ouvimos um tiro e decidimos fugir. Não me parecia seguro ficar num sítio onde havia alguém com uma arma, ainda por cima com acesso a álcool e a… outras substâncias.

— Para onde foste, Tomás?

— Não tenho de lhe dizer. Tem algum mandado que me obrigue a falar?

— Foste a última pessoa conhecida que viu a Michele viva.

— Pelo amor de Deus, acha que sou burro? Eu já vi o vídeo que o Estripador de Lisboa publicou hoje. Pelas notícias que saíram depois, já sei que a prostituta ruiva é a inspetora Marta Mateus. Tinha uma inspetora infiltrada no meu esconderijo?

— Sim. — Não valia a pena mentir. — Agora, dizes-me onde a deixaste?

— Eu já lhe disse: quando ouvimos o tiro fugimos. Ela é bastante rápida e acabou por fugir para um lado e eu para outro. Quando se está bêbado, tende-se a reagir de maneira inesperada. A minha foi fugir e não querer saber de mais nada. Satisfeito? Não tive nada que ver com o desaparecimento da sua colega.

— Que me tens a dizer desta foto?

Tomás aproximou-se do armário envidraçado onde se encontrava o troféu de xadrez ganho por si no ano anterior. Admirou a fotografia com orgulho,

— É o troféu de campeão que ganhei no ano passado. Era um campeonato a nível nacional de escolas privadas. Venci contra uma rapariga do décimo segundo ano.

— Quem?

— É só consultarem o registo. Era uma Bárbara. Bárbara Costa, se não me engano. Grande jogadora de xadrez. Mas não tão boa como eu, como se pode ver.

Leonardo apontou o nome no quadro da sua mente e focou-se na entrevista.

— E aquelas peças de xadrez que ali estão ao lado do tabuleiro?

— São as peças que tive de sacrificar para vencer.

— Dizes bem. Tiveste de sacrificar essas peças para sair vencedor.

Tal como ele quer sacrificar as vidas daquelas mulheres para sair vencedor

sobre a Polícia Judiciária. Sobre mim.

— Tomás, eu sei de tudo.

Ele continuou a sorrir, mas parecia ligeiramente confuso, o olhar indo do inspetor para a foto e vice-versa.

— De tudo o quê? Das nossas saídas? Já toda a gente sabe.

— Não. Eu sei que tu és o Estripador de Lisboa.

A expectativa para a reação de Tomás, confrontado com aquela verdade, era muita.

Durante largos segundos, Tomás pareceu estar a processar o que ouvira. Franziu a testa e olhou para ele com um ar incrédulo.

— O que o leva a pensar isso?

— As peças de xadrez que tiveste de sacrificar para seres campeão são as peças de xadrez que deixaste em cada vítima. Queres passar a mensagem de que nos vais vencer, é isso?

— E mais?

— As primeiras três vítimas foram uma homenagem ao Estripador de Lisboa original, mas estas duas últimas são pessoais, uma vez que tinhas liberdade de escolher quem quisesses porque a homenagem tinha terminado. E quem escolheste? Liliana Noronha, uma rapariga com quem praticavas sexo ocasional e que até filmavas para ela fazer pornografia, e esta Bárbara Costa, a tua adversária no xadrez e que, quase que aposto, também deve gostar de mostrar o seu corpo nas redes sociais para gáudio dos rapazes. Imagino que tu não gostes disso.

Tomás voltou a sorrir de forma cínica.

— Isso é tudo circunstancial, imagino que saiba melhor que eu, não é? Não

tem provas contra mim, apenas teorias. E não há de ser uma teoria que me vai tirar o sono.

— Eu vou investigar-te a fundo, Tomás. Vou descobrir tudo. Tudo o que te levou a seres quem és hoje.

— E o que sou hoje? Um campeão?

— Um monstro.

O sorriso teve um momento de hesitação, suficiente para Leonardo se sentir impelido a continuar. Estava no caminho certo. Ao intimidá-lo daquela forma, podia levá-lo a precipitar-se e a cometer erros.

— Está errado em relação a mim.

— Veremos. Quero que fiques a saber que vou estar em cima de ti.

— Força. Não tenho nada a esconder.

Sem mais nada a dizer, Tomás quebrou o contacto e saiu do gabinete.

CAPÍTULO 86

LEONARDO

Estafado, Leonardo precisou de se sentar na cadeira da diretora do St. John's. O pânico e o receio pelo bem-estar de Marta, o confronto com Tomás e a realização de que ele era o Estripador de Lisboa, deixaram-no dominado pela sua escuridão. Precisava de se acalmar, de recuperar o controlo, de ser ele a mandar e não o seu lado negro.

Não podia cometer erros.

A vida podia ser injusta. Tinha confrontado o Estripador de Lisboa, tinha descoberto quem era, mas não podia fazer nada porque, infelizmente, ele tinha razão. Eram tudo provas circunstanciais. Nada que aguentasse em tribunal. Tomás nunca seria detido assim.

Precisava de mais.

Mandou mensagem a Carlos para vir ter com ele sem ser visto. Ele tinha de ter alguma informação importante que o ajudasse. Não podia ficar de mãos a abanar, parado.

Meia hora depois, Carlos abriu a porta e entrou no gabinete, no maior silêncio possível.

Leonardo levantou-se, contornou a mesa e deu-lhe um abraço forte. Se havia quem percebia o que ele estava a sentir, era ele. Precisava de ver um rosto amigo.

— Eu sei, Leonardo. A Marta foi raptada pelo Estripador. Achas que ela está bem?

— Eu quero acreditar que sim — respondeu, quebrando o abraço e sentando-se na beira do tampo da mesa —, mas só deve ter alguns dias, talvez uma semana, no máximo. Não temos muito tempo. Conseguiste alguma coisa com o Tomás? Eu consegui.

Nos minutos que se seguiram, explicou as provas que tinha contra ele e que o pintavam como o indiscutível Estripador de Lisboa. Carlos ficou impressionado.

— Eu estou prestes a conseguir entrar no grupo restrito dele.

— Em tão pouco tempo? Isso é ótimo!

— Ya, tive ajuda de um amigo.

— Ótimo amigo, então.

— Pois, é esse o problema.

— O que queres dizer com isso?

— Esse meu amigo, Ricardo, é obeso e sofreu de gordofobia a vida toda. Coitado, se há alguém que sabe o que é bullying é ele.

— E o que tem isso a ver? — perguntou, estranhando o rumo da conversa.

— O Tomás, como deves imaginar, é dos que mais goza com ele.

— Claro.

— E ele sabe da nossa amizade e quer que eu o humilhe em público para ter acesso ao clube deles.

Leonardo ficou pensativo.

— E se lhe explicares tudo antes de o humilhares?

— Isso era o que eu ia fazer, mas o Tomás disse que se não ficasse convencido de que ele tinha sido surpreendido, que não me deixava entrar.

— Merda. É um grande dilema, eu sei, mas Carlos…

— Sim, óbvio que a vida da Marta é mais importante que um amigo que conheço há menos de uma semana… Mas fiquei tão sensibilizado com a história dele…

— Temos todos de fazer sacrifícios. Tenho a certeza de que arranjarás forma de sair bem dessa.

Deu uma palmada amigável no ombro dele.

— Tenho a certeza de que ele vai perceber e perdoar-te.

Ele assentiu.

— Obrigado por tudo, tens sido incrível.

— Ainda não fiz nada.

— Não tens nenhuma informação sobre ele que me possas dar? Pensa em tudo, pode haver coisas insignificantes que são importantes. Preciso de algo em que pegar, ou ele nunca será preso.

Carlos ponderou com calma, revivendo as vezes em que esteve na presença de Tomás.

— Já te contei tudo. Contei sempre por mensagem. Quando souber mais, conto-te logo.

Leonardo anuiu, ainda que se avistasse uma pontada de desilusão.

— Combinado. Vai lá embora antes que suspeitem de ti.

Abraçaram-se novamente e Carlos dirigiu-se para a porta. Abriu-a, mas pareceu ter uma realização súbita. Virou-se de lado, a mão no puxador da porta.

— Pode não ser nada, mas no outro dia ouvi o amigo mais chegado dele, o Duarte, com quem o Tomás partilha o quarto, a dizer algo que não percebi muito bem.

Leonardo empertigou-se.

— Chuta.

— Acho que o Tomás tinha bocejado e parecia ter bastante sono.

— Claro, a passar parte das noites em claro — murmurou Leonardo.

— E esse Duarte disse que achava estranho ele estar com sono mesmo depois de lhe ter arranjado algo.

— Se calhar deu-lhe alguma medicação para insónias.

— Não sei, ele disse o nome, mas parecia inventado.

— Qual nome?

Carlos pensou arduamente.

— Acho que acabava em «-pressina». Tipo «Destopressina», «Demopressina», ou Deopressina. Sim, acho que ele disse «Deopressina». Em spray.

— «Deopressina» em spray? OK, vou investigar. Obrigado, Carlos. Até amanhã.

Assim que Carlos fechou a porta, Leonardo abriu a Internet no telemóvel e procurou o termo revelado pelo seu aliado.

Ao carregar em «pesquisar», o Google corrigiu a sua pesquisa.

«A apresentar resultados para «Desmopressina em spray.»

Devia ser isso. Clicou no primeiro link e procurou informação sobre esse medicamento.

Tratava-se de acetato de desmopressina e era utilizado essencialmente para tratar diabetes, enurese ou noctúria. Ia refletir sobre as implicações dessa nova informação, quando recebeu um telefonema do inspetor-chefe.

Atendeu de imediato.

— Alguma novidade, Teodoro?

— Sim. Já sabemos a quem pertence aquela moradia abandonada onde eles tinham instalado o bordel.

— Boa. A quem?

— Maria de Sousa Amaral e Alberto de Sousa Amaral.

— Esses não são…

— Os pais de Tomás. Precisamente.

CAPÍTULO 87

MARTA

O tempo na escuridão parecia não passar. Já seria sábado? Domingo?

Por incrível que parecesse, ao ponderar que podia ser segunda-feira, o único pensamento que lhe ocorreu era que nesse dia Leonardo ia enfrentar a justiça em definitivo. Ia ser lido o acórdão e ficaria a saber o seu futuro. Ela nem queria acreditar que não ia estar com ele nesse momento tão importante da sua vida.

— Sabrina, estás aí?

O silêncio que se seguiu deixou-a aflita. Sem a presença da outra mulher, onde quer que fosse que ela estivesse, a solidão era ainda maior.

— Sim, estou.

A voz, embora melancólica e triste, deixou-a aliviada.

— Sabes onde estamos?

— Ainda não exploraste o espaço?

— Não, ainda me sinto um bocado combalida.

— É da droga. É normal. Eu também demorei um bocado a assentar.

— Então, sabes onde estamos?

— Não faço ideia. Só sei que cada uma de nós está numa cela individual.

— Numa cela?

— Sim, experimenta levantar-te e dar uma volta pelo espaço.

Marta aquiesceu, como se Sabrina a pudesse ver, e levantou-se, com um gemido de esforço. Sentia o corpo dorido, incluindo as coxas. Com os pés a arrastar palha a cada passo, os braços estendidos à frente e as mãos abertas, avançou com receio.

Deu alguns passos, até que tocou em algo metálico. Uma barra. Andou para a

esquerda e foi descobrindo mais e mais barras de metal verticais, cruzadas com várias na horizontal, perfazendo uma grade que seria intransponível.

Deu a volta completa, notando que na parede de trás era apenas tijolo e cimento.

— Merda.

— A quem o dizes.

— Como é que podemos sair daqui?

— Não podemos. Eu já tentei de tudo, mas faz o favor de tentar. A tua cela pode ter alguma fraqueza que a minha não tenha.

Marta começou a abanar as grades com violência, abanando e dando um passo ao lado, abanando novamente e dando novo passo, e por aí fora até completar o semicírculo em torno da parede traseira.

Sentiu pânico nascer à boca do estômago e ameaçar despejar todo o seu conteúdo. Não podia acreditar que estava com a sua vida em risco.

Como é que o Leo aguentou e enfrentou as Olimpíadas da Morte*, sabendo que a probabilidade de morrer era bem mais elevada? Eu mal me aguento aqui… Não admira que ele sinta que algo mudou nele. É uma sensação horrível.*

Não aguentou mais. Teve apenas tempo de se aproximar da grade e de vomitar para além da mesma, um gemido gutural a acompanhar o reflexo de vómito.

— Não te sintas mal. Aconteceu com todas nós. Estás apenas a digerir a droga e a aperceber-te da merda onde te encontras. É normal.

Marta limpou a boca e o nariz à manga da camisola, sentindo-se enojada com o cheiro.

— Como é que consegues estar tão calma?

— Já tive tempo para me mentalizar de que vou morrer aqui.

— Temos de dar luta, não podemos baixar os braços. Deve ser isso que eles

querem ao pôr-nos aqui: quebrar o nosso espírito para fazerem connosco o que quiserem.

— Então a missão deles teve sucesso. Só quero que isto acabe, sabes? Sei que vou morrer, mas a incerteza sobre o quando é que me lixa…

Um assobio surgiu ao longe, como se viesse dos confins de um túnel.

— Ele vem aí.

O assobio era tranquilo, como se alguém estivesse a dar um passeio primaveril pelo parque e estivesse bem com a vida que tinha construído. O som aumentava progressivamente.

Ao longe, perto da janela por onde se avistavam resquícios da Lua, uma bola de luz remexia-se, frenética. Era o foco de uma lanterna.

— É… ele? O Estripador de Lisboa?

— Sim. Das duas uma. Ou vem-me buscar para me matar. Ou então…

Sabrina deixou o resto da frase em suspenso, mas a inspetora sabia bem o final desse pensamento.

…*vem buscar-me para me violar*.

CAPÍTULO 88

LEONARDO

Sexta-feira à noite era, por si só, a noite mais movimentada no país. Com o fim de semana inteiro pela frente para curar qualquer tipo de ressaca e com a semana de trabalho a chegar ao fim, era a noite perfeita para a desbunda total. Era impecável para nos esquecermos dos nossos problemas e viver aquela noite como se fosse a última em vida.

Não foi, por isso, de estranhar o espetáculo que avistou quando virou para a Alameda Edgar Cardoso e parou o carro no topo. Tinha uma vista privilegiada das movimentações alameda abaixo. Saiu do carro, trancou as portas e, como Marta fizera naquela semana, palmilhou calmamente cada metro da rua com falsa tranquilidade.

Ia ser difícil encontrar quem procurava.

Parecia estar a assistir a um espetáculo qualquer, perfeitamente coreografado.

Veículos paravam em frente às prostitutas durante uns segundos enquanto conversavam, para depois ela entrar e o carro arrancar; homens, a pé, que se aproximavam de outros homens que aparentavam ser demasiado novos para serem considerados homens sequer; casais que levavam uma prostituta com eles pela mão. Havia de tudo.

Com as descrições elaboradas por Marta bem presentes, analisou cada mulher por que passava, até então sem sucesso.

— Olá, borracho, andas à procura de passar um bom bocado? Posso levar-te ao céu num instante — meteu-se uma prostituta travesti.

— Desculpa, não fazes o meu tipo. Mas obrigado na mesma.

— Eu logo vi, borrachinho. Era bom demais.

Ele sorriu, mas continuou a andar alameda abaixo.

A prostituição não era ilegal em Portugal, embora não houvesse propriamente

uma legislação. Portanto, era estranho e fascinante assistir à palpitação de tanta vida naquela rua que ele conhecia por ser tão familiar e inocente.

Demorou duas horas, mas por fim encontrou uma das pessoas que procurava. Saiu de um BMW de gama alta, lançando um beijo no ar para o condutor enquanto este arrancava, regressando à sua vida normal.

— Katya?

A prostituta virou-se de repente, estranhando ser abordada por um homem a pé; ela, que estava sempre atenta ao surgimento de carros.

— Um bocado tarde para a infantaria, não?

— Desculpa?

Ela revirou os olhos.

— Esquece. Que queres? Oral, vaginal, anal?

Leonardo sentiu-se enrubescer, mas não se deixou intimidar pelo à-vontade com que Katya falava de sexo.

— Calma… como sabes o meu nome? Já fodemos? Desculpa se não me lembro de ti, mas sabes como é, muitos homens e muitas das vezes não é para a cara que eu fico a olhar — disse, sorrindo sedutoramente.

— Não é nada disso.

Ela esboçou uma expressão de profunda estranheza e parou o ato de sedução, mostrando-se, até, enervada.

— Se não vieste por sexo, vieste porquê? Não tens aqui muita oferta além desta, amigo, não sei se reparaste.

— Vim aqui por causa da Michele.

Ela aproximou-se e olhou-o com mais atenção.

— Tu és o… da PJ!

Leonardo assentiu, tocando-lhe no braço e levando-a para perto de uma árvore mais atrás, longe do rebuliço, para não serem incomodados.

— Como é que ela está?

— Não sei.

— Eu vi o vídeo do Estripador de Lisboa. Não se falou de mais nada no início desta noite. A Michele é tua colega. Marta Mateus. Inspetora de homicídios. Caraças, ela dava uma excelente prostituta!

— Preciso de um favor teu.

— Por ela, qualquer coisa.

— Preciso que tu e todas as prostitutas que por aqui andam fiquem com o meu contacto e me avisem se suspeitarem de que foram levadas pelo Estripador de Lisboa ou se virem algo suspeito.

Katya ficou séria, apercebendo-se da gravidade do problema que o trouxera ali.

— Não sei… elas não se sentem à vontade com vocês…

— Eu compreendo perfeitamente, mas toda a ajuda é bem-vinda. Apesar da Marta… da Michele, não ser uma prostituta de verdade e de ter inventado tudo, o coração que viste era o dela. Temos de a encontrar ou ela… pode morrer.

O ar suplicante de Leonardo funcionou.

— Tudo bem. Vou falar com a Madame e outras das mais antigas. Elas vão conseguir influenciar as restantes.

— Perfeito. Muito obrigado, a sério. Espero que a tua filha tenha tão bom coração quanto tu — desejou, estendendo a mão com cinquenta cartões de visita com o seu contacto telefónico.

Katya sorriu e aceitou.

— Não queres pagar-me um sexo oral, pelo menos?

— Mas não aconteceu nada, só ficámos a falar.

— Tempo é dinheiro. Podia ter sido paga por um cliente neste tempo.

Leonardo resignou-se, remotamente divertido com a postura dela e retirou a carteira do bolso, procurando a zona das notas.

— Quanto levas por uma oral?

CAPÍTULO 89

MARTA

A janela, ao fundo, mantinha-se aberta, mas não ajudava a descortinar praticamente nada. Pela palha no chão, e pelo cheiro que captava, parecia estar numa espécie de celeiro. Seria aquilo um celeiro abandonado e reaproveitado pelo Estripador de Lisboa para manter as suas vítimas prisioneiras, sob o seu controlo, antes de as assassinar, como porcos em fila para o matadouro?

A lanterna, carregada por uma pessoa que se mantinha oculta, caminhava decididamente na direção dela. A bola de luz que a lanterna projetava no chão revelava apenas um piso semelhante ao que ela imaginava ser o da sua cela. Chão de terra consolidada com bastante palha a cobrir cada centímetro quadrado do espaço.

Os passos eram uma sentença de morte e aceleravam cada vez mais a pulsação de Marta. O que iria aquela pessoa fazer?

Segundos depois, a lanterna estava perto da sua cela. Então, a luz projetou-se para cima, revelando o rosto da pessoa. Marta não conteve um grito estridente ao ver uma máscara feita de couro que cobria toda a cabeça, com um enorme bico a dominar a visão. Era como a máscara usada nos tempos da peste negra. Naquele cenário, era uma imagem arrepiante.

— Quem és tu?

A pessoa pousou a lanterna no chão, iluminando vagamente a sua cela. Apercebeu-se, então, que o mascarado, vestido com uma capa que ocultava o seu corpo, emprestando-lhe ainda mais misticismo, tinha um tabuleiro com comida. Abriu uma pequena portinhola na grade junto ao solo e empurrou o tabuleiro pelo chão, fechando-a de seguida.

No tabuleiro, avistou um pão seco, uma garrafa de água de plástico e uma maçã. Nenhuma faca, nada que pudesse usar como arma.

— Não me podes dar um copo?

Com um copo, podia parti-lo e usar as lascas de vidro como arma.

O mascarado pegou na lanterna, virou costas e caminhou alguns metros para o lado, estendendo outro tabuleiro quatro celas adiante. Ao pousar a lanterna novamente, Marta conseguiu ver Sabrina. Era uma mulher mais nova que a inspetora, o cabelo dourado bastante sujo. O rosto era sofrido, escondendo uma beleza natural que era palpável.

Era o rosto de quem tinha sido quebrado por dentro.

Depois de fechar a portinhola com a comida, o mascarado, sem dizer uma única palavra, retomou o caminho por onde tinha vindo, desaparecendo ao fundo, próximo da janela.

— Ao menos somos alimentadas — comentou Marta, palpando o tabuleiro e pegando no pão, que estava um pouco duro, mas comestível. Estava faminta, reparava agora.

— Sim, mas só para os interesses deles. Querem manter-nos vivas para abusarem de nós.

— Deles? Plural?

— Sim. São pelo menos duas pessoas que trabalham aqui.

Marta ficou intrigada. O Estripador de Lisboa tinha ajuda de outra pessoa.

CAPÍTULO 90

LEONARDO

Ligou para o telemóvel de Marta pela milésima vez. Pela milésima vez, foi diretamente para o voice mail. Estava desligado, indisponível.

Nada mudaria nesse aspeto, ele estava certo disso.

Mas tinha de fazer alguma coisa. Precisava de sentir que não estava parado.

Parar era morrer. Neste caso, podia ser literal.

Regressava a casa com um peso enorme nos ombros, os olhos raiados de sangue e o peito mais aliviado da sua escuridão, que lhe dera algumas tréguas.

Agora que eles admitiram o que sentiam um pelo outro é que o destino os voltava a separar. Desta vez, era ela quem estava desaparecida e ele quem teria de fazer tudo para a encontrar. Da última vez, Marta fora bem-sucedida ao salvá-lo na Madeira.

Bateu no volante com o punho cerrado.

Ele também a iria salvar. Tinha de a salvar.

Nem queria imaginar como seria a sua vida se a perdesse para o Estripador de Lisboa.

Para Tomás Amaral.

No dia seguinte iria falar com os pais. Se ele era assim tão psicopata, deve ter tido indícios na infância. O segredo podia estar no seu passado. E ele ia desenterrá-lo.

Para já, queria apenas chegar a casa, limpar a colostomia, tomar um duche e dormir. Precisava tanto de dormir. Sentia-se esgotado, à beira de um colapso físico.

Mas o destino parecia não estar inclinado para lhe satisfazer esses desejos para já.

O telemóvel tocou, enchendo o seu carro silencioso de esperança. Atendeu sem ver quem era, os olhos focados na estrada.

— Estou, sim?

— Estou, Leonardo? Desculpa ligar-te a esta hora…

A voz, tremida e insegura, pertencia à mãe do seu filho Raul.

— Laura? O que se passa?

— Eu… não te queria ligar, mas não tenho ninguém perto.

O coração saltou-lhe para as mãos.

— Que aconteceu? Respira com calma e fala de forma que eu perceba.

— Não sei, sinto-me nervosa e… perdi um bocado de sangue. Acho que estou a ter um ataque de ansiedade e o sangue não ajuda nada.

— Vou já ter contigo. Foca-te na respiração.

— Não desligues a chamada. Fala comigo.

— Tudo bem.

Guinou o carro numa saída para a A2 sul e acelerou, aproveitando que não havia praticamente veículo nenhum nas estradas àquelas primeiras horas da madrugada de sábado.

Passou a ponte quase no dobro da velocidade limite e chegou ao coração de Almada em poucos minutos. Ao passar o edifício da Câmara Municipal, virou à direita e estacionou em cima do passeio, os quatro piscas ligados.

Saiu do carro, trancou-o e correu para o prédio, cuja porta já tinha sido aberta por Laura, que já estava cá em baixo para seguirem para o Hospital Garcia de Orta.

— Leonardo, tão bom ver-te. Achas que aconteceu alguma coisa ao Raul? Ele não se mexeu desde que perdi sangue…

As suas lágrimas eram, agora, copiosas, o rosto molhado de sofrimento. Leonardo focou-se apenas em acalmá-la enquanto a levava até ao carro e a ajudava a sentar-se no banco do pendura. No entanto, por dentro estava despedaçado. Não era com aquela mulher que desejava ser pai, mas já tinha criado inúmeras fantasias na sua cabeça com Raul. Já tinha imaginado o seu aspeto, os seus bracinhos pequeninos, as mãos minúsculas, uma autêntica miniatura de si próprio, com um toque do exotismo de Laura.

A ideia de ser pai era cada vez mais forte e desejada por si. Tal como ficaria despedaçado se algo acontecesse a Marta, também sentia que morreria se Raul não resistisse. Já tivera sonhos vívidos em que ele e Raul iam ao estádio do Dragão ver o FC Porto, vestidos da cabeça aos pés de azul e branco, ou que iam à praia e ele o ensinava a nadar e a respeitar o mar, ou quando ele estava com dificuldades em dormir e ele se sentava ao seu lado, com toda a paciência do mundo, e ficava horas a ler-lhe histórias.

Iriam todas essas fantasias ficar por se cumprir?

Chegaram às urgências do Garcia de Orta e Leonardo deixou o carro estacionado onde não era suposto, mas garantindo que não perturbava a passagem de ninguém.

Foram para o interior e relatou ao segurança da entrada o que se tinha passado. Quinze minutos depois, estavam num gabinete, sentados lado a lado e de mão dada, frente a um médico obstetra que calçava umas luvas cirúrgicas.

— Dispa-se e deite-se na marquesa, Laura, por favor.

Ela assim o fez, e deitou-se com as pernas afastadas pousadas nos apoios próprios.

— Acha que é grave, doutor? — a voz de Laura continuava tremida, carregando toda a angústia e receios do que pudesse acontecer.

— É relativamente normal haver algum sangramento. Está de quantas

semanas?

— Estou nas dezoito semanas. Quase nos cinco meses.

— É normal até às vinte semanas. Em princípio não será nada, mas fizeram bem em vir.

— Quão normal? — quis saber Leonardo, de pé ao lado de Laura, a mão dada.

— Trinta por cento.

— E dessas, quantas costumam resultar em aborto espontâneo do bebé?

O médico, um homem jovem com um ar bastante profissional e sério, parou o que estava a fazer para lhes falar.

— Metade.

— Merda — expeliu o inspetor, acompanhado pelo choro sofrido de Laura.

— Qual pode ser a causa mais comum deste sangramento?

— Deixe-me ser eu a colocar as questões. Tenho várias para fazer à mãe.

— Diga-me só qual a causa mais comum, doutor.

— Ele é inspetor, desculpe-o por exigir respostas, doutor.

— Eu sei. Estou familiarizado com o que passou nas *Olimpíadas da Morte*. E agora com o Estripador de Lisboa…

— Não desvie o assunto.

Ele deixou cair os ombros, percebendo que só poderia avançar se lhe respondesse.

— O aborto — ao ver como eles ficaram perdidos, acrescentou: — mas depende do sangue e da quantidade. Daí as minhas questões.

— Força, doutor.

Nos minutos que se seguiram, o médico questionou Laura sobre o seu histórico médico para avaliar o risco de ela abortar, perguntou sobre o aspeto do

sangramento, a nível de quantidade, cor, se tinha coágulos ou era mais líquido; Laura revelou que achava pouco sangue, que não tinha coágulos, a cor era clarinha e que não tinha dor.

O médico pareceu-lhes mais otimista e procedeu ao exame físico, verificando a febre, a pressão arterial, seguindo-se o exame pélvico para verificar o colo do útero, possivelmente para verificar alguma anormalidade que indicasse a causa do sangramento.

— Não vejo sinais nenhuns de aborto. A mãe não tem febre, a perda de sangue foi mínima a avaliar pelo colo do útero, não houve rompimentos nem há tecidos detetados. Parece-me tudo normal consigo.

— Não pode fazer uma ecografia?

— Claro. É o que vou fazer agora. Primeiro avaliei a mãe, agora vamos ver o vosso filho. Como se chama?

— Raul.

— Então já sabem que é um menino. Muito bem.

O médico debruçou-se sobre o aparelho de ultrassonografia e clicou em alguns botões para o preparar. Depois, como já estavam habituados a ver, depositou gel ecográfico no ventre arredondado e movimentou, de seguida, o ecógrafo com destreza até encontrar o filho do casal.

Os pais de Raul olharam para o ecrã, ainda a preto, ansiosos por verem Raul e, principalmente, verem o seu coração a bater. A imagem ganhou vida e muitos tons de cinzento e branco. De repente, viram Raul de perfil, a cabeça, o início da coluna e o peito. A imagem transformou-se e focou-se no tórax. No centro, viram algo palpitar com uma elevada frequência.

— O coração do Raul está a bater. Parece-me tudo bem com ele. Agora sustenha a respiração e não se mexa durante uns segundos…

Surgiu, então, o som cadenciado e rápido do batimento cardíaco de Raul. Os

olhos de Laura e de Leonardo ficaram molhados e lágrimas de felicidade escorreram pelos rostos.

Raul estava bem. O filho deles estava bem.

Estava vivo.

— Que alívio, Leonardo. O nosso bebé está bem.

— Pois está… — não conseguiu dizer mais nada, a voz embargada de emoção, um nó apertado na garganta a não o deixar falar.

Só naquele momento percebeu o que era ser pai. Percebeu que daria a sua vida pela de Raul se fosse necessário. Nunca sentira nada assim e isso assustou-o.

Sabia que faria de tudo para que aquele rapaz crescesse de forma saudável.

— Já estão mais aliviados, pais?

— Muito mais, doutor!

— Bom, notei que a sua pressão arterial estava um pouco em baixo.

— Eu tomo medicação para controlar a minha ansiedade. No passado sofri de depressão pós-parto e estou a fazer de tudo para que não volte a acontecer.

— Pelo que vi aqui, diria que este bebé vai ser muito amado pelos pais. Se fosse a si, não me preocupava tanto com isso e focava-me mais em fazer exercícios que lhe proporcionem bem-estar.

— OK, vou fazer isso.

— Pelo que me descreveu, a causa deste sangramento pode ser uma inflamação na vagina, ou no colo do útero ou alguma laceração de menor importância. São coisas que saram com o tempo e que pelo exame físico confirmei que não coloca o bebé em perigo. Aconselho é que seja vista pela sua médica obstetra e que seja observada com frequência nos próximos tempos, para confirmar que é apenas isso e nada de mais grave.

Seguiram-se mais alguns conselhos do médico, imensos agradecimentos por

parte dos pais e saíram do Hospital mais aliviados que nunca.

— Meu Deus, que susto. Achei mesmo que o nosso Raul não tinha sobrevivido…

Leonardo abraçou-a no exterior do edifício, ainda sem conseguir falar sem desabar ali mesmo.

— Posso pedir-te um favor, Leonardo?

Ele anuiu, enquanto se dirigiam para o carro e se instalavam.

— Não te importas de passar esta noite comigo? Eu não tenho segundas intenções, juro — acrescentou, ao ver o ar do inspetor. — Só que… estou demasiado nervosa com isto tudo, com o avanço da gravidez. Dormes no sofá, não precisa de ser comigo, só quero sentir-me segura contigo em casa. Tenho medo que volte a acontecer algo do género e não saiba lidar com isso…

Leonardo arrancou do Hospital e pensou durante um bocado.

— Tudo bem. Durmo no sofá.

— Desculpa, já sabes que não me quero meter mais entre ti e a Marta. Quero que sejam felizes, sabes disso, não é?

— Sei, sim — sorriu.

— Só quero é que o Raul nasça saudável. Mais nada me importa, não quero mais dramas na minha vida, que para isso já chega termos um recém-nascido nos braços.

Passaram pela farmácia para comprar os medicamentos que o médico prescrevera para estancar a hemorragia e tratar da inflamação.

— Já agora, marquei uma ecografia 4D para domingo de manhã — anunciou Laura, mais bem-disposta, quando estavam a chegar à sua casa. — Gostavas de ir? Se a tua irmã vem cá este sábado, ela que fique para domingo e vê a ecografia connosco. Que te parece?

Leonardo olhou para ela e sorriu, num misto de alívio e felicidade por ver como ela tinha evoluído como pessoa. Ia ser uma ótima mãe para o Raul.

— Não ia perder isso por nada deste mundo.

CAPÍTULO 91

CARLOS

Acordou naquela manhã um pouco nervoso. Apesar de dormir sempre maravilhosamente bem, até bem demais para o que estava habituado, principalmente para quem passara meses na prisão, naquele sábado despertara consternado.

Tinha decidido humilhar Ricardo ao pequeno-almoço. Antes de adormecer que nem uma pedra, pensara em piadas foleiras para dizer em público e fazê-lo sentir-se mal. E isso fazia-o sentir-se fisicamente doente. Ele não era assim. Não maltratava os amigos.

A que preço estava disposto a vender a sua integridade?

Não haveria outra forma de conseguir acesso ao Clube de Dança e poder, assim, reunir provas contra Tomás de que era ele o Estripador de Lisboa?

Caminhou para a cantina como quando caminhara para a sua cela no Estabelecimento Prisional, a sentir-se um caco, péssimo e desesperado.

Ricardo já lá estava, com dois tabuleiros cheios de comida à frente, como se estivesse num buffet de hotel. Ao vê-lo entrar, acenou para que ele se lhe juntasse na mesa para tomarem o pequeno-almoço juntos.

Mas Carlos não tinha fome. Ponderou ir buscar comida primeiro, para ganhar algum tempo, mas não seria capaz de escolher fosse que comida fosse com aquele nó no estômago.

Ao fundo, no canto ao pé da janela do lado esquerdo, avistou Tomás, que lhe fez sinal de que estava na hora de cumprir a parte dele a fim de poder entrar no clube.

Carlos assentiu, nervoso, e caminhou na direção do amigo, passando por vários grupos de alunos a conversar de forma animada, em contraste com a forma como ele se sentia por dentro.

— Olá, Carlos! Hoje temos croissants quentinhos, tens de os comer antes que arrefeçam. Estão deliciosos — entusiasmou-se, a boca cheia e migalhas a voarem pela boca.

O ar animado com que ele lhe falava ainda o fazia sentir-se pior. A confiança que ele depositava em si, para estar à vontade, sem se sentir mal por comer tanto, era uma facada nas suas intenções. Mas pensou em Marta e percebeu que tinha de o fazer. Tinha de o humilhar. Precisava de provas que emprisionassem Tomás e precisava de saber onde mantinha ele a inspetora cativa contra a sua vontade. A vida dela podia depender de si.

— Não queres pôr uma venda, Ricardo? — perguntou, num tom alto o suficiente para começar a chamar a atenção dos outros alunos.

Ele pousou um resto de panqueca e olhou para ele, confuso.

— O quê?

— É melhor comeres vendado, pá.

— Porquê? — o seu olhar, apesar de tudo, dizia claramente: «que estás a fazer?».

— Porque, a comeres assim, vais ter um enfarte.

— E o que tem a venda a ver com isso?

— Estou só a ajudar-te. É só porque o que os olhos não veem, o coração não sente!

Ricardo ficou paralisado, sem acreditar que Carlos estava a dizer piadas gordofóbicas, mas ele olhava para as pessoas à volta e estas riram-se de forma contida.

— Mas no fundo até percebo que não te importes de ser assim supergordo. Afinal, mais vale aproveitar agora porque vamos ter a eternidade para sermos apenas ossos! Aqui o nosso amigo Ricardo é que a sabe toda, estão a ver?

O nível de gargalhada aumentou um pouco, de forma proporcional com o interesse dos colegas, que era cada vez maior.

— Eu só te conheci há pouco tempo, mas há quem diga que antes tinhas um lado mais doce sabes? Porque é que tinhas de o comer?

As gargalhadas soaram pela cantina, cada uma um soco no estômago de Carlos, que tentava manter o ar gozão para Ricardo, como se estivesse realmente a divertir-se..

— Porque é que estás a fazer isto? Pensei que estivesses do meu lado…

O olhar de Ricardo passou de confuso para muito pior. Desilusão.

— Tu adoras tanto comida, que o teu super-herói só pode ser o supermercado!

Toda a gente se riu daquela piada seca, aumentando a humilhação de Carlos.

— És tão gordo que quando dás um mergulho na praia acionas o alarme de tsunami! — gritou alguém do grupo de Tomás, provocando mais gargalhadas.

— És tão gordo que quando tiras foto de família és o cenário todo!

Mais gargalhadas, mais humilhação, maior desilusão no olhar.

— És tão gordo que quando te vais pesar, a balança diz: «um de cada vez»!

— És tão gordo que quando levas camisolas para a lavandaria, eles dizem que não tratam de cortinas!

Os olhos de Ricardo começaram a formar lágrimas, que ele tentava reprimir a todo o custo.

— Uh-oh! — alertou Carlos. — Cuidado que ele está tão chateado que é bem capaz de vos meter num pão e comer! Deviam era seguir o lema dele: não deixem para amanhã aquilo que podem comer hoje.

— Ámen! — gritaram vários alunos, toda a atenção naquele jogo de provocações.

— Mas vá, não sejamos tão maus com ele. Sabem qual é lado bom de se ser

gordo?

Ninguém sabia.

— Nenhum, que eu saiba as bolas não têm lados!

Os risos eram, agora, barulhentos, selvagens, e estavam a mexer com Ricardo, que começava a chorar copiosamente, quebrando o coração de Carlos em mil bocados. Traíra a confiança dele da pior maneira.

— Mas o Ricardo tem um espírito aventureiro, atenção. Não sejamos injustos. Ele mete-se em cada uma! O problema é sair, coitado. Fica preso. Aliás, sentar em cadeiras de plástico é a maior aventura que ele pode ter na vida!

Ricardo levantou-se, o rosto um desespero total. Pegou numa panqueca e atirou-a contra Carlos, que não evitou que a comida lhe fosse ao rosto. Ele sabia que merecia aquilo e muito pior pelo que acabava de fazer ao amigo.

Toda a cantina se desmanchou a rir enquanto Ricardo corria pelo corredor até desaparecer porta fora, deixando toda a gente a falar sobre como ele era gordo.

Toda a escola é gordofóbica e eu pus mais achas nesta fogueira.

Sem dar por ela, estava rodeado pelo gangue de Tomás, que à vez lhe bateram em sinal de companheirismo.

— Nunca pensei divertir-me tanto nesta altura — confessou Tomás, impressionado pelo feito de Carlos. — Aquele badocha já estava demasiado à vontade com o seu corpo. Fizeste muito bem em colocá-lo no seu devido lugar.

— Pode ser que abra os olhos e emagreça. Será um favor que lhe fizeste, hã? — disse Duarte, rindo-se de forma perdida.

— Parabéns — congratulou Tomás, estendendo a mão para Carlos. — É com prazer que te anuncio como o novo membro do nosso clube. Em homenagem a ti, hoje vamos às putas.

Um ror de urros e murros na mesa seguiram-se ao anúncio.

— Com a segurança mais apertada, como vamos fazer?

— Meu amigo, tens muito que aprender. O segurança noturno da escola come da minha mão. Não são as ameaças da diretora que nos vão impedir de nada, garanto-te!

— Oh yeah!

— Logo ao final da tarde combinamos tudo. Agora está na hora de irmos para as aulas. ‘Bora lá, malta. Sinto que hoje será um grande dia. Pelo menos, começou da melhor maneira possível. Obrigado por isto, Carlos. Toda a escola estava a precisar de uma boa gargalhada nestes tempos tão conturbados.

Dito isto, saíram de cena, animados e empolgados, como se uma colega deles não tivesse morrido há um par de dias.

Que fui eu fazer?

Apesar de se martirizar, uma coisa era certa: tinha entrado no círculo mais chegado de Tomás. E naquela noite teria uma oportunidade de ouro para tramar o Estripador de Lisboa de vez.

CAPÍTULO 92

LEONARDO

Leonardo mal conseguira pregar olho. Estavam demasiadas coisas a acontecer ao mesmo tempo. A procura da mãe, que continuava a ser uma missão impossível; segunda-feira ia saber o desfecho do seu julgamento; terça-feira ia saber se o tumor tinha desaparecido e se podia fazer a cirurgia de reversão para remover a colostomia; Marta estava desaparecida, sabia-se lá se ainda viva e, se sim, em que condições; e agora o susto com o sangramento de Laura que os fez temer um aborto espontâneo.

Estava a ser difícil de aguentar o barco quando este estava cheio de buracos a jorrar água e ele sozinho, a tapá-los todos na tentativa de se manter à tona. A situação de Laura preocupava-o seriamente. Este sangramento seria sinal de que ela ainda não recuperara totalmente da debilidade mental que a tornava propícia à depressão pós-parto? Iria ela sucumbir quando Raul nascesse e ficasse ao cuidado dela? Porque Leonardo não iria estar presente vinte e quatro horas por dia. Ia seguir a sua vida com Marta, se ela sobrevivesse. Mas como podia ficar descansado quando estivesse longe de Raul?

Focou-se nos problemas sobre os quais podia agir naquele momento, e esses prendiam-se com o caso. A questão de Laura teria de ficar para depois. Não queria ponderar sequer a hipótese de ir viver com ela nos primeiros tempos de Raul e deixar Marta. Era inconcebível e receava que se tornasse a única e melhor opção para o filho.

Lavou-se e tomou o pequeno-almoço com Laura, que pediu desculpas pelo susto e que ia aumentar as idas à psicóloga para relaxar e impedir que aquelas coisas acontecessem novamente.

— Lamento muito em relação à Marta — disse ela, pouco depois, para quebrar o silêncio. — Sei que tivemos as nossas desavenças, mas já fiz as pazes

com a ideia de que tu deves ficar com ela. É o mais certo. Espero que a consigas salvar.

— Obrigado.

Apesar daquela conversa de circunstância, o seu instinto dizia-lhe que ela queria dizer-lhe algo, mas que se estava a retrair, a guardar para si o que quer que fosse. Sentia que devia insistir, perguntar se havia algo que a inquietava e que quisesse partilhar com ele, mas tinha de se despachar para ir à autópsia da mais recente vítima do Estripador de Lisboa.

Agradeceu o pequeno-almoço, deu um beijinho na barriga de Laura e partiu, não sem antes garantir que ela lhe ligava se se sentisse novamente mal.

A autópsia correu como o esperado. Fora tudo feito da mesma forma que as vítimas anteriores; os mesmos órgãos removidos, o mesmo tipo de corte, o mesmo assassino.

Finalizado o exame pericial sem nenhuma novidade, partiu para a moradia dos pais de Tomás, os quais avisou da sua ida para que se mantivessem em casa à sua espera. Pelos vistos, todos os que tinham posses e queriam ficar perto da capital, iam parar a Cascais ou ao Estoril.

A hora de almoço aproximava-se quando chegou à Quinta da Marinha, uma das mais nobres zonas de Cascais e que se encontrava no interior do Parque Natural Sintra-Cascais. Percorreu a estrada ampla e bem cuidada até encontrar a moradia que procurava.

Apontou o carro para os grandes portões da garagem e tocou à campainha.

Os portões abriram-se e Leonardo estacionou o carro logo à frente.

Nunca tinha estado numa casa assim. Mais parecia uma mansão, como tantas que vira no caminho. O terreno tinha quase mil metros quadrados e a zona de construção mais de trezentos. Era uma moradia com um layout moderno, quase futurista, com linhas direitas e cores sóbrias, variando entre o branco, o cinzento

e o bordeaux. Saiu do carro e observou os pinheiros altos e frondosos que conferiam à casa uma sombra agradável. Um caminho em mármore levava-o até à porta de entrada. Não deixou de reparar nas janelas amplas que dominavam a fachada, podendo ver de antemão como o interior era requintado e a explodir luxo em todas as direções. Por muito que não quisesse, era impossível não se sentir pequeno perante tanta opulência.

— Bem-vindo à nossa casa — cumprimentou um homem, que surgira à porta. Era um homem charmoso, bem vestido, com um fato de bom corte, o cabelo perfeitamente cortado e um aspeto muito saudável. — Faça o favor de entrar, inspetor.

— E que tal se falássemos junto da piscina? — sugeriu uma voz de mulher, surgindo de seguida a esposa, mãe de Tomás. Era uma mulher muito elegante, o cabelo arranjado como se fosse a um casamento, um vestido curto e justo e um sorriso pacífico.

Como se não fossem pais de um monstro.

— Por mim, é como quiserem — adiantou Leonardo.

— Venha por aqui.

Cumprimentaram-se com um aperto de mão e contornaram a casa. O relvado que lhe dava a volta estava aparado na perfeição e era de um verde lustroso, realçado pela luz do sol. Passaram por uma zona com um cesto de basquetebol e uma baliza de futebol pequena. Enquanto caminhavam, o marido ia-se gabando da casa, como se estivesse a esfregar na cara do inspetor o dinheiro que tinham.

Nas traseiras da casa, uma piscina de trinta metros quadrados, aquecida e com água salgada, dominava o espaço, que ainda contava com um barbecue, um fogo de chão a gás e um trampolim no canto.

Sentaram-se nuns bancos de jardim, em torno de uma mesa de vidro de frente para a piscina.

— Deseja beber alguma coisa?

Leonardo recusou e sentou-se.

— Acho que devemos ir ao que interessa porque tempo é coisa que não tenho — disse Leonardo, mostrando como não estava fascinado com aquela opulência.

— Já vimos nas notícias que a sua colega está desaparecida — informou Maria, com um ar pesaroso.

— Sim, esta manhã não falaram de outra coisa — acrescentou o pai, igualmente triste. — É terrível o que está a acontecer…

— Bom, vim aqui porque gostava de saber um pouco mais sobre o vosso filho. Sei que ele só ingressou na St. John's no terceiro ciclo do ensino básico. O que vos levou a optar por o colocarem nessa escola, e apenas nessa altura? Pelo que vi, dinheiro não é problema nenhum para vocês.

Eles entreolharam-se e Alberto fez sinal para a mulher falar à vontade.

— Ele sempre foi um rapaz muito atinado quando era novo. Depois, com a idade começou a ficar mais rebelde e achámos que lhe faria bem viver em regime de internato, numa escola com prestígio e que o forçasse a seguir regras e a ser responsável.

— E resultou?

— Sim, ele ficou muito melhor assim que começou a frequentar a escola. Nós podemos ir visitá-lo em alguns fins de semana, para o levar a almoçar ou assim, e notámos uma mudança incrível.

— Então suponho que vocês não sabiam que ele filmava e tirava fotos a uma colega da escola para que ela vendesse esse conteúdo pornográfico na Internet?

Eles abriram os rostos numa expressão de choque que pareceu a Leonardo ser genuíno.

— Está a falar a sério?

— Sim, ainda por cima a rapariga foi a Liliana Noronha, não sei se…

— A rapariga que morreu no outro dia? — suspirou Maria, tapando a boca com a mão.

— Precisamente. Ele nunca demonstrou tendências sexuais depravadas? Nunca o apanharam a fazer nada de estranho?

Eles negaram.

— Como devem imaginar, ele fazia sexo com ela.

O semblante deles mudou para tristeza e uma pontada de vergonha.

— E sabiam que ele organiza, em segredo, saídas noturnas para ir às prostitutas?

Voltaram a ficar em choque, mas desta vez negaram o que ele disse.

— Impossível. Ele nunca foi repreendido pela diretora. Aliás, ela até o bajula imenso por ter sido campeão de xadrez.

— Engraçado referirem esse campeonato. A adversária do vosso filho nessa final do ano passado, a Bárbara Costa, morreu ontem. Sabem ainda o mais estranho? Tanto ela como a Liliana morreram nas mãos do Estripador de Lisboa, que vocês já parecem conhecer tão bem.

Maria começou a lacrimejar, sem acreditar no que ouvia.

— Veio aqui para acusar o nosso filho de ser o Estripador de Lisboa?

— A minha colega, Marta, como vocês tão bem referiram, foi raptada pelo Estripador de Lisboa. Adivinhem quem foi a última pessoa que esteve com ela?

— Não pode ter sido o nosso filho, ele…

— A minha colega estava infiltrada, a fazer-se passar por prostituta. — esclareceu Leonardo, antes que inventassem nova desculpa — E ele levou-a a um bordel escondido na cave de uma certa casa abandonada, cujo proprietário não se deu ao trabalho de remodelar.

O casal ficou mais pálido que a fachada da casa.

— Exatamente, a vossa casa para os lados de Paço de Arcos.

Alberto levantou-se e caminhou até à beira da piscina, o plano de água a parecer um espelho azulado. Com as mãos nas ancas, parecia refletir.

— Vão deixar-se de merdas e falar comigo de forma honesta? Como devem perceber, o vosso filho é o nosso principal suspeito.

— Então porque é que não o detiveram ainda? — perguntou Maria, limpando as lágrimas e parecendo um pouco revoltada, projetando essa revolta no inspetor.

— Porque precisamos de provas mais sólidas.

Maria levantou-se e aproximou-se do marido, ambos de costas para Leonardo.

Era claro que eles sabiam mais do que lhe tinham dito. Com uma casa daquelas, com o prestígio que eles deviam ter, a primeira reação quando lidavam com uma maçã podre na família era mostrar o lado em que a podridão não se via, fazendo-o passar por uma maçã em perfeitas condições. Ao colocar o jogo na mesa, Leonardo quis que eles ultrapassassem esse instinto e percebessem a dimensão do problema, que ia muito além deles.

— Se quiserem, posso ir de porta em porta perguntar aos vossos vizinhos se sabem alguma coisa que vocês não saibam. Ou que não querem contar — levantou-se, para aumentar o efeito dramático. — Não tenho tempo para estes jogos com a vida da minha colega em risco. Até já. Não saiam daqui, tenho a certeza de que voltarei aqui mais depressa do que imaginam.

Começou a caminhar pelo deck de madeira maciça que circundava a piscina e estava quase a desaparecer na esquina, quando Alberto gritou:

— Espere! Chegue aqui, por favor.

Leonardo deu meia-volta e voltou a sentar-se no seu banco. Cruzou as pernas e aguardou que eles se sentassem e falassem.

— Então, que têm para me contar? Espero que a verdade e nada mais que a verdade. Estão vidas em risco, compreendem isso, certo? Se me permitem, vou ligar a gravação de áudio.

Eles sentaram-se, cabisbaixos, em contraste com a opulência da casa deles, enquanto o inspetor ligava a aplicação no telemóvel.

— O Tomás desde muito novo que se mostrou, digamos, peculiar — começou Maria, as mãos a tremer ligeiramente. Devia ser-lhes difícil abordar um tema que seria tabu entre eles.

— Peculiar?

— Sim, ele…

— Ele gostava de fazer mal aos animais — completou Alberto, querendo despachar o assunto.

— Fazer mal, a que ponto?

— Ao ponto de os esfaquear para ver como eram por dentro.

— Sim, mas isso foi muito depois… Tudo começou quando entrou uma ratazana cá em casa, e eu tenho pavor de ratos. Só estava o Tomás e implorei que se livrasse da ratazana.

— E ele?

— Ele nem hesitou. Pegou numa pá e bateu no bicho até o matar. Até as entranhas saltarem. Nunca me esquecerei da forma como ele, com uns 10 anos, ficou a olhar para aquela nojeira.

— Como se estivesse a apreciar?

— Sim, parecia ter ficado felicíssimo por aquela descoberta.

— E a partir daí?

— A partir daí foi a piorar. O certo é que deixámos de ter ratazanas por perto e nunca mais ninguém avistou nenhum gato nem cão vadio por cá.

— Vocês acham…

— Ele ia muitas vezes andar de bicicleta ou a pé e ficava horas fora de casa. Uma vez voltou com sangue nas pernas. Até pensei que se tivesse ferido, mas ele limitou-se a dizer que não, não era sangue dele, e enfiou-se no banho como se nada fosse.

— Ele foi seguido por um psiquiatra nos anos seguintes, mas não deu resultado — completou o marido.

— Sentimo-nos obrigados a interná-lo na St. John's para ver se isso resultava…

— Embora, no fundo, soubéssemos que era apenas para nos vermos livre dele, para ser preocupação de outros.

— Mas nunca achámos que chegasse a este ponto, inspetor.

— Apesar do que ele fez à irmã…

Leonardo, que começava a compreender o padrão de comportamento de Tomás, por ser um entendido em assassinos em série, ficou intrigado e pareceu acordar de um sonho.

— Desculpe, irmã?

Eles assentiram, pesarosos.

— O Tomás tinha uma irmã?

CAPÍTULO 93

LEONARDO

Um copo de sumo de laranja natural transpirava em cima da mesa de vidro, pousado numa base para copos. Alberto servira-lhe a bebida enquanto Maria fora ao escritório buscar uma fotografia. Regressou minutos depois, com uma pequena fotografia onde apareciam os quatro. Tomás e os pais eram nitidamente mais novos, quase que nem os reconhecia à primeira vista, embora uma análise mais atenta fizesse notar os pormenores das suas feições.

— O que aconteceu à irmã?

— Guida. Margarida — avançou Maria, emocionada. Leonardo tentou ignorar o facto de ser o mesmo nome da sua própria mãe. — Era uma menina lindíssima, cheia de vida e sempre sorridente. Era um encanto, a sério. Mesmo em bebé, nunca nos deu grandes problemas.

O casal Amaral deu a mão num silêncio sofrido.

— O que aconteceu à vossa filha? Como é que nunca ouvi que o Tomás tem uma irmã?

— Porque ele não tem — disse Alberto, com alguma rispidez.

— Não tem irmã? Então em que ficamos?

Os olhares sofredores diziam-lhe tudo.

— Tem de compreender que este tema… não é muito falado por nós.

— Virou tabu — acrescentou Maria, que retirava um lenço do bolso e limpava o rosto.

Leonardo bebeu um pouco do sumo de laranja, combinando bem com o tempo a aquecer. Recordava-lhe as tardes que passava com a irmã, quando eram mais novos e alegadamente órfãos e só se tinham um ao outro.

— Entendo perfeitamente, mas podem fazer um esforço? É importante, para

fazer a minha autópsia psicológica.

— Autó… quê?

— É um termo que eu uso quando quero dissecar a personalidade e a mentalidade de uma pessoa. Não interessa. Avancem quando quiserem, ao vosso ritmo — pediu, embora fervesse por dentro para que eles parassem de perder tempo.

A superfície da água da piscina foi perturbada pela passagem de uma aragem fresca e um par de pequenos pássaros passaram por cima deles a chilrear animadamente.

— Foi aos 13 anos de idade. Ela tinha mais um ano e meio que o Tomás. Na altura, não morávamos aqui.

— Portanto, se ela tinha 13 anos, deduzo que aconteceu há cinco ou seis, se ela tem mais um ano que o Tomás.

— Foi há seis, sim.

— O que aconteceu?

— Ela e o Tomás estavam a brincar na rua.

— Não tínhamos este quintal enorme como agora, está a ver? — acrescentou Maria.

— E estavam a brincar à apanhada. Numa das perseguições entre os dois, o Tomás virou de repente para o outro lado da estrada e a Guida seguiu-o sem pensar duas vezes.

— O som do carro a travar a fundo ainda me arrepia nos dias de hoje. Quando ouço alguém travar daquela forma, aquele guincho de travagem deixa-me zonza.

— A Guida ficou irreconhecível. Um SUV atropelou-a a mais de noventa quilómetros por hora.

— Onde está enterrada?

— No cemitério da Guia.

— O mesmo onde enterraram a Liliana Noronha?

— Sim, creio que sim.

— Vamos visitá-la todas as semanas.

— Depois destes anos todos?

— Era nossa filha. Não imagina a dor que é perder uma filha… Você tem filhos?

— Está um a caminho.

— Estime-o bem, inspetor Leonardo. E nunca dê nada como garantido.

Recordando-se do susto que tivera na madrugada anterior, dar a vida de Raul como garantida era algo que ele deixara de fazer. Até nascer e tê-lo são e salvo nos seus braços, ia sempre recear que Laura abortasse espontaneamente. Não teria descanso até ao dia do parto.

— O Tomás tem diabetes?

Os pais foram apanhados de surpresa e precisaram de alguns segundos para assimilarem o que lhes tinha sido perguntado.

— Não.

— E noctúria?

— Noctú… quê?!

— É vontade de urinar de noite — esclareceu Maria, virando novamente para o inspetor com determinação. — Também não sofre disso. Mas porquê?

— Por nada. Só para esclarecer umas dúvidas minhas.

Eles ficaram em silêncio, agora mais confusos.

— Muito bem. Obrigado pelo vosso tempo. Voltarei se precisar de mais

declarações vossas. Até esta investigação terminar, peço-vos que se mantenham por perto.

Leonardo terminou o sumo, guardou o telemóvel e caminhou ao longo da piscina para contornar a casa de volta à parte da frente. O casal Amaral escoltou-o até ao carro e despediram-se com amabilidade.

Ao fazer marcha atrás depois dos portões se abrirem, manteve o olhar fixo neles, sentindo uma ponta de suspeita. Suspeitava que eles não lhe tinham contado toda a verdade. Algo nas suas expressões faciais e corporais lhe dera essa sensação. Havia mais em torno desta morte de Margarida Amaral, mas que eles queriam esconder a todo o custo.

Pois bem, que assim seja.

Leonardo iria descobrir toda a verdade.

CAPÍTULO 94

CARLOS

Sentia-se um caco. Era verdade que tinha conseguido o que queria: entrara finalmente no grupo mais próximo de Tomás. Ia ter acesso a mais informações que ajudariam Leonardo e que poderiam salvar Marta. Isso era o mais importante.

No entanto, o aperto que sentia no peito dizia-lhe o contrário.

O que fizera para conseguir esse acesso era desumano.

Sentia-se uma pessoa horrível e só podia imaginar como Ricardo se sentia naquela altura. Fora traído pelo seu amigo.

Sem prestar atenção ao que o professor de Matemática dizia, revoluteava no meio dos seus pensamentos, no seu sentimento de culpa.

— Carlos, sei que é aborrecido termos aulas ao sábado de manhã, mas podias estar um bocadinho mais atento? — repreendeu o professor, apesar de ele não ser o único a desejar não estar ali. Com a morte de Liliana Noronha foram adiadas várias aulas, que seriam recuperadas naquele dia, para infelicidade de todos os alunos.

— Desculpe, professor.

— Presta atenção, não vou tolerar negativas no meu exame.

Tentou não revirar os olhos e fingiu estar atento enquanto o professor explicava as funções reais com variável real.

O foco, agora, era naquela noite, que tardava em chegar.

Ia às prostitutas com Tomás.

Podia ser a noite em que o desmascarava como sendo o Estripador de Lisboa.

CAPÍTULO 95

MARTA

O ronco do estômago despertou-a novamente. Desde que fora raptada, não tocara em comida nenhuma, a não ser para a enviar além das grades, para o mais longe possível de si. Só assim teria forças para manter aquela greve de fome em protesto ao que se estava a passar.

Continuava sem saber quanto tempo tinha passado. Se fosse julgar pelas refeições, diria que era sábado. Já rejeitara refeições mais que suficientes para que se preocupassem com ela.

Sabrina mantinha-se silenciosa. Muitas vezes, nem parecia estar ali. No fundo, nem ela estava. O corpo podia estar, mas o seu espírito estava com Leonardo. Odiava sentir-se impotente, como se fosse uma donzela à espera que o seu cavaleiro armado a salvasse.

Isso era nos filmes da Disney.

Não na realidade.

Acreditava que ele estivesse a fazer tudo o que lhe era possível para a encontrar, até porque sabiam que tinham alguns dias antes de o Estripador de Lisboa a matar, mas não sabiam ao certo quantos. Por isso, não podia ficar sem fazer nada à espera de que ele a salvasse.

Tinha de lutar.

Tinha de fazer algo por si.

Tinha de agir.

Um barulho ao fundo daquele corredor.

Passos.

Susteve a respiração de imediato.

Uma esfera de luz surgiu, sempre apontada ao chão, varrendo toda a palha à

medida que a pessoa avançava para elas as duas. A projeção da lanterna foi avançando, sem nunca deixar ver quem viria aí, mas Marta sabia que era o Estripador de Lisboa com a máscara horripilante da peste negra. Parecia saído de um filme de terror.

A figura aproximou-se da cela de Marta, sem parar na de Sabrina. Normalmente ia sempre à da inspetora primeiro. Abriu a pequena portinhola e colocou o tabuleiro debaixo da grade. Um pão, uma banana muito madura e um iogurte líquido. Ele aguardou que ela comesse, mas recusou-se, como das vezes anteriores.

— Come. Tens de estar viva para cumprires o teu papel — disse uma voz cavernosa, alterada pela máscara.

Dirigiu-se à cela de Sabrina, iluminando sempre apenas o chão. Ela gostava de ver o rosto dela, para pelo menos saber com quem estava a partilhar aquela fase tão negra das suas vidas . Mas ou via o chão cheio de palha ou o rosto mascarado de terror da figura, que fez o mesmo que na cela dela.

Foi quando Marta teve uma ideia.

Pegou na banana e descascou-a, tentando fazer barulho suficiente para que a figura a ouvisse. Ao sentir a bofetada de luz forte da lanterna no rosto, percebeu que tinha conseguido.

Deu uma dentada e engoliu, tentando mostrar voracidade, fruto da fome acumulada ao fim de várias refeições recusadas. A figura não acharia estranho.

À terceira dentada, engoliu e esbugalhou os olhos, subitamente aflita. Abriu a boca e começou a produzir sons de engasgamento, as mãos em torno do pescoço, depois a agitarem-se para a figura a auxiliar. Susteve a respiração para começar a ficar com o rosto vermelho para dar maior credibilidade à sua atuação.

A figura aproximou-se da grade e aguardou que ela resolvesse a situação por si só.

— Ela está a sufocar! — gritou Sabrina. — Se não for lá ajudá-la ela morre, seu estúpido!

Marta continuou com a sua farsa, gemendo cada vez mais, como se realmente estivesse com falta de ar. A figura parecia indecisa, mas quando a inspetora se ajoelhou no chão, sem forças, deixou de estar.

Pegou no molho de chaves com urgência e abriu a porta da cela, que guinchou ao girar nas suas dobradiças enferrujadas.

Marta sentiu, então, umas mãos segurarem-na por trás, debaixo dos sovacos, e elevá-la, para se manter de pé de forma a executar a manobra de salvamento em condições. Quando sentiu os braços asquerosos em torno do seu tronco, sabia que tinha chegado o momento.

Com um golpe seco e certeiro, espetou o cotovelo no abdómen da figura mascarada, fazendo-o perder todo o ar e gritar de dor. Virou-se e deu-lhe um pontapé nas pernas, provocando a sua queda. Depois, deu mais três pontapés no abdómen antes de pegar no molho das chaves e na lanterna.

A figura gemia com dores e com raiva por ter sido enganada.

A argola de metal continha dez chaves. Aproximou-se da cela de Sabrina e experimentou uma chave ao calhas.

Não funcionou.

— Deixa-me! Salva-te tu!

— Não! Vamos sair daqui as duas, não posso deixar que ele te faça o mesmo que às outras!

— Puta! — ouviu-o gritar, com um gemido que dava a entender que ele se estava a querer levantar.

— Marta, vai! Mais vale que uma de nós se safe do que nenhuma!

Marta ia na quarta chave, quando ouviu o mascarado caminhar na direção

dela.

— Desculpa.

Sem ver o seu rosto, que imaginava ser de desespero, Marta virou-se e, com a lanterna a varrer o espaço à sua frente, correu corredor fora, passando por várias celas semelhantes à dela. Deviam ser umas dez de cada lado, no total.

Correu até ao buraco na parede em frente por onde o mascarado entrava sempre. Ao chegar lá, avistou umas escadas em pedra que a levavam para cima. Subiu-as com alguma dificuldade pelo aprisionamento prolongado, mas a adrenalina da fuga impelia-a para a frente com uma força incrível.

Ao chegar ao topo das escadas, encontrou-se numa pequena casa de tijolo e cimento com aspeto abandonado, do tamanho de um anexo. Avistou uma cama, com colchão e lençóis, a um canto, um micro-ondas no chão, com a tomada ligada à parede, um bengaleiro e um mini frigorifico encostado à parede. À sua frente, uma porta.

Era isso que lhe interessava.

Correu para a porta de madeira e experimentou o puxador.

Estava trancada.

Merda!

Experimentou as chaves, ao mesmo tempo que ouviu passos no piso inferior acompanhados com gritos de fúria.

Uma chave, nada.

Segunda chave, também nada.

Terceira, nem entrava na fechadura.

À quarta, quando percebeu que o mascarado estava a subir as escadas mesmo atrás de si, conseguiu abrir a porta e correr em frente com toda a pujança, sem se importar para onde se dirigia. Só queria ir para o mais longe possível.

Estava com esperança de se encontrar no meio de uma localidade, perto de outras pessoas, mas viu apenas o breu à sua volta. A Lua banhava a imensidão de árvores que se estendia a toda a volta, criando um quadro fantasmagórico.

Embrenhou-se no mato sem pensar duas vezes, sem saber onde estava, torcendo para que, naquela direção, fosse dar a uma estrada ou a alguma localidade onde pudesse ser socorrida.

A lanterna ajudava-a a evitar raízes saídas do solo e a pisar pinhas e desníveis no terreno, mas sinalizava a sua posição ao inimigo. Por muito que lhe custasse, tinha de se livrar da lanterna. Até a podia ajudar a despistá-lo. Ao passar por duas árvores muito juntas, atirou a lanterna para a esquerda, com a maior força que conseguiu, lançando-a uns quinze metros naquela direção. A lanterna tombou e rolou até parar, apontada para um tronco grosso e escuro.

Marta continuou a correr, agora mais devagar, com receio de tropeçar e cair. Habituada como estava a seguir a bola de luz que era projetada da lanterna, teve dificuldade em ver o que quer que fosse na escuridão. Precisava de uns segundos para se adaptar.

Mas ela não tinha esse tempo para desperdiçar.

Pisou uma pinha e torceu o pé, estatelando-se no chão, a cabeça a embater num tronco mais à frente.

— Foda-se!

Sentiu uma presença perto de si.

Ele estava a chegar.

Ia apanhá-la e voltar a colocá-la na cela.

Se fosse apanhada, nunca mais conseguiria uma abébia como aquela.

Podia ser a sua sentença de morte.

Mais adaptada à escuridão, começou a conseguir ver alguns detalhes do

interior do mato com a pouca luz que passava entre as copas das árvores, ainda em processo de florescimento. Se fosse em pleno verão, com as copas das árvores totalmente preenchidas, provavelmente não veria nada.

Levantou-se.

Gemeu de dor. O tornozelo esquerdo queixava-se da torção. Mas Marta fez por correr. Atrás de si, sentiu passadas pesadas, urgentes. Cada vez mais próximas.

Começou a correr, ignorando a dor no tornozelo.

Tinha de se salvar.

Não queria depender de Leonardo.

Era ela a chefe da investigação. Tinha de resolver ela o seu problema.

Continuou a correr, a respiração ofegante, as pernas em forma e a responder, mas fragilizadas pelo tornozelo.

Algumas centenas de metros mais à frente, voltou a cair, tropeçando numa raiz, e voltou à corrida. Sentia a presença atrás de si cada vez mais perto.

Não ia conseguir.

Ele ia apanhá-la.

Ao fundo, pareceu ver-lhe duas bolas de luz varrerem o mato e desaparecerem de seguida. Segundos depois, o mesmo.

Eram carros.

Estava perto da estrada.

Acelerou o passo, ansiosa por chegar à estrada e pedir ajuda.

Mas isso deixou-a descuidada e foi sem surpresas que voltou a cair, desta feita de forma mais aparatosa pela velocidade com que estava, acabando por ir contra um tronco grosso de eucalipto, que se misturava com os pinheiros e a fez perder o ar e magoar-se no flanco.

Voltou a levantar-se e, sem conseguir correr, caminhou o mais rápido que pôde. Ao ultrapassar a linha das árvores, tinha caminho desimpedido para a estrada.

Ao avançar pelo pavimento cheio de folhas, sentiu uma certa leveza quando se viu com um pé na estrada.

Só faltava aparecer um carro qualquer e estava safa.

Atrás de si, avistou uns ramos abanarem.

Ele estava prestes a chegar.

Virou-se para a estrada, que fazia uma curva precisamente no ponto onde ela se encontrava.

Luzes de faróis. Vinha aí um carro.

Olhou para trás novamente.

A figura mascarada com a máscara da peste negra estava parada na borda do mato, ofegante, a olhar para ela. Estático.

Sabia que tinha perdido. Se avançasse sobre ela, seria visto e qualquer pessoa se lembraria de um tipo com uma máscara tão icónica como aquela.

Focou a sua atenção no carro que surgia ao fundo, a fazer a curva. Marta abriu os braços e caminhou na direção do carro. Agitou-os, lágrimas de alívio a aflorarem nos seus olhos incrédulos. Os dois faróis aproximaram-se.

Mas o carro não ia parar.

Ia passar por Marta. Ia ignorá-la completamente.

Não pareceu querer abrandar e o pânico instalou-se nela, levando-a a saltar para o meio da estrada. O carro travou a fundo e desviou-se dela, por pouco não saindo da faixa de rodagem.

Marta aproximou-se do veículo, um Toyota cinzento antigo, e bateu ao de leve na porta, conseguindo abrir a porta traseira.

Ia atuar e explicar depois. Não tinha tempo.

Entrou no banco traseiro do carro, o coração nervoso.

— Arranque, eu já explico! Por favor, arranque!

A pessoa assim o fez, mas de forma lenta, sem compreender a urgência da inspetora.

— Por favor, rápido!

O condutor nada disse. Endireitou o carro na estrada, mas acabou por encostá-lo na berma, perto de onde ela tinha surgido.

— Você não está a perc…

Não falou, o pânico instalado na garganta.

Ao seu lado, na janela, viu a figura mascarada ao pé da sua porta.

Marta gritou de susto. Ia berrar com o condutor para acelerar, quando este se virou para trás e ela olhou para ele.

Marta quase que desmaiou.

O condutor tinha, também ele, uma máscara de peste negra.

Não ia a lado nenhum.

CAPÍTULO 96

LEONARDO

A chegada de Mafalda Rosa foi emocionante, como nos filmes. Viajou no comboio intercidades, desde Évora até Sete Rios, onde Leonardo a aguardava. Quando o comboio parou, ele olhou para ambos os lados, à procura de uma mulher alta, mais do que o normal para Portugal, e de um loiro muito vistoso. Várias pessoas saíam e entravam , até que, do lado esquerdo, mais para a frente na composição, a avistou, com o seu ar sempre bem-disposto, que se abriu num grande sorriso quando avistou o irmão.

Vinha apenas com uma mochila às costas e um vestido comprido florido.

Abraçaram-se com força, o peso do desaparecimento de Marta a abater-se sobre eles.

— Olá, mano. Como estás?

— Precisamos de falar — respondeu Leonardo, não a largando.

— Pois precisamos. Esta história do Estripador de Lisboa e do desaparecimento da Marta deixou-nos muito angustiadas — informou, referindo-se a ela e à sua mulher, que ficara em casa a tomar conta dos dois filhos.

— Vais ficar por cá quanto tempo?

— Vou ficar contigo até resolveres a questão do julgamento e da tua consulta médica.

Leonardo não sabia como expressar o que sentia sem desabar ali mesmo. Apercebeu-se de algumas pessoas que o estavam a reconhecer, pelo que a incitou a caminharem para fora da estação, para a privacidade do carro dele.

— Há algo que não sabes e que queria contar-te pessoalmente — disse, enquanto desciam as escadas lado a lado.

— Encontraste a mãe? — perguntou, o seu olhar cheio de esperança. Desde que souberam de que ela estava viva, que Mafalda se enchia de expectativas de a

reencontrar. Ao contrário de Leonardo, que a culpava por dezenas de mortes nas Olimpíadas da Morte, ela recordava-a com carinho e faria tudo para a voltar a abraçar. Como um filho normal faria naquela situação.

— Vais ser tia.

Mafalda não esperava por aquela. Inclinou a cabeça e franziu a testa.

— Desculpa?

— Vou ser pai. De um menino. Raul.

— Mas…

— A Laura engravidou.

— Estás com ela novamente? Achei que…

— Já te conto os detalhes. Só queria que soubesses que vais ser tia. Não estás contente?

Passada a estupefação inicial, Mafalda abriu o rosto num sorriso gigante e gritou, enchendo a rua com o seu guincho agudo que tantas vezes ferira os tímpanos de Leonardo ao longo dos anos. Desta vez, aquele som agradava-lhe.

Apesar de poder ser uma distração, ter a irmã ao seu lado ia ajudá-lo.

— Vá, desembucha. Quero estar a par de tudo. A tua vida é mesmo uma montanha-russa, porra. Não consigo estar sempre a par de tudo. Devias fazer uma newsletter só para me manteres informada. Tu nunca tens descanso, pois não?

Leonardo sorriu com alguma mágoa à mistura.

— Não, nunca tenho descanso. Nem vou ter tão cedo.

CAPÍTULO 97

CARLOS

Era meia-noite quando o despertador tocou. Estava a dormir de forma tão ferrada ultimamente que sabia que não iria conseguir ficar acordado e poderia perder a saída do Clube de Dança. Ricardo já não se encontrava no quarto. Depois da humilhação, o amigo fugira sempre dele, evitara-o a todo o custo, e acabara por passar a noite noutro quarto.

Ele compreendia perfeitamente e decidiu dar-lhe espaço. Mais tarde explicaria tudo e ficaria tudo bem.

Vestiu-se com roupas neutras, farto de vestir o uniforme formal da escola, apesar de assentar muito bem no seu corpo alto e esguio. Uma T-shirt escura, calças de ganga e sapatilhas desportivas era o suficiente para o seu estilo funcionar.

Tinham combinado juntarem-se no campo de futebol, que era perto do portão de entrada principal. Saiu do quarto e do edifício dos dormitórios num passo ligeiro. Não encontrou ninguém nos corredores nem no exterior. Chegou ao campo facilmente e viu que o portão estava fechado. Vários vultos estavam juntos ao pé de uma das balizas, a conversar em surdina. Aproximou-se do grupo e desde logo viu Tomás destacar-se, indo ao seu encontro.

— Começava a pensar que te tinhas acobardado.

— Eu disse-te que era porque ele é uma princesa e demorou a vestir-se — troçou Duarte.

— Chiu, mais baixo!

— Nunca me iria acobardar. Agora, vamos a isto ou vocês passam a noite na conversa?

Eles ficaram divertidos com a dica de Carlos. Além deles os três, estava no grupo o Chico, Diogo e David, todos do gangue de Tomás.

— A polícia não te fechou o bordel? — perguntou Carlos, curioso. Ele sabia que a prostituição em si não era ilegal, mas fazer dinheiro a terceiros sim. Certamente que a PJ tinha interdito o espaço depois do que se passara na outra noite.

— Não, aquilo não é um bordel. Não de forma oficial, claro. Fomos entrevistados e todos dissemos que estávamos ali de livre vontade, sem dinheiro envolvido. As putas mentem bem quando isso lhes convém.

— Por isso é que tu achas que elas gostam quando as comes — atirou Duarte, deixando Tomás a rir-se.

— A tua mãe não precisa de fingir.

Seguiram-se risos surpreendidos, que Tomás fez questão de silenciar.

— Além disso, eu costumava convidar pessoas de fora da escola; desta vez somos só nós. Não posso arriscar a esse ponto. Vamos.

Avançaram para o portão de entrada e Carlos estava a achar estranho a confiança com que eles caminhavam, tendo em conta que o segurança nunca os iria deixar sair, não depois do aperto na segurança que a diretora injetara na escola.

Quando estavam quase a chegar, o segurança saiu da cabine que era o seu posto de trabalho, de café na mão e caminhou no sentido oposto ao deles, virando-lhes as costas, como se tivesse decidido esticar as pernas naquele momento.

— Os meus pais são muito ricos. Só a nossa casa vale mais de três milhões de euros. Pagar a um segurança para nos deixar sair sem avisar ninguém não é nada, como deves imaginar — esclareceu Tomás, percebendo a confusão de Carlos.

Saíram do campus da St. John’s e encontraram um veículo de nove lugares, preto, tipicamente utilizado para transportar celebridades que não queriam ser avistadas.

Entraram no veículo onde já se encontrava um condutor, pronto para os servir. Provavelmente seria mais um na lista de pagamentos/ subornos de Tomás. De certeza que faziam bom dinheiro, ou não o serviriam tão eficientemente.

— Onde vamos hoje?

— É melhor irmos lá para perto do Técnico desta vez. Da última que fomos ao Parque Eduardo VII íamo-nos lixando — lembrou David.

Todos concordaram e Tomás deu indicação para passarem pelas ruas próximas ao Instituto Superior Técnico, também conhecido pela sua atividade noturna.

— Agora, música! — gritou Chico, com um grito entusiasmado.

Segundos depois, o carro estava envolto numa áurea de festa, regada com cervejas que Tomás retirou de uma mala do chão e distribuiu.

Carlos tentou entrar no espírito, mas estava difícil. Ver a forma como eles falavam das mulheres que iriam convidar para o bordel e o que eles tencionavam fazer com elas, era degradante. Como conseguiam elas lidar com homens assim, que as viam como objetos de prazer para lhes saciar todos os desejos?

— Então, não te animas, Carlitos? — perguntou Chico, ao seu lado a beber cerveja e a abanar os braços ao som da música.

— Calma que eu não tenho experiência com prostitutas, vocês é que são os maiores fodedores cá do sítio.

Tentou impregnar as palavras com ânimo e, ao receber palmadas entusiasmadas nos ombros, percebeu que o tinha convencido.

O processo de seleção era igual: andavam de janela aberta, com Tomás, Duarte e David de cabeça de fora para sinalizarem as mais apetecíveis. Depois, iam à pesca. A diversão começava cedo, com eles a fazerem apostas sobre quem iriam pescar.

Ao fim de uma hora tinham a traseira do veículo cheia de mulheres em

silêncio, motivadas pelos bolsos cheios de dinheiro, mas como se estivessem a ser levadas para a prisão.

Colocaram vendas em cada uma a vinte minutos do bordel, em Paço de Arcos, numa rua sinuosa com casas em construção e com poucas pessoas a morarem nas imediações.

Saíram do carro e cada um levou uma prostituta para dentro da casa e, depois, pelas escadas até à cave, onde o bordel existia. Cheio de luxo e claramente pensado para proporcionar momentos de prazer, fora um investimento avultado, mas que, fora de preceitos, estava muito bem conseguido.

As vendas foram tiradas assim que o último par atravessou a porta de acesso à cave e a fechou atrás de si. Seguiram-se gritos de alegria, de diversão, enquanto eram distribuídas cervejas retiradas, por toda a gente, de um frigorífico ao canto e a música começava a bombar.

— Hoje vamos celebrar a sério — anunciou Tomás. — Temos de nos lembrar como a vida é efémera. Por isso, hoje trouxe um mimo especial para vocês, meus irmãos e minhas putas!

Do bolso, retirou um saqueta com comprimidos brancos. Perante essa visão, ficaram todos em êxtase, alguns aos pulos e a celebrar como se fosse o golo da vitória de Portugal na final do Campeonato do Mundo.

Tomás aguardou que todos passassem por ele para levar um comprimido, como se de um padre a comungar os seus fiéis se tratasse. Carlos deixou-se ficar sentado num banco, a sentir-se deslocado naquele local.

— Tu também, Carlos. ‘Bora, vá — disse Tomás, sentando-se ao seu lado, de comprimido branco na mão. — Não sejas coninhas, anda lá. Estamos aqui para celebrar.

Carlos encarou aquele comprimido com temor. Ia contra todos os princípios basilares que o moldaram para ser quem era hoje.

Mas tinha de pensar na sua missão.

A contragosto, mas mostrando a Tomás apenas a hesitação normal de quem nunca tomou uma coisa daquelas, pegou no comprimido, enfiou-o na boca e bebeu dois goles longos de cerveja.

— Vamos celebrar ao máximo, que hoje é o primeiro dia aqui do nosso novo companheiro, o Carlos Caetano!

Ele fez de tudo para corresponder e levantou-se, dirigindo-se para a pista de dança, começando a soltar-se aos poucos. Bebeu uma segunda cerveja, à qual se seguiu uma terceira. Não sabia dizer se era da droga que tomara ou do álcool, mas aos poucos começou a soltar-se, a rir-se e a dançar de forma desajeitada.

Nem por um segundo se recordou que da última vez que perdera o controlo daquela forma, acordara enredado na maior conspiração de todas que lhe trouxera enormes dissabores, mas que trouxera Leonardo e Marta para a sua vida.

Uma prostituta, a pedido de Tomás, começou a insinuar-se a Carlos a dado momento, já ele tinha os olhos a meia haste e dançava sozinho com um à-vontade incrível. Aproximou-se dele, a entrar no ritmo da música, e dançou bem próxima, inebriando-o não só com o seu perfume, mas também pelos seus enormes seios que praticamente pareciam querer saltar do soutien para as mãos dele. Começou a roçar-se nele e virou-se de costas, tocando nas virilhas dele com o seu rabo treinado e bem definido pelos calções curtos e justos. Voltou a virar-se de frente para ele e roçou o peito opulente no abdómen, bem na linha do seu olhar.

— Tens gandas mamas — disse, sem filtros nenhuns.

Ela sorriu.

— Queres tocar-lhes?

— Quem não quereria?

— Anda, então.

Ela pegou-lhe pela mão e Carlos seguiu-a sem qualquer preocupação, como se se esquecesse que se tratava de uma prostituta.

Entraram por uma das várias portas para um quarto simples, com cama, mesinhas de cabeceira, cadeiras e pufes. Era só usarem a imaginação.

Mas, toldados como estavam ambos do álcool e da droga, despiram-se pelo caminho que os levou da entrada até à cama, deitando-se nus em cima do colchão, a beijarem-se e a tocarem-se com sofreguidão.

Aqueles meses incontáveis na prisão tinham-no privado de uma das necessidades básicas do ser humano, e que era das mais importantes em determinadas fases da vida, incluindo aquela onde Carlos se encontrava, no pico da sua forma física.

— És jeitosa como o raio — elogiou, vendo-a deitada na cama, as mãos a acariciarem os próprios seios, as pernas abertas, os pés a puxarem-no para ela, enquanto ele colocava um preservativo com alguma dificuldade. — Acho que já está.

— Anda, garanhão, estou cheia de tusa, apaga este fogo!

— Apagar fogos é comigo, o bombeiro Carlos! — gritou, imitando o som de uma carrinha de bombeiros enquanto se deitava sobre ela e a penetrava pela primeira vez, levando-os imediatamente a silenciarem-se e respirarem de forma mais audível e apressada.

Fizeram sexo três vezes, em cinco posições distintas, num espaço de uma hora.

No final, ele estava tão inebriado do álcool, do sexo e da droga que se deitou e dali não mais quis sair. Os olhos fecharam-se e pareciam não querer abrir, apesar de se sentir acordado e com o espírito presente.

— Gostaste, Carlos?

A voz de Tomás assustou-o. Ele nem dera pela saída da prostituta. Levantou um pouco a cabeça e avistou-o à entrada, a porta aberta. Não se ouvia gritaria, nem palhaçadas do outro lado. Deviam estar todos entretidos nos seus quartos, a celebrarem o sexo.

— Adorei. Obrigado, meu, era mesmo o que eu estava a precisar.

Foi então que algo que tinha reparado, ainda antes de se envolver com a prostituta, veio à tona, no meio de todo aquele marasmo de inépcia. Na altura não reagira, nem notara, porque estava de olho nos enormes seios que tinha à frente.

— Pois, tantos meses na prisão sem sexo deve ser fodido, ‘né?

— É que é mesmo, nem queiras sab…

Mas agora, embatia em si com toda a força.

Ele chamara-lhe Carlos Caetano, há bocado.

Sentou-se de súbito na cama, mas a cabeça rodopiou de tal forma que se deixou cair para trás, as mãos no rosto.

— Achavas mesmo que ninguém ia descobrir a tua verdadeira identidade? Sempre tive a pulga atrás da orelha pela forma como foste transferido. Desconfiei de ti desde o início, mas conseguiste iludir-me durante uns tempos. Até que a Cíntia, que por acaso estava interessada em ti e que é batida nas redes sociais, descobriu o teu verdadeiro perfil. Foi aí que me deparei com o verdadeiro Carlos. Licenciado, cinco anos mais velho que eu, condenado a pena de prisão e que tem ligações ao caso *Segredo Mortal*. Estiveste envolvido num caso daqueles e achavas que passarias despercebido?

Carlos, assustado por ter sido desmascarado, voltou a sentar-se, ainda com as mãos a cobrir o rosto, para o ajudar a não perder o equilíbrio novamente. Quando pareceu conseguir aguentar-se, retirou as mãos.

Tomás estava à sua frente, à beira da cama, com um ar de poucos amigos.

— Mas parece que criaste uma amizade verdadeira, apesar de seres um falso da merda.

— E o que sabes tu disso? Tens algum amigo verdadeiro, por acaso?

— Sei porque ele até se deu ao trabalho de nos seguir — revelou. — E olha que ele nem é capaz de apanhar um lápis se o deixar cair; prefere usar um novo e deixar aquele para o mundo do que baixar-se.

— O Ricardo seguiu-nos? Como?

— De táxi — ouviu Ricardo dizer, perto de si. — Saí logo a seguir a vocês pelo portão principal antes que o segurança voltasse do seu pequeno passeio.

Ricardo estava dentro do quarto, atrás de Tomás, sentado numa das cadeiras, com Duarte a prendê-lo por um braço. Tinha o rosto vermelho.

— Mas… porquê?

Começou a sentir as pálpebras pesadas, um sono imenso a inundá-lo de súbito. Pareceu ter ouvido Ricardo responder, mas parecia estar a ouvir debaixo de água. Sentiu a terra tremer.

— O quê?

Reuniu forças para olhar para Ricardo, mas este já estava a dormir no chão. Tinha caído da cadeira e jazia estatelado no chão, de bruços, a cabeça virada para a parede.

— Ri…cardo?

Sem conseguir aguentar-se mais sentado, deixou-se cair na cama, ainda todo nu.

— Tu sabias… quem eu era… antes de virmos… para aqui…

Tomás aproximou-se do seu lado, contornando a cama. Estava com um rosto alegre, divertido.

— Sabia, pois.

— Ent…ão… porque é…que vim?

— Porque assim que soube quem eras percebi que estavas infiltrado na St. John’s. Tendo em conta a visita que o querido inspetor Leonardo Rosa me fez no outro dia, percebi que era por minha causa.

Agarrou no rosto dele com brusquidão, abanando-o para voltar a abrir os olhos.

— Agora vão provar do vosso próprio veneno.

— O que é que vais… — mas o resto da pergunta perdeu-se no estado de inconsciência que se apoderou dele.

Tomás largou o rosto e deu uma bofetada.

— Bons sonhos… Carlos Caetano.

CAPÍTULO 98

LEONARDO

Há demasiado tempo que não passava um serão a conversar com a irmã. Mafalda fora como uma mãe para ele, após a suposta morte da mãe de ambos, ajudando-o a crescer e criando-o com todo o carinho e amor que se exigia. Fora ela que aguentara a casa em pé depois daquele violento terramoto que a vida lhes impusera. Fora a sua maior ouvinte e apoiante ao longo dos anos que se seguiram, até Leonardo conseguir independência e sair de casa. Tinham o costume de falar de tudo um com o outro, mas a vida impunha o seu ritmo e, quando deram por ela, já não tinham uma conversa assim descontraída e sem rodeios há meses.

Mafalda sabia ser ouvinte. Sabia quando corresponder com a reação certa para cada momento, sabia quando introduzir alguma questão sem estragar a linha de raciocínio e interessava-se genuinamente pelo irmão. Falaram de Raul, da evolução de Laura e de como ela queria deixar o caminho livre para ele e Marta. Falaram dos sentimentos que ele tinha pela inspetora.

— É tão bom saber que estás a ganhar um novo rumo na tua vida, mano — confessou no final da conversa, com lágrimas nos olhos. — Nem sabes o que me custa, estar ali em Évora com a minha vida já bem encaminhada, com mulher e dois filhos, e ver-te aqui sozinho em Lisboa a lidar com tudo o que se está a passar na tua vida. Tenho muito orgulho em ti, sabias?

No final da noite, tentou contactar Carlos pelo WhatsApp, mas sem sucesso. As mensagens nem sequer eram entregues ao destinatário. Estava incontactável. Procurou alguma novidade no canal de YouTube do Estripador de Lisboa, mas não encontrou nada. Aquela ansiedade era angustiante. Não sabia se era melhor haver novidades ou a falta delas.

Parecia que o mundo decidira dar umas tréguas para que os irmãos Rosa pudessem conversar à vontade e para que conseguissem ir com tranquilidade ao

centro de imagem 4D pré-natal, no Parque das Nações, na manhã de domingo. Leonardo quis aproveitar aquela calma antes da tempestade para ver o seu filho novamente, desta feita a três dimensões, mas já tinha planos para a tarde: ir à zona onde a família Amaral morava quando a filha morrera. O instinto dizia-lhe que eles escondiam algo sobre a morte de Guida, e o envolvimento de Tomás mexia com o seu sensor de inspetor. Havia ali algo para ser investigado e ele ia explorá-lo.

— Olá, Leonardo.

Laura encontrava-se à porta envidraçada do centro de ecografias tridimensional e estava radiante, com aquele brilho de grávida de que as pessoas tanto falam. Parecia o oposto da noite do sangramento. Parecia outra mulher, uma que estava felicíssima com a gravidez e ansiosa por receber o seu filho neste mundo de braços e coração abertos.

— Olá, Laura. Esta é a minha irmã, Maf…

— Mafalda Rosa, claro — avançou e deu dois beijos calorosos na face. — As parecenças são grandes. Ele falou-me muito de ti.

— Coisas boas, espero — brincou.

Entraram no centro de imagens pré-natal e aguardaram uns momentos em silêncio, observando fotos de outras ecografias expostas na parede da receção, cada uma com o nome do bebé associado. Leonardo não encontrou nenhum Raul, mas encontrou vários Tomás.

Minutos depois, um casal saiu de uma sala ao fundo com um sorriso gigante, um amor comovente que os unia ao bebé. Leonardo também gostava de viver aquela gravidez em pleno, um dia talvez o conseguisse.

Avançaram para uma pequena sala escura, com uma maca articulada onde Laura se deitou, um sofá confortável ao lado e uma televisão em frente, onde seriam transmitidas as imagens da ecografia.

Leonardo e Mafalda sentaram-se no sofá e ela bateu-lhe no joelho com entusiasmo, empolgada por ver o sobrinho pela primeira vez. Laura levantou a camisola, expondo o seu ventre achocolatado que tinha um brilho notório.

A técnica colocou o gel habitual na barriga e pegou no ecógrafo.

— Bem, vamos lá então ver o nosso menino Raul.

Inicialmente, a imagem que surgiu no ecrã foi a característica ecografia a duas dimensões nos tons de cinzento, branco e preto que lhes era reconhecido. Até aí nada demais para os pais do bebé, mas Mafalda empolgou-se quando viu o contorno da cabeça, deu um grito quando viu a coluna perfeita no ecrã, «até se veem as vértebras todas direitinhas!», o que deixou o inspetor de coração cheio. A técnica mostrou a pilinha e os vários órgãos, até que se focou novamente na cabeça e fez uma pausa.

— Agora vamos ver aquilo que vos trouxe cá — anunciou, pressionando uns botões na máquina. A imagem bidimensional congelou durantes uns momentos, para depois se transformar numa amálgama de formas alaranjadas num fundo preto. — Deixem-me só procurar a melhor imagem…

A imagem tridimensional foi mutando até que, de repente, começaram a discernir uns olhos, um nariz, uma boca e umas orelhas.

— É a tua cara, mano!

— É mesmo a cara do pai — concordou a técnica.

— Olha o nosso filho, Leonardo — disse Laura, num fio de voz tremido, emocionado.

Leonardo nada disse, contemplando o rosto do filho pela primeira vez. Os olhos fechados e redondos, os lábios carnudos a puxar à mãe, o queixo mais quadrado igual ao pai.

Era o seu filho.

Raul.

Mafalda deu-lhe a mão e ele apertou-a com força, com emoção.

Ia ser pai de um filho lindo.

CAPÍTULO 99

CARLOS

A cabeça estava uma confusão, um remoinho de pensamentos, de emoções, de memórias. Sentia-se levitar sem destino, sem saber para onde ia.

A espaços, parecia captar pequenos momentos, que não sabia se eram realidade ou fruto da sua imaginação.

O rosto a ser arrastado pelo chão.

Degraus a embaterem nas suas costas.

Portas de um carro a fechar com brusquidão.

O ronronar de um motor a alta velocidade.

Uma voz que conhecia, não sabia de onde, a falar em tom animado.

Uma mulher a rir.

Solavancos bruscos.

Sabia que estava drogado, sem conseguir despertar ou pensar sequer. Sentia-se a voar, num estado de felicidade tremenda, apesar de saber que não era suposto estar tão eufórico.

Parecia estar assim há dias.

O som do motor abrandou.

Os solavancos pararam. Já não estava a ser embalado.

Portas a bater.

Pessoas a falar com ânimo e excitação.

Continuou a sentir-se a planar por entre memórias do passado, as felizes, onde reencontrou a sua antiga namorada, assassinada no ano anterior. Vanessa. Tinha saudades dela, do amor dela, de estar com ela. Ficou a assistir a memórias lindas entre os dois, feliz novamente.

Até que uma luz muito forte rompeu com tudo e o forçou a emergir.

CAPÍTULO 100

MARTA

Sentia a boca seca, como se fosse feita de cortiça. Estava com sede, com fome e com vontade de urinar. Acordou aos poucos, inebriada do sono induzido.

Foi despertando aos poucos, recuperando a consciência e, com ela, as suas memórias mais recentes. A fuga da cela. A corrida pelo mato. O carro que a ia salvar. Os dois homens com máscara da peste.

Abriu os olhos, totalmente desperta pela descarga de adrenalina ao recordar-se do que ocorrera antes de perder os sentidos. Sentia o pescoço dorido.

Ela fora quase estrangulada, perdendo os sentidos com uma mão em torno do pescoço, levando-a a desmaiar em segundos.

Olhou em volta. Percebeu que estava deitada numa cama. Tentou mexer-se.

Não conseguia.

Tentou gritar, mas reparou que estava amordaçada.

Tinha as mãos e os braços esticados, cada um para seu lado, os pulsos e os tornozelos amarrados às extremidades de ferro que perfaziam a estrutura daquela cama.

Testou os limites das amarras.

Estavam bem apertadas, não permitindo qualquer movimento. Levantou a cabeça e olhou para baixo. Viu o seu corpo completamente nu e sentiu-se exposta, as pernas abertas a mostrarem a sua zona genital para quem quisesse ver.

Foda-se. Estou com um muito mau pressentimento.

Assustada, usou toda a sua genica para se mover e quebrar qualquer uma das amarras, mas os nós tinham sido bem feitos. Ela estava presa.

Ouviu movimento, ao longe, fora da divisão onde se encontrava. Era um

quarto que desconhecia, que mais parecia de hotel, dada a falta de decoração ou objetos pessoais. Havia apenas uma mesinha de cabeceira do lado direito, um armário embutido do lado esquerdo cuja porta era um espelho enorme, e avistou a porta mais à frente.

Ao ver-se ao espelho, começou a recear por si.

Ouviu passos perto.

Ia ser estripada.

O Estripador de Lisboa estava a chegar.

Sentiu movimento atrás da porta e arrepiou-se, a vulnerabilidade da nudez por demais evidente. A porta abriu-se lentamente e ela só não gritou por causa da mordaça.

Uma figura vestida com um manto preto entrou, mas o que a assustou foi ver de perto, e com luz, o rosto mascarado com a máscara de peste negra, o longo bico e os olhos com uma pequena janela transparente redonda para cada um.

O anonimato conferido pela máscara deixava-a aterrada.

Com medo.

Petrificada.

— Olá, inspetora Marta — cumprimentou, com a voz abafada pela máscara. Não conseguia identificar se era mesmo Tomás. Ele apagou as luzes e acendeu a lâmpada da mesinha de cabeceira, ficando o quarto numa semiobscuridade que o ocultava nas suas sombras.

A máscara da peste negra parecia flutuar no ar ao pé de si, olhando de cima para baixo.

— Ou deveria dizer, Michele? Não sei qual dos dois nomes prefere, mas suponho que seja o seu verdadeiro.

Ela tentou responder-lhe, chamar-lhe nomes, exigir explicações, mas não

conseguia falar. Reparou em como o rosto a observou da cabeça aos pés, demorando-se na zona genital. Ela tentou fechar as pernas, mas sem sucesso. Estava à mercê de qualquer um. Vulnerável. Odiava sentir-se assim.

— Portaste-te mal, ontem. Agora, mereces ser castigada. Nunca foi preciso fazer isto, mas acho que posso abrir uma exceção para ti.

Ele aproximou-se dela, com uma venda na mão, e colocou-a nos olhos da inspetora, dominando-a com facilidade.

— Pronto, assim está melhor. Prometo que isto não vai custar nada. Até trouxe aqui algo para que a tua experiência não seja tão má.

Os segundos de silêncio que se seguiram foram terríveis. Então, ouviu um barulho curto e seco, como uma tampa a ser aberta. Momentos depois, o clique dessa mesma tampa a ser fechada e algo pousado na mesinha de cabeceira.

Sentiu-o aproximar-se do fundo da cama.

Do nada, sentiu dois dedos com lubrificante tocarem-lhe nos lábios vaginais exteriores e interiores, espalhando o produto com rigor.

— Não quero que te falte nada.

Ela ia ser violada.

Não podia ser. Tinha de arranjar forma de sair dali.

Não. Não.

Remexeu com toda a sua força as mãos e as pernas, como se estivesse a ter um ataque de epilepsia, mas as amarras não cediam um milímetro que fosse.

Não. Não.

Tentou gritar, mas o som era abafado pela mordaça, saindo apenas um murmúrio inofensivo.

Não. Não.

Ouviu-o remexer na sua roupa e escutou o som desta a cair no chão. Depois,

algo pesado e rijo a pousar na mesinha de cabeceira ao seu lado, possivelmente a máscara.

Segundos de grande expectativa depois, sentiu a cama rebaixar-se no fundo. Ele estava em cima da cama, provavelmente de joelhos, a olhar para o seu corpo despido, indefeso, à sua mercê. Sentiu duas mãos tocarem-lhe nos seios e apertarem-lhe os mamilos, como se os quisesse estimular. O seu estômago começou a revoltar-se. Sentia nojo.

A cama abanou e sentiu um calor próximo de si. Calor humano. Ele estava em prancha em cima dela, o rosto dele perto do dela, os braços apoiados pelo cotovelo de cada lado do seu tronco, o corpo dele a pairar a centímetros do seu.

Tentou erguer a cabeça para o atingir, mas ele esquivou-se facilmente; já devia contar com aquela tática.

Não. Não. Não! Não, por amor de Deus!

Sentiu a bacia dele entrar em contacto com a sua, fazendo-a retrair-se, repugnada por ter outro homem que não Leonardo em cima de si, pronto a entrar nela.

Agora que ele estava sem máscara não falava, mas ela parecia conseguir ouvir os seus pensamentos, como se os ouvisse em voz alta.

Sentiu algo duro tocar-lhe nos lábios, percorrê-los de alto a baixo, a recolher algum do lubrificante para o que se seguiria inevitavelmente.

Nem Leonardo nem ninguém a iriam salvar.

Ela ia ser violada e sentia-se impotente. Começou a chorar, as lágrimas absorvidas pela venda, o lamento a ser abafado pela mordaça, os movimentos do corpo a serem controlados pelas amarras.

Houve um microssegundo em que deixou de sentir a cabeça do pénis a tocar-lhe.

Era agora.

Numa investida decidida, sentiu ser penetrada até ao fim.

O mundo desabou em cima dela quando foi alvo de investidas sucessivas do Estripador de Lisboa.

Por cada sacudidela que o seu corpo sofria a cada estocada, lágrimas desesperadas saíam, começando a empapar a venda.

Nunca na vida se sentira tão desprotegida, sozinha, abandonada.

Preferia morrer.

CAPÍTULO 101

LEONARDO

Saiu do carro e fechou a porta atrás de si, o olhar clínico a observar o espaço em redor. Parou uns momentos para admirar o Jardim do Estoril, recordando-se quando, no ano anterior, ele e Marta tinham ali estado para analisarem imagens de segurança no Casino do Estoril, no topo da avenida, sobre o caso das Olimpíadas da Morte. Foi do outro lado do enorme jardim que ele confessou à colega a música que lhe fazia lembrar dela. *Back at One*.

Virou-se de frente para o prestigiado Condomínio Privado, Palace Estoril Residence, com apartamentos de luxo, cada um avaliado em mais de dois milhões e meio de euros. Era um absurdo, mas havia algo que lhe podia ser muito útil: dispunha de segurança vinte e quatro horas por dia. Embora o St. John's também tivesse essa benesse e era sabido o resultado disso.

Tentou ignorar as memórias do passado e focou-se na placa que indicava que estava perante o Palácio Estoril Residências. Foi com esperança que avançou até à entrada do condomínio privado, pela entrada para o parque de estacionamento. A entrada era permitida a veículos e a peões, com um portão gradeado largo o suficiente para abarcar duas viaturas em sentidos opostos e, de lado, junto ao posto do segurança, um portão mais estreito, para as pessoas passarem a pé.

O condomínio dispunha de vinte e seis apartamentos, com uma área de seis mil metros quadrados, dos quais pouco menos de metade eram destinados a jardins e à piscina; era muito procurado pelo seu ambiente privado e seguro, e pelas infraestruturas de lazer de alta qualidade, como um spa, um jardim, uma piscina de sonho e estacionamento subterrâneo para três carros por apartamento; além da vista para o mar no terraço.

Mas era o segurança, sentado no seu cubículo, que lhe despertava toda a atenção e curiosidade. Estava na hora.

— Vais lá meter o segurança entre a espada e a parede para desbobinar tudo?

Vais dar uma de badass?

Mafalda estava fora do carro, empolgada por ver o irmão em ação numa missão de trabalho. Ele virou-se para trás, e voltou para perto dela. O carro estava estacionado no passeio entre duas palmeiras, na zona da passadeira.

— Fica no carro. Nem penses em aparecer, ouviste? Já me arrependi de te ter trazido.

— Tu é que quiseste vir para aqui logo a seguir ao almoço.

Olhou-a com um tom de admoestação.

— Está bem, eu fico aqui, aborrecida no carro enquanto vives aventuras.

— Achas que isto é uma aventura? A Marta está desaparecida e sabe-se lá o que lhe pode estar a acontecer neste preciso momento; o Carlos está incontactável e andamos atrás do Estripador de Lisboa, que é só dos piores assassinos que já tivemos. Achas isto divertido?

Ela esmoreceu como um prédio em demolição.

— Tens razão, desculpa.

— Andas a ver muitas séries policiais, é o que é. Vá, fica aí no carro.

Ela assentiu, mas deixou escapar um pequeno sorriso maroto.

— Mafalda…

— Vai lá trabalhar, vai salvar o mundo. Eu fico aqui a dar uma volta no jardim. Preciso de apanhar sol. Estes genes suecos deixam-me uma branquelas no inverno que até dá dó.

— Sim, faz isso. Até já.

Certificou-se que ela atravessava a estrada para o jardim e só então avançou para a entrada do condomínio privado. Após o portão dos peões havia uma janela ampla com um segurança de uma empresa privada sentado a uma secretária, vários monitores à sua frente com diversas imagens de vigilância.

Empurrou o portão e este permitiu a sua passagem. Bateu ao de leve no vidro do segurança e mostrou o seu distintivo da Polícia Judiciária, que surpreendeu o segurança e o fez levantar-se com prontidão. Era um homem que tinha envelhecido bem, com barba grisalha aparada, calvo e com uma ligeira barriga que esticava a camisa da empresa. Tinha um olhar simpático e afável.

— Bom dia. Inspetor Leonardo Rosa, certo?

Apesar de saber que era uma espécie de minicelebridade pelos seus feitos nas *Olimpíadas da Morte*, e pelo facto de a leitura do acórdão do seu julgamento ser no dia seguinte, ainda lhe era estranho ser reconhecido por pessoas que nunca vira na vida.

— Precisamente. E o senhor é…

— João Garcia.

Cumprimentaram-se com um aperto de mão vigoroso.

— Senhor Garcia, o que me traz aqui é um assunto oficial da Judiciária referente a um caso que estou a investigar. Adorava poder contar com a sua colaboração.

Ele assentiu prontamente, assumindo um ar mais sério e cruzando os braços, na expectativa.

— Há quanto tempo trabalha aqui?

— Há tempo suficiente para considerar este espaço a minha segunda casa. Bem, há alturas em que é a minha primeira casa. Passo mais tempo aqui do que com a minha mulher.

— Imagino. Então certamente que se recordará de um casal que aqui viveu, muito rico e abastado.

— Não são todos? — brincou, apontando para a luxuosidade do espaço atrás de si, imaculadamente limpo.

— Claro. Estou a referir-me à família Amaral. Alberto e Maria de Sousa Amaral. Tiveram dois filhos, Margarida e…

— Tomás — completou, com uma expressão de repulsa.

— Lembra-se deles, então?

— Preferia não me lembrar. Quer dizer, não me leve a mal, eu não julgo as pessoas. A minha função é apenas garantir a segurança das que aqui vivem e deixar apenas entrar as pessoas com autorização. Não me cabe julgar quem quer que seja e todos os residentes sempre contaram com a minha discrição. Se soubesse a quantidade de casamentos que teriam acabado se eu falasse…

Leonardo assentiu. Era mesmo de uma pessoa assim que precisava para o ajudar. Ficou intrigado pela forma como proferiu o nome de Tomás, pelo que decidiu avançar por aí sem ligar ao comentário seguinte.

— Percebi que não guarda boas memórias do Tomás, o filho do casal.

— Quer dizer, não é não guardar boas memórias…

— Garcia, não precisa de se desculpar ou de dar a volta à questão comigo. Só quero que me fale com sinceridade e sem rodeios. Não me interessa mais nada.

Ele assentiu.

— Sobre o Tomás, o que se lembra dele?

— Ele era um menino muito brincalhão, desde bebé. Quando começou a andar, até costumava escapulir-se de casa para vir aqui ter comigo.

— A sério?

— Sim, ele adorava ver as câmaras de vigilância. Passava horas aqui, a imaginar a história de cada pessoa. Chegava a criar histórias muito engraçadas.

— E mais tarde?

— Ele foi crescendo e comecei a notar algumas… peculiaridades.

— Ai, sim?

— Sim.

— Tais como?

— Ele saía muitas vezes, principalmente ao anoitecer, antes de jantar, e isso foi-me deixando intrigado. Eu cheguei a perguntar onde ia ele sozinho com aquela idade. Umas vezes ia a pé, outras de bicicleta.

— Quantos anos tinha?

— Uns 10, mais ou menos.

— E o que fazia ele nessas excursões?

— Houve uma vez que vi que ele levava um facalhão daqueles de cortar carne. Ele era tão pequeno e a faca tão grande que não a conseguiu esconder totalmente. Confrontei-o com isso e ele disse-me que ia testar se era assim tão afiada como o pai dizia.

— Testar como?

— Foi a minha pergunta seguinte, ao que ele respondeu que ia deitar abaixo uma daquelas árvores do jardim. Eu disse que isso não era permitido, mas ele foi-se embora e não me ligou nenhuma. As saídas dele continuaram e, claro, nenhuma árvore caiu — riu-se. — Mas comecei a fazer as minhas pausas para fumar depois de ele sair, para ver para onde ia. Há um ano que o via a fazer aquilo, já não aguentava a curiosidade.

— Claro, eu não aguentaria também.

— Vi que ele desceu ali o jardim e fui atrás dele. Ele desceu a avenida e virou ali em baixo, antes do Pinto’s. tem uma rua estreita que vai dar às traseiras dos edifícios desta rua e tem lá um pequeno jardim, mais recatado.

— E o que fazia ele?

— Alimentava animais de rua.

— A sério? — Por esta é que Leonardo não esperava.

— Sim, ele levava restos de comida num saco nos bolsos e usava a faca para cortar peças de fruta e deixar num prato que ali se encontrava, escondido atrás de uns arbustos.

— Então não era nada de mal.

— Pois não. Até que percebi que os gatos e os cães vadios que por aqui andavam começaram a desaparecer, mas ele continuava a levar comida para eles.

— Estava a atrair mais animais para aqui, então?

— Sim. E houve um dia que ele saiu daqui com cara de chateado.

— Diga-me que fez a sua pausa para fumar.

— Fiz, claro. Ele não estava com boa cara e como era inverno já era de noite. As luzes da rua ainda nem tinham acendido; estava escuro. Quando virei lá em baixo e atravessei a Rua do Parque, ouvi movimentos bruscos e o que me pareceram guinchos abafados.

— Ele atraía os animais vadios com restos de comida para os matar. Ninguém queria saber deles e eram mortes sem consequências — concluiu Leonardo.

— Sim, na altura estávamos longe de ter toda esta preocupação com o bem-estar dos animais.

— E o que fez sobre isso?

— Falei com os pais dele, quando os apanhei sozinhos. Eles agradeceram e disseram que iam atuar. Mas aquele rapaz… havia algo nele que me dava arrepios.

— E mudou alguma coisa?

— O menino Tomás deixou de aparecer, mas pouco tempo depois eles mudaram-se daqui.

— Há quanto tempo?

— Há uns cinco ou seis anos.

Conferia com a altura em que se tinham mudado para a Quinta da Marinha, em Cascais.

— Suponho que se recorde do acidente que acabou por ditar o falecimento da menina Margarida?

Ele olhou para ele com surpresa.

— Acidente?

— Sim. O casal Amaral garantiu-me que os filhos estavam a brincar à apanhada no jardim em frente à casa deles — não fazia ideia que seria *este* jardim nem *esta* casa —, e que ele atravessou a estrada e ela, ao fazer o mesmo para o seguir, foi colhida por um carro que passava aqui demasiado rápido.

Ele ficou pensativo, o cenho franzido a olhar para a estrada em frente.

— Epá, se tivesse acontecido eu sabia. Mesmo que fosse em algum dia de folga ou nas minhas férias, eu teria sabido de certeza.

Leonardo ficou intrigado e tocou na ferida.

— Então nunca houve nenhum acidente?

Ele abanou a cabeça.

— Lembro-me que houve um acidente qualquer com a menina Guida, que até foi ao hospital, mas não deve ter sido nada de especial porque voltou para casa pouco depois.

— Então não houve um acidente que a matou.

— Não.

— De certeza?

— Lembro-me perfeitamente de me despedir dela quando eles se mudaram. É verdade que ela parecia um pouco pálida demais e debilitada, mas a Guida estava viva quando eles se mudaram daqui.

CAPÍTULO 102

LEONARDO

Decidiu que não iria adiar mais aquele momento. Assim que saiu do Palácio Estoril Residências depois de terminar a conversa com o segurança do mesmo, ligou ao inspetor-chefe sem se preocupar por interromper um almoço de família que se tinha prolongado pela tarde.

Explicou tudo e disse que não queria esperar mais, que Carlos tivera a sua oportunidade, mas que tinham de deter Tomás. Era ele o Estripador de Lisboa.

O problema é que nenhum juiz lhe iria fornecer um mandado de captura a um domingo.

Isso deixou-o furioso, mas foi na mesma ao campus da escola St. John's, depois de deixar a irmã em casa, procurar por ele, para o confrontar com o que tinha descoberto. Ele saberia onde estava Marta; não podia adiar mais isso.

— Lamento informar, mas também nós gostaríamos de saber onde anda ele e mais uns rapazes — informou Manuela Trindade, no seu gabinete de direção, onde Leonardo tinha comparecido demasiadas vezes. A fotografia dela com Tomás e o troféu de xadrez era hipnótico e impelia-o a tentar de tudo.

— Como assim? O que aconteceu? Preciso de levar o Tomás comigo para a Judiciária.

Ela parecia abatida, com olheiras profundas.

— Eles conseguiram sair do campus na noite de sexta-feira e nunca mais voltaram.

— Mas hoje é domingo, porque é que não apresentou uma queixa a formalizar o desaparecimento dele e dos colegas? — Sabia que Carlos se incluía nesse lote e isso só o deixava ainda mais preocupado. Teria Tomás descoberto a verdade sobre a missão?

— Estava a ponderar fazer isso amanhã. Hoje é domingo e tenho esperança de

que eles tenham querido apenas passar o fim de semana fora.

Leonardo abanou a cabeça. Sentia-se frustrado, furioso com a situação que lhe estava a sair do controlo. Não sabia onde estava Marta, nem Tomás, nem Carlos.

Sentia-se desamparado, perdido.

Precisava de tomar as rédeas do caso, ou arriscava-se a perder tudo.

Ia voltar a Cascais para falar com os pais. Tinha de os confrontar com o que tinha descoberto em conversa com o segurança da antiga morada da família Amaral.

Algo não cheirava bem, e a conversa deles fedia.

* * *

A tarde estava avançada, com a noite a insinuar-se sobre as moradias milionárias espalhadas pela Quinta da Marinha. Depois de parar no portão da moradia dos Amaral e de tocar à campainha e de se apresentar, os portões voltaram a abrir-se e ele estacionou o carro no caminho de gravilha. Saiu do carro e percorreu o caminho de mármore até à entrada, onde já estavam ambos, Alberto e Maria Amaral.

— O que aconteceu, inspetor?

— O que aconteceu é que vocês me mentiram.

A boa disposição e amabilidade do casal tinha desaparecido. Nem o convidaram a entrar, preferindo barrar-lhe a passagem e falar ali mesmo, mostrando que ele não era bem-vindo.

— Mentimos no quê? É uma acusação grave — defendeu-se Maria, em choque. Devia estar habituada a que todos fizessem o que eles queriam; afinal, dinheiro era poder. No entanto, a justiça era cega e não ligava à conta bancária das pessoas. Exceto se isso fosse útil na investigação. De resto, não existia discriminação.

Ou assim Leonardo queria acreditar.

— Falei com o segurança da vossa antiga morada, que por acaso se esqueceram de referir que era num condomínio privado no Estoril. — Eles mexeram-se na mesma posição, desconfortáveis. — Ele diz que a vossa filha estava viva quando se mudaram e que não houve nenhum acidente na rua em frente.

— Esse Garcia, é um mentiroso da merda.

— Calma, Alberto — avisou Maria, senhora do momento. — Realmente, quando nos mudámos para aqui ela estava viva, mas quando fomos lá passar uma tarde na piscina para matar saudades, até porque aqui a nossa piscina ainda não estava pronta, ele estava de férias e foi quando isso aconteceu.

— Portanto, a vossa filha morreu na vossa antiga morada, mas quando já lá não moravam oficialmente?

— Sim, foi umas semanas depois, em agosto. Há seis anos. Esse trafulha estava de férias, sabe lá o que aconteceu. E com a idade dele a memória não deve ser a melhor — acrescentou Alberto, os dentes cerrados.

— Se quiser pode comprovar e ver o certificado de óbito. Certamente que terá acesso ao mesmo. Está lá tudo — garantiu a mulher, a começar a ficar emocionada.

— E ao relatório da polícia também.

Leonardo engoliu em seco perante a certeza com que eles falavam daqueles documentos legais que atestariam a veracidade do que diziam.

— Devíamos apresentar queixa de si, por nos torturar com a morte da nossa filha dessa maneira, e de desconfiar de nós ao ponto de termos de reviver esse evento tão triste na nossa vida — chorou Maria, abraçada de imediata pelo marido, que lhe lançou um olhar furioso.

— Podem ficar descansados que vou verificar esses documentos e voltarei se

assim for necessário.

— Verá que não será. Só queremos paz para a nossa filha. Mais nada. Deixe-nos em paz. Por favor.

Para um estranho que os observasse de longe, diriam que eles eram um casal em sofrimento e que Leonardo era uma besta por desconfiar deles.

Mas por isso é que era ele o inspetor da PJ.

Ele sabia reconhecer quando lhe mentiam ou quando fingiam sentimentos.

E o casal Amaral, apesar de muito bem ensaiado, estava a mentir-lhe.

Abandonou a mansão com a promessa de que ia ao fundo daquela questão, que lhe parecia revestida agora de extrema importância.

Se Tomás tinha algo a ver com a morte da irmã, podia ser a prova de como ele era um monstro, que se transformara no Estripador de Lisboa seis anos mais tarde.

Além disso, era também a única linha de investigação sobre a qual podia fazer algo e ter algum controlo. Mas até ele sabia quando devia recuar e aguardar pelo momento certo.

Só esperava que Marta e Carlos aguentassem até ele resolver tudo.

Saiu de lá com uma ideia pouco legal sobre o que deveria fazer a seguir, mas teria de tentar a via legal primeiro, antes de se arriscar daquela maneira.

O tempo não parava.

CAPÍTULO 103

LEONARDO

Na manhã de segunda-feira, Leonardo comparecera mais cedo que o normal no edifício da Polícia Judiciária. Era usual entrarem às nove da manhã, mas como ia ter a leitura do acórdão a meio da manhã, quis aproveitar o tempo antes de ir a tribunal, não fossem os juízes decidirem detê-lo e ele não poder fazer o que queria. Se ele fosse preso, era o mesmo que lançarem uma sentença de morte a Marta e a Carlos. A tensão era gigante.

— Bom dia, Teodoro — cumprimentou, ao entrar no gabinete do inspetor-chefe.

— Tão cedo, Leonardo? — perguntou, consultando o relógio de pulso.

— Sim, preciso de falar contigo. Não sei se serei detido hoje, mas preciso que saibas de tudo e que me ajudes para o caso de ser afastado da investigação.

— Força — incitou, recostando-se na cadeira, as mãos unidas por cima da barriga cada vez mais volumosa.

Nos minutos seguintes, explicou todos os contornos do caso e todas as suas dúvidas e teorias, terminando com o pedido para requisitarem com urgência o certificado de óbito de Margarida Amaral e o relatório policial do acidente que lhe provocou a morte.

— Então desconfias que haja falcatrua nesses dois documentos?

— Honestamente, sim. Com o poderio daquela família, quão difícil seria usar o dinheiro deles para subornar as pessoas certas a fim de criar um certificado de óbito falso e um relatório policial ficcional?

— Mas o que ganhariam eles ao esconderem a maneira como ela morreu?

— Porque se o Tomás estiver envolvido na morte da irmã, pode ser a prova que nos falta de que ele é o Estripador de Lisboa e ter causa provável para o deter e interrogar.

Paulo Teodoro assentiu, agitando o seu papo debaixo do queixo.

— Muito bem, vou tratar disso tudo pessoalmente, dada a urgência da situação.

— Já sabes, se isso só chegar depois da leitura do acórdão, e se eu for preso…

— Tratarei eu próprio de seguir a tua linha de investigação. Não te preocupes.

Leonardo assentiu e agradeceu a cooperação do inspetor-chefe. Habitualmente, ele tinha tendência para lhes colocar entraves, mas a maneira como o inspetor lhe expusera a situação, aliada ao desaparecimento de Marta e Carlos, deixara-o nervoso e preocupado. Afinal, era uma inspetora sua e um civil infiltrado sob sua autorização. As culpas recairiam sobre si e era com isso que Leonardo contara quando decidira pedir-lhe ajuda.

Ainda assim, o nervosismo que sentia era colossal. Se fosse condenado a prisão efetiva, não podia ajudar na investigação. Por muito que confiasse em Teodoro, não seria a mesma coisa do que se fosse ele próprio a conduzir a investigação como tinha feito até ali.

A caminho do Campus da Justiça, no Parque das Nações, recordou-se dos vários passos que tinha percorrido até chegar àquele dia. O interrogatório, quando fora acusado de homicídio qualificado pelo que fizera nas *Olimpíadas da Morte* na Madeira e fora ouvido pelo tribunal. Como o primeiro crime havia sido em Lisboa, quando tivera de assassinar uma mulher, o julgamento seria na capital. O inquérito que se seguiu fora doloroso, ao ter de reviver tudo o que fora obrigado a fazer na Madeira. O procurador fora implacável e tratara-o como um criminoso, seguindo-se, semanas mais tarde, o julgamento realizado por três juízes, o tribunal coletivo, por se tratarem de crimes de sangue, foi ainda pior, com o procurador do Ministério Público a ser implacável com ele e a colocar questões que insinuavam constantemente a sua culpabilidade. No entanto, Leonardo usara toda a sua perspicácia para fazer valer a sua condição quando

matara: fora coagido pelas regras das *Olimpíadas da Morte*, onde ou era morto ou matava. Nunca, na sua perfeita consciência, teria querido matar aquelas pessoas, mas fora obrigado. Foi tudo em legítima defesa.

As opiniões dividiram-se nas semanas que se seguiram e culminavam nesse dia, quando os juízes lessem o acórdão. Ao chegar ao Campus da Justiça, tinha a esperança de que os juízes tivessem o bom senso de compreender o seu lado numa situação que era, por si só, extraordinária e nunca vista em Portugal.

Estacionou o carro no parque subterrâneo do Campus e, ao chegar à superfície encaminhando-se para a entrada do edifício, foi abordado por vários jornalistas que dispararam questões em catadupa.

— Saiam daqui, vá lá, deem alguma privacidade! — gritou Mafalda, que caminhava ao seu lado. Colocando-lhe um braço protetor pelas costas, incitou-o a continuar. Avançaram os dois até à sala indicada pelo segurança.

Antes de entrarem, pararam e entreolharam-se.

— Vai correr tudo bem, maninho. Garanto-te.

— Eu sei que sim, Mafalda.

Abraçaram-se com força, dando a entender que receavam ainda mais que acontecesse o contrário do que tinham verbalizado.

Entraram e Leonardo sentou-se na cadeira do réu. Ao fundo da sala, várias pessoas, civis e jornalistas, aguardavam com expectativa um julgamento que fizera correr muita tinta, especialmente no debate filosófico sobre a sua culpa.

Além do arguido, que era o inspetor, e do público a quem era proibido captar imagens, daí verem-se alguns jornalistas de papel e caneta na mão, estavam também o procurador do Ministério Público e o advogado de defesa de Leonardo.

Só faltava o juiz presidente do coletivo, que iria ler o acórdão e selar o futuro

de Leonardo. Este chegou pouco depois causando algum burburinho e alvoroço entre os presentes.

Olhou para a irmã uma última vez. Mafalda fez-lhe um gesto de força, de que ia correr tudo bem. Leonardo sorriu debilmente e voltou a focar a atenção na cadeira do juiz, que acabava de ser ocupada por um homem grande, com barba branca e que o olhava através de uns óculos grossos. O juiz deu início à sessão, seguindo os protocolos, até que chegou à parte que interessava a todos e que deixou o tribunal num completo silêncio, em suspenso.

Algumas gotas de suor escorriam pelas costas de Leonardo, que decidira envergar um fato azul-escuro. Estava nervoso e o ar sisudo do juiz não o ajudava a pensar de forma otimista.

A ler de uma folha, o juiz procedeu, por fim, à leitura do acórdão perante todos os presentes, olhando para Leonardo entre as palavras.

— Perante a conclusão de que o arguido, Leonardo Rosa, atuou sob influência de ameaça grave à sua integridade física e à sua vida, achamos por bem atribuir uma pena especial atenuada. Neste sentido, o arguido será condenado a quatro anos e dez meses de prisão, sob pena suspensa na sua execução. Poderá cumprir a pena em liberdade condicional, cujas condições lhe serão entregues de imediato.

O tribunal ficou uns momentos em suspenso, a assimilar o que fora dito pelo juiz.

Leonardo não conseguia acreditar. Não ia ser detido.

Sentiu um peso enorme sair do peito.

Estava livre, ainda que condicionalmente.

CAPÍTULO 104

LEONARDO

A vontade de celebrar a sua liberdade condicional era muita, mas sem Marta e sem Carlos não se sentia capaz, ainda que Mafalda lhe tivesse feito uma festa enorme à saída do tribunal. Bastava o inspetor manter-se na linha e nunca teria de se preocupar com consequências da pena suspensa.

O que lhe interessava era usufruir da sua liberdade para salvar Marta e Carlos.

O certificado de óbito de Margarida Amaral, bem como o relatório policial do acidente que provocara a sua morte no local, chegaram ainda antes de almoço.

— Aqui tens os teus documentos, Leonardo — informou Paulo Teodoro, entregando-os em mão assim que ele chegara à PJ depois da leitura do acórdão. — E parabéns! Mereces ficar livre. Era muito injusto se tivesse sido outro o resultado.

— Obrigado — agradeceu, correndo para a sua secretária. Leu os dois documentos com toda a atenção, relendo-os três vezes cada um.

Margarida teria sido atropelada de forma fatal por um BMW X6, um carro de gama alta e com uma dimensão imponente, mesmo para um SUV. Era grande e robusto, capaz de matar qualquer pessoa que se atravessasse à sua frente, quanto mais uma rapariga de 13 anos.

Apontou a matrícula e decidiu investigá-la o quanto antes. Os documentos pareciam legítimos, sem razão aparente para desconfiar de qualquer tipo de falsificação. Apontou, também, e nessa linha de raciocínio, o nome do médico-legista que executara a nota de óbito no local do acidente.

O tempo urgia.

Uma pesquisa rápida mostrou-lhe que o veículo em questão e que supostamente matara Margarida Amaral pertencia a um homem de 62 anos, de seu nome Pedro Aníbal Alves. Viu que fora adquirido em segunda mão,

precisamente seis anos antes, em setembro, semanas após o suposto acidente. Cheirava a esturro por todo lado, o alarme de suspeitas a tocar no volume máximo na mente de Leonardo.

Tinha a certeza de que fora tudo forjado, mas precisava de confirmações. Apontou a morada do proprietário do veículo e ficou de lhe fazer uma visita nessa tarde. Pedro Alves vivia nos arredores de Torres Vedras, o que implicaria perda de tempo precioso, mas precisava de falar com ele pessoalmente para tirar as teimas e ter provas contra o casal Amaral.

De seguida, com a sua suspeita de encobrimento a tomar proporções astronómicas, ligou ao seu médico-legal preferido e de maior confiança.

— Olá, Cristóvão — cumprimentou, depois de ele atender ao fim de três toques.

— Olá, meu rapaz. Como estás, Leonardo? Já soube que apanhaste pena suspensa. Parabéns. Melhor que nada!

— Obrigado. Admito que estava um pouco receoso.

— Imagino, mas também imagino que não me tenhas ligado para falar disso. Marcamos um copo para depois. Agora, precisas de mim?

Leonardo adorava a postura prática do médico.

— Sim. Conheces um colega teu chamado Manuel Coelho?

Ele bufou do outro lado da linha.

— Se conheço! Era um totó de primeira, ainda bem que já deixou de exercer. Só fazia merda, sabes? Não tinha confiança nenhuma nele.

— Por algum motivo, isso não me surpreende.

— Porquê? Conhece-lo?

— Não.

— Estava a ver! É que ele não é do teu tempo, amigo.

— Ai não?

— Não, ele já está muito velho. Deve ter uns cem anos agora — riu-se do seu exagero.

— Quando é que ele deixou de exercer medicina-legal?

Ouviu Cristóvão Martins ponderar do outro lado, emitindo alguns sons pensativos.

— Não te sei dizer ao certo….

— Há dois anos?

— Não, há mais.

— Há dez anos?

— Sim, talvez por aí. Diria há uns oito, vá.

— Ou há seis anos?

— Não, foi há mais tempo. Entre oito e dez anos, diria eu. Mas porquê?

— Porque o nome dele foi usado para forjar uma certidão de óbito. Achas que ele seria capaz disso?

— De certeza. Se fores a ver o registo criminal dele, encontras lá umas coisas engraçadas, parecidas com isso.

— Obrigado. Deparei-me com uma certidão de óbito assinada por ele e que suspeitava que fosse uma falsificação.

Cristóvão não se deteve, sem papas na língua, mostrando como realmente sempre odiara esse antigo colega de profissão:

— Filho da puta.

Leonardo não podia ter-se expressado melhor.

CAPÍTULO 105

MARTA

Marta começou a despertar aos poucos, entorpecida, o corpo todo dorido.

Estava deitada no chão, o cheiro a palha a indicar-lhe que estava de novo na mesma cela de antes, onde tinha conseguido fugir com sucesso e de onde não iria conseguir fugir novamente. Não teria a mesma sorte duas vezes.

Desperdiçara-a.

A diferença era que, desta segunda passagem pela cela, sentia-se quebrada, destruída, morta por dentro. A sua chama tinha desaparecido.

Sabrina, que não sabia se ainda estaria viva ou se já tinha sido estripada e estaria a ser analisada por Leonardo e pelos colegas da PJ, bem que a avisara que ela iria ser violada a seguir, antes do passo final que seria a morte.

Mas ela não queria saber de mais nada.

Não ia lutar.

Tinha perdido toda a esperança no momento em que fora violada por um homem que nem sabia quem era, mas que imaginava tratar-se de Tomás Amaral.

Abriu os olhos, pressentindo alguma luminosidade à sua frente. Já não se lembrava da última vez que vira a pequena janela aberta. Perdera a noção do tempo.

Do lado de fora da cela, estava uma pequena vela, que ardia com timidez, com pouca força para quebrar a obscuridade em que eles mantinham aquele espaço. A chama não se mexia, mas vibrava com o seu calor que não chegava à inspetora.

Deitada de lado, encolhida junto à parede do fundo, mirava a vela como que hipnotizada.

Sentia-se impura, suja, nojenta. Fora tocada por um homem asqueroso e

parecia senti-lo dentro dela, um cheiro ácido a transpiração que a fez erguer a cabeça e vomitar para o lado.

Sentou-se no chão. Ao fazê-lo, percebeu que estava algo ao lado da vela. Um objeto pequeno. Sem forças nem vontade para nada, arrastou o rabo pelo chão até se agarrar às barras de metal da grade que a aprisionava naquele local recôndito.

Sentiu-se desmaiar ao discernir o objeto e o significado que acarretava.

Não tinha mais forças para suportar o que a aguardava dali a pouco, embora nem soubesse quando poderia ser.

Quis gritar, mas estava sem forças.

Voltou a deitar-se para regressar à inconsciência.

Ao lado da vela, lambida pelo seu fraco brilho, estava uma peça de xadrez.

Uma rainha preta.

A última peça.

CAPÍTULO 106

LEONARDO

Chegou a Torres Vedras em tempo recorde e estacionou em cima do passeio, sem se preocupar com mais nada. O tempo apertava e ele queria despachar aquele assunto, que achava ser uma mera formalidade, uma vez que sabia o resultado que iria obter.

Mas tinha de ter aquele trunfo consigo ou o seu plano não poderia ser executado.

Ironicamente, Pedro Alves morava perto do Tribunal Judicial de Torres Vedras.

Passou por um casal que passeava o seu cão e dirigiu-se à entrada do prédio de três andares que correspondia ao número da morada. Tocou no segundo direito e aguardou.

Uma voz melancólica surgiu no intercomunicador e convidou-o a subir assim que Leonardo se apresentou. Subiu os degraus dois a dois até ao patamar do segundo piso, onde um homem o aguardava dentro do apartamento, a mão na porta.

— Pedro Aníbal Alves, suponho?

— Sim — confirmou, o seu ar a mostrar o receio que sentia por ser abordado por alguém da Polícia Judiciária. — Que deseja falar comigo?

— Posso entrar?

— Claro, claro, desculpe.

Entraram na casa e avançaram até à sala, onde se mantiveram de pé.

— Posso gravar esta conversa?

Ele assentiu. Era um homem de características vulgares, mas que apresentava um ar de choninhas que mostrava ao inspetor que o quebraria facilmente para

obter a informação que sabia ser verdadeira, mas que tinha de ter confirmação verbal dele.

— Vim aqui para falar sobre o seu carro.

— Que tem o meu carro?

— Sei que tem um BMW X6, correto?

— Ah, esse. Sim, é meu.

A forma como falou deu ainda mais alento a Leonardo.

— Não querendo fazer juízos de valor, mas parece-me que uma pessoa que vive numa casa como esta, com posses modestas, não seria o primeiro tipo de pessoa que me surgiria na mente se tivesse de adivinhar como seria o dono de um carro como aqueles, de gama alta.

Ele assentiu. Parecia querer chorar a qualquer momento. Até dava dó de o ver.

— É o carro dos meus sonhos, sabe? Quando o conduzo, sinto-me importante.

— Imagino. O que faz profissionalmente?

— Sou funcionário de uma taberna aqui perto.

— E ninguém estranha que tenha um carro daqueles, que custa mais de cem mil euros?

— Eu não o uso para trabalho, é só para visitar a minha família.

— Que vive num condomínio privado no Estoril, suponho?

— S…sim. Como sabe?

— Foi um palpite. E não terá, porventura, conhecido um casal, Alberto e Maria Amaral?

— Sim.

— Que lhe devem ter feito um pedido muito especial.

Pedro desviou o olhar, a sentir-se em campo minado.

— Foi a eles que comprou o carro?

— Sim.

— Quando?

— Há uns cinco, seis anos.

— Quanto custou?

Mas Pedro ficou sem resposta.

— Ah…

— Não vale a pena estarmos com coisas, Pedro. Diga-me a verdade e não o chatearei mais. De certeza que não fez nada de ilegal.

Ele pareceu ponderar essa via e pareceu chegar à mesma conclusão.

— Foi esse Alberto Amaral. Ofereceu-me o carro. Sem explicações, foi uma prenda.

— E não achou isso estranho?

— Achei, mas é como disse, não fiz nada de ilegal.

— Claro, qualquer um aceitaria receber um carro desses de oferta. Mas porque é que ainda não o vendeu e ficou com o dinheiro? Acredito que uns cem mil euros lhe dariam imenso jeito.

— E davam! Mas foi o combinado. Eu ficava com o carro, ele pagava-me o seguro e a gasolina, e eu só tinha de o manter em minha posse.

— O casal Amaral explicou o motivo?

— Disseram que se queriam livrar daquele carro, que tinham a garagem demasiado cheia. Eu acreditei. Tenho familiares ricos e sei que podem ser muito excêntricos. Assumi que isto fosse apenas uma excentricidade. Estava tão feliz com essa proposta que nem hesitei.

— É perfeitamente compreensível — admitiu Leonardo perante uma

justificação tão sincera e com cabimento.

— Mas… estou em sarilhos agora?

— Não, mas há quem esteja. Esta conversa tem é de ficar entre nós. Só preciso que assine uma declaração a comprovar o contexto em que o carro lhe foi oferecido e deixo-o em paz.

Ele assentiu, medroso perante o olhar sério de Leonardo que não dava azo a dúvidas.

CAPÍTULO 107

LEONARDO

De regresso a Lisboa, ainda apanhou Teodoro no gabinete, com um aspeto cansado. A comunicação social devia estar a fazer-lhe a vida negra com o caso *Estripador de Lisboa* e com a leitura do acórdão do julgamento de um dos seus inspetores.

— Apanhaste-me mesmo de saída — avisou Teodoro, que se encontrava a arrumar a sua pasta, mostrando como estava mesmo prestes a regressar a casa. — Tens novidades?

— Sim. Tenho provas de que o casal Amaral está a encobrir algo nesta morte da filha tão… estranha e suspeita.

Ele pousou a pasta e voltou a sentar-se, sem demonstrar um pingo de aborrecimento por sentir que Leonardo lhe iria pedir para fazer mais alguma coisa pela investigação do Estripador de Lisboa.

— Chuta.

Leonardo discorreu, então, numa explicação sucinta, mas clara, sobre as duas pistas que seguiu. Explicou como a certidão de óbito foi feita em nome de um médico-legista que já se encontrava reformado na altura em que tal foi emitido; como o veículo que atropelara Margarida Amaral pertencia anteriormente ao próprio pai da rapariga, tendo sido suspeitamente oferecido a um tipo que vivia em Torres Vedras e que era familiar de alguém do mesmo condomínio privado e que estaria ali de passagem na altura; bem como a ausência de um julgamento perante o homicídio involuntário que teria ali ocorrido, o que podia significar um abafamento do caso, se realmente tivesse havido um atropelamento.

— Sim, claramente que é tudo forjado. Temos de entalar esses tipos — concordou Teodoro, rendido às várias evidências apresentadas pelo seu inspetor. — Que pretendes fazer?

— Concordas comigo que a filha do casal Amaral não foi morta, correto? Ou, se foi, eles estão a querer abafar o caso?

— Pelo menos não da forma como eles dizem, sim.

— Exato. Portanto, quero exumar o corpo da rapariga.

Teodoro podia esperar muitas ideias de Leonardo, mas era visível pelo seu ar chocado que aquela nunca lhe passara pela cabeça.

— Tu… Calma. Queres desenterrar a rapariga?

— Só assim podemos ver de que é que ela morreu. Se estão a fazer de tudo para encobrir a morte da filha, isso leva-me a pensar que estão a esconder a verdadeira história. História, essa, onde temos o envolvimento do principal suspeito de matar cinco mulheres este mês. Precisamos de saber, Teodoro.

Paulo fixou o olhar no tampo largo da sua secretária, a ponderar tudo o que sabia do caso. Era urgente agir. Fazer algo era sempre melhor que não fazer nada, principalmente perante a opinião pública.

— Eu hoje pesquisei um pouco sobre o casal Amaral — confessou. — Como as pessoas ricas costumam ter grande influência estava curioso para saber se este também o tinha.

— E tem?

— Se tem!

— Então?

— O pai, Alberto Amaral, é padrinho de casamento de um juiz bem reputado em Lisboa.

— Foda-se — soltou, recordando-se de como era Marta quem costumava dizer aquilo.

— Foda-se, mesmo. Eu posso pedir ao procurador para solicitar junto do juiz a exumação do corpo, mas vai ser difícil.

— Eu sei.

— Mesmo que seja aceite, pode demorar dias ou semanas até conseguirmos pôr isso em prática, sabes como são estas coisas que envolvem deturpar caixões e a memória dos mortos, principalmente de uma criança que na altura tinha quê, 12 anos?

— Treze.

— Isso.

— Que merda. A M&M e o Carlos podem não ter dias ou semanas. Caraças, nem horas. Não sabemos.

— Eu sei, Leonardo, mas temos de seguir os trâmites legais. Não posso fazer nada em relação a isto. Lá está, eu faço o pedido na mesma e depois logo vemos se será mesmo preciso.

Ele assentiu, pouco convencido, mas ciente de que o chefe tinha razão.

— Tens a certeza de que é ele?

— Sim, por isto tudo, pelas peças de xadrez, pela sua ligação às vítimas pós-homenagem ao Estripador. Ele próprio desaparece muitas vezes durante a noite.

— Como sabes? Foi o Carlos?

— Sim, mas não diretamente. Ele ouviu o colega de quarto do Tomás oferecer-lhe um frasco de Acetato de Desmopressina.

— E o que tem isso?

— Esse fármaco pode ser usado em diabéticos ou pessoas que sofrem de noctúria.

— E então?

— Ele não é diabético, confirmei com os pais dele.

— Então sofre de noctúria? Um bocado novo para isso, não?

— Exato. O que eu deduzi é que ele deve ausentar-se tantas vezes à noite que o colega reparou nisso e lhe terá questionado sobre isso; o Tomás terá dito que tinha de fazer xixi muitas vezes durante a noite e que teria de ir a uma casa de banho comum, fora do quarto, para não o estar a incomodar todas as noites e correr o risco de o acordar . Então, ele acabou por arranjar esse medicamento para o ajudar a passar melhor as noites sem ter de se levantar.

— Simpático, esse amigo.

— Sim, mas o Tomás não tem nada. Ele saía do quarto, e da escola, tantas vezes durante a noite com um objetivo que já bem sabemos.

— Ir tratar das vítimas, que ficam retidas em algum lado durante dias até serem assassinadas — acrescentou Teodoro, percebendo o raciocínio.

— É ele, Teodoro. E aposto que está tudo relacionado com esta morte tão misteriosa da irmã.

— Vou fazer o que estiver ao meu alcance, Leonardo. Prometo.

— Obrigado.

Saiu da PJ desiludido. Como podia ficar de braços cruzados enquanto Marta e Carlos corriam perigo de vida?

Ele tinha de fazer alguma coisa. Sentia necessidade de agir. Nem a profunda preocupação com a consulta do dia seguinte, sobre o seu cancro, o tirava desse foco.

Minutos depois, quando estava no início do caminho de casa, avistou uma loja de ferramentas, com uma ferramenta em particular a saltar à vista na montra.

Era isso.

Tinha de agir.

Aquela era a melhor forma.

Pegou no telemóvel enquanto arranjava estacionamento; tinha tempo até de

madrugada.

— Sim, mano?

— Olá, Mafalda, estou quase a ir para casa, mas tenho uma pergunta para te fazer, já que tu adoras aventuras, não é?

— Adoro, sim. Principalmente se tiver a ver com investigações policiais, como nas séries.

Ele sorriu.

— Que tal dares uma de *Castle* esta madrugada?

CAPÍTULO 108

LEONARDO

O Cemitério da Guia fora palco, dias antes, do enterro de Liliana Noronha, que contara com a presença de Tomás Amaral, o seu amante e fotógrafo pessoal. Pelos vistos, escondia um segredo de todos: a irmã também estava sepultada naquele mesmo cemitério.

Curiosamente, tinha uns muros muito baixos. Por isso, foi sem dificuldade que os irmãos Rosa pularam o muro, munidos de uma pá robusta, com o cabo em madeira e a cabeça de aço, bem sólido e forte. Adornados com roupas escuras, ocultos pela escuridão da madrugada, eram invisíveis, enquanto procuravam a sepultura de Margarida Amaral.

— Já estamos aqui há uma hora, Leonardo — queixou-se Mafalda, entretanto. — Achei que soubesses onde estava. Estou farta de olhar para estas sepulturas e tentar ler os nomes sem usarmos demasiada luz.

Leonardo olhou em volta, a começar a ficar preocupado por ver o seu plano sair furado e já eram quatro da manhã. Se fosse cavar vários palmos de terra, precisariam de uma hora ou mais. Daqui a bocado arriscava apanhar o nascer do sol antes de terminarem o que ali tinham ido fazer.

— Onde é que uma família que se dá ao luxo de ter uma casa de vários milhões de euros sepultaria a filha?

— Numa destas sepulturas da treta não seria de certeza — comentou ela, apontando com o queixo para adiante. — Seria num daqueles…coisos. Daquelas casinhas.

— Num mausoléu, ou tumba.

— Ya, isso.

Leonardo olhou mais para a frente, onde várias tumbas se erguiam do solo,

brancas e destacadas pela luz lunar. Eram construções imponentes que homenageavam os seus defuntos.

— Claro, como é que não pensei nisso! Vamos!

— Sem mim não ias a lado nenhum — brincou ela, excitada por se sentir como a personagem Richard Castle, que se via constantemente envolvido em investigações policiais e que se dava ao luxo de fazer as partes menos legais por não ser um polícia, mas sim um escritor, um civil que servia como consultor.

Com esperança renovada, percorreram as várias ruas com os mais diversos mausoléus, que acabavam por obedecer a uma estética minimamente comum, construídas com mármore claro, telhado pontiagudo e uma cruz no topo. No centro, uma porta que permitia a entrada dos familiares para as suas homenagens.

— Por aqui só há tumbas, de certeza que eles devem ter um mausoléu.

— Qual é a diferença?!

— Uma tumba são estas casinhas, como lhes chamaste, mais pequenas, para uma pessoa só. Um mausoléu é maior e pode ter várias tumbas no interior. Normalmente é para receber toda a família.

— E achas que eles já construíram um mausoléu para a família toda?

— Endinheirados como são, tenho a certeza que sim. E pela forma como eles protegem a família, nota-se o sentimento de pertença e de união, ainda que da forma errada, mas pronto.

Procuraram durante mais meia hora, com receio de não encontrarem o mausoléu e de a missão ir toda por água abaixo.

— Aqui! Deve ser este, não achas?

Leonardo acorreu até à localização de Mafalda e leu a inscrição na pedra, feita ao nível do seu peito.

Jazigo

Família Sousa Amaral

— Eles são Sousa Amaral?

— Sim.

Leonardo, sério, avançou para a porta de metal preta que tinha uma pequena fechadura.

— E agora entram os meus dotes de arrombamento que tu tanto adoravas quando éramos novos.

— Lembro-me perfeitamente. Trouxeste a gazua?

— Tinha de trazer. Achei que fosse preciso abrir à força a porta do cemitério, mas os muros são muito baixos, afinal.

— Mas já vai valer a pena, então. Força.

Leonardo pousou a pá no chão em frente ao mausoléu da família Amaral e, munido com a sua gazua de estimação, que o safara de apertos no passado, trabalhou aquela fechadura com tranquilidade. O facto de não precisarem de escavar durante horas melhorara a sua confiança em relação ao tempo que tinham disponível para executar a missão.

Ao fim de uns minutos, a fechadura cedeu, abrindo-se para eles. Sem cerimónias, abriu as duas portas de metal para trás, revelando um interior bastante despido, inócuo.

No centro existia um pequeno banco de madeira polida, sem costas, que poderia albergar três pessoas sentadas. De cada lado existiam duas inserções na pedra, como que quatro depressões criadas para serem inseridos os caixões.

Estavam três vazias, a aguardarem por Alberto, Maria e Tomás, mas a mais próxima deles estava ocupada com um caixão escuro, que parecia preto perante a fraca luminosidade do espaço. Leonardo encostou a porta atrás deles e ligou a

lanterna do telemóvel, pousando-o no banco para terem iluminação no interior do mausoléu, que devia ter o tamanho de um quarto pequeno.

— Deve ter custado centenas de milhares de euros para construir isto — admirou-se Mafalda, atónita.

— Pela quantidade de mármore e pelos detalhes trabalhados no exterior, se calhar até chegou ao milhão de euros.

— Porra, o que eu não fazia com esse dinheiro!

— Vá, ajuda-me — pediu, aproximando-se do caixão de um dos lados. As depressões estavam ao nível da sua cintura; o carregamento de caixões ficava, dessa forma, facilitado.

Mafalda dirigiu-se para a outra ponta e segurou no caixão com firmeza.

— Aos três colocamos em cima do banco. Um, dois, três.

Com segurança, arrastaram o caixão para fora da depressão na pedra e transportaram a pouca distância até pousarem com delicadeza em cima do banco de madeira no centro.

— Não te parecia… demasiado?

— Parecia — confirmou Leonardo, abrindo o trinco no centro que selava as duas metades da tampa do caixão. — Vamos lá ver se ela ficou assim tão desfeita como eles dizem ou se a causa da morte foi outra. Prepara o telemóvel para tirarmos umas fotos, por favor.

Mafalda sacou do seu telemóvel. Depois, o irmão puxou cada metade da tampa do caixão para o respetivo lado, revelando o interior.

— Bem me parecia — confessou Mafalda, voltando a guardar o telemóvel.

Leonardo olhou para o interior do caixão e a sua mente começou a elaborar explicações e teorias para aquilo que via.

Ou melhor, para o que não via.

O caixão estava vazio.

CAPÍTULO 109

LEONARDO

Ao regressar à Quinta da Marinha, em Cascais, já o Sol se começava a mostrar, relembrando o inspetor de que em breve iria saber o seu futuro em termos de saúde. Teve de reunir toda a sua fúria para com os pais de Tomás para conseguir afastar essas inseguranças. Cada coisa a seu tempo. Para já, estava na hora de confrontar o casal Amaral sem qualquer piedade. Acabaram os joguinhos.

Ia saber a verdade toda, desse por onde desse.

— Vais dar cabo deles, mano?

— Literalmente, não. Mas sim, vou. Chega de merdas. E tu ficas no carro, já sabes.

— Claro. O que achas que significa tudo isto?

— Sinceramente? O que eu acho é que o Tomás matou a irmã sem querer na altura em que foi enviado para a St. John's. Eles fingiram aquilo tudo para o proteger e esconderam o corpo noutro local para não existirem provas da culpabilidade do filho.

— Caraças, deram-se a imenso trabalho para o proteger.

— Estas famílias que vivem da reputação e do poder fazem tudo para manter as aparências.

— Imagino que ter um filho sociopata não seja fixe para as relações sociais.

— Não é mesmo.

— Eles fazem o quê na vida?

— Ele é corretor da bolsa e ela é chefe num banco. Mas a maior parte do dinheiro é de família. Ambos vêm de famílias abastadas.

— Cabrões.

Leonardo parou o carro ao pé do portão da habitação dos Amaral e tocou à campainha com insistência, só parando quando os portões se abriram. Entrou com o carro, estacionou com rispidez e saiu com fúria, batendo violentamente com a porta para a fechar.

Desta vez, ele chegou primeiro à porta de entrada da moradia.

— Abram imediatamente a porta — gritou. — Temos muito que falar!

Ouviu-se a chave rodar do outro lado e as trancas a mexerem.

— Mas o que vem a ser isto, inspetor?! — perguntou Maria, no seu tom empertigado e revoltado.

Leonardo entrou, sem ligar nenhuma à opulência da decoração e aos materiais dos acabamentos que eram obviamente de luxo e com elevado requinte.

— Chame o seu marido. Quero falar com os dois imediatamente.

— Você não pode entrar aqui em casa e…

Leonardo sentiu o peito preencher-se de escuridão. Olhou para Maria e esta deve ter detetado a sua visão turva, avermelhada, pois calou-se e cumpriu com o pedido que lhe fora feito.

Menos de um minuto depois, viu Alberto descer as escadas que levavam ao piso de cima, de pijama e a dar o nó ao robe de seda.

— Mas o que se está aqui a passar, inspetor?

Leonardo ligou o modo de gravação no telemóvel e colocou-o sobre uma mesinha de vidro, próxima de uma televisão que mais parecia um ecrã de cinema.

— Sentem-se.

Eles obedeceram e ficaram a olhar como se fossem dois miúdos que estavam a ser repreendidos e que achavam isso injusto.

— Vocês contaram-me apenas parte da verdade. A parte menos dolorosa,

certamente.

— Que verdade? De que está a falar?

— Do vosso filho.

Eles reviraram os olhos.

— Outra vez o Tomás?

— Sim. Vocês acabaram por me revelar, da última vez que aqui estive, que ele tinha uns instintos um pouco fora do comum e que foi por causa dele que a irmã morreu. Depois, contaram-me uma história da carochinha em que ele era o culpado da morte de Margarida, mas na prática na vossa versão ele não tem assim grande culpa. Pelo que disseram, eram apenas duas crianças a brincar à apanhada e correu mal.

— O que está a insinuar?

— Eu sei que a vossa filha não morreu assim. Se calhar nem está morta. Sei que forjaram a certidão de óbito, o relatório policial, até ofereceram um carro caríssimo a um tipo que jamais teria posses para ter um carro desses, além do funeral falso que fizeram para completar a encenação. Eu sei de tudo, meus caros, portanto, que tal se desbobinarem a história verdadeira? A verdade verdadeira, mesmo. Há vidas em jogo e pode ser tarde de mais por vossa causa!

— Como se atreve? — insurgiu-se Alberto.

— Sinto que tem tudo que ver com a irmã dele. Contem-me tudo. Por favor.

Apesar do pedido aparentemente polido, o seu tom era de fúria contida. E eles captaram essas nuances. Engoliram em seco e olharam um para o outro em silêncio, indecisos.

— Suponho que a parte que me contaram de ele fazer mal a animais seja verdade. O segurança do condomínio privado onde viveram antes confirmou que o viu a matar gatos e cães. Agora, expliquem-me: porque é que mudaram de casa

assim tão repentinamente? Já têm aí um ponto de partida para a vossa explicação. Se não quiserem, posso levar ao Ministério Público as provas de que vocês forjaram a morte da vossa filha e nem quero pensar no que vos aconteceria. Pelo menos, diriam adeus a esta vida.

Eles ficaram assustados. Leonardo conseguira o efeito pretendido.

Alberto assentiu para a mulher. Deram a mão, e foi ela que prosseguiu a explicação, percebendo que não teria alternativa.

— O Tomás e a Margarida sempre tiveram a vida perfeita desde que nasceram. Com a riqueza das nossas famílias, nunca lhes faltou nada. Bem pelo contrário, sempre tiveram do melhor que a vida podia dar — começou Maria, uma lágrima a escorregar pela face. — Acreditamos que esse é que era o problema que incomodava o Tomás. Teve sempre tudo de mão beijada, sem se esforçar minimamente pelas coisas. Por isso, raramente sentiu emoção com as coisas que lhe aconteciam na vida.

— Estava tudo garantido — completou Leonardo. — E certamente que acabou por se fartar de viver uma vida rica e sem emoção e começou a precisar de algo mais para se sentir vivo.

Eles pareciam impressionados.

— Precisamente. Chegámos a ter várias conversas com ele sobre este assunto, e ele acabou por ser muito sincero connosco.

— Demasiado, até — confessou Alberto.

— Nada o entusiasmava até matar a tal ratazana aos 10 anos de idade. Foi aí que, pela primeira vez, o vi sentir emoção.

— Acredito que se tenha sentido finalmente vivo e tenha querido sentir isso mais vezes — raciocinou Leonardo, conhecedor da mente dos assassinos em série. — Terá continuado a matar pequenos animais da mesma forma que os rapazes se masturbam, e porque queria repetir aquela sensação começou a ser

um vício. Ficou viciado em adrenalina. Daí até matar gatos e cães vadios foi um passo natural.

— O pior é que encontrámos umas… fotografias no quarto dele muito comprometedoras.

— Fotografias?

— Já as queimámos. De verdade. Eram fotos horríveis.

— Dos animais?

— Sim. Ele… começou a abri-los. Para ver como eram por dentro.

— O Tomás era um curioso e gostava sempre de saber como as coisas funcionavam — esclareceu Alberto. — Certa vez tivemos de mandar uma televisão caríssima para o lixo porque ele a desmontou toda para ver como funcionava.

— OK. E depois, o que aconteceu?

— Um ano depois, tinha ele uns 11, e a Guida, 12 ou 13, estavam a brincar os dois, até que o Tomás acabou por lhe apertar o pescoço. Acho que estavam a brincar às lutas. Se não nos tivéssemos apercebido do que se estava a passar, nem sei o que teria acontecido. Ele parou antes de a sufocar, mas deixou-a inconsciente por momentos.

— E foi aí que ficaram preocupados. Se ele fazia o que fazia aos animais, certamente que a partir desse momento da quase estrangulação, a facilidade com que poderia fazer à irmã o que fazia aos animais não lhe saiu da cabeça.

— Era esse o nosso medo. Ficámos mais vigilantes, mas a Guida era irritante para ele e estava sempre a provocá-lo.

— E nós não podíamos estar em cima deles a toda a hora.

Reparou que o casal apertou mais as mãos, em sofrimento.

— Mais tarde, já ele tinha 12 anos, quando levou a sua até ao fim. Apertou-lhe

o pescoço, deixou-a inconsciente, no chão do quarto, e…

Maria tapou a boca com a mão, sem acreditar no que o filho fizera.

— Ele cortou-a? — sugeriu Leonardo, começando a compreender totalmente Tomás.

— Sim, ele… abriu-lhe a barriga. Disse que era para ver como éramos por dentro ao vivo.

— O que vale é que aparecemos logo após esse primeiro corte. Evitámos uma catástrofe. Na altura já suspeitávamos do que ele andava a fazer aos animais da zona e percebemos que ela não estaria em segurança connosco, por muito que isso nos custasse.

— Então simularam a morte dela, mas ela está viva.

— Supomos que sim.

— Supõem?

— Enviámo-la para uns familiares distantes, com os quais não temos contacto nenhum. Doámos parte da nossa fortuna para uma conta criada em nome dela, a fim de pagar todos os custos de a criarem — esclareceu Alberto.

— Foi duro vê-la ir embora, mas foi o melhor para todos. Assim ela ficava livre, sem perigo de vida e tinha dinheiro na mesma.

— E foi então que mudaram de casa, para que os novos vizinhos achassem que tinham um filho apenas.

— Sim.

— E o que fizeram com ele?

— Enviámo-lo para a St. John’s, estava ele ainda no terceiro ciclo e iria acabar a escolaridade obrigatória lá, longe da vista.

— Longe do coração — completou Alberto.

Leonardo assentiu, tentando não fazer juízos de valor, que não lhe competia.

Só queria os factos. Mais nada.

— Suponho que, com a vossa fortuna, conseguiram subornar toda a gente que precisavam para simular a morte dela e esquecer, em termos legais, que tinham tido uma filha e que esses familiares sempre tiveram a Margarida com eles.

— Sim. Dinheiro é poder, certo?

Leonardo absteve-se de comentar.

— Deixaram de ter problemas depois de porem em prática esse plano?

— Sim. Adoramos crianças, mas as nossas estavam estragadas. Foi o melhor para todos, cada um no seu canto. Ainda por cima a Maria está de olho na pasta das Finanças do próximo governo, não nos podíamos dar ao luxo de ter esses escândalos à nossa volta. Infelizmente, o partido ao qual somos afiliados acabou por não vencer as eleições, mas isso só nos deu mais tempo para a influência da Maria crescer. Tenho a certeza de que a teremos como Ministra das Finanças nas próximas legislativas.

Leonardo pegou no telemóvel, pouco importando os objetivos deles de grandeza e poder.

Só lhe faltava saber uma informação.

— Para onde enviaram a vossa filha?

CAPÍTULO 110

LEONARDO

O foco era, naquele momento, em si próprio. No seu corpo. Na sua saúde.

No seu cancro.

Que, esperava, estivesse em remissão.

Sentia-se cansado, por passar a noite anterior em claro, mas o estado de alerta em que se encontrava depois da conversa com o casal Amaral e com a proximidade da derradeira consulta com o médico que o operara fazia esquecer o cansaço da direta que fizera.

Ao chegar, com a irmã, à sala de espera da ala da gastroenterologia do Hospital CUF Tejo, onde tanta coisa tinha acontecido nos últimos tempos, uma figura alta, linda e imponente foi ao encontro dos irmãos Rosa.

— Olá, Leonardo!

— Olá, Laura. Por aqui?

Ela aproximou-se deles e abraçou-os à vez, um sorriso enorme no rosto.

— Não podia perder um momento tão importante. Aliás, não podíamos. O Raul está a desejar-te boa sorte. Toca lá.

Pegou na mão inerte de Leonardo e levou-a até ao seu ventre. Como que por magia, sentiu uma pancada do outro lado, como se o filho o estivesse a cumprimentar.

— Obrigado.

A sua senha surgiu no ecrã, juntamente com o número do gabinete. Estava na hora.

As duas mulheres abraçaram-no com força, desejando-lhe toda a sorte do mundo e que ficariam ali a torcer por ele. Leonardo sentiu uma comoção enorme

no peito e por pouco não rebentava em lágrimas. Afastou-se a tempo, procurando o gabinete pretendido.

Bateu à porta e, após a autorização do médico, entrou no gabinete com um sorriso amarelo e sentou-se com dificuldade. Por algum motivo, as pernas não lhe respondiam.

— Estive a analisar os seus exames com todo o cuidado e estou até a olhar para eles agora aqui no computador — disse o Dr. Mota, enigmático, após os cumprimentos iniciais da praxe —, e as conclusões são claras e só podem ser num sentido.

Ficou a olhar para Leonardo, como que à espera da reação dele.

— E qual é a conclusão tão óbvia, doutor?

— Os seus intestinos estão a funcionar lindamente e não existem vestígios do tumor. Como foi detetado cedo, a sua remoção foi mais fácil. — O médico sorriu-lhe. — Está livre da doença, Leonardo. Claro que terá de fazer colonoscopias com mais regularidade para controlarmos a situação e evitar alguma recaída. Se continuar assim durante cinco anos, estará curado. Parabéns.

— Então… — começou Leonardo, sem acreditar que era verdade.

— Vamos fechar a colostomia daqui a um mês, depois de mais alguns exames e consultas. Parece-lhe bem?

O inspetor sorriu de orelha a orelha e sentiu uma onda gigante de alívio a inundá-lo, extravasando em algumas lágrimas de felicidade. Ia voltar a ser «normal». Iriam acabar as limitações, as vergonhas, as incertezas.

— Parece-me perfeito, doutor.

Podia ter pensado em mil e uma coisas naquela altura, mas o seu primeiro pensamento foi ao encontro do filho. Ia conseguir acompanhá-lo de perto e vê-lo crescer, tornar-se um homem. Mal podia esperar para o conhecer e tê-lo nos braços. Agora, o céu era o limite.

CAPÍTULO 111

MARTA

Não sabia quanto tempo passara, mas deu para refletir sobre o que lhe acontecera. Para perceber como se sentia e o que podia fazer sobre o assunto.

Marta sentia-se suja.

A respiração ofegante do violador.

A urgência com que ele a montou e penetrou.

Ainda sentia o cheiro dele.

Recordava-se de sentir o rosto de barba feita a tentar beijá-la, embora aí ela tivesse tido algum poder para conseguir escapar aos seus lábios.

— Ei! Estás aí? Estás bem?

Deitada no chão, enrolada numa bola, não respondeu ao chamamento de Sabrina. Não queria falar, não queria tornar aquela experiência ainda mais real do que já era.

Do nada, apercebeu-se de algo que não tinha reparado no meio de toda a aflição durante a violação de que fora vítima.

Ele não tinha barba. O rosto estava liso e macio.

Mas Tomás tinha uma barba rala.

Abriu os olhos de repente, o instinto de inspetora a sobrepor-se à sua atitude vitimizada.

Não fora Tomás que a violara.

Ao longe, ouviu alguém aproximar-se, a esfera de luz a percorrer o corredor até chegar à cela de Marta. A inspetora, dotada de uma força renovada que não sabia ainda possuir, levantou-se e bateu nas grades com violência.

— Quem és tu? Sei que não és o Tomás. Ou vocês têm uma equipa de Estripadores?

— Prepara-te. Já está tudo pronto — anunciou o mascarado, oculto pela força da luz da lanterna a incidir no rosto furioso de Marta.

— Quem és tu? És tu o verdadeiro Estripador?

— Em breve saberás. Como viste, vais ser a última. O nosso último ato como Estripador de Lisboa. Vais ter essa grande honra. Vamos partir em breve.

Ela apertou as grades com força, desejando poder quebrá-las e atirar-se sobre aquele mascarado nojento.

— Para onde vamos?

— Para um sítio muito especial. Vai ser o final perfeito. Depois, vamos desaparecer e, como o Estripador de Lisboa original, ninguém nos irá capturar. Vamos ser livres para contar a história mais tarde.

— Vocês são doentios. Nós vamos acabar com esta palhaçada.

Ele riu-se de forma contida, quase irónica.

— É tão engraçado achares que terás qualquer hipótese. Mas continua com essa esperança, ao menos não tens pensamentos suicidas como a tua colega ali ao lado.

Marta bateu na grade com fúria ao vê-lo afastar-se de regresso ao exterior.

— Cabrões!

Gostava que houvesse uma maneira de dizer a Leonardo que não era apenas um Estripador. Eram uma equipa, no mínimo de dois, quem saberia mais.

Sentia-se frustrada por estar presa, sem poder fazer nada.

Que dia era? Leonardo já teria ido à leitura do acórdão? E à consulta?

Se ele fosse detido, o seu futuro teria acabado.

Mas, no fundo, sentia que ele tinha sido absolvido ou, na pior das hipóteses, condenado com pena suspensa, e que o médico lhe dera a ótima notícia da remissão do cancro e que iriam reverter a colostomia.

Tinha de se agarrar a esses pensamentos de esperança, ou arriscava perder-se.

Só o seu futuro é que permanecia uma incógnita.

Se é que ela fosse ter algum futuro.

CAPÍTULO 112

LEONARDO

Era chamada de Veneza portuguesa. Próxima do mar e da ria que lhe dava o nome, Aveiro era atravessada por uma rede de canais onde eram navegados os famosos e coloridos moliceiros, que transportavam milhares de turistas todos os dias. Antigamente, essas embarcações eram utilizadas para recolher algas e sargaço. Era uma cidade que se podia visitar a pé: os pontos turísticos estavam todos ao alcance de uma pequena caminhada. Mas, ainda assim, existiam as conhecidas «bugas», bicicletas que eram alugadas de forma gratuita e que permitiam dar longos e tranquilos passeios. Como a cidade era maioritariamente plana, não constituía qualquer esforço para o turista visitar todos os edifícios que o mereciam.

Por estes motivos foi preciso muita persuasão para convencer Mafalda a ficar em sua casa, em Lisboa, quando ele ia a Aveiro. Não sabia o que ia encontrar e não queria colocar a irmã numa posição de perigo. Tinha era de levar uma caixa de ovos moles para ela, para a mulher e para os miúdos ou levaria calduços na cabeça.

Os familiares distantes do casal Amaral eram um casal de primos de Alberto, em segundo grau. Eram filhos de uma tia que já se separara do seu tio de sangue e, por isso, tinham ficado quase como estranhos, o que era perfeito para a intenção do casal. Deixar Margarida com um casal que era de confiança, porque não deixava de ser família, mas que pouca ou nenhuma ligação tinha com eles era o ideal para seguirem com o plano de manterem as aparências.

Atravessou a zona dos canais, admirando a azáfama dos turistas, uns nos moliceiros a deslizarem pelos canais, outros a comerem tripas de Aveiro, ou bolacha americana, ou ovos moles, enquanto admiravam a cidade com o seu brilho aquecido pelo sol primaveril.

Mas não era ali que o seu destino se encontrava.

Era mais a sul, na Costa Nova, conhecida pelos seus palheiros às riscas, ponto de passagem obrigatória para tirar fotografias. Leonardo estacionou o carro na zona virada para a Ria de Aveiro, onde se encontravam os ditos palheiros coloridos. Outrora usados pelos pescadores para armazenar alfaias, eram utilizados atualmente pelas famílias, na época balnear, para uma temporada numa das zonas mais agradáveis para se passear e passar um bom bocado.

Leonardo avançou na direção dessas habitações e quase que tirou uma fotografia para picar a irmã, mas não tinha tempo para brincadeiras. Por esta altura, já Marta estava desaparecida há vários dias. Podia estar morta, embora o facto de ainda não ter notícias dela fosse um ótimo sinal.

Atravessou uma rua que furava a fachada de palheiros e internou-se no bairro atrás, preenchido com moradias alegres e modernas.

Faltavam duas vítimas para que o Estripador de Lisboa completasse o número de peças de xadrez sacrificadas na final disputada por Tomás Amaral.

Uma era Marta. Quem seria a outra?

Ao virar para outra rua, não pôde deixar de desejar que Marta fosse a última, a rainha preta, para que houvesse mais hipótese de sobreviver. No entanto, esta paragem mais prolongada nos crimes sugeria a Leonardo que ele estava a preparar algo em grande.

Um final memorável.

O que o levava a concluir que o Estripador, como o original, ia desaparecer de repente após o último crime.

Dois minutos depois, estacou em frente a uma moradia de dois pisos, com pilares de cada lado e janelas amplas. Estava pintado de amarelo-claro e possuía uma campainha ao pé do portão de entrada. Leonardo tocou sem preâmbulos, desejoso de despachar aquele assunto.

Ao fim de dois minutos, um homem de meia-idade surgiu ao fundo, na porta

da moradia. Vestia uns calções de banho, chinelos e t-shirt branca. Teve de franzir os olhos para tentar ver o inspetor; o sol batia de frente.

Leonardo apresentou-se e o homem, que se apresentou como Bernardo, permitiu a sua entrada, encaminhando-o para a sala de estar, onde uma televisão transmitia um programa matinal de um canal de sinal aberto.

— A minha mulher foi comprar uns legumes para o almoço — explicou Bernardo. — Posso ajudá-lo com alguma coisa?

O seu ar mostrava o quão nervoso estava, e Leonardo sabia bem o motivo.

— Vim aqui por causa da filha do casal Amaral, Margarida, que vos foi entregue há uns seis anos. Preciso de saber onde a posso encontrar?

A expressão do homem tornou-se fatigada, derrotada. Leonardo ligou a aplicação de gravação de voz e segurou o dispositivo na mão enquanto encarava Bernardo com um olhar compreensivo.

— Também gostava de saber.

— Desculpe?

— Ela… ela veio para aqui e correu tudo muito bem inicialmente. Era uma miúda fantástica, mas… bolas, preciso de uma bebida.

Leonardo escusou-se de comentar que ainda nem era hora de almoço, mas queria que a sua pessoa de interesse estivesse confortável. Ele regressou com um copo preenchido com um líquido cor de âmbar. Uísque.

— Durante um ano ou dois não tivemos problemas. Dissemos aos vizinhos que era uma sobrinha que vinha viver connosco porque os pais dela viviam no estrangeiro e não tinham condições para a educar e que queriam que ela crescesse em Portugal. Nunca mais ninguém nos perguntou nada e vivemos felizes.

— Não têm filhos, vocês?

— Sim, temos um, o Luís, mas já não vive connosco. Ele está na faculdade em Lisboa e vive lá agora.

— Muito bem, e em relação à Guida?

— Ela, ao fim de dois anos, mais ou menos, começou a apresentar comportamentos estranhos.

— Estranhos em que sentido?

— Começou a ter pesadelos, de que era estrangulada, que morria asfixiada, e começámos a perceber que o assassino dos seus pesadelos era o irmão.

— O Tomás Amaral.

— Sim. Ela já se tinha esquecido de parte do que lhe tinha acontecido para ter a cicatriz na barriga, talvez do choque ou assim…

— É normal, por vezes, haver uma perda seletiva de memória após um evento traumático, como esse — informou Leonardo, recordando-se que o mesmo acontecera a Carlos, embora com outra dimensão.

— Desde então, ela começou a apresentar uns problemas… mentais, digamos assim. Começou a isolar-se, não queria ser vista por ninguém, e tornou-se violenta. Foram anos horríveis. Ela transformou-se completamente, principalmente depois de lhe contarmos o que lhe tinha acontecido e de ela se ter recordado de tudo.

— Diria que ela odiava o irmão?

— Ah, sim, claramente. Ela até fazia desenhos com um rapaz e depois riscava-o a vermelho e rasgava o papel… Admito que até eu e a minha mulher estávamos a ficar com medo de viver com ela.

— Mas diz que não sabe do paradeiro dela?

— Não. Quando fez 18 anos, há um ano e tal, fugiu.

— E não vos disse nada?

— Disse só que se ia embora e para não irmos atrás dela, que ela ia mudar de nome e ia desaparecer desta vida.

Leonardo ficou uns segundos a assimilar a história de Margarida, precisamente na altura em que a mulher de Bernardo, Cesaltina, regressou das compras e os cumprimentou, ficando a par do assunto rapidamente.

— Eu acho que ela fugiu por causa daquele rapaz — sugeriu Cesaltina, ainda com o saco de compras na mão, o ar bastante sério.

— Que rapaz?

— Havia um rapaz aqui de Aveiro, mas vivia na cidade, que vinha aqui de bicicleta quase todos os fins de semana pouco depois da Margarida vir para aqui e a levava a passear. Era a única forma de a fazer sair de casa. Só ele é que conseguia, era incrível.

O inspetor sentiu que havia ali uma ponta onde se agarrar.

— Que rapaz era esse?

— Não sei… Ela nunca o apresentou, nunca o trouxe cá a casa.

— Por acaso tem alguma fotografia dele?

Eles olharam um para o outro.

— Por acaso, acho que temos uma foto deles os dois guardada no baú.

— Que baú?

— Onde arrumámos as coisas que ela deixou para trás quando saiu de casa. Não conseguimos deitar fora. ‘Tadinha, ela tinha os seus problemas mentais, mas não era culpa dela ter ficado assim como ficou. Penso nela todos os dias e rezo para que ela esteja bem.

— Podiam mostrar-me a foto?

— Eu vou lá buscar — ofereceu-se Bernardo, enquanto a mulher foi arrumar as compras.

O homem regressou dois minutos depois, com um papel fotográfico na mão.

— Polaroid — explicou. — Agora os miúdos voltaram ao nosso passado.

Entregou a fotografia ao inspetor, que manteve o telemóvel a captar os sons da conversa numa mão, e pegou na fotografia com a outra.

Era uma fotografia tirada no interior de um moliceiro, na cidade. Alguém terá tirado aquela fotografia dos dois, sentados nos bancos corridos da embarcação, vestidos com roupas leves e claramente no verão. Tinham ambos a pele avermelhada da exposição ao Sol e pareciam muito felizes.

Focou-se no rapaz ao lado de Margarida.

Um arrepio percorreu-lhe o corpo.

Saiu imediatamente sem se despedir, correndo para o seu carro. Precisava de regressar a Lisboa depressa.

CAPÍTULO 113

MARTA

Estava vendada, amordaçada e presa por cordas grossas no interior de um veículo. Parecia estar sentada num lugar normal, o que sugeria que o carro possuía vidros fumados, ou a sua imagem teria atraído as atenções a quem passasse por eles.

Estava a andar de carro há bastante tempo, infindável quando não se via nada.

— Acho que já vos posso tirar a venda e a mordaça — anunciou a voz que ela se habituara a ouvir, alterada pela máscara da peste negra. Mas estaria ele a conduzir o carro com essa máscara? Isso atrairia certamente as atenções, visto que não era permitido haver vidros fumados à frente. — Agora que estamos a caminho do final, acho que merecem uma explicação.

Sentiu movimento à sua frente, o que sugeria que estava numa carrinha espaçosa. Ao ouvir gemidos em torno de si, percebeu que não estava sozinha. Seria Sabrina? Iriam as duas ser as últimas vítimas do Estripador?

Sentiu-o aproximar-se de si, aquele cheiro que a atormentara nos últimos dias a enojá-la e a sentir que podia vomitar a qualquer momento. Fora ele que a violara. Estava prestes a descobrir quem era. Sentiu a mão nojenta dele na sua cabeça. Retirou a mordaça e a venda num instante.

— Olá, inspetora Mateus. Bem-vinda de volta ao mundo dos vivos. Espero que goste da companhia nesta última viagem.

A claridade que invadia a viatura encadeou-a por momentos ao olhar para uma figura em pé no meio da carrinha. Ele estava com a máscara da peste negra, mas não era ele quem conduzia. Piscou os olhos e passou a língua pelos lábios para os humedecer. Depois olhou em redor. Estava na fila de trás daquela carrinha de sete lugares, com vidros fumados, como previra. Na fila à sua frente, estavam duas pessoas. Uma era Sabrina, com a sua pose derrotada, quebrada.

— Marta?

Olhou para o lado e abriu a boca de espanto.

— Carlos?!

Sorriram por momentos, ambos felizes por verem uma cara conhecida, esquecendo-se por momentos que caminhavam em direção à morte.

— Como é que…

— O que aconteceu?

Calaram-se. Queriam muito saber o que os levara até àquele ponto.

— Sabes alguma coisa do Leo?

— Não, também te ia perguntar a mesma coisa.

— Do Leonardo Rosa? — intrometeu-se o mascarado, arrancando as vendas das pessoas à frente. — Ele foi acusado com pena suspensa. Está livre que nem um passarinho.

Marta sorriu, a esperança a inundá-la novamente.

— Mas não fiques com essa cara de estúpida que ele não terá tempo de vos salvar. Esta noite acaba tudo.

Foi então que reparou no homem sentado à frente, ao lado de Sabrina.

Ele virou o rosto para o mascarado e Marta identificou-o de perfil sem nenhuma hesitação.

— Tomás, o que é que…

O mascarado, vendo o ar confuso dela e de Carlos, começou a rir-se, contagiando o condutor da viatura. Riram-se cavernosamente, quase como um vilão num filme a rir-se do infortúnio do herói.

— Eu já disse que não sou o Estripador de Lisboa, foda-se! — gritou Tomás, aflito.

— Mas então… quem és tu? — perguntou para o homem da máscara.

O mascarado abanou a cabeça.

— Achas que lhes conte, António?

— Sim, coitados. Já sofreram o suficiente. Tira lá a máscara.

Aquela voz gelou as mãos de Marta. Já a ouvira. Avaliou melhor o condutor, captando o rosto pelo retrovisor. Era de meia-idade, dentes amarelados, as faces bexigosas, ainda com nódoas negras.

O condutor era o Estripador de Lisboa original.

Marta abriu a boca, sem saber o que dizer perante tanta confusão, com a presença de Carlos, dele e de Tomás como não sendo o Estripador.

A sua cabeça estava prestes a explodir, exigia explicações, mas essas viriam mais tarde, porque, naquele momento, o mascarado começou a tirar a máscara de peste negra.

O suspense estava a matá-la, mas foi Carlos que o reconheceu primeiro, ainda antes de ele tirar completamente a máscara e a pousar no chão. Ouviu-o inspirar em choque.

— És tu o Estripador de Lisboa?!

CAPÍTULO 114

LEONARDO

Seria possível que Ricardo Fragoso, o amigo de Carlos na St. John's, estaria envolvido com o Estripador de Lisboa?

Ou, pior, seria possível ser ele o Estripador de Lisboa?

Na fotografia, era claramente ele que estava com Margarida Amaral, felizes a passearem de moliceiro, ocultando naqueles sorrisos todos os fantasmas que os aterrorizavam e que, ao que parecia, os unira. Não era difícil de adivinhar o que tinha acontecido. Viram um no outro a aceitação que não viram em mais lado nenhum. Tinham ambos traumas difíceis de ultrapassar e que mais ninguém compreenderia. Só ainda não imaginava como se fizera a ligação entre dois desconhecidos que criaram uma amizade por necessidade mental, até àquele ponto.

Chegou à boarding school já bem depois de almoço, faminto, mas sem tempo a perder. Precisava de o encontrar, mas algo lhe dizia que também ele teria desaparecido na altura de Carlos Caetano.

Ao falar com a diretora, esse receio confirmou-se. Manuela estava esgotada, num estado lastimável por ver alunos seus desaparecidos, preocupada apenas com a reputação da escola que iria cair a pique.

— Há pais que já ameaçaram retirar os filhos daqui, vai ser o final da St. John's!

Mas Leonardo não queria saber. Tinha assuntos mais prementes para resolver.

No caminho de volta à PJ, ligou a Teodoro e pediu-lhe uma investigação a fundo a Ricardo Fragoso. Telecomunicações, contas bancárias, tudo. Tinham de encontrar alguma pista de onde pudesse estar naquele momento.

Chegou ao gabinete, frustrado, mas não derrotado. Ficou de plantão em frente ao quadro de cortiça, onde observou com minúcia todas as pistas e ideias que

eles tiveram ao longo do caso. Era óbvio que seriam apenas mais duas vítimas. Marta e outra mulher. Isso estava claro. Depois, provavelmente o Estripador iria desaparecer para sempre, à maneira do Estripador original, que se desvanecera após o terceiro crime.

Os olhos do inspetor foram atraídos para um post-it que assinalava o regresso desse assassino.

Estripador original surge do nada para se distanciar deste Estripador!

Eles nunca se debruçaram seriamente sobre o assunto. A verdade é que a desculpa de António Salgueiro lhes parecera convincente. Ele só se queria demarcar do novo Estripador de Lisboa para não manchar a sua reputação de assassino em série inalcançável.

Mas e se…

A mente de Leonardo estava bem longe do gabinete. Voava no meio das pistas que foram reunindo, das frases ditas pelas pessoas de interesse, por tudo o que Carlos e Marta revelaram das suas missões, expressões faciais que foi identificando ao longo dos últimos dias.

Reviveu a cena em que o Estripador original tinha aparecido.

António surgira em plena conferência de imprensa do diretor da PJ. Em que altura fora? Leonardo procurou na sua mente pelo contexto. Fora na altura em que ele lançara uma carta a referir o trigésimo aniversário da terceira vítima. Portanto, tinham sido encontradas duas vítimas e estavam a horas de encontrar a terceira. Foi aí que António surgira para desmistificar a teoria de que seria o Estripador original a cometer os crimes.

Mas porque é que um homem que desaparecera sem deixar rasto, que nunca fora encontrado pela polícia, que sempre vivera no anonimato, de tal forma que muitos o achavam morto, decidiu expor-se daquela forma?

Seria para se vangloriar perante todos, aproveitando o facto de os seus crimes

terem prescrevido e, assim, gozar na cara da polícia?

Seria apenas porque se sentia ofendido por usarem o seu nome?

Ou…

Leonardo avançou um passo, o coração a palpitar com força na sua caixa torácica.

O que é que ele conseguiu com aquele aparecimento na PJ?, raciocinou, tentando entrar na mente do assassino. Olhou para outro post-it abaixo.

~~*Estripador original*~~

~~*Ou*~~

Estripador novo

Ele conseguira que ele e Marta o descartassem de imediato, sem pensarem na primeira hipótese, aparecendo riscado no post-it. António conseguira desviar as atenções de si mesmo ao atrair a atenção para si daquela maneira. Ele sabia que, arriscando-se, os inspetores levariam mais a sério a sua verdade e prosseguiriam a investigação a considerar que se tratava de um Estripador de Lisboa novo.

Sem nada para fazer a não ser aguardar, algo que o irritava, precisava de reconquistar o controlo do caso. Tinha de investigar a terceira opção. E se o Estripador de Lisboa original estivesse envolvido neste caso? Só assim colava a ideia de Ricardo ser o novo Estripador.

Rodou sobre os calcanhares e entrou no gabinete do inspetor-chefe, que o vira meditar em frente ao quadro o tempo todo a partir da sua secretária e sabia que viria ter com ele mais tarde ou mais cedo.

— Alguma teoria nova?

— Sim, preciso que investigues as contas do Estripador original, o António Salgueiro. E preciso que me forneças a morada dele, por favor. Vou lá agora fazer-lhe uma visita.

Paulo Teodoro endireitou-se na cadeira, em sobressalto perante o novo rumo que o seu inspetor queria dar à investigação.

— Porque é que mudaste de ideias?

Leonardo explicou o seu raciocínio, terminando com a opção de investigar esta ideia por não ter nada melhor que fazer. Se parasse, perderia e Marta morreria pela certa. Mas esta última parte ele guardou para si mesmo.

— Eu lancei o alerta nacional pela Marta, mas ninguém a viu.

— Eu sei.

— É uma merda.

Leonardo apontou para o inspetor-chefe.

— Agora é que falaste bem.

O seu telemóvel tocou e Leonardo saiu do gabinete. Era Mafalda.

— Passa-se alguma coisa, mana?

— Não, só queria saber como está tudo. Novidades?

— Vou investigar uma ideia que tive, porque de resto não há nada para fazer.

— Ui, deves estar a roer-te por dentro por não teres isto sob controlo. Precisas de alguma coisa?

Viu Paulo Teodoro fazer-lhe sinal com a mão, na qual se encontrava um papel, e assentiu. Ele entrou no gabinete e sacou do bilhete da mão do inspetor-chefe, agradecendo com um gesto enquanto recuava para fora do gabinete e se despedia da irmã.

— Não preciso de nada. Se a minha teoria se confirmar, voltarei a ter o controlo do caso.

CAPÍTULO 115

LEONARDO

O trânsito começara a intensificar-se nas principais artérias lisboetas, principalmente no caminho para a Margem Sul via Ponte 25 de Abril. Infelizmente para Leonardo, o Estripador de Lisboa original vivia, agora, na Arrentela, Seixal, a mais de vinte quilómetros da PJ de Lisboa. Sem trânsito demoraria apenas uns vinte minutos, mas com a hora do regresso a casa a aproximar-se, o tempo passava para quase o dobro.

Depois de comer uma sandes que tirara da uma máquina de venda automática na PJ, surgiu uma notificação no seu telemóvel da aplicação do YouTube.

Era do canal do Estripador de Lisboa.

Leonardo abriu-o, girando o telemóvel no dispositivo que o segurava ao tablier do carro. Guinou ligeiramente o volante ao ver o rosto desfeito pela mágoa, acabado, quebrado, de Marta Mateus. O seu brilho tinha desaparecido e o cabelo, normalmente fogoso, parecia desmaiado.

— Olá a todos — começou ela, claramente a ler. Estava sentada num banco de automóvel, sem nada no cenário que identificasse o local. Leonardo aumentou o som até ao máximo e fechou as janelas para escutar o melhor possível. O único lado positivo do que via era a certeza de que ela estava viva, apesar de o vídeo não ser em direto. — O fim aproxima-se. Tenho comigo as vítimas finais, que irão homenagear ainda mais o grande homem que foi o Estripador de Lisboa dos anos 90. Preparei algo muito especial. Tenho a certeza de que gostarão de ver o que vai acontecer. Estejam atentos. O final está próximo. Mais do que imaginam! Este será o meu último vídeo, portanto queria terminar com uma mensagem bonita.

Leonardo acelerou pela A2, sentindo uma urgência ainda maior ao ver o estado físico e mental da sua colega. Ela devia ter sofrido horrores.

— As palavras têm o poder de ferir e de sarar. E quando são boas e gentis, têm o poder de mudar o mundo. Bem-haja para todos.

Saiu da autoestrada e enveredou por ruas secundárias.

— Merda! — gritou, ao travar a fundo perante um condutor que quase obrigara uma idosa de bengala a atravessar a estrada, quando ela ainda estava a vários metros da passadeira.

Ao chegar à Arrentela, passando pelo lago onde várias pessoas passeavam os cães ou o carrinho de bebé, internou-se mais nas ruas, até estacionar em frente à moradia que pertencia a António Salgueiro. Era uma moradia térrea, pequena, com algumas árvores de fruto à frente, a esconder a fachada da casa. Os muros brancos davam-lhe abaixo da cintura, mas as grades pontiagudas subiam até ao seu peito.

Experimentou abrir o portão de entrada, inserindo a mão pelas grades e puxando o trinco.

Estava destrancado.

Abriu o portão depois de se certificar de que ninguém o observava, e avançou entre duas pequenas laranjeiras até à porta de entrada de madeira. Esta estava fechada, mas Leonardo levara consigo a sua gazua. No entanto, decidiu procurar ali perto se haveria uma chave suplente, escondida algures. Debaixo do tapete não estava, nem debaixo dos dois vasos que ladeavam a entrada. Escarafunchou um pouco a terra de cada vaso, sem sucesso. Reparou que a janela da frente, distante uns dois metros da entrada, continha um pequeno vaso no parapeito. Aproximou-se com calma e espreitou para dentro do vaso. Não havia terra.

Meteu a mão. Mas havia algo metálico.

Retirou do interior do pequeno vaso uma chave que parecia encaixar na perfeição com a fechadura da porta de entrada.

Abriu a porta e entrou, tentando detetar algum som que denunciasse a

presença de alguém no interior. Além do zumbido do frigorífico, não ouvia nada que lhe parecesse suspeito.

Fechou a porta atrás de si e ligou a luz. Avançou pelo corredor, a arma na sua mão, pronta a defendê-lo. Se ele tivesse razão, não iria encontrar António naquela casa. Mas podia encontrar algum indício que apontasse onde estaria.

Com sorte, era onde Marta e Carlos se encontravam.

A casa estava meticulosamente limpa e arrumada. Não fossem as decorações, dir-se-ia que ninguém vivia ali. Estava tudo a brilhar e arrumado como se fosse um museu, ou como se fossem mostrar aquela casa a um comprador interessado.

Os sítios mais prováveis de encontrar alguma pista teria de ser no quarto ou no escritório, se existisse. No computador.

Era isso. Tinha de começar por aí.

O seu telemóvel voltou a tocar e Leonardo assustou-se, carregando num botão lateral para o silenciar. Era novamente Mafalda, mas não podia atender. Estava num momento delicado.

Passou pela sala, casa de banho e cozinha para se certificar de que se encontrava sozinho. Depois, viu o quarto e reparou que, ao canto, se encontrava um computador de torre, em cima de uma secretária escura, encostada à janela.

Ligou o computador e este ganhou vida, iniciando sessão de imediato. O inspetor sentou-se na cadeira ergonómica e, com o rato, procurou por pastas com nomes que pudessem ser suspeitos. Havia muita tralha sobre guerras e sobre crimes cometidos em Portugal e no estrangeiro. Ele devia deliciar-se a documentar todos aqueles crimes com vítimas mortais. Mas não havia nenhuma pasta que o ajudasse agora a encontrá-lo.

Decidiu seguir o passo lógico seguinte e aceder ao histórico da Internet, quando o telemóvel de Leonardo voltou a tocar e ele voltou a silenciar a

chamada, colocando o telemóvel em modo silêncio de seguida. Era novamente a irmã.

Embora se sentisse ligeiramente preocupado por Mafalda lhe ter ligado duas vezes, tinha de prosseguir com o seu trabalho. Abriu o browser da Internet e acedeu ao histórico da navegação e de pesquisas. Não ficou chocado ao encontrar um padrão.

Pornografia, pornografia e mais pornografia.

Pelo meio, pesquisas sobre política, atrizes, jogadores de futebol, um jardim turístico, um centro de vinhos, e de volta à pornografia.

Não havia ali nada que lhe despertasse interesse.

Continuou a percorrer as entradas no histórico, mas parou quando já estava no mês passado. Focou-se nas pesquisas feitas naquela semana.

Pornografia e mais pornografia. Claro. E que mais?

O telemóvel acendeu o ecrã, desta feita sem nenhum toque, perante uma nova chamada de Mafalda. Leonardo pegou no telemóvel e atendeu, tentando analisar as pesquisas de António e retirar delas algum sentido que lhe pudesse ser útil.

— Está tudo bem?

— Aleluia, Leonardo. Já te liguei uma série de vezes!

— Foram duas, mas OK, ninguém está a contar.

— Com esta, três.

— O que queres que é assim tão urgente?

— Já viste o vídeo da Marta, certo?

— Sim. O que tem?

— Memorizaste bem a última frase que ela falou? A frase que o Estripador queria deixar como despedida?

— Sim, aquela do poder das palavras.

— Exatamente.

— Sim, isso só vem confirmar a teoria de que o Estripador é mesmo o Ricardo, por causa da gordofobia. Segundo o que o Carlos já nos contou sobre ele, ele sabe bem o poder que as palavras podem ter.

— Não é a isso que me refiro.

— Então? — Ficou intrigado perante o tom de excitação com que ela falava. Despertou a sua curiosidade e deixou de prestar atenção ao histórico de Internet e focar-se apenas na voz da irmã.

— Dei uma de *Castle*!

— Como assim? Desembucha.

— Essa frase faz referência ao Budismo.

Leonardo franziu a testa, tentando compreender.

— E o que tem?

— Eu meti essa frase no Google e apareceu a imagem de um Buda gordo. Aquele Buda sorridente, sabes?

— Sim, é muito popul…

Leonardo voltou a sua atenção para o histórico do computador, frenético.

Lá estava, há dois dias: uma pesquisa feita de um jardim turístico, de seu nome Buddha Eden Garden, com direito a pesquisa de direções no Google Maps.

Seria aquela uma indicação da localização de onde iria tudo terminar?

CAPÍTULO 116

MARTA E CARLOS

O Sol começava o seu movimento descendente no firmamento, alterando o tom da cor do céu e ignorando por completo o que estava a inspetora a passar, com os pés bem assentes na terra embora andassem com hesitação, fracos, submissos.

Ela estava apenas à procura do mínimo sinal de fragilidade para atacar. Já tinha trocado alguns olhares com Carlos e ele estava na mesma onda que ela. Não podiam morrer assim.

Tinham de dar luta.

Depois das revelações chocantes na carrinha, Ricardo recusou-se a prestar mais declarações, voltando a colocar mordaças em todos e sentando-se ao lado do condutor sem máscara, apreciando a vista em frente na estrada.

As explicações ficariam para mais tarde.

Agora, caminhavam em fila indiana, o novo Estripador de Lisboa à frente e o original atrás, ambos armados com pistolas.

Marta reconhecia o espaço. Era magnífico. Tinha ido ao jardim com os pais, num passeio em família.

O que ela mais gostara de ver foram os Budas gordos, que representavam a figura clássica e mais associada à figura do Buda no Ocidente. O sorriso representado na estátua era tão ternurento e contagiante que era impossível alguém ficar indiferente e não sorrir também.

No entanto, desta vez o caso era diferente.

— Chegámos — anunciou Ricardo, olhando com orgulho para o Buda preferido de Marta.

Agora, iam tentar matá-la ali mesmo.

CAPÍTULO 117

LEONARDO

O seu destino era o Jardim Oriental Buddha Garden.

Vendo no smartphone que era uma viagem de mais de uma hora a partir de Arrentela, o inspetor não perdera mais tempo e pusera-se a caminho; faria as diligências a partir do carro.

Enquanto conduzia pelo Seixal, rumo à Ponte 25 de Abril, ligou ao inspetor-chefe e explicou que a terceira teoria que ele referira naquele dia podia dar frutos, mas não era certo. Podia ser coincidência.

— Vou enviar reforços e fechar a zona — anunciou Teodoro, perentório.

— Não, espera — pediu Leonardo, o receio de uma catástrofe a deixá-lo desconfortável. — Deixa-me ir lá primeiro confirmar que é nesse jardim que eles se encontram. Tenho receio que seja um embuste e o Estripador nos tenha enviado para o local errado para nos distrair. Eu vou lá e faço um reconhecimento. Se os vir, chamo logo os reforços. Mesmo que eles estejam lá, prefiro chegar sozinho, não vá o Estripador apavorar-se se vir um grande aparato policial e acabar por os matar a todos por instinto. Temos de abordar a situação com muita cautela. Está a vida da Marta em risco, Teodoro.

Ele ficou em silêncio, querendo agir com tudo o que tinha, mas compreendendo o lado do seu inspetor.

— Se alguma coisa lhe acontecer por culpa de alguém que não minha, não sei se conseguirei viver com isso — rematou Leonardo, fazendo a diferença.

— Tudo bem, fazemos à tua maneira, mas que fique bem assente que preferia ir com tudo.

— Eu sei, a culpa nunca será tua se isto correr mal.

— E avisa-me imediatamente assim que saibas de alguma coisa.

— Combinado.

Depois deste telefonema, quando já estava a passar por Almada, telefonou à irmã. O trânsito do final do dia estava em sentido contrário, pelo que desta vez conseguia avançar a um bom ritmo. Iria dar tudo para demorar o menos possível a chegar ao Bombarral.

— Tinha razão? — perguntou Mafalda, assim que atendeu.

— Só quando lá chegar é que posso confirmar, mas foste uma grande ajuda, mana. Que mais pesquisaste neste tempo?

— Nada de especial. Vi aqui que o Buddha Garden tem mais de trinta e cinco hectares e foi construído em jeito de protesto contra a destruição dos Budas Gigantes no Afeganistão em 2001. O jardim faz parte da Quinta dos Loridos, uma quinta de vinhos, e é enorme. Aquilo tem budas de vários tamanhos e feitios, estátuas de terracota, soldadinhos, pagodes, esculturas e recriações de várias partes do mundo, tem um lago com carpas e dragões esculpidos, uma escadaria central com budas dourados e muitas mais coisas.

— Por acaso nunca fui lá — lamentou. — E em relação ao Buda gordo?

— Pelo que vi na Internet, o Buda Gordo faz parte do nosso imaginário coletivo quando pensamos no Buda. Tanto que é a figura mais comum quando se veem budas nas lojas. No entanto, dizem aqui que essa figura não é a do Sidarta Gautama, o fundador do Budismo, porque ele defendia o desapego dos prazeres do corpo, logo era magro.

— Então o Buda é magro?

— O original, sim. Era um guerreiro e tinha uma compleição atlética.

— Então como é que o Buda Gordo ganhou tanta popularidade ao ponto de o vermos como *o* Buda?

— Eles explicam aqui que os Budistas não têm nenhum deus, nem nenhuma figura completamente divina, mas após a fundação da doutrina por esse tal de Sidarta Gautama surgiram várias figuras que pregaram o Budismo e cujos atos

bondosos em vida os caracterizaram quase como uns santos budistas, digamos assim. Entre esses santos está uma figura que na China é conhecida como «Budai», ou «Hotei» no Japão, que era um seguidor do Budismo e que tinha uma pança enorme, estava sempre a sorrir e era muito popular entre as crianças. De tal forma ele espalhava felicidade por onde passava que se tornou famoso dos contos populares chineses.

— Então esse Buda Gordo, ou Budai, não é o fundador do Budismo, o Sidarta Gautama.

— Não, estou aqui a ler que é uma espécie de santo budista associado à boa sorte e abundância, porque as características que o definiam tinha a conotação de trazer boa sorte e abundância, pelo que a sua figura começou a ser vista como um amuleto de boa sorte, o que levou à sua popularização fora dos territórios budistas. A imagem dele foi tão difundida no Ocidente que nós, os não-crentes, começámos a identificá-lo erradamente como o fundador do Budismo, ou como se fosse um deus, embora no Budismo não haja figuras de deuses.

— Então, mas como é que alguém que praticava a doutrina do Budismo, tão desapegada dos bens materiais e das tentações do corpo, era tão gorda? Não deviam ser todos magros por comerem pouco?

Mafalda riu-se.

— Está aqui um site que diz que isso se deve ao facto de Budai ser extremamente atraente e que muitas mulheres o incomodavam com pedidos sexuais. Ele, para se livrar dessas tentações, engordou para caraças para afastar esse apetite sexual feminino e para se poder focar mais na sua espiritualidade.

Apesar de ser uma história com um tom divertido, Leonardo ficou sério.

— Deve ser por isso que o Ricardo quer terminar a sua jornada como Estripador nesse local. Provavelmente até será mesmo ao pé da estátua do Buda Gordo. E disseste que a frase que a Marta referiu no fim é associada a ele?

— Não sei se será a ele, mas quando pesquisei no Google apareceram imensas imagens dessa frase ao lado de um Buda.

— E como o Buda Gordo é o mais conhecido, fizeste essa associação.

— Sim.

— Talvez também ele a tenha feito.

— Então, o Estripador de Lisboa é mesmo o Ricardo?

Leonardo já tinha passado a ponte e acelerava a fundo, rumo à A8 que o levaria a Leiria.

— Infelizmente, acho cada vez mais que sim.

— Mas há tantas questões por responder…

— Eu sei, mas essa é a minha função. Primeiro quero apenas salvar a Marta e o Carlos. As explicações podem ficar para depois. Nesta altura, é o que menos me interessa, sabes?

Engoliu em seco.

— Boa sorte, mano. Vou ficar aqui à tua espera.

— Obrigado, Mafalda.

— Dá cabo desse gajo!

Leonardo quis responder, mas não conseguiu. A voz ficou embargada e sentiu um nó na garganta. Se falasse, tinha-se desmanchado.

Marta podia estar morta naquele instante.

A qualquer instante.

CAPÍTULO 118

MARTA

O Buddha Garden tinha imensas atrações e era difícil dizer qual a mais marcante. No entanto, a escadaria central dos Buddhas dourados figurava no topo, certamente. Era o ponto principal do jardim, onde alguns budas dourados davam as boas-vindas aos visitantes, onde se incluíam dois Budas Gordos, com a barriga proeminente, as túnicas largas, o terço budista e um saco, de onde o seu nome derivava. Afinal, Budai significava «saco de pano», por ele andar sempre com um saco com oferendas e onde, dizia-se, guardava os problemas das pessoas.

Subiram o primeiro lanço de escadas do lado esquerdo, que terminava em frente a um Buda Gordo enorme, de pernas cruzadas e onde muitas pessoas se sentavam para tirar fotos, incluindo Marta. A foto que mais se lembrava da sua visita era aquela onde se sentara no colo daquele mesmo Buda gordo.

— Ajoelhem-se aqui, lado a lado, mas afastados uns dos outros — ordenou Ricardo, apontando para um ponto no pavimento onde ficavam de lado para o Buda e de frente para ele.

Os quatro ajoelharam-se, com Marta do lado direito, seguida de Carlos, Sabrina e Tomás, que estava a ombros com a plataforma de mármore onde o Buda se sentava, com uma alegria fora de contexto para eles.

Do bolso das calças, Ricardo retirou uma peça de xadrez. Era mais uma torre preta.

— Acho que vocês sabem o que isto significa — disse, olhando para eles. — Pelo menos a inspetora Marta sabe. É a peça que irei enfiar na minha próxima vítima.

Admirou a peça na sua mão durante uns segundos. Depois, voltou a colocá-la

no bolso e aproximou-se de Tomás, pegando-lhe no cabelo com brusquidão e virando-lhe a cabeça para cima, para o olhar nos olhos.

— Já deves ter percebido o que se passa, certo?

Era uma pergunta retórica, tendo em conta que eles estavam amordaçados.

— Eu vou explicar, até porque seria inglório ali a nossa querida inspetora morrer sem saber a verdade. Há uns seis anos, andava eu a passear de bicicleta pela minha terra, quando reparo numa rapariga a chorar, sozinha, toda encolhida. Vi que devia ter a minha idade e fiquei curioso. Aproximei-me dela e vi pelo olhar que ela estava destruída, quebrada por dentro. Não sei explicar o que senti, mas foi como se tivesse encontrado alguém que sentia o mesmo que eu. Meti conversa e ela fez de tudo para me mandar embora, mas nunca desisti. Nos dias que se seguiram, passei sempre pelo mesmo ponto na Costa Nova, junto da Ria. Só a voltei a ver uma semana depois e ela já parecia melhor, mais recetiva. Voltei a tentar conhecê-la e, dessa vez, ela deixou-me entrar. Ela tinha-se mudado para ali e não conhecia ninguém. Era uma miúda linda, mas parecia ter sofrido tanto quanto eu já tinha sofrido por ser obeso. Ela nunca me julgou e parecia interessada em mim por quem eu era. Após algumas semanas, talvez meses, de convívio, confessei que era vítima de bullying constantemente e já andava a pedir há séculos aos meus pais para me colocarem numa escola privada, onde o controlo dessas coisas fosse maior. Essa rapariga, de seu nome Margarida Amaral, confessou que o irmão tinha abusado dela e a tinha cortado. Disse que estivera prestes a matá-la e que os pais a enviaram para ali para a salvar. Claro que ela estava revoltada. Tinha uma família rica e ia ficar privada de uma vida de luxo por causa do irmão. Percebi que ela guardava um rancor enorme e perguntei mais coisas sobre ele. Apaixonámo-nos um pelo outro e passámos um verão único. Nunca me tinha sentido assim. Quando descobri que o irmão dela tinha entrado na St. John’s e que ele tinha a minha idade, disse que ia pedir aos meus

pais para ir para lá também. Já andava há muito a pedir uma mudança para uma escola daquelas e, nessa altura, fiquei com um alvo para onde queria ir.

Ele começou a andar de um lado para o outro à frente deles, o olhar furioso preso em Tomás, que estava mais interessado em admirar o piso de tijoleira.

— Os meus pais têm algumas posses e aceitaram a ideia, depois de terem sido chamados pelo diretor da minha escola pública, logo na primeira semana de aulas, porque eu tinha andado à porrada por gozarem comigo por ser gordo. Claro que fiz de propósito. Eu nunca respondi a provocações, mas daquela vez fiz-me a eles, mesmo sabendo que iria sofrer. Mas tinha de conseguir ir para a St. John's. E consegui. Nunca me esquecerei do olhar orgulhoso da Guida quando soube o meu ato heroico para conseguir ir para perto do Tomás. Ambos queríamos vingar-nos dele, e eu ia passar a ter acesso direto. Nesse verão, já tínhamos pensado em mil e uma coisas, e foi após a oficialização da minha ida para a escola que delineámos a sério um plano para destruir a vida de Tomás, já que ele destruíra a dela e já que era o típico rapaz que destruiria a minha. Aliás, ele fez de tudo desde que eu o conheci para me infernizar.

»Fui-me alimentando da fúria que a Margarida sentia pelo irmão e pelos pais, que a descartaram facilmente só por ser rapariga. O Tomás, por ser rapaz, era o que ia carregar o apelido da família, portanto podiam descartar a outra filha. Assim que comecei a ter aulas na escola privada, fiz de tudo para invadir o quarto dele. Consegui, ao fim de duas semanas. Revirei o quarto dele em videochamada com a Margarida, até que ela reparou num objeto que dizia ser do interesse mórbido do irmão. Sabem o que era?

Ninguém fez qualquer som. Embora Marta não o visse, sentia que o Estripador de Lisboa original se encontrava atrás deles, deliciado com a situação.

— Encontrei um exemplar de um livro muito antigo e muito raro. O título diz tudo: *O Estripador de Lisboa*, escrito por Luís Campos. Ela contou-me que foi esse livro que deu vida às fantasias do irmão e que foi por causa da merda desse

livro que ele a ia estripando naquele fatídico dia. Percebi, mais tarde, que chegou a haver a teoria de que o meu amigo Estripador de Lisboa original se tinha baseado nesse livro.

— Totalmente falso, mas pronto. Foram coincidências — garantiu a voz atrás de Marta.

— Então sabíamos como o tramar. Ele tinha um passado problemático, decidimos criar um presente ainda mais problemático. Tínhamos de fazer algo para incriminar o Tomás e que o levasse à prisão. Era o mínimo que lhe podia acontecer. Um par de anos depois de ter conhecido a Margarida, decidimos, então, criar um personagem. O personagem do novo Estripador de Lisboa, um que quisesse homenagear o original, como o Tomás chegara a pensar. Passei meses em fóruns e mais fóruns sobre assuntos mórbidos, sobre criminosos, sempre a lançar o tema do *Estripador de Lisboa*, até que consegui entrar em contacto com o António num desses fóruns através de mensagens enigmáticas, que apenas quem nós queríamos poderia entender. Ele entendeu e pareceu ficar contente por ter uns fãs a quererem falar com ele. Depois disso, começámos a trocar e-mails privados durante semanas, até que chegámos a um plano consensual: o de homenagear o Estripador de Lisboa original recriando as suas mortes. E quem melhor para nos ajudar do que ele próprio?

Marta tentou falar, mas viu a sua tentativa frustrada pela mordaça. Ricardo, divertido por os ver chocados com a história que estava a contar, aproximou-se da inspetora e retirou-lhe a mordaça.

— Que tens para nos dizer?

— Então o Estripador original cometeu todos os crimes?

— Exatamente. Nem eu nem a Margarida mexemos uma palha. Foi ele quem fez tudo. Nós tratámos de criar a personagem do novo Estripador de Lisboa e todo o enredo em volta, que incluiu o aparecimento do António em público para

que vocês descartassem desde logo a hipótese de ele estar envolvido, mas sim um imitador. Mesmo as cartas, fez tudo parte dessa criação ficcional.

— Filhos da puta.

Eles riram-se, confiantes do seu nível de inteligência.

— Ficámos com o melhor de dois mundos: ele matava as saudades que tinha, literalmente, e nós vingávamo-nos do Tomás, colocando pistas que apontassem para ele e matando apenas prostitutas com quem ele tinha estado. Quando as três vítimas de homenagem ao Estripador foram assassinadas, decidimos partir para mulheres que apontassem diretamente para ele. O nosso plano correu de feição, como sabem. Nem mesmo o surgimento suspeito do Carlos mudou o que quer que fosse. Aliás, a intenção dele de se chegar perto do Tomás deu-me jeito, para também recolher informações preciosas.

Foi a vez de Carlos começar a barafustar, mas abafado pela mordaça. Ricardo retirou-lhe a mordaça com prazer, divertido.

— Então foi tudo mentira?

— Não, o que eu te contei é tudo verdade. Por que razão acham que escolhi este sítio para terminar a nossa jornada? — apontou para o Buda Gordo. — A gordofobia arruinou a minha vida por causa de pessoas como o Tomás e foi graças a este Buda que eu consegui sobreviver todos estes anos. É quase poético terminar aqui.

— Vá, é melhor começarmos, ou corremos o risco de sermos descobertos — avisou António, que parecia ansioso por ver sangue escorrer.

Ricardo assentiu, sorrindo para Sabrina.

— A outra parte do plano foi executada o ano passado, ainda antes de começarmos a pôr em prática este. A Margarida fugiu de casa e mudou de nome. Veio viver para Lisboa, para estar perto de mim.

Ricardo aproximou-se com lentidão de Sabrina, retirando-lhe a mordaça.

— Mudou o nome para Sabrina e decidiu sacrificar-se em nome da nossa missão. Para que tu, Tomás, fiques com a vida arruinada para sempre.

Os olhos de Tomás esbugalharam-se, virando-se para Sabrina pela primeira vez. Apesar de terem estado juntos todo aquele tempo, não se apercebera de que se tratava da sua irmã.

— A Sabrina é a Margarida, a irmã do Tomás?! — perguntou Marta, atónita.

Era incrível pensar que, todo aquele tempo que ela esteve enclausurada, estava a ser acompanhada de perto por uma das pessoas que criara o personagem do Estripador de Lisboa.

— Sim, e ela sente que a sua vida deve terminar para que a do irmão termine também.

— Vocês são malucos? Sabrina, como é que estás disposta a morrer em nome de uma missão estúpida?

Ela manteve o olhar ausente no chão, como se fosse um robô. A verdadeira Guida tinha desaparecido há muito tempo.

— Vocês sabem lá os demónios que habitam na cabeça dela. Estivemos tantos anos a criar este plano, a remoer a fúria que sentíamos pelo Tomás, que ela começou a ter pensamentos suicidas. Ele arruinou-a para sempre. Nunca lhe consegui tocar intimamente, porque ela recusava, não conseguia. Ela queria envolver-se comigo, mas não conseguia. A única mulher que se sentia minimamente atraída por mim estava quebrada por causa dele. Até nisso o Tomás arruinara a minha vida sem o saber.

— Por isso é que a violaste? — Olhou para Ricardo com um novo olhar. — Foste tu que me…

— Oh, sim. Fui eu que te papei. Isso fazia parte dos requisitos. Eu tinha o direito de comer as vítimas primeiro, antes de o António se ocupar delas. O melhor é que as três primeiras, como eram putas, ofereceram-se a achar que o

sexo as iria safar; as outras duas não foi tão fácil, mas conseguimos quebrar-lhes o espírito para que aceitassem fazer sexo sem ter de ser à força. Só tu é que mostraste resistência. Curiosamente, foste a que me deste mais prazer. Se soubesse disso… mas não, nós queríamos que os crimes fossem os mais fiéis possível aos de há trinta anos. Teve de ser.

Marta sentiu os olhos humedecerem.

— Cabrão de merda.

Sentiu movimento atrás de si. Momentos depois, António passou para a frente deles, aproximando-se de Ricardo, com um tripé e uma câmara na mão. Posicionou a câmara virada para o Buda gordo, mas apanhando toda aquela zona da escadaria. Ligou a máquina e verificou a angulação da imagem. Fez sinal a Ricardo quando estava tudo pronto.

— Sabem o mais engraçado? — perguntou Ricardo, pegando num bisturi e admirando-o na mão. — É que não vai ser nenhum de nós a matar a Sabrina. — Estendeu o bisturi a Tomás, que o olhou com consternação. — Vais ser tu, Tomás. E vamos gravar para termos a prova final para a polícia de que és tu o Estripador de Lisboa.

CAPÍTULO 119

MARTA E CARLOS

O bisturi, pousado na mão estendida de Ricardo, refletia os raios alaranjados do sol-poente. O olhar de Tomás era indecifrável, mas parecia controlar-se para se manter na mesma posição.

— Eu sei que tu queres, Tomás.

— Eu… deixei-me disso, depois do susto que apanhei com a Guida, em que percebi que por pouco não a matei, jurei que nunca mais faria isso — confessou.

— Então por isso é que te viraste para as putas? Eu sei que tu as violas e que fazes coisas com elas que só lembra a um sadomasoquista do pior. É a tua terapia de substituição? Tu fá-las sofrer.

— Antes isso do que matá-las como vocês fizeram.

Ele aproximou-se com um sorriso sedutor, agitando levemente o bisturi próximo do rosto de Tomás.

— Tu sabes que queres, Tomás… Todos estes anos a abafar essa necessidade, essa curiosidade de veres como é um corpo humano por dentro, como é o olhar da pessoa quando perde a vida… Tu sabes que queres explorar esse teu lado negro que te levou a fazer o mesmo a animais e a quase matares a tua irmã. Está na hora de terminares o que começaste há tantos anos. Estás num sítio seguro. Podes dar largas aos teus demónios.

Marta observava a situação com um misto de curiosidade, para ver o que Tomás fazia, e de horror. Estavam a falar de matar Sabrina como se falassem de quem iria ser responsável por grelhar a carne num churrasco. E o pior era que ela se tinha oferecido para se sacrificar em nome daquela missão.

Não podia deixar que isso acontecesse.

Mexeu as mãos vigorosamente, aproveitando que a atenção estava toda virada para os outros dois. Carlos olhou para ela e imitou-a, percebendo o que estava a

tentar fazer. Depois, virou o olhar para trás dela, fazendo-lhe sinal para ela tentar ver.

Marta, mantendo o rosto virado de lado, para Ricardo e Tomás, girou os olhos o mais possível para a esquerda, vendo uma pedra a poucos centímetros de si. Um dos lados era bicudo e podia ajudar a cortar a corda que lhes amarrava as mãos. Só precisava de a apanhar.

— Se calhar se a despirmos… — sugeriu António, com o olhar sedento por mais sangue.

— Boa ideia. Despe-te, Sabrina — ordenou Ricardo. Era verdade que tinham passado seis anos desde que eles eram uns miúdos e se tinham apaixonado, mas tê-los-ia toda aquela fúria consumido de tal forma que pareciam, agora, tão diferentes do que outrora tinham sido?

Sabrina, com o seu olhar vazio, retirou as suas roupas com calma, ficando apenas de roupa interior preta, a pele exposta, a cicatriz no ventre a clamar por atenção.

— Tira tudo, mulher.

Ela retirou o soutien e as cuecas, pondo a descoberto os seus seios firmes e o monte de Vénus com alguns pelos púbicos aparados.

— Levanta-te, Tomás.

Ele levantou-se, quase mecanicamente, os olhos fixos na cicatriz que cruzava o ventre da irmã. Delicadamente, Ricardo retirou as amarras das mãos e guiou cada uma para o pescoço de Sabrina, que nem tremeu ao sentir as mãos do irmão a envolverem-na.

— Estás a sentir a pulsação dela nas tuas mãos, não estás? O poder que tens sobre a vida dela é total — sibilou Ricardo, andando em volta deles os dois, excitado por ver Sabrina despida. Chegou-se perto do ouvido dele e sussurrou

algo que se ouviu com clareza pelo silêncio que os envolvia. — Sabes o que fazer a seguir.

Fez sinal a António e saiu de cena, para não aparecer na filmagem. Tomás olhou para a irmã com outro olhar, com um olhar preenchido por demónios.

Apertou o pescoço de Sabrina subitamente, fazendo-a gemer e sobressaltando a inspetora, que aproveitou esse momento para se chegar atrás e, inclinando o corpo, pegar na pedra. Fechou a mão e manteve sempre o olhar escandalizado enquanto via Sabrina a ficar com o rosto avermelhado e a ficar sem forças. Quando revirou os olhos, as pernas cederam e tombou no chão, caindo de forma desamparada, de lado. Tomás baixou-se e virou-a de barriga para cima, afastando as pernas e os braços, como sabia que o Estripador de Lisboa fazia.

Ricardo e António olhavam-no por trás da câmara de filmar, ambos em êxtase por o verem cair na ratoeira.

Marta começou a esfregar a parte bicuda da pedra contra a corda nos pulsos. Precisava de ter as mãos livres antes de agir de forma a evitar um homicídio.

Tomás virou a atenção para o bisturi, que se encontrava no chão, contrastando com o piso alaranjado. Estendeu a mão e pegou nele, sentindo o seu peso. Tocou com o indicador na lâmina e viu um ponto de sangue surgir e crescer. Ao ver o seu sangue, olhou para Sabrina, estendida no chão, sem sentidos, à sua mercê. Ajoelhou-se ao seu lado, apreciando cada centímetro do seu corpo, decidindo por onde havia de começar.

— Eu gosto de começar pelas mamas — referiu António, que parecia excitado, como se também ele quisesse fazer parte daquele momento.

— Eu depois corto o som do vídeo — informou Ricardo, ligeiramente aborrecido pela intervenção do Estripador. — Força, Tomás. Ela está aí só para ti. Tu é que decides.

Marta continuou a fricção da pedra contra a corda com toda a força. Sentia o

corpo abanar pelo movimento, mas eles não estavam a olhar para si. Aquele momento era demasiado solene para se preocuparem com ela e Carlos.

Tomás empunhou o bisturi e aproximou-o do seio esquerdo de Sabrina, que se mantinha inconsciente. Depois, espetou-o na parte superior e começou a respirar de forma excitada, o olhar vidrado, fascinado pelo sangue que começava a escorrer.

Para choque de Marta e de Carlos, ele começou a cortar sem piedade, removendo um seio em segundos e atirando-se sobre o outro sem demoras, cortando-o com fúria, com mais pressa, executando os cortes com algum amadorismo e imperfeição.

Ricardo e António estavam entusiasmados, felizes pelo que viam. Carlos e Marta estavam horrorizados e a inspetora agitava a pedra ainda com mais força, sabendo que ia a tempo de salvar Sabrina.

Mas, de repente, a mulher abriu os olhos e começou a gritar. Tinha despertado. Instintivamente, para a calar, Tomás voltou a apertar-lhe o pescoço com ambas a mãos, deixando o bisturi cair em cima do seu tronco despido, e apertou com força.

Apertou mesmo depois de ela voltar a perder a consciência.

Apertou durante tanto tempo que Marta chegou à terrível conclusão.

Mesmo sem lhe medir o pulso, sabia que ela estava morta.

Novamente estendida no chão, sem vida, estava à completa mercê de Tomás.

— É tudo teu, Tomás — sibilou Ricardo, continuando a influenciá-lo.

Mas ele não precisava disso. O olhar dele dizia tudo.

Ia dar largas à sua curiosidade e insanidade e iria cortá-la até ficar satisfeito.

CAPÍTULO 120

LEONARDO

Conduziu a maior parte do tempo perto dos cento e sessenta à hora, vantagem que possuía por ter um Mercedes em bom estado e com um ótimo motor. Ao chegar ao destino, estacionou o carro no parque de estacionamento e saiu, correndo rumo aos portões de entrada.

Encontrou-os escancarados, arrombados.

Seria aquela uma prova de que Marta, Carlos e o Estripador de Lisboa se encontravam ali dentro? Pegou na arma e no telemóvel, preparado para chamar reforços assim que tivesse uma confirmação visual.

Entrou no Buddha Garden a pé e passou por uma loja de vinhos. Avançou por umas arcadas que marcavam a entrada, onde se encontrava uma pequena estátua. Não fosse o céu ainda estar relativamente claro, ele teria imensa dificuldade em deslocar-se. Não queria denunciar a sua presença, pelo que não podia usar lanterna quando escurecesse, o que devia faltar pouco.

Seguiu pela direita e contornou o Lago das Palmeiras, seguindo para o Jardim da Arte Moderna, onde se avistavam esculturas estranhas, fora da caixa, às quais ele não deu a mínima atenção. Passou pelo Jardim das Estátuas Africanas, uma zona densa com palmeiras e estátuas de animais e pessoas.

O silêncio era enervante.

Chegou a um lago e decidiu atravessar para o outro lado através de uma ponte. Do outro lado, seguiu para a esquerda. Minutos depois, deparou-se com uma vista deslumbrante, à qual não podia ficar indiferente: seiscentos soldados de terracota pintados à mão, a azul, sendo cada um único nas suas formas, perfilavam-se até perder de vista. Estavam agrupados em vários conjuntos ao longo do caminho que Leonardo continuou a percorrer com um sentimento de admiração constante.

Quando deu por si, estava de frente para o anfiteatro. Era uma zona com chão de tijoleira e bancadas de pedra, descrevendo pouco mais de meio círculo. No topo das bancadas encontravam-se várias estátuas difíceis de distinguir pela diminuição da luz natural.

No entanto, ninguém se encontrava ali. O anfiteatro estava vazio.

Girou sobre os calcanhares e admirou o que parecia ser a Escadaria dos Buddhas Dourados, talvez a principal atração de todo o espaço, e onde se encontravam os dois Budas Gordos. Ao vê-los, o coração saltou-lhe no peito e fê-lo avançar cautelosamente até à base da escadaria.

Ouviu vozes, possivelmente do lanço de escadas do lado esquerdo, onde se encontrava o Buda Gordo maior.

As copas das árvores agitavam-se, empurradas pelo vento.

Ao chegar à base da escadaria, deparou-se com dois lanços paralelos, separados por alguns metros onde existia bastante vegetação. Estes lanços de escadas subiam até entrarem na mesma plataforma, onde se uniam num corredor comprido, no final do qual existia uma única escadaria que subia até ao topo.

Pareceu ouvir comoção do lado esquerdo, pelo que decidiu subir pelo lado oposto. Podia ser que os apanhasse de surpresa. Mandou mensagem ao inspetor-chefe a pedir reforços, guardou o smartphone no bolso e empunhou a arma com as duas mãos. Subiu os degraus vermelhos em silêncio, tentando ignorar as inúmeras estátuas alusivas à China e aos budas que, por serem na sua maioria brancas, pareciam destacar-se do resto do Jardim.

Ao chegar aos últimos degraus, agachou-se e tentou esconder-se atrás de umas ramagens de plantas que cresciam ali no centro da escadaria.

Sentiu um baque no coração ao ver Marta a ser dominada por Tomás Amaral, a sua mão no pescoço dela. Perto, avistou uma câmara de filmar num tripé e dois homens posicionados por trás, a apreciar o espetáculo.

Eram Ricardo e António.

Quem seria, afinal, o Estripador de Lisboa?

Esse tipo de questões teria de ficar para depois.

Por hora, o mais importante era salvar Marta e Carlos, este último ajoelhado no chão, a assistir a tudo com um ar determinado. Isso significava que ele tinha um plano.

Leonardo também esboçou um, mas o aparecimento da escuridão no seu peito levou ao surgimento da sua visão turva, avermelhada, que o levava a considerar tomar medidas mais permanentes sobre eles; principalmente sobre Tomás, que tentava arrastar Marta até próximo de outro corpo coberto de sangue, espraiado no chão, aos pés do Buda Gordo. Já tinha sido estripada.

Com a arma pronta e os sentidos no máximo, preparou-se para intervir.

Só tinha de esperar pelo melhor momento.

Se estava ali uma mulher estripada, significava que Marta era mesmo a próxima.

A rainha preta.

CAPÍTULO 121

MARTA

Assistir àquela carnificina fora das piores coisas que ela vira em toda a sua vida. Como era ele capaz de matar a irmã daquela forma? Por duas vezes, esteve para vomitar, mas conseguira controlar-se a tempo. Entretanto, a pedra com que estava a raspar a corda não mostrava sinais de a ajudar como ela pretendia.

— Está a funcionar? — perguntou em surdina a Carlos, que observou as mãos dela com curiosidade. Ele abanou a cabeça. Não estava a funcionar. Marta deixou a pedra cair e continuou em choque ao ver Tomás dilacerar o corpo morto de Sabrina. Mas isso podia jogar a favor deles, porque Ricardo e principalmente António estavam vidrados em Tomás, deixando-os mais à vontade.

— Vamos tentar desapertar um ao outro — disse Marta sem emitir qualquer som, exagerando no movimento da boca para que ele lhe conseguisse ler os lábios.

Carlos assentiu e avaliaram os seus inimigos. Atrás da câmara de filmar, eles pareciam divertidos, embora por razões diferentes.

Aos poucos chegaram-se para perto um do outro, esticando os braços no sentido um do outro. As deslocações dos respetivos traseiros tinha de ser ponderada e subtil. Tentaram manter o tronco afastado, para dar a ilusão de que se mantinham distantes, mas as ancas de ambos ficaram em contacto. Ao sentir as mãos de Carlos, Marta tateou em busca da corda que o prendia. Era uma corda espessa, mas dava para ela desatar o nó. Precisou de dois minutos, em que sentiu a transpiração escorrer pelas costas, o receio de serem apanhados e de sofrerem as respetivas consequências a dominar os seus nervos. Quando sentiu a corda soltar-se, parou o seu movimento e tentou esticar as mãos para que Carlos pudesse desatar o nó dela.

Marta aguardou pacientemente, de olhos nos dois homens enquanto Carlos trabalhava a sua corda. Ricardo esteve prestes a olhar para eles, tendo rodado a

cabeça ligeiramente, mas foi distraído por António, que se riu e apontou para algo no corpo de Sabrina ao qual parecia achar imensa piada.

Quando sentiu as suas mãos soltas e livres, voltaram a afastar-se para a posição inicial.

— Temos de esperar pelo momento certo — disse Marta em surdina.

Ficaram a observar com horror a maneira como Tomás destruía o corpo de Sabrina. Quando este chegou à vagina e avançou com o bisturi de forma indiferente, Marta gritou para que ele parasse, ao que ele e outros dois homens ficaram a olhar para eles com desinteresse.

— Não faças isso, Tomás, já chega — pediu Marta, o rosto sofrido. — Esse não és tu.

— Essa é que é a questão, Michele — disse o nome de código dela com sarcasmo —, este é o meu verdadeiro eu. — Tomás tinha um olhar vítreo e a cara coberta de respingos de sangue.

— Podem só esclarecer-me uma coisa? — perguntou Carlos, focado no suposto amigo e a tentar ganhar tempo para salvar Marta. — Que raio aconteceu no bordel? Dava a entender que era o Tomás que estava senhor da situação e que nos tinha drogado.

Ricardo riu-se da sua genialidade.

— É fácil para mim passar despercebido, como sabes. Segui-vos, pronto para vos drogar e trazer comigo para este grande final. Também me droguei a mim mesmo para ser credível, porque vi que o Tomás estava a usar a mesma técnica que eu, mas a minha dose era bem mais pequena que a vossa. Não sei se reparaste, mas eu drogava-te levemente todas as noites, Carlos. Precisava de sair várias noites por semana e não te podia ter à perna, por isso diluía um comprimido para dormir na tua água ao jantar para ires para a cama e ferrares a sério.

Carlos sentiu-se traído, sem acreditar que fora manipulado desde o início.

— Consegui entrar no bordel sem que ninguém se apercebesse da minha presença. É a vantagem de ser gordo e invisível para eles. Consegui drogar a bebida do Tomás antes de ele entrar no quarto onde estavas, Carlos. Nessa altura, ele viu-me e arrastou-me com ele, drogando-me pelo caminho, obrigando-me a engolir o comprimido. Eu aceitei, porque sabia que ia sair por cima. Afinal, a dose que aplicara nele era bem mais forte. Depois, quando o Tomás nos levou para a carrinha, foi só a droga fazer os seus efeitos e acabei por ser o único a ficar desperto e vocês inconscientes. O resto foi fácil, como podem imaginar.

Ainda custava a acreditar que Ricardo era responsável pela criação do Estripador de Lisboa.

— Feito — afirmou Tomás, com o bisturi vermelho de sangue, a combinar com os tons rosáceos do pôr-do-sol, tudo registado pela câmara de filmar.

— Eu a tentar infiltrar-me para chegar ao Tomás, o suposto Estripador de Lisboa, quando afinal o conheci logo desde o início — lamentou Carlos.

— Mas a verdade é que o Tomás é o Estripador de Lisboa — anunciou, apontando para o trabalho feito em Sabrina —, e é muito bom, por sinal. Muito sangue derramado, como nós gostamos, com um monte de órgãos indistinguíveis no meio de uma amálgama vermelho-escura. Falta só aqui a peça de xadrez.

— Onde a queres?

— Escolhe tu. Surpreende-nos.

Tomás aproximou-se de Ricardo e retirou-lhe a peça da mão, regressando para perto de Sabrina. Após uma grande análise, optou por colocar a Torre preta no meio do seio esquerdo cortado, carregando com força para o enterrar no meio dos músculos e tendões.

Terminada a carnificina, Tomás encheu-se de um apetite voraz, impossível de ignorar. Virou o olhar na direção da inspetora. Aproximou-se, de bisturi na mão

ensanguentada, completamente focado nela. Agachou-se à sua frente e, com a mão livre, agarrou-lhe no pescoço e obrigou-a a levantar-se.

Marta fez tudo para não gritar de dor. Não lhe ia dar esse prazer.

Ele começou a apertar-lhe o pescoço com violência, desejoso de a ver perder os sentidos para a conspurcar. Ou, pior ainda, à espera de que ela ficasse sem pulso.

Sem vida.

— És a última vítima do Estripador de Lisboa — anunciou Ricardo, visivelmente entusiasmado por Tomás se estar a enterrar cada vez mais. — Devias estar honrada.

— Estou honrada como… a… merda! — vociferou, a voz a ter dificuldade em achar a saída perante o aperto. Ele começou a arrastá-la na direção de Sabrina, mas a imagem horripilante da falecida deu-lhe forças para desferir uma cabeçada bem em cheio na cana do nariz de Tomás, partindo-a e levando-o a soltá-la, gritando de dores.

— Puta de merda!

Sem perder tempo, Marta deu-lhe um pontapé, levando-o ao chão. Virou-se de imediato sobre Ricardo, correndo para ele a fim de não lhe dar tempo de pegar na arma. Ele ainda tentou, no meio do pânico, sacar da arma, mas a proximidade repentina da inspetora levou-o a desistir da ideia e a encará-la. Tentou dar-lhe um murro, mas ela desviou-se com ligeireza e desferiu um soco no queixo de Ricardo, deixando-o atordoado. Sem perder tempo, deu-lhe um pontapé que o afastou uns metros às arrecuas, coberto de gemidos de dor.

Ricardo colocou a mão no bolso para tirar a arma, quando Carlos surgiu a passar por Marta, veloz, e a atirar-se sobre ele, impedindo-o de a atacar. Rebolaram no chão um sobre o outro, enquanto desferiam socos e tentavam apertar as gargantas um do outro.

Carlos acabou por cair desamparado no chão e Ricardo levantou-se com a rapidez que o seu corpo obeso permitia. Começou a subir o resto da escadaria, em clara fuga, percebendo como a balança começava a pender para a inspetora e para Carlos, ambos desembaraçados das amarras.

Carlos recompôs-se e correu atrás dele, desaparecendo no topo das escadas, contornando o Buda gigante deitado que dominava o topo da escadaria.

Marta focou a sua atenção em António, mas este já estava de arma em riste, apontada ao peito da inspetora. Assustada por ver o Estripador original em vantagem, ficou imobilizada, receosa pela sua vida.

— Há trinta anos, não fui apanhado. Matei três putas e escapei incólume. Desta vez não será diferente e daqui a quinze anos voltarei para me vangloriar das que matei desta vez.

A inspetora, a arfar, ergueu as mãos, sentindo uma ponta de pânico.

O olhar de António era assassino. Sabia que ele não teria problemas em matá-la, o que o tornava perigoso. Ao fundo daquela plataforma da escadaria, Marta detetou movimento. Era algo subtil, que a decrescente luminosidade teimava em dar a conhecer. O que seria?

— O que pretendes, então?

— Quero que me deixes ir embora — confessou António. — Desta vez não te quero fazer mal, até porque não terei o tempo que precisaria para… te trabalhar.

O olhar faminto dele repugnou-a, mas por pouco tempo. Atrás de António, viu Leonardo a caminhar lentamente, com as pernas fletidas, o corpo a meia altura, para que a sua presença não fosse detetada. O coração de Marta deu um pulo de alegria.

— Não sei se será possível chegarmos a acordo, António. Tu mataste cinco pessoas, e da forma como o fizeste... Não podes ficar em liberdade — garantiu ela, ganhando tempo.

— Ah, mas esqueces-te de que quem tem a arma sou eu? — O sorriso convencido dele era delicioso, principalmente por ele não fazer ideia do que se passava à sua volta. — Ou deixas-me ir à minha vida, ou vou ter de te matar. E juro que não é assim que quero matar pessoas. Era uma desonra para mim matar alguém com uma bala, mas farei isso se não me deres outra opção.

Marta sabia que ele falava a verdade, mas deixou de se sentir preocupada.

— Pois, mas eu não te vou deixar ir embora. Não depois da humilhação a que nos sujeitaste — disse Leonardo, tocando com o cano da sua Glock na nuca de António, assustado por Marta ter estado tão perto de ser assassinada.

António retesou as costas, assustado pela aparição do inspetor, disparando por reflexo sobre Marta. Ela arquejou, agarrada ao braço, mas era um ferimento superficial. Fora de raspão.

— Cabrão, baixa a arma! — gritou Leonardo, pressionando a arma com força nas costas de António.

— Ainda tenho nódoas negras do nosso último encontro. Posso apresentar queixa.

— Lamento profundamente — disse o inspetor, com ironia.

— Eu e tu não somos assim tão diferentes, inspetor Leonardo. Eu vi no teu olhar, quando saltaste sobre mim e me espancaste. Vi no teu olhar o mesmo que vejo no meu espelho.

Leonardo ficou incomodado com a afirmação, mas pressionou com mais força o cano da arma.

— Baixa a arma e vamos acabar com isto.

— Não, baixa tu a arma e deixa-me ir embora ou mato a tua colega!

— E achas que uma pessoa como tu, sem treino com armas, é capaz de vencer

uma pessoa como eu, treinada? Antes de mexeres o dedo já estarás morto. Rende-te.

— Nunca!

— Vais arriscar a tua vida, a sério?

Seguiu-se um impasse, onde quase era possível ouvir as engrenagens da mente de António a trabalhar, a avaliar as suas hipóteses.

— Ele não, mas eu arrisco!

Do nada, apareceu Tomás por trás de Marta, envolvendo o pescoço dela com um braço, enquanto a mão direita empunhava o bisturi e o aproximava da traqueia. Leonardo apontou a arma instintivamente a Tomás, mas este estava protegido atrás de Marta. Tinha de ter calma ou arriscava-se a ferir novamente a colega.

Se ele cortasse, seria para matar.

CAPÍTULO 122

CARLOS

Apanhar Ricardo em corrida foi canja para um atleta como ele. Entre os dois Budas gigantes, agarrou-lhe no braço e obrigou-o a parar e a virar-se para si. A arma brilhava na sua mão, mas nem por um segundo ele temeu que o amigo a fosse utilizar contra ele.

— Ricardo, já chega! Sabes bem que não me conseguirás escapar.

Ele parou, ofegante, a testa a brilhar da transpiração. Agachou-se por uns segundos, a recuperar a respiração.

— Como é que deixaste que a loucura da Margarida te levasse a isto? Como é que te deixaste enredar nisto?

O rosto dele estava vermelho, numa mistura de cansaço com fúria.

— Eu não me deixei enredar em nada! Nunca irás saber o que é estar no meu lugar, a ver constantemente pessoas a julgar-te pelo teu aspeto físico. É horrível, eu nem podia sair de casa… por causa de gajos como o Tomás! Fiz isto tudo para ele ir preso, e agora também eu vou preso…

— Tu não mataste ninguém, pois não? — quis certificar-se. — Isso deve atenuar a tua pena.

— Achas que vão atenuar a pena a quem quer que esteja envolvido nisto?

Carlos não tinha como contra-argumentar. Sabia que Ricardo seria preso por muitos anos. Não haveria volta a dar.

— Estou farto da minha vida, Carlos… E achas que me vou aguentar na prisão?

Ricardo começou a chorar, perdido, quebrado por dentro, a chegar ao limite do tolerável. Carlos teve vontade de o abraçar, de o reconfortar, mas não o podia fazer. Tinha de o convencer a entregar-se.

— Ricardo, vamos lá abaixo falar com a Marta para tentarmos perceber quais são as tuas hipóteses se te entregares e colaborares.

— Eu violei essa inspetora! Achas mesmo que ela me vai ajudar?

Olhou para a sua arma com renovado interesse, o choro a desaparecer.

— A minha vida acabou no momento em que me permiti apaixonar por uma rapariga que estava destruída, mais do que eu próprio. No fundo, acho que sempre o soube.

Carlos ficou preso ao chão quando ele ergueu a arma e a apontou à própria cabeça.

— Espera, Ricardo!

Foi com um sorriso triste no rosto que Ricardo premiu o gatilho e disparou, destruindo parte da sua cabeça e espalhando massa encefálica por todo o lado.

CAPÍTULO 123

LEONARDO E MARTA

Os dois inspetores mantiveram um contacto visual constante e direto. Estavam num mundo só deles, onde apenas eles os dois existiam.

Passaram a comunicar com o olhar. Conheciam-se suficientemente bem para se perceberem de forma completa, adivinhando os pensamentos um do outro com um olhar, um trejeito no rosto, um movimento subtil da face.

Sem que Tomás e António se apercebessem, acabaram por assentir em concordância, como se tivessem acabado de combinar algo em conjunto.

Então, ao ouvirem um tiro surgir lá de cima, como se de um sinal de partida se tratasse, aconteceram duas coisas ao mesmo tempo.

Marta deu um pontapé de calcanhar na perna de Tomás e uma cotovelada no seu abdómen, tirando-lhe ar e fazendo com que ele se contraísse de tal forma que o braço esquerdo folgou na força com que lhe apertava o pescoço e a mão direita deixou o bisturi escorregar para o chão, perdendo a sua única vantagem.

Leonardo, por seu turno, desferiu um pontapé violento por trás do joelho de António, levando-o a cair de joelhos no chão e a disparar um tiro para o ar. Seguiu-se um pontapé na mão direita que lançou a arma para longe da posição deles, inalcançável.

— NINGUÉM. SE. MEXE! — vociferou Leonardo, de arma apontada a António. Atirou umas algemas a Marta, que as apanhou com destreza e as usou para algemar Tomás.

Ao longe, luzes azuis brilhantes, a pescar intensamente, revelavam a chegada dos reforços prometidos por Paulo Teodoro. A noite começava a instalar-se no Buddha Garden quando ouviram os veículos estacionarem e vários agentes correrem para o local.

Viram Carlos surgir no topo das escadas, o olhar magoado, desesperado,

lacrimoso. Ao abanar a cabeça, os inspetores compreenderam que Ricardo se suicidara à sua frente. Marta, que já tinha algemado Tomás, correu escadas acima e abraçou-o.

— Obrigado por tudo, Carlos, a sério.

Marta sentiu pena, mas não por Ricardo. Carlos desceu as escadas e aproximou-se de Leonardo, que o esperava de plantão, ao pé de António, ainda por deter.

Ele assentiu, sem conseguir falar. Quando Marta se encarregou de algemar António, Leonardo e Carlos abraçaram-se com ternura, até chegarem os reforços, que ficaram a tratar das detenções.

— Falaremos em breve, amigo.

Carlos seguiu caminho. Estava realmente abatido pelo que vira.

Leonardo ficou a ponderar no quanto estaria Carlos a sofrer e prometeu a si mesmo que iria falar com ele para o ajudar a ultrapassar aquele episódio. Depois, no meio da azáfama das detenções, reparou na única pessoa que atraía o seu olhar e o seu coração. Avançou para ela, o coração mais leve. Passou pelos dois detidos e pelos colegas e sentiu-se a sonhar, sem acreditar que estava finalmente frente a frente com Marta.

— Desta vez apanhámos o Estripador de Lisboa — comentou Leonardo, abrindo os braços.

Marta sorriu, com alguma mágoa. Ao vê-lo a olhar para si daquela forma, sentiu-se menos traumatizada, como se o que sofrera não tivesse passado de um pesadelo do qual despertava agora. Pelo menos era o que sentia naquele instante, em que se reencontrava com o seu amante vários dias depois. Fora tudo um pesadelo e acordava agora.

Ele aproximou-se dela, de braços abertos, o peso de tantos dias afastados e de tanta insegurança bem patente. Emocionaram-se por conseguirem ultrapassar

todos os obstáculos para estarem novamente juntos, e atiraram-se nos braços um do outro, os seus corpos finalmente unidos, como sempre deveriam ter estado. Marta começou a chorar e agarrou-o com força, sentindo-se finalmente completa e segura.

— Achei que nunca mais te ia ver, Leo.

— Nunca na vida te ia deixar sozinha, M&M. Vou até ao fim do mundo para te encontrar. Tal como tu fizeste comigo.

Sem se preocuparem com mais nada, beijaram-se longamente.

CAPÍTULO 124

LEONARDO

Os dois dias que se seguiram foram repletos de uma azáfama pouco normal. Entre o preenchimento de relatórios, as reportagens e toda a cobertura mediática da comunicação social do caso *Estripador de Lisboa*, Leonardo e Marta não tiveram mãos a medir.

Principalmente Leonardo, porque a colega ficara um dia hospitalizada por apresentar níveis preocupantes de desidratação e subnutrição. Ficara no hospital a tratar-se e, assim que tivera alta, a primeira coisa que fizera fora dirigir-se ao gabinete da PJ para preencher relatórios a fim de contar a sua versão dos factos e ajudar na acusação de Tomás Amaral e António Salgueiro.

O novo Estripador de Lisboa e o original, juntos no mesmo julgamento.

Apesar de tudo, ainda houve tempo para um momento caricato no meio de todo o caos. Um homem, Pedro Matias, andava há dias a pressionar a polícia local devido ao desaparecimento de uma mulher que tinha conhecido no Tinder: nada mais, nada menos, do que Bárbara Costa, a quinta vítima do Estripador. A demanda heroica de Pedro fê-lo chegar à PJ e retirar Leonardo do seu gabinete e exigir-lhe satisfações. Nunca esqueceria o rosto de Pedro quando lhe explicou que Bárbara usava o Tinder para sair com vários homens e que, pelo que puderam analisar do seu telemóvel, usava sempre o mesmo esquema: fingia-se púdica, difícil, para enlouquecer os homens e os levar a fazer tudo por ela. O desapontamento dele ao descobrir que era apenas mais um para Bárbara, depois da altivez com que cumprimentara o inspetor, levou Leonardo a retirar um pouco de prazer da situação.

A verdade é que fora através do Tinder que Ricardo aliciara as duas vítimas após as prostitutas, como António revelara no primeiro interrogatório com o procurador. Nunca se sabia quem estava do outro lado do smartphone ou computador. Neste caso, nem Pedro, por ter sido enganado por Bárbara, nem

Liliana e a própria Bárbara relativamente ao Estripador de Lisboa, faziam ideia com quem estavam a falar e a combinar encontros.

O certo é que ambos os inspetores estavam exaustos. Leonardo não dormia há três noites consecutivas. Desde que fizera direta com a irmã para investigar o caixão de Margarida Amaral, não dormira uma única hora. As duas últimas noites passara-as a preencher papelada, para que o processo avançasse o mais rapidamente possível no Ministério Público. A pressão da população portuguesa, estimulada pela comunicação social, era enorme e levava a extremos por parte dos inspetores.

— M&M, vai descansar, eu acabo isto — disse Leonardo, na quinta-feira à tarde. — Passaste a manhã toda a trabalhar, mas a parte que só podia ser feita por ti, já está. Tens de descansar ou já te esqueceste do que o médico te disse?

Marta, com o olhar encovado e ligeiramente mais magra, assentiu, percebendo que estava a chegar ao seu limite.

— Então promete que hoje descansas. Estás com um ar horrível.

— Tu também. Olha quem fala.

Riram-se.

— Vou só acabar mais uma coisa e vou para casa, tomar banho e enfiar-me na cama durante uma semana. Estou mesmo a morrer de cansaço — confessou Leonardo.

— Imagino. Já não dormes há dias. Nem sei como te aguentas em pé.

— Sinceramente, nem eu.

A verdade é que era a fúria por saber que ela tinha sido violada que o mantinha ainda de pé. Essa fúria fornecia-lhe o combustível que precisava, mas ao vê-la tão estável a nível emocional, foi perdendo um pouco desse ímpeto. Ainda teria de descobrir até que ponto ela estava bem. Marta tinha vivido um episódio traumatizante e estava a lidar demasiado bem com a situação. Quando

tudo acalmasse, ia conversar abertamente com ela sobre o que lhe acontecera. O certo é que a apoiaria de qualquer forma, precisasse ela do que precisasse. Só não seria ele o primeiro a insinuar a intenção de fazer amor. Deixaria que fosse ela a ter a iniciativa, quando se sentisse segura e confortável.

No final dessa tarde, quando se preparava para ir embora, Laura Capuchinho surgiu à sua frente, quase que por magia, surpreendendo-o.

Teve de esfregar os olhos para a ver como deve ser, de tão cansado que estava.

— Olá, Laura. Que fazes aqui?

— Precisamos de falar.

O tom sério com que falou deixou-o preocupado.

— Alguma coisa de mal com o Raul?

— Não, nada disso. Ele está ótimo.

Suspirou de alívio. Não sabia se aguentaria uma reviravolta daquelas na gravidez.

— Então, é sobre o quê?

Laura entrelaçou os dedos, mexendo-os nervosamente, o olhar indeciso.

— Laura, eu estou supercansado, não pode ficar para outra altura? — perguntou, os ombros descaídos numa pose quase derrotada. — Não durmo há dias… É urgente?

— Há algo que preciso de te contar. Um segredo que mantive demasiado tempo.

Esta confissão deixou-o em alerta.

— Um segredo? Que segredo?

— Já estive para te contar várias vezes, mas acobardei-me sempre. Não queria que as coisas entre nós ficassem mal, ainda por cima agora que estamos bem um com o outro.

— Mas porquê?

— Senta-te.

Leonardo sentou-se na sua cadeira, o cansaço a abater-se sobre o seu corpo, a cabeça apenas a pensar na cama, à espera dele. Mafalda já se tinha ido embora na véspera, pelo que teria a casa só para ele. Não estava com paciência para mais nada, mas estava intrigado.

— Peço-te que me ouças e que mantenhas a mente aberta.

— Laura, desembucha. Não tenho tempo para estes jogos.

— Tem a ver com a tua mãe.

— A minha mãe? — perguntou, empertigando-se, subitamente tenso.

— Eu sei onde ela está.

Leonardo julgava ter ouvido mal. Ficou uns segundos sem conseguir dizer nada.

— Desculpa?

— Eu sei onde está a tua mãe.

— Como… como assim? Ninguém conseguiu descobrir nada a partir do vídeo que ela fez para as *Olimpíadas da Morte*, como é que tu descobriste isso?

Ela sentou-se à beira da mesa de Marta e inspirou fundo.

— Porque eu trabalho para a tua mãe. Trabalhei, aliás.

— Tu o quê?!

— Ela contratou-me para te seduzir. Por isso é que apareci do nada naquele bar quando estavas a ver o Benfica contra o Porto antes de começares a investigação das *Olimpíadas da Morte* no ano passado.

— Então, tudo o que vivemos nessa altura…

— Foi tudo verdadeiro — garantiu, pegando-lhe nas mãos. — Eu sei que pode

ser clichê, mas a verdade é que me apaixonei por ti naquelas semanas em que nos envolvemos. É verdade que te seduzi porque ela me pagou, mas depois tudo o que aconteceu foi verdade.

— E o Raul é fruto de uma mentira?

— Não! A gravidez não foi planeada, não era suposto eu engravidar de ti. A tua mãe só queria controlar-te durante o período das *Olimpíadas da Morte*, para estar um passo à tua frente. Eu tinha de tentar saber o máximo possível da tua investigação. Era só isso.

Leonardo voltou a sentir a fúria reacender-se, o peito inchar com a escuridão, a visão a ficar turva, vermelha.

— Tu sabias onde ela estava este tempo todo e não me disseste nada?! Já nem me vou debruçar sobre o resto, mas tu sabias que eu andava desesperado para descobrir a localização da minha mãe e escondeste-me essa informação?! Como foste capaz, Laura? COMO?!

Laura começou a chorar, assustada pela forma como ele lhe falava; como ele a olhava.

— Se me perdoares por te ter ocultado tudo isto, eu digo-te onde ela está.

— E ainda vens com chantagens? É melhor ires-te embora antes que não responda por mim.

Frustrado e ciente de que estava a ser dominado pela sua escuridão, sentiu que tinha de ir para casa antes que fizesse algo de que se arrependeria mais tarde. Tinha de pensar em Raul.

— Nunca pensei que me desiludisses desta forma, Laura. Preciso de descansar. Falamos depois, com mais calma. Adeus.

Abandonou o gabinete, deixando-a sozinha, atónita.

Apesar de ela ser a única pessoa que lhe podia dizer onde encontrar a mãe,

não aguentava olhar para ela um segundo mais que fosse.

Dominado por uma fúria mortal, foi para casa, tomou um banho quente e enfiou-se na cama, com a sensação de incredulidade por poder finalmente repousar.

Era o repouso do guerreiro.

O cansaço era tanto que não lhe custou nada esvaziar a mente de tudo e descansar.

CAPÍTULO 125

LEONARDO

Despertou horas depois, o quarto envolto em trevas. Olhou para o despertador e reparou que eram dez horas. Tinha dormido umas quatro horas, mas ainda se sentia cansado e pronto para dormir até amanhecer, pelo menos.

No entanto, a recordação do estranho encontro com Laura despertou-o como se um raio percorresse a espinha. Ela mentira-lhe. Sabia da localização de Margarida Rosa e não fora capaz de lhe dizer. Ao recordar-se da forma que reagira e como a tratara, percebeu que agira mal.

Sentou-se na cama e pegou no telemóvel. Procurou o contacto dela e ligou-lhe. Chamou várias vezes, sem que ela atendesse. Tentou mais três vezes, com o mesmo resultado.

O episódio de sangramento que os fizera temer por um aborto surgiu na sua mente.

Poderia a forma como ele lhe falara espoletar um ataque que levaria ao aborto espontâneo? Nunca se perdoaria se Raul não nascesse por sua culpa. Por estar demasiado cansado, demasiado envolto na sua escuridão que lhe custava dominar cada vez mais.

Levantou-se, vestiu-se e partiu rumo a Almada, o coração nas mãos. Tentou ligar-lhe mais vezes pelo caminho, mas sempre com o mesmo resultado.

Enquanto conduzia rumo à Margem Sul, atravessando a Ponte 25 de Abril pela faixa da esquerda, sentiu um certo pânico a dominá-lo. Raul era um filho em nada planeado, com uma mulher que não queria que fosse a mãe. Mas, passando isso, focando-se apenas na vida que crescia no ventre de Laura, sentia que era o que mais queria neste mundo.

Ao chegar ao coração de Almada, percorreu uma das principais avenidas da cidade até chegar à rua onde Laura vivia. Estacionou e saiu do carro com

rapidez, um sentimento de urgência a impeli-lo. Correu até ao prédio e carregou insistentemente na campainha.

Não houve resposta.

Furioso, ligou para o telemóvel dela enquanto continuava a tocar na campainha, mas a chamada foi parar ao voice mail. Bateu na porta do prédio e carregou em todas as campainhas. Estava a entrar em pânico.

Segundos depois, a porta abriu-se e uma voz surgiu do intercomunicador a perguntar quem era, com um tom irritado pela hora tardia. Leonardo não se dignou a responder e irrompeu prédio adentro e escadas acima, até chegar à porta do apartamento de Laura. Bateu com insistência, mas novamente sem resposta.

Ligou-lhe para o telemóvel e encostou o ouvido à zona da fechadura, agachando-se. Assim que ouviu o som do telemóvel de Laura irromper pela fechadura, ficou em pânico.

Ela está em casa!

— Laura, responde, por favor! — gritou, enquanto batia na porta. Não havia mais nenhum som no interior, portanto era impossível ela não o ouvir.

Mas a verdade é que não havia resposta nem sentia movimento lá dentro.

— Se não abrires a porta eu vou arrombá-la!

Aguardou uns segundos com a maior paciência que conseguiu reunir para uma situação daquelas. Fartou-se rapidamente, continuando a temer o pior. Só pensava no filho.

Raul.

Deu alguns passos atrás e inspirou fundo. Queria muito ver o que estava do outro lado, mas receava o que fosse encontrar. Avançou com determinação, ergueu o pé esquerdo e atirou-o com força contra a fechadura da porta. Com

aspeto velho, não foi de admirar que esta cedesse perante a sua força, revelando o apartamento ao inspetor.

— Laura? Onde estás?

Procurou na cozinha e na sala. Nada. Não estava ali. Avançou pelo corredor. Viu a porta do quarto do bebé aberta. Avançou para lá e viu-o mobilado com as coisas que eles tinham comprado para receberem o Raul. Viu na casa de banho. Nada de Laura. Então, deparou-se com a única porta fechada em toda a habitação.

O quarto de Laura. A última divisão que faltava verificar.

Ou ela estava ali ou tinha ido dar uma volta e tinha deixado o telemóvel em casa para não ser incomodada.

Com cautela e com uma sensação crescente de pânico que pesava no peito, pegou no puxador, rodou-o e abriu a porta. Olhou em redor, até focar o olhar na cama.

Sentiu o corpo gelar e as pernas fraquejarem.

Incrédulo, de boca aberta e de olhos esbugalhados, contornou a cama até ficar de frente para esta. Caiu de joelhos, o desgosto a cobri-lo. Sentiu o estômago revoltar-se, mas aguentou o vómito. Lágrimas turvaram-lhe a visão enquanto tentava assimilar o que via, cada detalhe do que via. Precisou de uns momentos para se acalmar e observar o cenário com objetividade.

Na ponta da cama mais próxima de si, encontrava-se Laura. Nua.

O seu corpo estava deitado ao comprido, as pernas a tombar para fora, inertes e com os pés a baloiçar a milímetros do chão. Os braços estavam estendidos para os lados, como se tivesse desmaiado à beira da cama. Tinha os olhos fechados e o rosto enervantemente pacífico, que contrariava o terror que Leonardo analisava com crescente horror.

Uma mancha enorme de sangue envolvia-a e tivera duas origens distintas.

O pescoço estava cortado com precisão e o peito apresentava uma única facada bem na zona do coração. O ventre continuava intacto, mas sem vida.

Raul estava morto no útero da mãe. Não chegara a ver a luz do dia. Quem quer que tivesse assassinado Laura, tinha assassinado Raul ao mesmo tempo.

Leonardo não aguentou mais e vomitou, virando a cara para perto da janela, o mais longe que conseguiu da cena do crime. A arfar, limpou a boca e o nariz, levantou-se e voltou para perto de Laura, atento para não pisar nem mexer em nada.

Começou a chorar. Queria tocar-lhe. Dizer-lhe que também a amara em tempos idos. Que se preocupava com ela. O seu pequeno Raul nunca conheceria o pai, nunca iria experimentar todas as coisas boas desta vida. Leonardo nunca o iria ver crescer. Nunca o iria abraçar nem ver crescer. Nunca saberia como seria a voz dele.

Lágrimas furiosas e de um profundo lamento que vinha das profundezas do seu ser correram livremente. Sentiu as suas entranhas ferverem de raiva. Fúria pura.

Então, reparou num papel dobrado e deixado na mesinha de cabeceira do lado da porta. Aproximou-se e pegou no papel, as mãos a tremer, as lágrimas a escorrer.

Tratava-se de uma folha A5 dobrada ao meio. Percebia-se que algo estava escrito na parte de dentro. Virou a folha para si e desdobrou-a.

Leu-a em estado de choque.

Pior ficou ao compreender o significado daquelas palavras:

Eu disse que um dia me iria vingar.

RS

A escuridão explodiu no seu peito como nunca, preenchendo cada célula do seu ser e cegando-o de fúria.

EPÍLOGO

SEMANAS DEPOIS

Carlos Caetano caminhava tranquilamente, ignorando o sol abrasador que pairava sobre uma das cidades mais importantes e concorridas do mundo. Saboreava a liberdade total após o sucesso da sua missão. Cumprira o seu lado do acordo ao ajudar a capturar o Estripador de Lisboa; agora, desfrutava da liberdade que tanto desejara quando estivera encarcerado. Percebeu da pior maneira como as pessoas davam a liberdade e a democracia como garantidas, quando eram, na verdade, bens preciosíssimos que deviam ser tratados com todo o respeito.

Passou à frente do *Burj Khalifa* ao mesmo tempo que uma senhora alta, loira, com roupas elegantes e uns óculos escuros abandonava um dos hotéis mais caros do mundo e avançava rua fora, sem ligar nenhuma à fonte pela qual passava e que era tão encantadora para os turistas.

Carlos não sabia de todos os detalhes, mas sabia que Laura tivera uma última boa ação antes de se ir embora do gabinete da PJ rumo à sua morte prematura e horrível: aproveitou ter ficado sozinha no gabinete de Leonardo e Marta para deixar um bilhete em cima do teclado do computador do inspetor, que ele encontrou apenas no dia seguinte. Nele, tinha escrito:

«A avó paterna do Raul está no Dubai, no maior edifício do mundo.»

Lamentando profundamente a morte do filho de Leonardo, e logo da maneira que fora, Carlos focou a atenção na mulher loira e enigmática, com aparência sueca, mas que já tinha algum bronze que invejaria qualquer pessoa do Norte da Europa.

Viu um carro parar na berma da estrada na rota da mulher. O motorista saiu do carro, com o seu fato elegante, e contornou-o de forma a abrir a porta para que a mulher entrasse para o banco de trás. Ela estava embrenhada nos seus pensamentos e parecia preocupada. Nem deu sinal de ter visto o seu condutor.

Entrou no carro e, quando se sentou, ficou a olhar para o exterior, envolta em algo que só ela poderia saber.

Carlos pegou na máquina fotográfica de longo alcance que tinha ao pescoço, como se de um turista se tratasse, e tirou uma foto ao rosto da mulher antes de o condutor fechar a porta e de ela ficar oculta pelos vidros fumados da viatura.

A transpirar um pouco, encostou-se ao pequeno muro da fonte e visualizou a fotografia que tirara. Comparou-a com uma que lhe fora fornecida antes da sua viagem.

Pegou no telemóvel e efetuou uma chamada.

— Estou, Carlos?

Era a inspetora Marta Mateus. Parecia tensa.

— Olá, Marta. O Leonardo?

— Está a ser operado.

— Ah pois é, vão fechar a colostomia hoje. Vai finalmente voltar a ser o Leonardo que conhecíamos.

— Conseguiste alguma coisa?

— Sim.

— É ela?

— Sim. A mãe do Leonardo está mesmo a viver aqui no Dubai.

— Assim que o Leo tiver alta eu digo-lhe. Obrigado, Carlos.

— De nada, Marta. Obrigado eu por me terem salvado. Boa sorte para o Leonardo. Falamos em breve.

Desligou a chamada após as despedidas e voltou a comparar as fotos. Não havia dúvidas; fora precisamente a mãe de Leonardo que acabara de passar à sua frente.

As semelhanças eram inequívocas. Tinha cumprido o seu segundo dever para com os inspetores. Estava feliz.

Guardou a fotografia e a máquina. Quando colocou a mochila às costas, sentiu uma presença à sua frente, demasiado próxima.

Ergueu o olhar e deparou-se com a figura ameaçadora de Margarida Rosa.

Carlos deu um pulo e chegou-se para trás, tropeçando no muro da fonte. Sentiu-se cair para trás, pensando que ia tombar para dentro de água, mas Margarida segurou-o pelo braço e puxou-o para a frente com uma força e segurança impressionantes para a idade.

— Quero que passes uma mensagem ao meu filho — ordenou, largando-o, sem preâmbulos.

— O qu... quê?

— Diz-lhe que estou disposta a ajudá-lo a apanhar a pessoa que matou o meu neto se ele parar com a ideia de me capturar e de me prender. Quero uma resposta aqui, amanhã pelas dez da manhã. Mais um segundo e desapareço novamente sem deixar rasto.

Embasbacado, viu Margarida virar-lhe as costas e voltar a percorrer o caminho de volta ao carro, novamente zelada pelo condutor que a aguardava a segurar a porta.

Carlos engoliu em seco e continuou a arfar.

Pegou no telemóvel e fez nova chamada para Marta.

O jogo tinha mudado.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quero agradecer-te a ti, leitor. Muito obrigado por embarcares nesta aventura. Tem sido uma experiência absolutamente fantástica partilhar o que tenho planeado para esta série e para os meus queridos inspetores Leo e M&M. Ainda há muito para vir!

Um obrigado gigante a todos os bookstagrammers, bloggers, YouTubers, tiktokers e a todas as pessoas que divulgam o meu trabalho com tanto entusiasmo, carinho e afinco.

Obrigado a todas as pessoas que me acompanham nesta jornada repleta de emoções. Uma vez mais peço-vos que, se gostaram de *Fúria Mortal* ou de outro livro da Série Mortal, que o recomendem aos vossos familiares, amigos e seguidores. O passa-palavra, como nunca me canso de dizer, é essencial para o sucesso dos meus livros. Obrigado por todo o vosso apoio e continuem a apostar em autores portugueses. Não se vão arrepender.

Muito obrigado à equipa da Penguin Random House Portugal por me fazer sentir em casa e por me apoiar tanto na minha carreira, bem mais do que alguma vez imaginei. Obrigado à Andreia Costa e ao Rodrigo Manhita por todo o entusiasmo com que encaram o marketing e por tentarmos de tudo para fazermos chegar o livro aos leitores da forma mais original. Que continuemos com ideias fantásticas por muitos anos!

Obrigado ao André Cardoso pela capa impactante e à Alda Couto pelo excelente trabalho de revisão e por todo o cuidado com que poliu este manuscrito.

Um obrigado muito especial à minha editora, Diana Garrido, pela sua honestidade e pelo seu pragmatismo que me fazem crescer como escritor. É ótimo trabalhar com ela, não só por aprender imenso, mas porque sinto que o livro deu um salto qualitativo graças à sua intervenção. A Diana tem um olhar

único que me faz ir sempre mais longe. Este foi um livro particularmente trabalhoso, mas nem por um segundo duvidei do nosso rumo. Obrigado por tudo.

Quero agradecer à Eunice Pedro pela ajuda nas minhas dúvidas legais que surgiram na escrita deste livro e aos inspetores Romeu Ventura e Carlos Ademar pela disponibilidade para me esclarecerem dúvidas sobre a Polícia Judiciária e sobre o caso do Estripador de Lisboa. Qualquer erro ou imprecisão é inteiramente da minha responsabilidade.

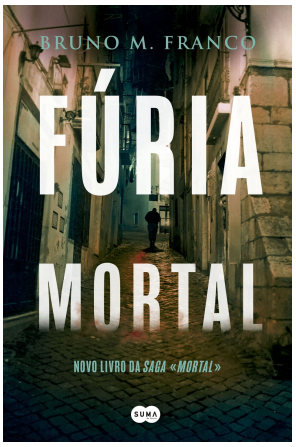
Um agradecimento especial ao Pedro Gomes (Madkutz), por me ter apresentado o Estripador de Lisboa. É inacreditável que eu não soubesse da sua existência! Obrigado por isso.

Obrigado à minha família e amigos por me apoiarem neste sonho de ser escritor. O vosso apoio é importantíssimo para me manter motivado e sempre na luta.

Um enorme obrigado ao meu pai e à minha irmã pelo apoio incondicional. Cada vez mais dou valor à família e percebo a sorte que tenho em ter-vos na minha vida. Obrigado!

Como não podia deixar de ser, o meu agradecimento final vai para a minha mulher, Sara. É incrível a importância que ela tem na minha vida, e na escrita não é exceção. Ela é a minha primeira leitora, a primeira fã e é graças a ela que consigo ter tempo para escrever com tanta frequência. Este livro em particular exigiu muito de nós, pelo que a minha gratidão é eterna. O que ela não sabe é que eu também sou fã dela: a Sara é uma guerreira que ultrapassou todos os obstáculos para que tivéssemos o nosso pequeno Henrique nos braços. Não foi fácil, mas conseguimos. Ele é um doce e tenho a certeza que é por sair a ti. Obrigado por tudo, meu amor. Tu, o *Joey* e o Henrique são tudo para mim. *Always*.

SOBRE ESTE LIVRO



Nos anos 90, um assassino em série aterrorizou Portugal. Nunca foi detido, nem sequer identificado pela Polícia Judiciária, tornando-se num dos maiores mistérios da justiça portuguesa.

Trinta anos depois, uma mulher é brutalmente assassinada. Os inspetores Marta Mateus e Leonardo Rosa ficam encarregados do caso e, ao observarem a cena sangrenta, recordam-se de um antigo caso idêntico.

Terá o assassino regressado décadas depois ou trata-se de um imitador?

Quando mais corpos são encontrados em condições terríveis, a urgência em encontrar o culpado é cada vez maior e os inspetores pedem ajuda a um antigo aliado, para fazer frente a um assassino implacável e impossível de capturar.

Inspirado em factos verídicos, Fúria Mortal é uma história alucinante, que mostra os meandros da mente mais macabra que se conheceu em Portugal.

Conseguirão Marta e Leonardo pôr um ponto final na série de mulheres assassinadas?

SOBRE BRUNO M. FRANCO

Bruno M. Franco é um escritor português nascido em setembro de 1990. Licenciado em Radioterapia, trabalha no IPO de Lisboa. Praticou natação de competição desde 2002 até 2016, representando o Clube Lisnave e o CIRL. Terceiro livro desta saga, *Fúria Mortal* é o terceiro policial no seu currículo, dando continuidade a *Segredo Mortal* e *Jogo Mortal* (Suma de Letras, 2022) e às investigações dos inspetores Marta e Leonardo. Podem (e devem) contactar o autor através das suas páginas oficiais no Facebook, Twitter ou Instagram: @brunommfranco.